FRED VARGAS

O EXÉRCITO FURIOSO



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FRED VARGAS

O EXÉRCITO FURIOSO

TRADUÇÃO
Dorothée de Bruchard



COMPANHIA DAS LETRAS

1

Pequenas migalhas de pão iam da cozinha até o quarto, até os lençóis limpos em que repousava a idosa, morta e de boca aberta. O delegado Adamsberg, indo e vindo a passos lentos ao longo das migalhas, contemplava-as em silêncio, perguntando-se quem era o Pequeno Polegar, ou, no caso, o Ogro, que as perdera por ali. Era um pequeno e escuro apartamento térreo de três cômodos no décimo oitavo *arrondissement* de Paris.

No quarto, a idosa deitada. Na sala de jantar, o marido. Este aguardava sem impaciência ou emoção, apenas olhando com certa avidez para o jornal, dobrado na página das palavras cruzadas que ele não se atrevia a continuar enquanto os tiras estivessem no local. Já tinha contado sua breve história: ele e a mulher tinham se conhecido numa empresa de seguros, ela secretária, ele contador, casaram-se alegremente sem saber que seria por cinquenta e nove anos. E então a mulher morrera durante a noite. De parada cardíaca, explicara por telefone o delegado do décimo oitavo *arrondissement*. Acamado, ligara pedindo a Adamsberg que o substituísse. Faça esse favor para mim, é só uma horinha, rotina matinal.

Adamsberg acompanhou uma vez mais a trilha de migalhas. O apartamento era impecavelmente asseado, poltronas revestidas com encosto de cabeça, as superfícies plásticas polidas, os vidros sem manchas, a louça lavada. Remontou até a lata de pão, que continha meia baguete e, envolto num pano limpo, um naco grande de pão sem o miolo. Voltou para junto do marido, puxou uma cadeira para perto de sua poltrona.

— Nenhuma boa notícia hoje — disse o velho, tirando os olhos do jornal. — Também, esse calor põe os temperamentos em ebulição. Mas aqui no térreo dá para manter um ar mais fresco. Por isso é que eu deixo as venezianas fechadas. E dizem que também é bom tomar muito líquido.

— O senhor não se deu conta de nada?

— Ela estava normal quando fui deitar. Como era cardíaca, eu sempre dava uma olhada. Só agora de manhã percebi que tinha morrido.

— Tem umas migalhas de pão na cama dela.

— Ela gostava. De dar uma beliscada. Um pedacinho de pão ou torrada na cama, antes de dormir.

— Imaginei que ela limpasse os farelos todos depois de comer.

— Quanto a isso, nenhuma dúvida. Ela limpava de manhã à noite como se essa fosse sua razão de viver. No começo, não era tanto. Mas, com o passar dos anos, virou uma obsessão. Ela seria capaz de sujar só para poder lavar. O senhor tinha que ver. Mas também, pobrezinha, assim se mantinha ocupada.

— Mas e o pão? Ontem à noite ela não limpou?

— É claro que não, porque fui eu que levei o pão para ela. Ela estava fraca demais para levantar. Até me mandou tirar os farelos, mas eu realmente não ligo para essas coisas. Ela teria limpado no dia seguinte. Ela virava o lençol todo dia. Para quê, ninguém sabe.

— Quer dizer que o senhor levou o pão para ela na cama, e depois guardou de volta na lata.

— Não, joguei no lixo. Estava muito duro, ela não conseguia comer. Levei uma torrada para ela.

— O pão não está no lixo, está na lata.

— Sim, eu sei.

— E está sem o miolo. Ela comeu o miolo?

— Não, delegado, caramba! Por que ela iria se empanturrar de miolo? Miolo de pão duro? O senhor é delegado, não é?

— Sou. Jean-Baptiste Adamsberg, Brigada Criminal.

— Por que não veio a polícia do bairro?

— O delegado está de cama com uma gripe de verão. E a equipe dele estava indisponível.

— Estão todos gripados?

— Não, houve uma briga na noite passada. Dois mortos e quatro feridos. Por causa de um scooter roubado.

— Que terrível. Também, com esse calor, os miolos ficam fervendo. Eu sou Julien Tuilot, contador aposentado da empresa ALLB.

— Sim, já anotei.

— Ela sempre me criticou por me chamar Tuilot, dizia que Kosquer, o sobrenome dela de solteira, era muito mais bonito. Tinha certa razão, aliás. Achei que o senhor era mesmo delegado, pelo jeito como fica perguntando sobre migalhas de pão. O seu colega aqui do bairro não é assim.

— Acha que estou dando importância demais às migalhas?

— Ora, faça o que achar melhor. É para o relatório, alguma coisa o senhor tem que pôr no relatório. Sei bem como é, contas e relatórios foram só o que eu fiz a vida inteira na ALLB. Se pelo menos fossem relatórios honestos. Imagine. O

patrão tinha o lema dele, repetia o tempo todo: a seguradora não tem que pagar, mesmo tendo que pagar. Cinquenta anos trapaceando desse jeito não pode fazer bem para a cachola. Eu dizia para a minha mulher: seria melhor que você pudesse lavar a minha cabeça em vez das cortinas.

Julien Tuilot deu uma risadinha, para pontuar sua tirada espirituosa.

— A verdade é que não estou entendendo essa história do naco de pão.

— Tem que ser lógico para entender, delegado, lógico e matreiro. Eu, Julien Tuilot, sou lógico e matreiro, em trinta e dois anos ganhei dezesseis campeonatos de palavras cruzadas de dificuldade máxima. Um campeonato a cada dois anos, em média, usando só o cérebro. Lógico e matreiro. E nesse nível, dá dinheiro também. Isso — disse ele apontando para o jornal — é brinquedo para a molecada da pré-escola. Só que tem que apontar os lápis com frequência, e isso cria aparas. O que ela me perturbou com essas aparas! Por que este pão o incomoda?

— Ele não está no lixo, não acho que esteja assim tão duro, não entendo por que está sem o miolo.

— Mistério doméstico — disse Tuilot, que parecia achar graça. — É que eu tenho aqui dois pequenos inquilinos, o Toni e a Marie, um casalzinho lindo, caloroso como quê, que se ama com um amor verdadeiro. Mas não são do gosto da minha mulher, acredite. Não se deve falar mal dos mortos, mas ela fez de um tudo para matar os dois. E eu, faz três anos que venho desarmando todas as jogadas dela! Lógico e matreiro, esse é o segredo. Eu dizia para ela: minha pobre Lucette, você não vai derrotar um campeão de palavras cruzadas. Esses dois e eu formamos um trio, eles sabem que podem contar comigo, e eu com eles. É toda noite uma visitinha. Como eles são espertos, e muito delicados, nunca aparecem antes de a Lucette já estar deitada. Eles sabem que eu fico esperando, ora. É sempre o Toni que chega primeiro, ele é maior, mais forte.

— E foram eles que comeram o miolo? Sendo que o pão nem estava no lixo?

— Eles adoram.

Adamsberg deu uma olhada nas palavras cruzadas, que não lhe pareceram tão simples assim, e afastou o jornal.

— Eles quem, senhor Tuilot?

— Não gosto de dizer, as pessoas não aprovam. As pessoas são fechadas.

— São animais? Cachorros, gatos?

— Ratos. O Toni é mais escuro que a Marie. Eles se amam tanto que, muitas vezes, bem no meio do lanche, param de comer para esfregar a cabeça um do outro com as patas. Se as pessoas não fossem tão tapadas, veriam cenas como essa. A Marie é a mais alerta. Depois de comer, ela sobe no meu ombro, passa as unhas no meu cabelo. Me penteia, a bem dizer. É o jeito dela de agradecer. Ou de

me amar? Vai saber! Ora, é tão bom! A gente se diz um monte de coisas bonitas e depois se despede, até a noite seguinte. Eles retornam ao porão por um buraco atrás da caixa de descarga. A Lucette, um dia, cimentou tudo. Pobre Lucette. Não sabe fazer cimento.

— Compreendo — disse Adamsberg.

O velho o fazia lembrar Félix, Félix que podava suas videiras a 880 quilômetros dali. Tinha domesticado uma cobra com leite. Um dia, um sujeito matou a cobra. Félix então matou o sujeito. Adamsberg voltou para o quarto, onde o tenente Justin velava a morta enquanto aguardava o clínico-geral.

— Dê uma olhada dentro da boca — disse ele. — Veja se enxerga algum resíduo branco, como de farelo de pão.

— Não estou muito a fim de fazer isso.

— Faça assim mesmo. Acho que o velho a asfixiou, enchendo-a de miolo de pão. Depois tirou o miolo e jogou em algum lugar.

— O miolo daquele naco de pão?

— É.

Adamsberg abriu a janela e as venezianas do quarto. Examinou o pequeno pátio interno, coberto de penas de pássaros, meio que transformado em canto de despejo. No centro, um ralo coberto por uma grade ainda molhada, apesar de não ter chovido.

— Levante aquela grade. Acho que ele jogou o miolo lá dentro e esvaziou um balde d'água em cima.

— Que besteira — resmungou Justin, enquanto apontava a lanterna para a boca da idosa. — Se ele fez isso, por que não jogou fora a casca? E não limpou os farelos?

— Para jogar fora a casca, ele teria que ir até a lixeira, ou seja, aparecer na calçada à noite. Tem um café com mesas na rua logo aqui do lado, com muita gente, sem dúvida, nessas noites quentes. Alguém teria visto. Ele bolou uma excelente explicação para o naco de pão e os farelos. Tão original que chega a ser verossímil. Ele é campeão de palavras cruzadas, tem um jeito próprio de articular as ideias.

Adamsberg, com um misto de tristeza e alguma admiração, voltou para junto de Tuilot.

— Quando a Marie e o Toni apareceram, o senhor tirou o pão do lixo?

— Claro que não, eles sabem como funciona, eles gostam. O Toni senta no pedal da lixeira, a tampa se ergue, e a Marie tira lá de dentro o que interessa para eles. Sabidos, não é? Matreiros, não há como negar.

— Então a Marie pegou o pão? E os dois comeram o miolo? Amando um ao outro?

— Isso mesmo.

— O miolo inteiro?

— São ratos grandes, delegado, são vorazes.

— E os farelos? Por que não comeram os farelos?

— Delegado, estamos tratando da Lucette ou dos ratos?

— Não entendo por que o senhor guardou o pão enrolado no pano depois de ele ter sido escarafunchado pelos ratos. Sendo que antes o senhor tinha jogado esse pão no lixo.

O idoso acrescentou umas poucas letras nas suas palavras cruzadas.

— O senhor não deve ser muito bom em palavras cruzadas, delegado. Se eu jogasse a casca do pão no lixo, é claro que a Lucette ia perceber que o Toni e a Marie tinham aparecido.

— Podia pôr na lixeira da rua.

— Aquela porta range feito porco degolado. O senhor não reparou?

— Reparei.

— De modo que eu simplesmente enrolei o pão no pano. Evitando assim uma cena pela manhã. Sim, porque todo santo dia é cena que não acaba mais. Lá se vão cinquenta anos, caramba, que ela reclama passando o pano por tudo, debaixo do meu copo, dos meus pés, da minha bunda. Até parece que eu não tenho mais o direito de caminhar ou me sentar. O senhor, se passasse por isso, também ia esconder a casca do pão.

— Ela não teria visto a casca dentro da lata?

— Claro que não. De manhã, ela come torrada com passas. Deve ser de propósito, porque as torradas espalham milhares de farelos. De modo que depois ela fica umas duas horas ocupada. Percebe a lógica?

Justin entrou na sala e fez um breve sinal afirmativo para Adamsberg.

— Mas ontem — disse Adamsberg, meio abatido — não foi assim. O senhor tirou o miolo, dois punhados grandes, compactos, e enfiou na boca de Lucette. Quando ela parou de respirar, tirou esse miolo todo e jogou no ralo do pátio interno. Me surpreende esse jeito que o senhor escolheu para matá-la. Nunca tinha visto ninguém sufocar uma pessoa com miolo de pão.

— É criativo — confirmou Tuilot tranquilamente.

— Seu Tuilot, já sabe que vão encontrar saliva da sua mulher no miolo do pão. E, já que o senhor é lógico, matreiro, também vão encontrar marcas dos dentes dos ratos na casca do pão. O senhor deixou que eles terminassem o miolo para dar veracidade à sua história.

— Eles adoram se enfiar num naco de pão, é bonito de ver. Ontem passamos uma noite muito agradável mesmo. Até tomei duas taças, enquanto a Marie me

arranhava a cabeça. Depois, lavei e guardei a taça, para não levar bronca. Sendo que ela já estava morta.

— Sendo que o senhor acabava de matá-la.

— É — disse o homem com um suspiro negligente, preenchendo umas casas das palavras cruzadas. — O médico tinha vindo no dia anterior e me garantiu que ela ainda aguentava vários meses. O que significava dezenas de terças-feiras jantando empadão folhado, centenas de recriminações, milhares de espanadinhas. Com oitenta e seis anos, a gente tem o direito de começar a viver. Tem noites assim. Noites em que um homem se levanta e age.

E Tuilot se levantou, abriu as venezianas da sala de jantar, deixando entrar o calor excessivo e insistente daquele início de agosto.

— Ela também não queria abrir as janelas. Mas, delegado, eu não vou dizer isso tudo. Vou dizer que a matei para poupar seu sofrimento. Com miolo de pão porque ela gostava, como um derradeiro agrado. Eu planejei tudo aqui dentro — disse, batendo na testa. — Não vai ter nada que prove que não fiz isso por caridade. Não é? Por caridade? Vou ser absolvido e, dois meses depois, voltar para cá, pôr meu copo direto na mesa, sem porta-copo, e os três vamos ficar bem, o Toni, a Marie e eu.

— Acho que sim — disse Adamsberg, levantando devagar. — Agora, seu Tuilot, de repente o senhor não vai conseguir encostar o copo na mesa. Talvez pegue o porta-copo. E limpe as migalhas depois.

— E por que eu faria isso?

Adamsberg deu de ombros.

— É o que eu tenho observado, só isso. Muitas vezes, é assim que acontece.

— Ora, não se preocupe comigo. Eu sou matreiro.

— É mesmo, seu Tuilot.

Lá fora, o calor obrigava as pessoas a transitar pela sombra, rente aos prédios, de boca aberta. Adamsberg resolveu andar nas calçadas expostas ao sol, vazias, e deixar-se levar a pé rumo ao sul. Uma longa caminhada, para se livrar da fisionomia faceira — e matreira, de fato — do campeão de palavras cruzadas. O qual quem sabe compraria, numa terça-feira próxima, um empadão folhado para o jantar.

2

Chegou à Brigada uma hora e meia mais tarde, com a camiseta preta encharcada de suor e os pensamentos de volta para o lugar. Era raro uma boa ou má impressão ocupar a mente de Adamsberg por muito tempo. Era até de se perguntar se ele tinha mesmo alguma mente, como costumava dizer sua mãe. Ditou o relatório destinado ao delegado gripado, foi à recepção verificar os recados. O brigadeiro Gardon, responsável pelo PABX, inclinava a cabeça tentando captar o sopro de um pequeno ventilador colocado no chão. Esvoaçava o cabelo fino ao ar fresco como ao secador de um cabeleireiro.

— O tenente Veyrenc está esperando o senhor no café, delegado — disse ele, sem se endireitar.

— No café ou na cervejaria?

— No café, o Cornet a Dés.

— O Veyrenc não é mais tenente, Gardon. Só no fim da tarde vamos saber se ele está ou não pendurando a chuteira.

Adamsberg fitou o brigadeiro um instante, perguntando-se se ele, Gardon, tinha mente e, em caso positivo, o que será que ele punha dentro dela.

Sentou-se à mesa de Veyrenc e os dois homens se cumprimentaram com um sorriso aberto e um demorado aperto de mão. A lembrança da aparição de Veyrenc na Sérvia[1] às vezes ainda causava um breve arrepio nas costas de Adamsberg. Pediu uma salada e, comendo devagar, fez um relato um tanto extenso acerca de dona Lucette Tuilot, seu Julien Tuilot, Toni, Marie, o amor dos dois, o naco de pão, o pedal da lixeira, as venezianas fechadas, o empadão gorduroso das terças-feiras. De quando em quando, dava uma olhada pela vidraça do café, que dona Lucette Tuilot, aliás, teria limpado muitíssimo melhor.

Veyrenc pediu dois cafés ao dono do bar, um homem gordo cujo humor, de constante rabugice, piorava com o calor. A mulher dele, uma corsa baixinha e calada, passava feito uma fada negra carregando os pratos.

— Um dia ela ainda vai sufocar o sujeito com dois punhados grandes de miolo de pão — disse Adamsberg, indicando-a com um gesto.

— Bem possível — assentiu Veyrenc.

— Ainda está lá, esperando na calçada — disse Adamsberg, dando mais uma olhada para fora. — Está esperando há quase uma hora, nesse sol de rachar. Não sabe o que fazer, o que decidir.

Veyrenc acompanhou o olhar de Adamsberg, que observava uma mulher baixa e magra, muito ajeitadinha vestindo uma blusa florida, dessas que não se encontram nas lojas parisienses.

— Não há como saber se ela está esperando por você. Não está na frente da Brigada, está a dez metros de distância, andando para lá e para cá. Vai ver tinha encontro com alguém e levou bolo.

— Ela quer falar comigo, Louis, não tenho a menor dúvida. Quem é que ia marcar um encontro nesta rua? Ela está assustada. É o que me preocupa.

— É porque ela não é de Paris.

— Pode ser a primeira vez que ela vem a Paris. O que significa que está com um problema sério. Mas isso não resolve o seu problema, Veyrenc. Você vem matutando há meses à beira daquele rio, com os pés dentro d'água, sem decidir. Você pode pedir mais um prazo.

— Eu já fiz isso.

— Até as seis da tarde você vai ter que assinar o contrato, ou não. Voltar a ser um tira, ou não. Você ainda tem quatro horas e meia — acrescentou Adamsberg, indolente, consultando o relógio ou, mais precisamente, os dois relógios que tinha no pulso sem que ninguém soubesse bem por quê.

— Ainda tenho muito tempo — disse Veyrenc, mexendo o café com a colher.

O delegado Adamsberg e o ex-tenente Louis Veyrenc de Bilhc, originários de duas aldeias vizinhas dos Pireneus, tinham em comum uma espécie de calmo desprendimento, algo desnorteante. Podia se manifestar em Adamsberg sob a forma de desatenção e indiferença chocantes. Em Veyrenc, esse desprendimento gerava inexplicáveis distanciamentos, uma obstinação teimosa, às vezes densa e silenciosa, eventualmente pontuada por acessos de raiva. "Isso é coisa da nossa velha montanha", dizia Adamsberg, sem buscar outra explicação. A velha montanha não podia cuspir gramíneas alegres e brincalhonas como fazem as gramas moventes das vastas planícies.

— Vamos — disse Adamsberg, pagando repentinamente a conta do almoço —, a mulher vai acabar indo embora. Veja, já está desanimando, ficando em dúvida.

— Eu também estou em dúvida — disse Veyrenc, tomando o café num gole só. — E você não está ajudando.

— Não estou.

— Muito bem. *Assim vai o hesitante, de meandros em desvios,/ Sozinho e sem uma mão para prestar-lhe socorro.*

— A gente sempre sabe o que vai decidir muito antes de tomar a decisão. Na real, sabe desde o começo. É por isso que os conselhos não servem para nada. A não ser para dizer, mais uma vez, que esses seus versos irritam o comandante Danglard. Ele não gosta de ver a arte poética sendo massacrada.

Adamsberg cumprimentou o dono do café com um gesto sóbrio. Nem adiantava falar, o homenzarrão não gostava, ou melhor, não gostava de ser simpático. Era, à imagem e semelhança de seu estabelecimento, austero, ostensivamente popular e quase hostil à freguesia. Árdua era a disputa entre o bravo boteco e a opulenta cervejaria que ficava em frente. Quanto mais a Brasserie des Philosophes realçava seu ar de velha burguesa rica e empolada, mais o Cornet à Dés empobrecia sua aparência, estando os dois empenhados numa disputa social sem tréguas. “Um dia isso ainda acaba em morte”, resmungava o comandante Danglard. Sem falar na pequena corsa que ia encher de miolo de pão a goela do marido.

Ao sair do café, Adamsberg suspirou ao contato com o ar escaldante e se acercou cautelosamente da mulher, que continuava a postos, a poucos passos da Brigada. Havia um pombo parado em frente à porta do prédio, e ocorreu-lhe que se, ao passar, fizesse o pombo alçar voo, a mulher, por mimetismo, sairia voando junto. Como se fosse leve, volátil, capaz de sumir como uma palha ao vento. De perto, calculou que ela tivesse em torno de 65 anos. Tomara o cuidado de ir ao cabeleireiro antes de vir para a capital, umas mechas amarelas resistiam em meio ao seu cabelo grisalho. Quando Adamsberg falou, o pombo não se mexeu, e a mulher virou para ele um rosto assustado. Adamsberg falou devagar, perguntando se ela precisava de ajuda.

— Não, muito obrigada — respondeu a mulher, desviando o olhar.

— A senhora não quer entrar? — perguntou Adamsberg, apontando para o antigo prédio da Brigada Criminal. — Falar com um policial, ou algo assim? Porque nesta rua, afora isso, não tem muito mais para se fazer.

— Mas se os policiais não dão ouvidos, não adianta falar com eles — disse ela, recuando alguns passos. — Policiais, o senhor sabe, não acreditam na gente.

— Então é mesmo para a Brigada que a senhora está indo?

A mulher abaixou os cílios quase transparentes.

— É a primeira vez que vem a Paris?

— Ai, meu Deus, é sim. E tenho que ir embora à tardinha, para eles não perceberem.

— A senhora queria falar com um policial?

— É. Enfim, talvez.

— Eu sou policial. Eu trabalho ali.

A mulher deu uma olhada no aspecto desmazelado de Adamsberg e pareceu decepcionada, ou cética.

— Então conhece bem eles todos?

— Conheço.

— Todos?

— Todos.

A mulher abriu sua ampla bolsa marrom, puída nas laterais, e tirou de dentro um papel que desdobrou cuidadosamente.

— Senhor delegado Adamsberg — leu, com aplicação. — O senhor conhece?

— Conheço. A senhora veio de longe para falar com ele?

— De Ordebec — disse ela, como se essa confissão pessoal fosse penosa.

— Não sei onde fica.

— Perto de Lisieux, digamos.

Normandia, refletiu Adamsberg, o que talvez explicasse sua resistência em falar. Ele conhecera alguns normandos, uns “caladões” que ele levara vários dias para conquistar. Como se soltar umas poucas palavras fosse o mesmo que entregar um luís de ouro, não necessariamente merecido. Adamsberg pôs-se a andar, incentivando a mulher a acompanhá-lo.

— Existem policiais em Lisieux — disse. — E talvez até em Ordebec. E lá vocês têm gendarmes,[2] não têm?

— Eles não me dariam ouvidos. Mas o vigário de Lisieux, que conhece o padre de Mesnil-Beauchamp, disse que o delegado daqui talvez me escutasse. A viagem custou caro.

— Trata-se de um assunto grave?

— Sim, claro que é grave.

— Um assassinato? — insistiu Adamsberg.

— Pode ser. Bem, não. É sobre umas pessoas que vão morrer. Eu tenho que avisar a polícia, não tenho?

— Pessoas que vão morrer? Elas receberam alguma ameaça?

Aquele homem a deixava mais tranquila. Paris a assustava, e sua decisão mais ainda. Sair escondida, mentir para as crianças. E se o trem não a levasse para casa na hora certa? E se ela perdesse o ônibus? Esse policial falava devagar, um pouco como se estivesse cantando. Não era da sua região, disso ela estava certa. Não. Tinha mais jeito de ser do Sul, com aquela pele morena e feições encovadas. Para ele, ela até contaria sua história, mas o vigário fora categórico: tinha de ser o delegado Adamsberg e mais ninguém. E o vigário não era um qualquer, era primo do ex-procurador de Rouen, que entendia muito de policiais.

Só lhe dera o nome de Adamsberg a contragosto, desaconselhando-a a falar, e certo de que ela jamais empreenderia aquela viagem. Mas ela não podia ficar enfiada em casa com os *eventos* acontecendo. E se alguma coisa sucedesse com as crianças?

— Eu só posso falar com esse delegado.

— Eu sou o delegado.

A mulherzinha pareceu prestes a se rebelar, mesmo miudinha como era.

— Então por que não disse logo?

— Porque também não sei quem é a senhora.

— Não ia prestar. A gente fala o nome e depois fica todo mundo falando.

— E o que é que tem?

— Tem que é um problema. Ninguém pode saber.

Uma criadora de caso, pensou Adamsberg. Que talvez acabe, dia desses, com duas bolas de miolo de pão na garganta. Mas uma criadora de caso apavorada com algo específico, o que continuava a preocupá-lo. *Umas pessoas que vão morrer.*

Eles voltavam sobre seus passos, retornando em direção à Brigada.

— Eu só quis ajudar. Já fazia um tempinho que estava observando a senhora.

— E aquele homem ali? Está com o senhor? Ele também estava me observando?

— Que homem?

— Aquele ali, de cabelo diferente, com mechas laranja. Está com o senhor?

Adamsberg ergueu os olhos e identificou Veyrenc a uns vinte metros, recostado no marco da porta de entrada. Ele não tinha entrado no prédio, estava esperando próximo ao pombo, que também não se mexera.

— Aquele homem — disse Adamsberg — foi ferido a facadas quando era pequeno. E, no lugar das cicatrizes, o cabelo passou a nascer assim, ruivo. Meu conselho é que não toque nesse assunto.

— Não foi por mal, eu não sei falar direito. Em Ordebec, eu não falo quase nunca.

— Não tem problema.

— Mas os meus filhos falam bastante.

— Certo.

Mas qual é a desse pombo, caramba?, murmurou Adamsberg. Por que é que ele não voa?

Cansado da indecisão da mulherzinha, o delegado a deixou ali e caminhou até o pássaro imóvel, enquanto Veyrenc cruzava com ele com seu passo pesado.

Ótimo, ele que lide com ela, se é que vale a pena. Ele se sairia muito bem. A fisionomia compacta de Veyrenc era convincente, persuasiva, e contava com o poderoso auxílio de um raro sorriso que erguia lindamente metade de seu lábio. Uma clara vantagem que, em outros tempos, Adamsberg tinha detestado,[3] e que os levara a um destrutivo confronto de que os dois terminavam atualmente de apagar os detritos residuais. Enquanto ele juntava o pombo paralisado com as mãos em concha, Veyrenc retornava sem pressa na sua direção, seguido da mulherzinha transparente que respirava meio rápido. No fundo, ela se fazia tão insignificante que Adamsberg talvez não reparasse nela não fosse o vestido florido a delinear seu contorno. Não fosse o vestido, talvez deixasse de ser visível.

— Um filho da mãe amarrou as patas dele — disse a Veyrenc, enquanto examinava o pássaro sujo.

— O senhor também cuida de pombos? — perguntou a mulher sem qualquer ironia. — Eu vi vários pombos por aqui, fica uma sujeira.

— Só que este aqui — interrompeu Adamsberg — não são vários, é um pombo só, um pombo sozinho. Faz toda a diferença.

— É claro — disse a mulher.

Compreensiva e, afinal, passiva. Ele podia estar enganado, talvez ela não acabasse com miolo de pão na garganta. Talvez não fosse uma criadora de caso. Talvez estivesse de fato com algum problema.

— O senhor gosta de pombos? — perguntou a mulher.

Adamsberg ergueu para ela seus olhos vagos.

— Não — disse ele. — Mas não gosto dos filhos da mãe que amarram as patas deles.

— É claro.

— Não sei se onde a senhora mora existe essa brincadeira, mas em Paris existe. Pegar um pássaro e amarrar as patas dele com três centímetros de fio. Com isso, o pombo só consegue dar uns passinhos pequenos, não consegue mais voar. Agoniza lentamente de fome e sede. A brincadeira é essa. E eu detesto essa brincadeira e vou descobrir quem foi o cara que fez isso.

Adamsberg cruzou a entrada da Brigada, deixando Veyrenc e a mulher na calçada. A mulher olhou fixamente para o cabelo do tenente, castanho escuro riscado de chocantes mechas ruivas.

— Ele vai mesmo tratar disso? — ela perguntou, desconcertada. — Mas, sabe, é tarde demais. O seu delegado estava com os braços cheios de pulgas. Sinal de que o pombo já não tem energia para cuidar de si mesmo.

Adamsberg entregou o pássaro à giganta da equipe, a tenente Violette Retancourt, confiando cegamente em sua capacidade de cuidar do animal. Se Retancourt não conseguisse salvar o pombo, ninguém seria capaz de fazê-lo. A mulher muito grande e gorda fez uma careta, o que não era bom sinal. O pássaro estava em mau estado, a pele das patas castigada pelo esforço de livrá-las do cordão, que encravara na carne. Estava subnutrido e desidratado, vamos ver o que dá para fazer, concluiu Retancourt. Adamsberg meneou a cabeça, apertando fugazmente os lábios como sempre fazia ao se deparar com a crueldade. E aquele pedaço de cordão pertencia à crueldade.

Acompanhando Veyrenc, a mulherzinha passou pela imensa tenente com instintiva deferência. Com destreza, a mulherona enrolava o animal num pano molhado. Mais tarde cuidaria das patas, disse ela a Veyrenc, enquanto tentava extrair o cordão. Preso nas mãos largas de Violette Retancourt, o pombo nem tentava se mexer. Inquieto e admirado, deixava-se cuidar, como faria qualquer um em seu lugar.

A mulher sentou-se, já mais tranquila, na sala de Adamsberg. Era tão mirrada que ocupava apenas metade da cadeira. Veyrenc parou a um canto, examinando o local que um dia lhe fora familiar. Restavam-lhe três horas e meia para tomar uma decisão. Uma decisão já tomada, segundo Adamsberg, mas sem que ele soubesse qual era. Ao passar pela sala coletiva, cruzara com o olhar hostil do comandante Danglard, que remexia nos arquivos. Não era só de seus versos que Danglard não gostava, era dele.

3

A mulher finalmente aceitara dizer o nome, e Adamsberg o anotava numa folha qualquer, displicência que a deixou preocupada. Talvez o delegado não tivesse a menor intenção de cuidar do seu caso.

— Valentine Vendermot, com “o” e “t” no final — ele repetiu, tamanha era sua dificuldade com palavras novas, ainda mais com nomes próprios. — E a senhora é de Ardebec.

— Ordebec. Fica na região do Calvados.[4]

— E a senhora tem filhos, não é?

— Quatro. Três rapazes e uma moça. Eu sou viúva.

— E o que aconteceu, dona Valentine?

A mulher, mais uma vez, recorreu a sua bolsa grande, da qual tirou um jornal local. Abriu-o com um ligeiro tremor e colocou-o sobre a mesa.

— Este homem aqui. Ele sumiu.

— Como ele se chama?

— Michel Herbier.

— É um amigo seu? Um parente?

— Não, muito pelo contrário.

— Ou seja?

Adamsberg esperou pacientemente pela resposta, que parecia difícil de ser formulada.

— Eu odeio este homem.

— Ah, muito bem — disse ele, pegando o jornal.

Enquanto Adamsberg se concentrava na curta matéria, a mulher lançava olhares assustados para as paredes, observando a da direita, depois a da esquerda, sem que Adamsberg entendesse o motivo daquela inspeção. Estava novamente com medo de alguma coisa. Medo de tudo. Medo da cidade, medo dos outros, medo do que iam dizer, medo dele. Também ainda não entendia por que ela fora até a Brigada falar com ele sobre o tal Michel Herbier, já que o detestava. O homem, aposentado, caçador inveterado, desaparecera de sua residência com sua mobilete. Passada uma semana, os gendarmes tinham entrado na casa para uma verificação de segurança. O conteúdo de seus dois freezers,

repletos de caças de todo tipo, tinha sido totalmente despejado no chão. Era só isso.

— Não posso me envolver — desculpou-se Adamsberg, devolvendo-lhe o jornal. — Se esse homem desapareceu, é necessariamente a polícia local que deve cuidar do caso, a senhora compreende. E se está sabendo de alguma coisa, é com eles que deve falar.

— Impossível, seu delegado.

— A senhora não se dá bem com a polícia local?

— É. Por isso é que o vigário me indicou o seu nome. Por isso é que eu viajei até aqui.

— Para me dizer o quê, dona Valentine?

A mulher alisou a blusa florida, abaixando a cabeça. Falava com mais facilidade quando não olhavam para ela.

— O que aconteceu com ele? Ou o que vai acontecer? Ele está morto, ou então vai morrer se ninguém fizer nada.

— Ao que parece, esse homem simplesmente foi embora, já que a mobilete dele não está lá. Sabe se ele levou junto algum pertence?

— Nada, só um dos fuzis. Ele tem muitos fuzis.

— Então ele deve voltar daqui a uns tempos, dona Valentine. Como sabe, não estamos autorizados a procurar um homem adulto só porque ele se ausentou por uns dias.

— Ele não vai voltar, delegado. A mobilete não conta. Sumiu só para ninguém procurar por ele.

— A senhora quer dizer que ele foi ameaçado?

— É.

— Ele tem algum inimigo?

— Virgem Maria, delegado! O pior dos inimigos.

— A senhora sabe o nome dele?

— Deus do céu, é proibido pronunciar esse nome.

Adamsberg suspirou, lamentando mais por ela que por ele.

— E, em sua opinião, esse Michel Herbier teria fugido?

— Não, ele não sabe. Com certeza já está morto. Ele *foi apanhado*, entende?

Adamsberg levantou-se e, por alguns instantes, ficou andando entre uma e outra parede, mãos enfiadas nos bolsos.

— Dona Valentine, eu me disponho a ouvi-la, me disponho até a alertar a polícia de Ordebec. Mas não posso fazer nada enquanto eu não entender. Me dê um minuto.

Saiu da sala e foi ter com o comandante Danglard, o qual, com uma carranca, ainda consultava os arquivos. Entre alguns milhares de informações, Danglard

armazenava no cérebro quase todos os nomes dos chefes e subchefes das gendarmarias e delegacias francesas.

— Capitão da gendarmaria de Ordebec, isso lhe diz alguma coisa, Danglard?

— No Calvados?

— Sim.

— É Émeri, Louis Nicolas Émeri. Ele se chama Louis Nicolas, em referência a um antepassado por via ilegítima, Louis Nicolas Davout, marechal do Império, comandante do Terceiro Batalhão do Grande Exército de Napoleão. Lutou em Ulm, Austerlitz, Wagram. Duque de Auerstaedt e príncipe de Eckmühl, o nome de uma de suas famosas vitórias.

— Danglard, quem me interessa é o homem de hoje, o tira de Ordebec.

— Aí é que está. Ele dá a maior importância para essa ascendência, não deixa ninguém esquecer nunca. De modo que pode ser altivo, orgulhoso, marcial. Tirando essa herança napoleônica, é um homem bastante simpático, um policial ponderado, prudente, prudente demais talvez. Quarentão. Não se destacou em seus cargos anteriores, na periferia de Lyon, se não me engano. Tem passado despercebido em Ordebec. O lugar é bem pacato.

Adamsberg voltou para a sua sala, onde a mulher retomara sua minuciosa observação das paredes.

— Estou ciente de que não é fácil, delegado. É que em geral é proibido falar nisso, sabe? Pode atrair aborrecimentos terríveis. Me diga uma coisa, essas prateleiras estão bem presas na parede? É que o senhor guardou documentos pesados lá no alto, e outros mais leves embaixo. Pode desabar. O certo é pôr sempre o mais pesado embaixo.

Medo da polícia, medo de caírem estantes.

— Por que odeia esse Michel Herbier?

— Todo mundo odeia, delegado. Ele é um tremendo de um bruto, sempre foi assim. Ninguém fala com ele.

— O que pode explicar o fato de ter saído de Ordebec.

Adamsberg pegou o jornal.

— Solteiro — disse ele —, aposentado, sessenta e quatro anos. Por que não refazer a vida em outras bandas? Ele tem família em algum lugar?

— Ele foi casado. Agora é viúvo.

— Há quanto tempo?

— Ah, mais de quinze anos.

— A senhora cruza com ele de vez em quando?

— Não vejo nunca. Ele mora um pouco para fora de Ordebec, é fácil não encontrar com ele. E todo mundo acha bom.

— Mesmo assim, os vizinhos ficaram preocupados.

— Sim, os Hébrard. Eles são boa gente. Viram quando ele saiu, lá pelas seis da tarde. A casa deles fica do outro lado da estrada, percebe? E ele mora a cinquenta metros dali, enfiado no bosque Bigard, perto da antiga estação de tratamento de resíduos. Ali é úmido como o quê.

— Por que eles ficaram preocupados, se viram quando ele saiu de mobilete?

— Porque, quando ele sai por uns dias, costuma deixar com eles a chave da caixa de correio. Mas dessa vez não deixou. E eles não o ouviram voltar. E já tinha correspondência saindo da caixa. Quer dizer que o Herbier saiu por pouco tempo e que alguma coisa impediu que ele voltasse. Dizem os guardas que não foi encontrado em nenhum hospital.

— Quando eles foram ver a casa, o conteúdo dos freezers estava espalhado pelo chão.

— É.

— Para que tanta carne? Ele tem cachorros?

— Ele é caçador, guarda a caça nos freezers. Ele mata muito bicho e não reparte com ninguém.

A mulher estremeceu.

— O brigadeiro Blériot — ele é gentil comigo, diferente do capitão Émeri — me contou a cena. Diz que estava um horror. Tinha meia javalina no chão, com a cabeça inteira, uns pernis de corça, umas lebres fêmeas, filhotes de javali, de perdiz. Tudo jogado de qualquer jeito, delegado. Fazia dias que estava ali apodrecendo quando os guardas entraram. Com esse calor, tanta podridão é perigosa.

Medo de estantes e medo de micróbio. Adamsberg olhou de relance para as duas galhadas de cervo ainda depositadas no chão de sua sala, cobertas de poeira. Suntuoso presente de um normando, justamente.

— Lebres fêmeas, corças? Que observador é esse brigadeiro. Ele também é caçador?

— Não. A gente já diz que é “corça” ou “lebre fêmea” porque conhece o Herbier. Ele é um caçador nojento, um malvado. Só mata fêmeas e filhotes, e também ninhadas inteiras. Atira até em fêmea prenhe.

— Como a senhora sabe disso?

— Todo mundo sabe. Uma vez, o Herbier foi condenado por ter matado uma javalina com todos os seus filhotes. E pavões também. Que tragédia. Fora isso, como ele caça à noite, o Émeri nunca consegue pôr a mão nele. O certo é que faz tempo que nenhum caçador quer mais sair com ele. Não é mais aceito nem pelos mais carniceiros. Ele foi expulso da Liga de Caça do Ordebequet.

— Mas então, dona Valentine, ele tem dezenas de inimigos.

— Quer dizer, na verdade ninguém anda com ele.

— A senhora acha que algum caçador pode querer matá-lo, é isso? Ou algum anticaçador?

— Não, delegado. Ele foi apanhado por outra coisa, bem diferente.

Depois de um momento de fluidez, a mulher penava novamente. Continuava assustada, mas já não parecia preocupada com as prateleiras. Era um medo renitente, profundo, que chamava a atenção de Adamsberg, sendo que o caso de Herbier não justificava sua vinda da Normandia.

— Se a senhora não sabe de nada — disse ele em tom cansado —, ou se está proibida de falar, então não posso ajudá-la.

O comandante Danglard, da porta da sala, fazia sinais de que havia algo urgente. Tinham recebido notícias da menina de oito anos que fugira para a floresta de Versalhes depois de quebrar uma garrafa de suco de frutas na cabeça do tio-avô. O homem conseguira chegar ao telefone antes de desmaiar. Adamsberg sinalizou a Danglard e à mulher que estava concluindo. As férias de verão haviam começado, dentro de três dias a Brigada ia ficar sem um terço de seu efetivo e precisavam fechar os casos pendentes. A mulher compreendeu que não tinha mais muito tempo. O vigário bem tinha avisado que em Paris as pessoas não perdem tempo, embora o delegado baixinho tivesse sido gentil e paciente com ela.

— Lina, a minha filha — declarou às pressas —, viu o Herbier. Duas semanas e dois dias antes de ele sumir. Ela contou para o chefe dela e, por fim, Ordebec inteira ficou sabendo.

Danglard estava novamente arrumando os arquivos, com uma ruga de contrariedade riscando sua testa larga. Tinha visto Veyrenc na sala de Adamsberg. O que estava fazendo ali? Será que ia assinar o contrato? Ser readmitido? A decisão era para hoje à tarde. Danglard parou perto da fotocopiadora e acariciou o gato gordo refestelado em cima dela, buscando algum conforto em seu pelo. O motivo de sua antipatia por Veyrenc era inconfessável. Um ciúme surdo e persistente, quase feminino, uma imperiosa necessidade de afastá-lo de Adamsberg.

— Vamos ter que ser rápidos, dona Valentine. A sua filha viu o Herbier, e alguma coisa a levou a pensar que ele ia ser morto?

— É. Ele gritava. E havia mais três com ele. Era de noite.

— Houve alguma briga? Por causa das corças e dos pavões? Durante alguma reunião? Um jantar de caçadores?

— Não, não foi isso.

— Volte amanhã, ou então mais tarde — resolveu Adamsberg, dirigindo-se para a porta. — Volte quando puder falar.

Danglard aguardava o delegado, de pé e carrancudo, apoiado na beira da mesa.

— Encontraram a menina? — perguntou Adamsberg.

— Encontraram, numa árvore. Ela subiu lá no alto, feito um filhote de onça-pintada, segurando um gerbo, e não queria soltar. O gerbo parece estar bem.

— Um gerbo, Danglard?

— Um pequeno roedor. As crianças adoram.

— E a menina, como está?

— Está mais ou menos que nem esse seu pombo. Morrendo de fome, sede e cansaço. Está recebendo cuidados médicos. Uma enfermeira se nega a entrar por causa do gerbo, que se escondeu debaixo da cama.

— Ela explicou por que fez aquilo?

— Não.

Danglard respondia de forma reticente, ruminando suas preocupações. O dia não estava para conversa fiada.

— Ela sabe que o tio-avô se safou?

— Sabe, parecia aliviada e decepcionada. Ela morava sozinha com ele desde sabe-se lá quando, sem nunca ter posto os pés numa escola. Já nem sabemos ao certo se é mesmo seu tio-avô.

— Bem, vamos delegar o caso para Versalhes. Mas diga ao tenente encarregado para não matar o gerbo da menina. Peça que o ponham numa gaiola e lhe deem de comer.

— Isso é urgente?

— Claro, Danglard, ele talvez seja a única coisa que essa menina possui. Só um instante.

Adamsberg foi rapidamente até a sala de Retancourt, a qual estava prestes a fazer compressas nas patas do pombo.

— Já desinfetou, tenente?

— Calma — respondeu Retancourt. — Ele primeiro tinha de ser reidratado.

— Perfeito. Não jogue fora o cordão, quero que seja analisado. Justin avisou o técnico, ele já vem.

— Ele cagou em cima de mim — observou Retancourt, tranquilamente. — O que aquela mulherzinha quer? — perguntou, fazendo um gesto em direção à sala.

— Ela quer dizer uma coisa que não quer dizer. É a indecisão em pessoa. Vai acabar indo embora por conta própria, ou vamos ter que expulsá-la no fim do expediente.

Retancourt deu de ombros com certo desdém, sendo a indecisão um fenômeno alheio ao seu feitio. Daí haver nela uma força de propulsão que

superava, de longe, a dos outros 27 integrantes da Brigada.

— E o Veyrenc? Também está hesitando?

— O Veyrenc já decidiu faz tempo. Entre policial e professor, o que você escolheria? Lecionar é uma virtude que torna azedo. Policiar é um vício que causa orgulho. Considerando-se que é mais fácil largar uma virtude que um vício, ele não tem escolha. Estou saindo, vou ver o suposto tio-avô no hospital de Versalhes.

— O que a gente faz com o pombo? Não posso levar para a minha casa, meu irmão é alérgico a penas.

— Seu irmão está morando com você?

— É provisório. Ele roubou uma caixa de parafusos e umas galhetas de óleo da oficina, perdeu o emprego.

— Você poderia deixá-lo em minha casa hoje à noite? O pombo?

— Tudo bem — resmungou Retancourt.

— Só tome cuidado com os gatos que andam pelo jardim.

A mão da mulherzinha pousou, tímida, em seu ombro. Adamsberg se virou.

— Naquela noite — disse ela devagar —, Lina viu passar o Exército Furioso.

— Quem?

— O Exército Furioso — repetiu a mulher, baixinho. — E o Herbier estava lá. Gritando. E os outros três também.

— Isso é algum tipo de associação? Algo a ver com caça?

Dona Valentine fitou Adamsberg, incrédula.

— O Exército Furioso — disse ela de novo, baixinho. — A Grande Caçada. O senhor não conhece?

— Não — disse Adamsberg, sustentando seu olhar estupefato. — A senhora volta outra hora, e aí me conta direitinho.

— Mas o senhor nunca ouviu falar nem no nome? No *Bando de Hellequim*? — sussurrou ela.

— Sinto muito — repetiu Adamsberg, voltando com ela para a sua sala. — Veyrenc, você conhece esse grupo, o Exército Curioso? — perguntou, enquanto punha o celular e as chaves no bolso.

— Furioso — corrigiu a mulher.

— Isso. A filha da dona Valentine viu o desaparecido com esse Exército.

— E outros mais — insistiu a mulher. — Jean Glayeux e Michel Mortembot. Mas minha filha não identificou o quarto homem.

Uma expressão de intensa surpresa passou pelo semblante de Veyrenc, que então deu um sorrisinho, erguendo o lábio. Como quem ganha um presente totalmente inesperado.

— A sua filha viu mesmo o Exército Furioso? — perguntou.

— Claro que sim.

— Onde?

— Ali onde ele passa na nossa região. No caminho de Bonneval, da floresta de Alance. Passa por ali desde sempre.

— Fica em frente à casa dela?

— Não, a gente mora a mais de três quilômetros dali.

— Ela foi até lá para ver?

— Não, imagine. A Lina é uma moça séria, muito sensata. Ela estava por ali, só isso.

— À noite?

— É sempre à noite que ele passa.

Adamsberg já ia puxando a mulherzinha para fora da sala, pedindo-lhe para voltar no dia seguinte, ou telefonar outra hora, quando estivesse tudo mais claro em sua mente. Mordendo uma caneta, Veyrenc o deteve discretamente.

— Jean-Baptiste — perguntou ele —, você nunca ouviu falar mesmo no Exército Furioso?

Adamsberg, dando uma rápida penteada no cabelo com os dedos, balançou a cabeça.

— Então pergunte para o Danglard — insistiu Veyrenc. — Ele vai se interessar.

— Por quê?

— Porque, até onde sei, pode ser sinal de tormenta. Uma tormenta daquelas.

Veyrenc deu outro sorriso ligeiro e, como que subitamente inspirado pela intervenção do Exército Furioso, assinou.

4

Quando Adamsberg chegou em casa, mais tarde que o previsto — de tanto que o tio-avô tinha dado trabalho —, seu vizinho, o velho espanhol Lucio, urinava ruidosamente junto à árvore do pequeno jardim, no calor da noite.

— Salve, *hombre* — disse o velho sem se interromper. — Uma das suas tenentes está esperando por você. Uma mulherzona gorda, alta e ampla feito uma torre. O seu garoto abriu a porta para ela.

— Não é uma mulherzona gorda, Lucio, é uma deusa, uma deusa polivalente.

— Ah, então é essa? — disse Lucio, ajeitando as calças. — Essa de quem você fala o tempo todo?

— É, a deusa. É claro que ela não pode ser que nem todo mundo. Você já ouviu falar em Exército Curioso? Já ouviu falar nesse nome?

— Não, *hombre.*

A tenente Retancourt e o filho de Adamsberg, Zerk — seu verdadeiro nome era Armel, mas o delegado ainda não se habituara, pois só se conheciam havia sete semanas — estavam na cozinha, debruçados, de cigarro na boca, sobre um cesto forrado com um pano. Não se viraram quando Adamsberg entrou.

— Deu para entender? — perguntava Retancourt ao rapaz, sem a menor delicadeza. — Você molha uns pedacinhos de torrada, bem pequenos, e enfia devagar no bico dele. Depois dá umas gotinhas de água, com a pipeta, só um pouquinho para começar. Acrescente uma gota desse frasco. É um fortificante.

— Ele ainda está vivo? — indagou Adamsberg, sentindo-se curiosamente intruso em sua própria cozinha, invadida pela mulherzona e por aquele filho desconhecido de vinte e oito anos.

Retancourt se endireitou, pondo as mãos espalmadas nos quadris.

— Não tenho certeza de que ele passe desta noite. Resumindo, levei mais de uma hora para extrair o cordão das patas. Estava encravado até o osso, ele devia estar com isso há vários dias. Mas não tem nada quebrado. Já desinfetei, só precisa trocar o curativo toda manhã. A gaze está aqui — disse ela, batendo numa caixinha em cima da mesa. — Passei um antipulga, deve ter aliviado.

— Obrigado, Retancourt. O cara apareceu para pegar o cordão?

— Apareceu. Foi meio complicado, porque o laboratório não é pago para analisar cordão de pombo. A propósito, é um macho. Foi o Voisenet quem falou.

O tenente Voisenet havia desperdiçado sua vocação de zoólogo, em obediência às ordens imperiosas de um pai que o encaminhara para a polícia sem discussão. Era especializado em peixes, marítimos e principalmente fluviais, e sua mesa estava sempre repleta de revistas de ictiologia. Mas ele também era entendido em várias áreas faunianas, de insetos a morcegos, passando pelos gnus, e essa ciência em parte o dispersava das obrigações de seu cargo. O divisionário, alertado sobre o deslize, já havia lhe enviado uma advertência, como também ao tenente Mercadet, que sofria de hipersonia. Mas quem naquela Brigada, perguntava-se Adamsberg, não era um disperso ao seu modo? Com exceção de Retancourt, embora suas capacidades e energia também a desviassem dos caminhos da normalidade.

Depois que a tenente foi embora, Zerk permaneceu parado, braços caídos, o olhar fixo na porta.

— Ela te deixou impressionado, não é? — disse Adamsberg. — É assim com todo mundo, na primeira vez. E todas as outras vezes também.

— Ela é linda — disse Zerk.

Adamsberg olhou para o filho com ar de espanto, pois beleza decerto não era a característica primeira de Violette Retancourt. Nem graça, nem sutileza, nem gentileza. Ela era o extremo oposto da graciosa delicadeza que seu nome evocava. Embora finamente desenhadas, suas feições eram emolduradas por amplas bochechas e potentes maxilares presos a um pescoço taurino.

— Se você acha assim — assentiu Adamsberg, que não queria discutir o gosto de um jovem que ele ainda não conhecia.

A tal ponto que ainda não tinha opinião formada sobre sua inteligência. Será que ele possuía, ou não, alguma? Ou um pouco? Uma coisa tranquilizava o delegado: a maioria das pessoas não tinha opinião formada sobre a própria inteligência, nem ele mesmo. E, se não se questionava sobre a própria inteligência, por que iria questionar a de Zerk? Veyrenc garantia que o rapaz era talentoso, mas Adamsberg ainda não percebera no quê.

— Exército Curioso te lembra alguma coisa? — perguntou Adamsberg, colocando com cuidado o cesto do pombo sobre o aparador.

— Quê? — perguntou Zerk, que começava a arrumar a mesa, dispondo os garfos do lado direito e as facas do esquerdo, como seu pai.

— Nada, deixa para lá. Vamos perguntar para o Danglard. Isso faz parte das coisas que ensinei ao seu irmão já a partir dos sete meses. E que eu teria te ensinado se tivesse te conhecido nessa idade. São três regras para lembrar, Zerk, e com elas você está salvo: quando não se consegue levar uma coisa até o fim, recorre-se ao Veyrenc. Quando não se consegue fazer alguma coisa, recorre-se à Retancourt. E quando não se sabe alguma coisa, recorre-se ao Danglard. Grave bem essa trilogia. Mas hoje o Danglard vai estar especialmente carrancudo, não sei se conseguiremos arrancar alguma coisa dele. O Veyrenc está voltando para a Brigada e ele não vai gostar. O Danglard é uma flor de luxo e, como todo objeto raro, é frágil.

Adamsberg ligou para o seu auxiliar mais antigo enquanto Zerk servia o jantar. Atum ao vapor com abobrinha e tomate, arroz, frutas. Zerk tinha pedido para morar com seu novo pai por uns tempos, e o combinado era que se encarregasse do jantar. Uma combinação tranquila, uma vez que Adamsberg era mais ou menos indiferente ao que comia, sendo capaz de ingerir para sempre o mesmo macarrão, da mesma forma como vestia invariavelmente, em qualquer clima, calças e paletó de sarja preta.

— O Danglard sabe mesmo de tudo? — perguntou o jovem, franzindo as sobrancelhas que, emaranhadas como as do pai, compunham como que um toldo rústico sobre seu olhar vago.

— Não, ele não sabe de muita coisa. Não sabe como arrumar uma mulher, mas está com uma namorada nova há dois meses, um acontecimento excepcional. Não sabe encontrar água, mas localiza vinho branco muito bem, não sabe conter seus medos nem esquecer os muitos questionamentos que tem, que compõem uma montanha assustadora que ele percorre sem trégua feito um roedor em sua toca. Não sabe correr, não sabe olhar a chuva caindo, nem o rio correndo, não sabe relevar os problemas da vida e, o que é pior, cria os problemas de antemão para não ser surpreendido por eles. Mas sabe tudo aquilo que, à primeira vista, é inútil. Todas as bibliotecas do mundo estão na cabeça de Danglard, e ainda sobra espaço à beça. É algo colossal, incrível, algo que não sei descrever.

— Mas se é inútil à primeira vista...

— Serve necessariamente à segunda, ou à quinta vista.

— Tudo bem — disse Zerk, que parecia satisfeito com a resposta. — Já eu, não sei o que sei. O que você acha que eu sei?

— O mesmo que eu.

— Ou seja?

— Não sei, Zerk.

Adamsberg levantou a mão, sinalizando que estava finalmente com Danglard na linha.

— Danglard? Estão todos dormindo por aí? Você não daria um pulo aqui em casa?

— Se for para cuidar do pombo, nem pensar. Ele está cheio de pulgas e tenho uma péssima lembrança de pulgas. E não gosto da cara delas no microscópio.

Zerk deu uma olhada nos dois relógios de pulso do pai. Nove horas. Violette mandara dar de comer e beber ao pombo de hora em hora. Dissolveu uns pedaços de torrada, encheu a pipeta de água, acrescentou uma gota de fortificante, e pôs mãos à obra. O bicho mantinha os olhos fechados, mas aceitava o alimento que o rapaz enfiava em seu bico. Zerk erguia com delicadeza o corpo do pombo, como Violette havia ensinado. Aquela mulher tinha lhe causado um choque. Nunca teria imaginado que existisse uma criatura assim. Lembrou-se de suas mãos grandes manejando o pássaro com destreza, seu cabelo loiro e curto inclinado sobre a mesa, se encaracolando na nuca ampla e coberta de leve penugem branca.

— O Zerk está cuidando do pombo. E já está sem pulgas. A Retancourt resolveu o problema.

— O que é, então?

— É uma coisa que está me apoquentando, Danglard. Você reparou na mulherzinha de blusa florida que estava hoje à tarde lá na Brigada?

— Mais ou menos. Um caso especial de inconsistência, de evanescência física. Se assoprassem nela, sairia voando, feito os aquênios de um dente-de-leão.

— Aquênios, Danglard?

— Os frutos do dente-de-leão, que são levados pelos paraquedas penugentos. Nunca assoprou neles quando criança?

— É claro que sim. Todo mundo já assoprou dente-de-leão. Eu só não sabia que o nome disso era aquênio.

— Pois é.

— Agora, paraquedas penugentos à parte, Danglard, a mulherzinha estava transida de pavor.

— Não reparei.

— Pois estava. Terror em estado puro, Danglard, vindo lá do fundo mais fundo do poço.

— E ela explicou por quê?

— Parece que está proibida de falar. Sob pena de morte, imagino. Mas ela me sussurrou uma pista. A filha dela viu passar o Exército Curioso. Você sabe o que isso quer dizer?

— Não.

Adamsberg se sentiu tão cruelmente decepcionado, quase humilhado, como se acabasse de gorar um experimento na frente do filho, de faltar à sua promessa. Cruzou o olhar preocupado de Zerk e, com um gesto, garantiu que a demonstração não tinha terminado.

— O Veyrenc me deu a impressão de saber do que se trata — continuou Adamsberg — e me aconselhou a falar com você.

— Ah, é? — disse Danglard em tom mais alerta, o nome de Veyrenc parecendo agitá-lo como a chegada de um zangão. — E o que ele ouviu exatamente?

— Que a filha dela viu passar o Exército Curioso, à noite. E junto com esse Exército, a filha — o nome dela é Lina — viu também um caçador e mais três homens. O caçador está desaparecido há mais de uma semana, e a mulherzinha acha que ele está morto.

— Onde? Onde foi que ela viu?

— Numa estrada perto de onde elas moram. Para os lados de Ordebec.

— Ah! — disse Danglard, que se animou de vez, como sempre que seus conhecimentos eram solicitados, como sempre que podia afundar e se refestelar de prazer no âmago de seu saber. — Ah, Exército Furioso. Não Curioso.

— Me desculpe. Furioso.

— Foi isso mesmo que ela disse? O Bando de Hellequim?

— É, ela falou algo parecido.

— A Grande Caçada?

— Também — disse Adamsberg, dando uma piscadela vitoriosa para Zerk, como quem acaba de fisgar um peixe-espada.

— E a tal Lina viu esse caçador junto com a tropa?

— Exato. Diz que ele estava gritando. E os outros também. Um grupo inquietante, pelo visto. A mulherzinha do paraquedas penugento parece achar que esses homens correm perigo.

— Inquietante? — disse Danglard, fugazmente divertido. — A palavra não é essa, delegado.

— Foi o que disse o Veyrenc. Que junto com esse bando, pode vir uma tormenta daquelas.

Se mais uma vez Adamsberg mencionava, de caso pensado, o nome de Veyrenc, não era para magoar Danglard, e sim para que este fosse se acostumando de novo à presença do tenente de mechas ruivas entre eles, para dessensibilizá-lo injetando seu nome em doses fracas e repetidas.

— Não passa de tormenta interna — relativizou Danglard, em tom mais baixo. — Não é nada urgente.

— O Veyrenc não soube dizer mais. Venha tomar um drinque. O Zerk fez uma reserva para você.

Danglard não gostava de atender no ato às exigências de Adamsberg, simplesmente porque sempre as aceitava e tal deficiência de sua vontade o humilhava. Ainda resmungou mais alguns minutos, enquanto Adamsberg, acostumado com as resistências formais do comandante, insistia.

— Depressa, filho — disse Adamsberg ao desligar. — Vá buscar um vinho branco no mercado da esquina. Não hesite, pegue o melhor, não dá para servir um vinho furreca para o Danglard.

— Eu posso beber com vocês? — perguntou Zerk.

Adamsberg fitou o filho sem saber o que responder. Zerk mal o conhecia, tinha 28 anos, não precisava pedir autorização para ninguém, muito menos para ele.

— Mas é claro — respondeu Adamsberg maquinalmente. — Desde que não entorne tanto quanto o Danglard — acrescentou, e a conotação paternal do conselho o surpreendeu. — Pegue o dinheiro no aparador.

Seus olhares se dirigiram em simultâneo para o cesto. Um cesto de morangos, tamanho grande, que Zerk esvaziara para servir de cama estofada para o pombo.

— Como acha que ele está? — perguntou Adamsberg.

— Está trêmulo, mas respira — respondeu seu filho, com cautela.

Com um gesto furtivo, o jovem roçou com um dedo a plumagem da ave, antes de sair. Pelo menos nisso ele tem talento, pensou Adamsberg olhando o filho sair — talento para afagar pássaros, mesmo os feios, sujos e ordinários como este.

5

— Vai ser rápido — disse Danglard, e Adamsberg ficou sem saber se ele se referia ao Exército Furioso ou ao vinho, de que seu filho trouxera apenas uma garrafa.

Adamsberg pegou um cigarro do maço de Zerk, um gesto que invariavelmente lembrava a ele o primeiro encontro dos dois, uma quase matança.[5] Desde então, andava fumando de novo, no mais das vezes cigarros de Zerk. Danglard atacou sua primeira taça.

— Imagino que a mulher dente-de-leão não quisesse falar a respeito com o capitão de Ordebec.

— Ela se nega a considerar essa hipótese.

— É natural, ele não iria gostar. O senhor também, delegado, pode esquecer isso tudo depois. Sabe-se alguma coisa sobre o caçador desaparecido?

— Sabe-se que é um carniceiro cruel, e até pior, pois mata essencialmente fêmeas e filhotes. Foi expulso da liga local de caça, ninguém mais quer atirar com ele.

— Ou seja, um sujeito mau, violento, um assassino? — perguntou Danglard, tomando um gole.

— Ao que tudo indica, sim.

— Bate direitinho. E a tal Lina mora em Ordebec mesmo, é isso?

— Acho que sim.

— Nunca ouviu falar no pequeno burgo de Ordebec? Um grande compositor passou uma temporada lá.

— Não vem ao caso, comandante.

— Mas é um detalhe positivo. O resto é mais preocupante. Esse exército passou pelo caminho de Bonneval?

— Foi esse o nome que a mulher mencionou — respondeu Adamsberg, surpreso. — Você a ouviu falar nesse caminho?

— Não, mas esse é um dos *grimweld* mais conhecidos, atravessa a floresta de Alance. Pode ter certeza que não há habitante de Ordebec que não conheça, e que estão sempre repisando a mesma história, embora prefiram esquecê-la.

— Danglard, não conheço esta palavra. *Grimweld*.

— É como se chama a estrada onde passa o Bando de Hellequim, ou o Exército Furioso, ou a Grande Caçada, se preferir. Só é visto por poucos homens ou mulheres. Um deles é bastante conhecido e, assim como essa Lina, também viu passar o Exército Furioso em Bonneval. O nome dele era Gauchelin, e era padre.

Danglard tomou dois goles seguidos e sorriu. Adamsberg bateu a cinza na lareira fria e esperou. Aquele sorriso meio provocante que franzia as faces flácidas do comandante não prenunciava nada de bom, exceto o fato de Danglard finalmente estar se sentindo à vontade.

— Isso foi no início de janeiro de 1091. Armel, você escolheu bem o vinho. Mas não vai ser suficiente.

— Quando? — perguntou Zerk, que aproximara um banquinho da lareira e escutava com atenção o comandante, cotovelos apoiados nos joelhos, um copo na mão.

— No fim do século XI. Cinco anos antes de partir a primeira cruzada.

— Cacete — disse Adamsberg a meia-voz, tomado pela desagradável sensação de ter sido enganado pela mulherzinha de Ordebec, por mais frágil dente-de-leão que ela fosse.

— É — concordou Danglard. — Muita preocupação à toa, delegado. Mas o senhor ainda quer entender o pavor da mulher, não quer?

— Talvez.

— Então precisa conhecer a história de Gauchelin. E vamos precisar de uma segunda garrafa — repetiu. — Estamos em três.

Zerk levantou-se de um salto.

— Vou lá de novo — disse ele.

Adamsberg viu que, antes de sair, ele mais uma vez passou de leve o dedo no pombo. E Adamsberg repetiu maquinalmente, como um pai: pegue dinheiro no aparador.

Sete minutos depois, Danglard, mais tranquilo com a presença de uma segunda garrafa, serviu-se mais um copo, começou a contar a história de Gauchelin, e então estacou, erguendo os olhos para o teto baixo:

— Talvez a crônica de Hélinand de Froidmond, do início do século XIII, dê uma imagem mais precisa. Só me deem um tempinho para lembrar, não é um texto que eu consulte todo dia.

— Pois não — disse Adamsberg, desnorteado.

Desde que percebera que estavam rumando para os confins da Idade Média e abandonando Michel Herbier à própria sorte, a história da mulherzinha e do seu pavor se mostravam por um ângulo com o qual não sabia o que fazer.

Levantou-se, serviu-se um copo modesto e deu uma olhada no pombo. O Exército Furioso já não tinha a ver com ele, e ele se enganara quanto à evanescente dona Valentine. Ela não precisava dele. Era uma demente inofensiva, demente a ponto de temer que as prateleiras caíssem em cima dela, inclusive as do século XI.

— Quem conta o fato é seu tio Hellebaud — esclareceu Danglard, que agora se dirigia exclusivamente ao jovem.

— O tio de Hélinand de Froidmond? — perguntou Zerk, concentradíssimo.

— Exatamente, tio por parte de pai. E ele diz o seguinte: *Quando, por volta do meio-dia, nos aproximamos da floresta, eu e meu servo, o qual ia na frente, cavalgando rapidamente a fim de que me preparassem um abrigo, escutou ele no mato um grande alarido, como o relinchar de vários cavalos, barulho de armas e o clamor de uma quantidade de homens partindo para o ataque. Aterrorizados, voltaram ele e seu cavalo ao meu encontro. Como eu lhe perguntasse por que dera meia-volta, respondeu ele: Não consegui fazer meu cavalo avançar, nem com o relho, nem com as esporas, e eu mesmo fiquei tão assustado que não consegui avançar. De fato, vi e ouvi coisas assombrosas.*

Danglard estendeu o braço em direção ao jovem.

— Armel — pois Danglard se negava terminantemente a chamar o rapaz por "Zerk", seu nome de guerra, e recriminava com veemência o delegado por isso —, encha o meu copo e saberá o que viu essa moça, a Lina. Saberá qual o medo que assombra as suas noites.

Zerk serviu o comandante com a diligência de quem teme que a história se interrompa, e reassumiu seu lugar ao lado de Danglard. Não havia tido pai, nunca ninguém tinha lhe contado histórias. Sua mãe trabalhava à noite fazendo faxina numa indústria de peixes.

— Obrigado, Armel. E o servo prosseguiu: *A floresta está repleta de almas de mortos e demônios. Eu os escutei falar e gritar: "Já temos o preboste d'Arques, vamos nos apossar do arcebispo de Reims". Ao que respondi: "Façamos na testa o sinal da cruz e avancemos em segurança ".*

— Quem agora está com a palavra é o tio Hellebaud.

— Isso mesmo. E diz Hellebaud: *Quando avançamos e chegamos à floresta, já escurecera, de modo que ouvi vozes confusas e o alarido das armas e relinchos de cavalos, mas não consegui vislumbrar as sombras nem entender as vozes. Ao voltarmos para casa, encontramos o arcebispo nas últimas, e não viveu nem quinze dias depois que ouvimos aquelas vozes. Deduzimos que havia sido tomado por esses espíritos. Esses que ouvimos dizer que iriam apossar-se dele.*

— Isso não bate com o que disse a mãe da Lina — interveio Adamsberg com voz surda. — Ela não disse que a filha tinha escutado vozes, nem relinchos, ou que tinha avistado sombras. Ela apenas viu Michel Herbier e mais três sujeitos com os homens desse Exército.

— Porque a mãe dela não se atreveu a contar tudo. E porque em Ordebec, nem é preciso explicar. Lá, quando alguém diz "Eu vi passar o Exército Furioso", todo mundo sabe muito bem do que se trata. Vou descrever melhor esse Exército que a Lina viu, e vocês entenderão que as noites dela não são sossegadas. O certo, delegado, é que a vida deve estar bem difícil para ela em Ordebec. Devem desconfiar, fugir dela como se foge da peste. Acho que, se a mãe veio falar com o senhor, foi principalmente para proteger a filha.

— E o que ela vê? — perguntou Zerk, cigarro na boca.

— Armel, esse antigo exército que faz barulho não é um exército intacto. Cavalos e cavaleiros estão descarnados, faltam-lhes pernas e braços. É um exército morto, meio putrefato, urrante e feroz, que não encontra o céu. Imagine.

— Sim — assentiu Zerk, tornando a encher seu copo. — Pode me dar um momento, comandante? São dez horas, tenho que cuidar do pombo. São as ordens.

— De quem?

— Violette Retancourt.

— Então cumpra.

Zerk lidou zelosamente com a torrada molhada, o frasco e a pipeta. Estava começando a pegar o jeito. Tornou a sentar-se, perturbado.

— Ele não está melhor — disse com tristeza ao pai. — Filho da mãe.

— Eu vou achar esse cara, acredite — disse Adamsberg de mansinho.

— Vai mesmo investigar o torturador do pombo? — perguntou Danglard, um tanto surpreso.

— Claro que sim, Danglard — respondeu Adamsberg. — Por que não?

Danglard esperou que o olhar de Zerk retornasse para ele antes de retomar sua narrativa sobre o exército negro. Estava cada vez mais impressionado com a semelhança entre pai e filho, o olhar similar, perdido, sem brilho nem precisão, pupila indefinida e imperceptível. A não ser, em Adamsberg, quando uma faísca brilhava de repente, como o sol, às vezes, nas algas escuras, durante a maré baixa.

— Esse Exército Furioso sempre arrasta consigo alguns vivos, homens e mulheres, que gritam e se lamentam em meio ao fogo e sofrimento. E eles é que são reconhecidos pelas testemunhas. Assim como Lina reconheceu o caçador e outros três indivíduos. Esses viventes imploram para que uma boa alma repare

seus feitos imundos, de modo a serem salvos do tormento. É o que diz Gauchelin.

— Chega de Gauchelin, Danglard — pediu Adamsberg. — Basta, já temos um bom panorama.

— Foi o senhor quem pediu para eu vir até aqui falar sobre o Exército — disse Danglard com ar ofendido.

Adamsberg deu de ombros. Essas histórias tendiam a lhe dar sono, e ele preferia mil vezes que Danglard se contentasse em resumi-las. Mas sabia com que prazer o comandante mergulhava nelas, como num lago cheio do melhor vinho branco do mundo. Ainda mais com aquele olhar pasmo e admirativo de Zerk. Mas essa distração pelo menos diluía um pouco a persistente birra de Danglard, que agora aparentava estar mais satisfeito com a vida.

Danglard prosseguiu, sorrindo e consciente do cansaço de Adamsberg: — Diz Gauchelin: *Eis que se pôs a passar uma imensa tropa de pessoas a pé. No pescoço e nos ombros, carregavam animais, vestimentas, objetos de todo tipo e diversos utensílios que bandidos em geral levam consigo.* É um belo texto, não é? — perguntou a Adamsberg com um sorriso acentuado.

— Muito — admitiu Adamsberg sem pensar.

— Sobriedade e elegância, tudo está nisso. Bem diferente dos versos do Veyrenc, mais pesados que chapa de chumbo.

— Ele não tem culpa, a avó dele gostava do Racine. Passou a infância dele recitando Racine, e mais nada. Porque ela havia resgatado os livros de Racine de um incêndio no colégio interno.

— Teria sido melhor ela salvar os manuais de civilidade, de etiqueta, e ensinar isso para o neto.

Adamsberg permaneceu calado, sem tirar os olhos de Danglard. O processo de habituação ia ser demorado. No momento, caminhava-se para um duelo entre os dois homens ou, mais precisamente — sendo esse um dos motivos —, entre os dois pesos intelectuais pesados da Brigada.

— Enfim — prosseguiu Danglard — diz Gauchelin: *Todos se lamentavam e se exortavam a andar mais depressa. O padre reconheceu no cortejo vários vizinhos seus recentemente falecidos, e os ouviu se queixar dos grandes tormentos que padeciam devido aos seus malfeitos. Viu também*, e aqui estamos bem perto da Lina, *viu também Landri. Este, nos casos e audiências judiciais, julgava segundo seu capricho e, conforme os presentes que recebia, alterava seu juízo. Estava mais a serviço da cupidez e da enganação do que da equidade.* E é por isso que Landri, visconde de Ordebec, foi apanhado pelo Exército Furioso. Justiça malfeita era, naquele tempo, algo tão grave como um crime de sangue. Ao passo que hoje em dia ninguém liga.

— É — concordou Zerk, que parecia não nutrir o menor espírito crítico em relação ao comandante.

— Enfim — prosseguiu Danglard —, por mais que a testemunha se esforce, ao voltar para casa depois dessa visão do horror, por mais missas que mande rezar, os viventes que viu nas mãos dos cavaleiros morrem na semana seguinte à aparição. Na melhor das hipóteses, três semanas depois. Este é um aspecto a ser lembrado no que se refere à história da mulherzinha, delegado: todos os "apanhados" pelo Exército são crápulas, almas negras, exploradores, juízes indignos ou assassinos. E seu crime é, em geral, ignorado pelos contemporâneos. Impune. Por isso é que o Exército se encarrega deles. Quando foi exatamente que Lina o viu passar?

— Faz mais de três semanas.

— Então não resta dúvida — disse Danglard tranquilamente, contemplando sua taça. — Então o homem está morto, sim. Foi-se com Estantiga de Hellequim.

— Estantiga, comandante? — inquiriu Zerk.

— Hoste antiga, se preferir. E Hellequim é o seu senhor.

Adamsberg voltou para junto da lareira, sua curiosidade um pouco reatiçada, e recostou-se no pilar de tijolos. O fato de o Exército designar assassinos impunes o interessava. Percebeu, de repente, que os indivíduos cujos nomes Lina revelara deviam se sentir em maus lençóis em Ordebec. Os outros deviam estar observando, pensando duas vezes, perguntando-se que malfeito teriam cometido. Por mais que não se acredite de jeito nenhum, mesmo assim se acredita. A perniciosa ideia vai escavando caminho. Cresce, silenciosa, nos indizíveis espaços da mente, deambula, bisbilhota. A gente a rechaça, ela se cala, ela volta.

— Como morrem esses "apanhados"? — perguntou ele.

— Depende. De febre brutal ou assassinato. Quando não é doença fulminante ou acidente, um ser terreno se torna o executor da implacável vontade do Exército. Um assassinato, portanto, mas um assassinato ordenado pelo Senhor Hellequim. Percebe?

As duas taças de vinho que tomara — o que raramente acontecia — tinham dissolvido a ligeira contrariedade de Adamsberg. Pelo contrário, estava agora com a impressão de que conhecer uma mulher capaz de ver o terrível Exército era uma experiência rara e divertida. E que as reais consequências de tal visão podiam ser assustadoras. Serviu-se de mais meia taça e roubou um cigarro do maço do filho.

— Essa lenda é específica de Ordebec? — perguntou.

Danglard meneou a cabeça.

— Não. A Estantiga passa por todo o norte da Europa. Nos países escandinavos, em Flandres, depois atravessa todo o norte da França e Inglaterra. Mas percorre sempre os mesmos caminhos. No de Bonneval ela vem transitando já faz mais de um milênio.

Adamsberg puxou uma cadeira e sentou-se esticando as pernas, fechando o pequeno círculo dos três homens adiante da lareira.

— De qualquer forma... — começou ele, e a frase parou aí, como acontecia com frequência, na falta de um raciocínio preciso para continuar.

Danglard nunca conseguira se acostumar com as névoas indecisas da mente do delegado, com sua falta de nexo e visão de conjunto.

— De qualquer forma — prosseguiu Danglard em seu lugar —, não passa da história de uma pobre moça perturbada a ponto de ter visões. E de uma mãe assustada a ponto de acreditar, e pedir ajuda à polícia.

— De qualquer forma, também é uma mulher anunciando várias mortes. Suponha que Michel Herbier não tenha ido embora, suponha que encontrem o corpo dele.

— Nesse caso, a tal Lina vai estar em maus lençóis. Quem disse que ela não matou Herbier? Que não está inventando essa história para enrolar todo mundo?

— Como assim, enrolar? — disse Adamsberg, sorrindo. — Você acha mesmo que para a polícia os cavaleiros do Exército Furioso são suspeitos plausíveis? Você acha muito esperto, da parte da Lina, apontar como culpado um sujeito que vem há mil anos cavalgando na região? Quem vai ser detido? O chefe Hennequin?

— Hellequim. E ele é um nobre fidalgo. Talvez descendente de Odin.

Danglard encheu sua taça com mão firme.

— Deixe para lá, delegado. Deixe os cavaleiros sem pernas onde estão, e a tal Lina com eles.

Adamsberg meneou a cabeça em sinal de assentimento, e Danglard esvaziou a taça. Depois que ele se foi, Adamsberg ficou andando pela sala, com o olhar vazio.

— Lembra — perguntou para Zerk — que na primeira vez que você esteve aqui faltava uma lâmpada no teto?

— Continua faltando.

— Que tal a gente trocar?

— Você disse que pouco lhe importava as lâmpadas funcionarem ou deixarem de funcionar.

— É verdade. Mas sempre chega uma hora em que é preciso dar um passo. Sempre chega uma hora em que a gente resolve trocar a lâmpada, ou resolve ligar amanhã para o capitão da gendarmaria de Ordebec. E aí só resta cumprir.

— Mas o comandante Danglard não está errado. Essa mulher é necessariamente perturbada. Fazer o quê, com esse Exército Furioso?

— O que me incomoda não é o Exército, Zerk. É que eu não gosto que me anunciem mortes violentas, desse jeito ou de outro.

— Compreendo. Então eu cuido da lâmpada.

— Você está esperando as onze horas para dar comida para ele?

— Vou passar a noite aqui para fazer isso de hora em hora. Vou cochilar na cadeira.

Zerk tocou no pássaro com as costas do dedo.

— Ele não está muito quente, apesar da temperatura.

6

Às seis e quinze da manhã, Adamsberg sentiu uma mão que o sacudia.

— Ele abriu os olhos! Vem ver, rápido.

Zerk ainda não sabia como devia chamar Adamsberg. “Pai”? Solene demais. “Papai”? Não era um hábito que se criasse na idade dele. “Jean-Baptiste”? Amistoso e descabido. Por enquanto, não o chamava, e essa carência às vezes criava lacunas incômodas nas suas frases. Vazios. Mas esses vazios resumiam perfeitamente aqueles 28 anos de ausência.

Os dois homens desceram a escada e se debruçaram sobre o cesto de morangos. A melhora era incontestável. Zerk tratou de tirar os curativos das patas e desinfetá-las, enquanto Adamsberg passava o café.

— Que nome vamos dar para ele? — perguntou Zerk, enrolando uma gaze fina e limpa em volta das patas. — Se ele sobreviver, vai ter que ter um nome. Não dá para ficar dizendo “o pombo”. E se a gente o chamasse de Violette, como a bela tenente?

— Não dá. Ninguém ia conseguir pegar a Retancourt e amarrar as patas dela.

— Então vai ser Hellebaud, como o sujeito da história do comandante. Você acha que ele releu aqueles textos antes de vir para cá?

— Sim, deve ter relido.

— Mesmo assim, como conseguiu decorar tudo?

— Nem tente entender, Zerk. Porque, se desse para a gente enxergar dentro da cabeça do Danglard, se desse para passear dentro dela, acho que eu e você íamos ficar mais assustados do que com qualquer tumulto do Exército Furioso.

Assim que chegou à Brigada, Adamsberg consultou os registros e ligou para o capitão Louis Nicolas Émeri, na gendarmaria de Ordebec. Adamsberg se identificou e notou certa indecisão do outro lado da linha. Perguntas sussurradas, opiniões, resmungos, cadeiras arrastadas. A irrupção de Adamsberg numa gendarmaria não raro causava esse breve desnorteio, com as pessoas se perguntando se era melhor aceitar a ligação ou se abster com uma desculpa qualquer. Louis Nicolas Émeri finalmente atendeu.

— Pode falar, delegado — disse com desconfiança.

— Capitão Émeri, é sobre esse homem que está desaparecido, cujo freezer foi esvaziado.

— O Herbier?

— Sim. Alguma novidade?

— Nenhuma. Visitamos a residência dele e todas as dependências. Nem rastro do indivíduo.

Uma voz agradável, meio modulada demais, entonações firmes e corteses.

— Tem interesse nesse assunto? — prosseguiu o capitão. — Me surpreenderia que estivesse tratando de um caso tão corriqueiro de desaparecimento.

— Não estou tratando. Estava só me perguntando o que o senhor pretende fazer.

— Aplicar a lei, delegado. Ninguém apareceu pedindo para procurarmos por ele, de modo que o indivíduo ainda não consta como pessoa desaparecida. Ele saiu de mobilete, e nada me autoriza a ir atrás dele. Trata-se de liberdade individual — enfatizou com certa altivez. — O procedimento de praxe foi efetuado, não houve nenhum acidente na estrada e o veículo dele não foi assinalado em lugar algum.

— O que o senhor acha dessa partida dele, capitão?

— Pensando bem, não chega a surpreender. O Herbier não era benquisto na região, era inclusive francamente odiado por muita gente. A história do freezer talvez prove que alguém chegou a fazer ameaças, por causa das caçadas brutais que ele fazia, o senhor está a par?

— Sim. Fêmeas e filhotes.

— É possível que tenha sido intimidado, que tenha se assustado e se mandado sem querer saber de mais nada. Ou então teve algum tipo de crise, sentiu remorsos, esvaziou ele próprio o freezer e deixou tudo para trás.

— Sim, por que não?

— De qualquer modo, ele já não tinha nenhum parente na região. É até melhor refazer a vida em outro lugar. A casa não é dele, é alugada. E, depois que se aposentou, andava com dificuldades para pagar o aluguel. A menos que o proprietário preste queixa, estou com as mãos atadas. Ele se mudou de fininho, é o que eu acho.

Émeri se mostrava aberto e cooperativo, como previra Danglard, ao mesmo tempo que parecia ver no telefonema de Adamsberg uma remota distração.

— Tudo isso é bem possível, capitão. Vocês têm aí um certo caminho de Bonneval?

— Temos, e daí?

— Ele vai de onde para onde?

— Sai de Les Illiers, a uns três quilômetros daqui, e atravessa parte da floresta de Alance. Na Cruz de Pau, ele muda de nome.

— É muito frequentado?

— Pode ser usado de dia. Mas ninguém anda por ali à noite. Resquícios de lenda antiga, sabe como é.

— O senhor não foi dar uma conferida?

— Se isso for uma suposição, delegado Adamsberg, também tenho uma. Suponho que o senhor recebeu a visita de um morador de Ordebec. Estou enganado?

— Está certo, capitão.

— De quem?

— Não posso dizer. Uma pessoa preocupada.

— E imagino perfeitamente qual era o assunto. A tropa de malditos fantasmas que a Lina Vendermot andou vendo, se é que se pode chamar isso de "ver". Em cuja companhia ela teria avistado o Herbier.

— É verdade — reconheceu Adamsberg.

— Não vai entrar nessa, vai, delegado? Sabe por que a Lina viu o Herbier junto com o maldito Exército?

— Não.

— Porque ela o detesta. É um velho amigo do pai dela, talvez o único. Escute o meu conselho, delegado: esqueça isso tudo. Essa moça é louca de pedra desde criança, todo mundo aqui sabe disso. E todo mundo desconfia, dela e da família de doidos que ela tem. Eles não têm culpa. No fundo, são mais dignos de pena.

— Todo mundo sabe que ela viu o Exército?

— Naturalmente. A Lina contou para a família e para o chefe dela.

— Quem é o chefe dela?

— Ela é advogada associada no escritório Deschamps e Poulain.

— Quem espalhou o boato?

— Todo mundo. Faz três semanas que não se fala em outra coisa por aqui. Pessoas de mente sã acham graça, mas algumas, mais frágeis, estão com medo. Eu lhe garanto que passaríamos muito bem sem a Lina aterrorizando a população. Posso apostar de olhos fechados que, desde então, ninguém pôs os pés no caminho de Bonneval. Nem quem tem mente forte. E eu menos ainda.

— Por quê, capitão?

— Não vá pensar que tenho medo de alguma coisa — e nessa firmeza Adamsberg julgou ouvir algo do antigo marechal do Império —, mas não quero que digam por aí que o capitão Émeri acredita no Exército Furioso. A mesma coisa o senhor, delegado, se quiser um conselho. É melhor deixar esse caso na

moita. Mas será sempre um prazer recebê-lo se algum caso o trouxer algum dia para o caminho de Ordebec.

Conversa ambígua e meio trabalhosa, pensou Adamsberg ao desligar. De maneira simpática, Émeri tinha caçoado dele. Ele o deixara falar, sendo que já estava a par da visita de um morador de Ordebec. Sua reserva era compreensível. Ter um visionário em seu território não era nenhum presente dos deuses.

A Brigada ia se enchendo pouco a pouco — Adamsberg costumava chegar mais cedo. O vulto de Retancourt tapou por um instante a porta e a claridade, e Adamsberg a observou enquanto ela se dirigia para a sua mesa sem o menor encanto.

— O pombo abriu os olhos agora de manhã — disse ele. — O Zerk deu de comer para ele durante a noite.

— Que boa notícia — disse simplesmente Retancourt, que não era uma pessoa emotiva.

— Se ele sobreviver, vai se chamar Hellebaud.

— El Bô? Não faz sentido.

— Não, “Hellebaud”, numa palavra só. É um nome antigo. Do tio ou sobrinho de não sei mais quem.

— Tudo bem — disse a tenente, ligando o computador. — Justin e Noël querem falar com o senhor. Parece que o Momô-mecha-curta andou aprontando de novo, mas dessa vez o estrago foi grande. O carro queimou de cabo a rabo, como sempre, só que havia alguém dormindo lá dentro. Um homem idoso, segundo as análises iniciais. Homicídio involuntário, dessa vez ele não se safa com seis meses. Já deram início à investigação, mas estão querendo sua orientação, digamos assim.

Retancourt enfatizou a palavra “orientação” com um quê de ironia. Pois, de um lado, julgava que Adamsberg não tinha nenhum senso de orientação e, por outro, desaprovava de modo geral a forma como o delegado conduzia as investigações ao sabor do vento. Esse conflito entre os modos de agir de ambos existia em estado latente desde os primórdios, sem que ela ou Adamsberg fizessem nenhuma tentativa para desatá-lo. O que não impedia Adamsberg de nutrir por Retancourt o amor instintivo de um pagão pela maior árvore da floresta. A única que oferece um autêntico refúgio.

O delegado tomou um lugar à mesa em que Justin e Noël registravam as últimas informações sobre o carro incendiado com um homem dentro. Momô-mecha-curta acabava de queimar seu décimo primeiro veículo.

— Deixamos Mercadet e Lamarre na frente do prédio onde mora o Momô, no conjunto habitacional Cidade das Colinas — explicou Noël. — O carro

queimou no quinto *arrondissement*, na Rue Henri-Barbusse. Uma Mercedes cara, como sempre.

— Já sabem quem era o homem que morreu?

— Ainda não. Não sobrou nada dos documentos, nem da placa do carro. O pessoal está verificando o motor. Atentado contra a alta burguesia é a marca do Momô-mecha-curta. Ele nunca incendiou nada fora desse bairro.

— Não — disse Adamsberg, meneando a cabeça. — Não foi o Momô quem fez isso. Estamos perdendo tempo.

Perder tempo não era, em si, algo que incomodasse Adamsberg. Insensível aos ardores da impaciência, não tinha presteza para acompanhar o ritmo, não raro convulsivo, de seus auxiliares, como tampouco seus auxiliares conseguiam acompanhar seu lento balanceio. Não que Adamsberg fizesse disso um método, muito menos uma teoria, mas parecia-lhe que, no tocante ao tempo, era nos interstícios quase imóveis de uma investigação que às vezes se alojavam as mais raras pérolas. Como as pequenas conchas se enfiam nas fissuras das rochas, longe da agitação do mar aberto. Em todo caso, era ali que ele as encontrava.

— Tem a marca dele — insistiu Noël. — O velho devia estar esperando alguém no carro. Estava escuro, ele pode ter dormido e caído para o lado. Na melhor das hipóteses, Momô-mecha-curta não viu. Na pior, ateou fogo no conjunto. No carro e no seu ocupante.

— Não o Momô.

Adamsberg lembrava com precisão a fisionomia inteligente e determinada do rapaz, delicada sob a cabeleira preta e crespa. Não sabia por que não tinha esquecido Momô, por que gostava dele. Enquanto escutava seus auxiliares, informava-se por telefone dos horários de trem para Ordebec, pois seu carro estava no conserto. A mulherzinha não aparecia e o delegado supôs que, com o insucesso da missão, retornara para a Normandia no dia anterior. A ignorância do delegado acerca do Exército Furioso devia ter levado a melhor sobre seus fiapos de coragem. Pois é preciso ter coragem, decerto, para vir falar com um policial sobre uma tropa de demônios milenares.

— Delegado, ele já incendiou dez carros, já fez um nome de guerra. É admirado na periferia onde mora. Está em franca ascensão, sendo puxado para o alto. Para ele, das Mercedes, suas inimigas, para quem as dirige, é só um passo.

— Um passo de gigante, Noël, que ele nunca vai dar. Eu conheci o Momô nas suas duas pré-detenções. Nunca que ele atearia fogo sem conferir dentro do carro.

Não havia estação de trem em Ordebec, teria de saltar em Cérenay e pegar um ônibus. Só chegaria ao seu destino por volta das cinco horas, uma viagem um tanto longa para um rápido passeio. Com a luz do verão, teria tempo de sobra para percorrer os cinco quilômetros do caminho de Bonneval. Caso um assassino quisesse se aproveitar do desatino de Lina, ali, quem sabe, é que ele poderia deixar um corpo. Aquela escapada na floresta já não era apenas um dever não expresso que ele se sentia vagamente obrigado a cumprir em relação à mulherzinha, mas uma fuga salutar. Imaginava o cheiro da trilha, as sombras, o tapete de folhas moles sob seus pés. Poderia mandar qualquer um dos seus brigadeiros, ou até convencer o capitão Émeri a ir até lá. Mas a ideia de ele mesmo explorar a estrada se impusera de mansinho durante a manhã, sem maiores explicações, junto com a obscura sensação de que alguns moradores de Ordebec estavam em maus lençóis. Fechou o celular e dirigiu sua atenção para os dois tenentes.

— Fiquem em cima do velho que queimou — disse ele. — Com a fama do Momô nesse setor do quinto *arrondissement* é fácil, imitando seu método, que não é nada complexo, jogar para ele a culpa de um assassinato. O assassino só precisa de gasolina e de uma mecha curta. Pede para o homem esperar no carro, volta sorrateiramente e ateia fogo. Descubram quem era esse homem, se ele enxergava bem, se escutava bem. E descubram quem estava dirigindo o carro, e com quem o velho se sentia seguro. Não deve demorar muito.

— Mas mesmo assim a gente confere o álibi do Momô?

— Sim. Mas mandem os resíduos de gasolina, nível de octano etc. para serem analisados. O Momô usa combustível de mobilete misturado com muita água. Verifiquem a composição, está nos arquivos. Não procurem por mim hoje à tarde — ele acrescentou, levantando-se —, vou me ausentar até o final do dia.

Aonde vai?, inquiriu caladamente o olhar do magro Justin.

— Vou me encontrar na floresta com uns antigos cavaleiros. Não demoro. Avisem o pessoal. Cadê o Danglard?

— Na máquina do café — disse Justin, apontando o dedo para o piso superior. — Foi levar o gato até a tigela, era a vez dele.

— E o Veyrenc?

— Na outra ponta do prédio — disse Noël com um sorriso mau.

Adamsberg encontrou Veyrenc junto à mesa mais afastada da sala coletiva, encostado na parede.

— Estou em fase de impregnação — disse ele, mostrando uma pilha de dossiês. — Conferindo o que vocês andaram fazendo na minha ausência. Achei o gato mais gordo, e o Danglard também. Ele está melhor.

— Como não ia estar mais gordo? Passa o dia inteiro perto da Retancourt, refestelado na fotocopiadora.

— O gato, você quer dizer. Se ninguém o carregasse até a tigela, ele talvez se dispusesse a andar.

— A gente tentou, Louis. Ele parou de se alimentar, interrompemos a experiência ao fim de quatro dias. Ele anda muito bem. Assim que a Retancourt vai embora, ele sabe perfeitamente descer do pedestal e ir para a cadeira dela. Quanto ao Danglard, arranjou uma namorada no colóquio de Londres.

— Então é isso. Mas quando cruzei com ele, de manhã, ele se enrugou todo de contrariedade. Você perguntou a ele sobre o Exército?

— Perguntei. É coisa muito antiga.

— Muito — confirmou Veyrenc, sorrindo. — *Nas muito antigas dobras dormem histórias mortas,/ Não as desperte, não toque na porta/ que as mantém emparedadas.*

— Eu não toco em nada, estou indo passear no caminho de Bonneval.

— É um *grimweld*?

— É, o de Ordebec.

— Você comentou com o Danglard sobre essa viagenzinha?

Veyrenc, enquanto falava, batia no teclado do computador.

— Sim, e ele se enrugou de contrariedade. Adorou me contar sobre o Exército, mas não gostou de saber que eu vou atrás.

— Ele falou sobre os “apanhados”?

— Falou.

— Pois então saiba, se é isso que está buscando, que é muito raro os corpos dos apanhados serem largados num *grimweld.* Eles costumam ser encontrados em casa, simplesmente, ou numa área de duelo, num poço, ou perto de um local de culto desativado. Pois, você sabe, igrejas abandonadas atraem a presença do demônio. É só descuidar do local que o Mal vem logo se instalar. E quem é apanhado pelo Exército retorna para o demônio, e ponto final.

— Tem lógica.

— Veja — disse Veyrenc apontando para a tela. — É o mapa da floresta de Alance.

— Aqui — disse Adamsberg, acompanhando uma linha com o dedo — deve ser o caminho.

— E aqui fica a capela Santo Antônio de Alance. Ali, do lado sul, existe um calvário. Lugares que a gente pode visitar. Leve um crucifixo para se proteger.

— Tenho um seixo de rio no bolso.

— É mais que suficiente.

7

Fazia uns cinco graus a menos na Normandia e, assim que se viu na praça quase deserta da rodoviária, Adamsberg balançou a cabeça ao vento fresco, deixando-o percorrer sua nuca, atrás das orelhas, num movimento algo animalesco, parecido com o que faria um cavalo para espantar as moscas. Contornou Ordebec pelo norte e meia hora mais tarde pisava no caminho de Bonneval, indicado por uma velha placa de madeira pintada à mão. A trilha era estreita, ao contrário do que tinha imaginado, sem dúvida porque a ideia de centenas de homens armados passando impusera a imagem de uma ampla e impressionante alameda cavaleira, sob a abóbada cerrada de grandes faias. O caminho era, na realidade, bem mais modesto, constituindo-se de dois sulcos separados por uma elevação ervosa, ladeado por valas de drenagem repletas de espinheiros, brotos de olmos e nogueiras. Muitas amoras já estavam no ponto — bem adiantadas para a estação devido ao calor fora do normal —, e Adamsberg colheu algumas ao ingressar na trilha. Avançava devagar, percorrendo com o olhar os lados do caminho, comendo sem pressa as frutas que tinha na mão. Havia muitas moscas, que lhe esvoaçavam em volta do rosto para sugar seu suor.

Parava a cada três minutos para se reabastecer de amoras, arranhando sua velha camisa preta nos espinheiros. A meio caminho de sua exploração, estacou de repente, lembrando que não deixara nenhum recado para Zerk. Estava tão habituado a ser sozinho que avisar os outros quando se ausentava exigia um esforço. Discou o número.

— O Hellebaud já está se firmando nas patas — contou o rapaz. — Comeu o alpiste sozinho. Só que em seguida cagou em cima da mesa.

— É assim mesmo quando a vida retorna. Por enquanto, cubra a mesa com um plástico. Tem um no sótão. Eu só volto à noite, Zerk, estou no caminho de Bonneval.

— E você está vendo todos?

— Não, ainda está muito claro. Estou tentando encontrar o corpo do caçador. Não passou ninguém por aqui nas últimas três semanas, achei um monte de amoras, elas estão adiantadas. Se a Violette ligar, não conte onde estou, ela não ia gostar.

— Claro — disse Zerk, e Adamsberg refletiu que seu filho era mais perspicaz do que parecia. De grão em grão, ia juntando informações sobre ele.

— Troquei a lâmpada da cozinha — acrescentou Zerk. — A da escada também está queimada. Posso trocar?

— Pode, mas não ponha uma lâmpada muito forte. Eu não gosto quando se enxerga tudo.

— Se você cruzar com o Exército Furioso, me ligue.

— Acho que não vai dar, Zerk. Quando ele passa, deve embaralhar o sinal. Devido ao choque entre dois tempos distintos.

— Sem dúvida — concordou o rapaz antes de desligar.

Adamsberg ainda avançou uns oitocentos metros, conferindo os lados da trilha. Pois Herbier estava morto, disso ele tinha certeza, era seu único ponto de concordância com dona Valentine, aquela que sairia voando se alguém assoprasse nela. Foi quando Adamsberg se deu conta de que já se esquecera do nome das sementinhas do dente-de-leão.

Havia um vulto no caminho, e Adamsberg estreitou os olhos, andando mais devagar. Um vulto longo, sentado num tronco caído, tão idoso e encolhido que teve medo de assustá-lo.

— *Hello* — disse a idosa ao vê-lo aproximar-se.

— *Hello* — respondeu Adamsberg, surpreso.

"*Hello*" era uma das poucas palavras que ele sabia em inglês, além de "*yes*" e "*no*".

— O senhor custou para vir da rodoviária até aqui — disse ela.

— Parei para colher amoras — explicou Adamsberg, perguntando-se como podia uma voz tão firme vir daquela carcaça estreita. Estreita, mas intensa. — Sabe quem eu sou?

— Não exatamente. O Lionel viu o senhor saltar do trem de Paris e pegar o ônibus. O Bernard veio me contar e, no fim das contas, aí está o senhor. Nos tempos que correm, e com o que anda acontecendo, não pode ser senão um policial da cidade. O clima anda mim. Apesar de, veja bem, o Michel Herbier não ter sido lá uma grande perda.

A idosa fungou ruidosamente, passou as costas da mão debaixo do nariz imenso para aparar um pingo.

— E a senhora estava me esperando?

— Não, meu rapaz, estou esperando o meu cachorro. Ele se engraçou pela cadela do sítio dos Longes, que fica logo ali atrás. Se eu não o trago de vez em quando para ver essa cadela, ele perde as estribeiras. Renoux, o fazendeiro, está furioso, diz que não quer ver o pátio dele cheio de vira-latas. Mas fazer o quê?

Nada. E com essa minha gripe de verão, já faz dez dias que eu não trazia ele aqui.

— E a senhora não fica com medo, sozinha, neste caminho?

— Medo de quê?

— Do Exército Furioso — arriscou Adamsberg.

— Imagine — disse a mulher, balançando a cabeça. — Primeiro, ainda não escureceu, e depois, eu não vejo o Exército. Ver o Exército não é para qualquer um.

Adamsberg reparou numa amora enorme acima da cabeça da mulher alta, mas não se atrevia a incomodá-la. É curioso, pensou, como o impulso para a colheita ressurge instintivamente no homem assim que ele dá uns vinte passos pelo mato. Quem teria gostado era Mathias, seu amigo pré-historiador. Pois, pensando bem, o fascinante é a colheita. A amora em si não é uma fruta assim tão sensacional.

— Meu nome é Léone — disse a mulher, enxugando mais uma gota do nariz grande. — Mas me chamam de Léo.

— Jean-Baptiste Adamsberg, delegado da Brigada Criminal de Paris. Prazer em conhecê-la — acrescentou educadamente. — Vou seguir caminho.

— Se está procurando o Herbier, não é por aí que vai encontrá-lo. Ele está estatelado no seu sangue preto a poucos passos da capela Santo Antônio.

— Morto?

— Sim, faz tempo. Não que alguém vá chorar por ele, mas não está bonito de se ver. Quem fez isso não usou meias medidas, não dá nem para distinguir a cabeça.

— Foram os gendarmes que encontraram o corpo?

— Não, meu rapaz, fui eu. Costumo trazer um buquê para a capela, não gosto de deixar santo Antônio às traças. Santo Antônio protege os animais. O senhor tem algum animal?

— Tenho um pombo doente.

— Então veio a calhar, está vendo? Quando passar pela capela, envie um pensamento para ele. Ele também ajuda a encontrar objetos que a gente perde. Com a idade, ando perdendo coisas.

— A senhora não ficou chocada? Com o cadáver lá em cima?

— É diferente quando a gente já espera por isso. Eu sabia que ele tinha sido morto.

— Por causa do Exército?

— Por causa da minha idade, meu rapaz. Por aqui, nem passarinho põe um ovo sem eu saber, ou pressentir. Por exemplo, pode ter certeza de que uma

raposa, na noite passada, traçou uma galinha no sítio do Deveneux. E tem só três patas e um toco de rabo.

— O dono do sítio?

— A raposa. Eu vi a bosta dela. Mas, acredite, ela se vira muito bem. No ano passado, um chapim andou se engraçando por ela. Primeira vez que eu vi uma coisa assim. Ele morava nas costas dela e ela não o comeu. Mas veja bem, isso foi só com ele, com os outros não. Existem tantos detalhes no mundo, o senhor já reparou? E como cada detalhe nunca se repete do mesmo jeito, e sempre desencadeia outros detalhes, a coisa vai longe, muito longe. Se o Herbier estivesse vivo, acabaria matando a raposa e, com ela, o chapim. Ia render mais uma brigalhada nas eleições municipais. Só não sei se o chapim voltou este ano. Que azar.

— Os gendarmes já estão no local? A senhora avisou?

— Como é que eu podia avisar? Preciso esperar o meu cachorro. Pode ligar para eles, se estiver com pressa.

— Não acho boa ideia — disse Adamsberg, passado um momento. — Os gendarmes não gostam que o pessoal de Paris venha se meter nos assuntos deles.

— Então o que está fazendo aqui?

— É que uma mulher daqui foi me procurar, aí eu vim para dar uma olhada.

— A dona Valentine? É certo que ela está temerosa pelos filhos. Como também é certo que melhor seria ela ter ficado quieta. Mas ela está tão aflita com essa história que não conseguiu deixar de procurar ajuda.

Um cachorrão bege de orelhas longas e molengas surgiu latindo de repente, do meio das moitas, vindo descansar a cabeça nas pernas longas e magras de sua dona, olhos fechados, como que agradecendo.

— *Hello*, Folg — disse ela, enxugando o nariz enquanto o cachorro enxugava o focinho na sua saia cinzenta. — Veja como ele parece feliz.

Léo tirou um torrão de açúcar do bolso e o enfiou na boca do cão. Folg, louco de curiosidade, pôs-se em seguida a dar voltas em torno de Adamsberg.

— Tudo certo, Folg — disse Adamsberg, dando tapinhas em seu pescoço.

— O nome dele, na verdade, é Folgado. Ele é preguiçoso desde pequeninho. Há quem diga que, além de namoricar o tempo todo, não sabe fazer mais nada. Pois eu digo que é melhor isso do que ficar mordendo todo mundo.

A idosa se levantou, desdobrando o esqueleto curvado, e apoiando-se em duas bengalas.

— Se está indo para casa para ligar para eles — pediu Adamsberg —, importa-se que eu a acompanhe?

— Pelo contrário, gosto de companhia. Mas não ando ligeiro, vamos levar uma meia hora, cortando pelo mato. Antigamente, quando Ernest era vivo, eu

transformei o sítio em pousada. Oferecia hospedagem e café da manhã. Quer dizer que naquela época sempre havia gente em casa, e gente jovem. Havia alegria, pessoas entrando e saindo. Tive de parar há doze anos, e ficou tudo mais triste. De modo que não recuso quando encontro companhia. Falar com ninguém não presta.

— Dizem que os normandos não gostam muito de falar — arriscou Adamsberg, seguindo os passos da mulher, que exalava um leve cheiro de lenha queimada.

— Não é que eles não gostam de falar, eles não gostam é de responder. É diferente.

— Como a gente faz, então, para fazer uma pergunta?

— A gente se vira. Me acompanha até a pousada? O cachorro agora está com fome.

— Acompanho. A que horas passa o trem do fim da tarde?

— O trem do fim da tarde, meu rapaz, passou faz uns bons quinze minutos. Tem o trem de Lisieux, mas o último ônibus sai daqui a dez minutos, é certo que não conseguirá pegá-lo.

Adamsberg não planejara passar a noite na Normandia, não trouxera nada consigo afora algum dinheiro, carteira de identidade e as chaves. O Exército Furioso o estava prendendo ali. Nem um pouco preocupada, a idosa se esgueirava com vivacidade em meio às árvores, apoiando-se nas bengalas. Parecia um gafanhoto avançando aos saltos por sobre as raízes.

— Existe algum hotel em Ordebec?

— Aquilo não é um hotel, é uma coelheira — afirmou a idosa com sua voz forte. — Mas está em obras. Imagino que o senhor tenha conhecidos com quem possa ficar.

Adamsberg lembrou essa renitência normanda em formular perguntas diretas, que já lhe criara dificuldades na aldeia de Haroncourt.[6] Tal como Léone, o pessoal de Haroncourt contornava o obstáculo afirmando um fato, qualquer fato, de modo a suscitar uma resposta.

— O senhor conta dormir em algum lugar, imagino — declarou Léo uma vez mais. — Vamos, Folg. Ele sempre tem que mijar em tudo que é árvore.

— Tenho um vizinho que é igual — disse Adamsberg, pensando em Lucio. — Não, não conheço ninguém por aqui.

— Pode dormir em algum palheiro, é claro. Estamos tendo uma onda de calor fora do normal, mas mesmo assim de manhã fica tudo molhado. O senhor é de outra região, imagino.

— Sou do Béarn.

— Deve ser no Leste?

— No Sudoeste, perto da Espanha.

— E suponho que já esteve aqui antes.

— Eu tenho uns amigos no café de Haroncourt.

— Haroncourt, no Eure? No café que fica perto do mercado?

— Isso. Eu tenho uns amigos lá. O Robert, principalmente.

Léo estacou de súbito, e Folg aproveitou para escolher mais uma árvore. Ela então recomeçou a andar, resmungando por cerca de cinquenta metros.

— O Robert é meu sobrinho — disse afinal, ainda abalada pela surpresa. — Um bom sobrinho.

— Ele me deu duas galhadas de cervo. Ainda estão lá na minha sala.

— Bem, se ele fez isso é porque tinha estima pelo senhor. Galhada de cervo não é coisa que se dê a um forasteiro qualquer.

— Assim espero.

— Estamos mesmo falando de Robert Binet?

— Sim.

Adamsberg ainda percorreu uma centena de metros atrás da velha senhora. Já dava para vislumbrar o traçado de uma estrada em meio aos troncos.

— Se o senhor é amigo do Robert é diferente. Pode ficar na Chez Léo, se não for muito fora do que pretendia. Chez Léo é minha casa. Era o nome da minha pousada.

Adamsberg ouviu o evidente apelo da velha senhora entediada, sem saber o que decidir. No entanto, como tinha dito a Veyrenc, as decisões já estão tomadas muito antes que a gente as formule. Ele não tinha onde se abrigar, e tinha muita simpatia pela rústica senhora. Mesmo sentindo mais ou menos que caíra numa armadilha, como se Léo tivesse planejado tudo.

Cinco minutos mais tarde, avistaram Chez Léo, uma antiga casa térrea e comprida que, sabe-se lá como, se sustinha sobre as próprias vigas havia pelo menos dois séculos. E, em seu interior, nada parecia ter mudado havia décadas.

— Sente-se nesse banco — disse Léo —, vamos ligar para o Émeri. Ele não é mau sujeito, pelo contrário. É meio posudo às vezes, porque um antepassado dele foi marechal na época de Napoleão. Mas, no geral, o pessoal gosta dele. Só é um pouco deformado pela profissão. Isso de desconfiar de todo mundo, de estar sempre punindo, não melhora nada. Imagino que também aconteça com o senhor.

— Sem dúvida.

Léo arrastou um banquinho para perto do enorme telefone.

— Enfim — suspirou ela, enquanto discava o número —, a polícia é um mal necessário. Durante a guerra, era apenas um mal. Muitos devem ter partido com o Exército Furioso. Está esfriando, vamos acender a lareira. O senhor sabe fazer

fogo, imagino. A lenha vai estar à sua esquerda, quando sair. *Hello,* Louis, é a Léo.

Quando Adamsberg retornou com uma braçada de lenha, Léo conversava na maior animação. Émeri estava obviamente em desvantagem. Com mão decidida, Léo ofereceu a extensão do telefone ao delegado.

— Ora, porque eu sempre levo flores para santo Antônio, você sabe disso. Escute, Louis, você não vai ficar me perturbando só porque encontrei o cadáver, vai? Se você tivesse se mexido, teria encontrado sozinho e me poupado de muita confusão.

— Não se exalte, Léo, eu acredito em você.

— A mobilete também está lá, travada no meio das nogueiras. Para mim, marcaram um encontro com ele ali, e ele escondeu a máquina para ninguém roubar.

— Estou indo até o local, Léo, depois passo na sua casa. Às oito horas você ainda não foi deitar?

— Às oito horas eu termino de jantar. E não gosto que me incomodem quando estou comendo.

— Oito e meia.

— Não fica bom para mim, estou com visita, um primo de Haroncourt. Não é educado ele ter que ver policiais na noite de sua chegada. E eu estou cansada. Andar pelo mato já não é coisa da minha idade.

— Por isso mesmo é que me pergunto por que você andou até a capela.

— Já disse. Para levar flores.

— Você sempre diz só uma quarta parte daquilo que sabe.

— O resto não ia te interessar. Melhor você ir logo, antes que os bichos comam o cadáver. E se quiser falar comigo, vai ter que ser amanhã.

Adamsberg largou a extensão e tratou de acender o fogo.

— O Louis Nicolas não pode fazer nada contra mim — explicou Léone —, eu salvei a vida dele quando ele era moleque. O tonto desse menino foi dar um mergulho no açude Jeanlin, tirei ele de lá pelos fundilhos. Comigo ele não pode dar uma de marechal fanfarrão do Império.

— Ele é da região?

— Ele nasceu aqui.

— Então como é que foi designado para cá? Policiais nunca são designados para suas regiões de origem.

— Eu sei, meu rapaz. Mas ele tinha onze anos quando foi embora de Ordebec, e os pais dele não tinham parentes por aqui. Ele esteve muito tempo perto de Toulon, depois para os lados de Lyon, e aí recebeu a autorização. Ele

não conhece realmente as pessoas daqui. E é um protegido do conde, aí fica fácil.

— O conde daqui.

— Rémy, o conde de Ordebec. O senhor toma sopa, imagino.

— Obrigado — disse Adamsberg, alcançando o prato.

— É de cenoura. Depois tem um refogado com nata.

— Diz o Émeri que a Lina é louca de pedra.

— Que nada — disse Léone, enfiando uma enorme colherada na boca pequena. — É uma garota esperta e valente que só vendo. Além disso, não estava errada. O Herbier está mesmo morto. De modo que, sem dúvida alguma, o Louis Nicolas vai cair em cima dela.

Adamsberg limpou o prato de sopa com pão, como fazia Léo, e foi buscar o refogado. Vitelo com vagem, com aroma de lenha queimada.

— E como nem ela nem os irmãos são muito benquistos — prosseguiu Léone, servindo a carne com certa brutalidade —, vai ser um estrago e tanto. Não pense o senhor que eles não são bonzinhos, mas as pessoas sempre têm medo daquilo que não entendem. Ou seja, com esse dom que ela tem, e os irmãos que não são bem ajustados, a fama deles não é das melhores.

— Por causa do Exército Furioso.

— Entre outras coisas. Dizem que eles têm o diabo dentro de casa. Aqui, como em todo lugar, há muita cabeça oca se enchendo mais que depressa com qualquer coisa, e quanto pior, melhor. Todo mundo sempre prefere o pior. Por causa do tédio, que é tão grande.

Léone aprovou sua própria declaração com um movimento do queixo e ingeriu uma garfada grande de carne.

— Imagino que a senhora tenha uma opinião sobre o Exército Furioso — disse Adamsberg, recorrendo ao método de Léone para questioná-la.

— Depende da visão que se tem dele. Em Ordebec, há quem acredite que o Senhor Hellequim está a serviço do demônio. Eu não acredito muito nisso, mas se certas pessoas, como santo Antônio, sobrevivem por serem santas, por que outras não sobreviveriam por serem más? Porque na Estantiga só tem gente ruim. O senhor sabe disso?

— Sim.

— Por isso é que eles são apanhados. Mas há quem ache que a coitada da Lina tem visões, que é doente da cabeça. Ela já consultou uns médicos, mas não descobriram nada. Outros dizem que o irmão dela põe boleto satã[7] na omelete de champignon e que o boleto lhe causa alucinações. Imagino que o senhor conheça o boleto satã. O de pé vermelho.

— Conheço.

— Ah — fez Léone, meio decepcionada.

— Na verdade, ele causa apenas uma forte dor de barriga.

Léone levou os pratos até a pequena cozinha escura e lavou a louça em silêncio, concentrada na tarefa. Adamsberg secava à medida que ela lavava.

— Por mim, tanto faz — retomou Léone, ao enxugar suas mãos grandes. — O certo é que Lina vê o Exército. Se o Exército é falso ou verdadeiro, não sou eu quem vai julgar. Mas agora que o Herbier morreu, ela vai sofrer ameaças. E, no fundo, foi por isso que o senhor veio.

A velha senhora pegou as bengalas e voltou para o seu lugar à mesa. Tirou da gaveta uma caixa de charutos de bom tamanho. Passou um sob o nariz, lambeu a ponta e o acendeu cuidadosamente, enquanto empurrava a caixa aberta na direção de Adamsberg.

— É um amigo que me manda, ele consegue em Cuba. Passei dois anos em Cuba, quatro na Escócia, três na Argentina e cinco em Madagascar. Eu e o Ernest abrimos restaurantes em vários lugares, viajamos bastante. Culinária à base de nata. O senhor faria a gentileza de pegar o *calvados* no armário, embaixo, e nos servir dois copinhos? Imagino que aceite beber comigo.

Adamsberg obedeceu, estava começando a sentir-se muito à vontade naquela sala pequena e mal iluminada, com o charuto, o copo, o fogo na lareira, a velha e alta Léo, enrugada feito um trapo rijo, e o cachorro roncando no chão.

— E por que é que eu vim, Léo? Posso chamá-la de Léo?

— Para proteger a Lina e os irmãos dela. Eu não tenho filhos, e ela é como se fosse um pouco minha filha. Se houver mais mortos, quero dizer, se aqueles que ela viu com o Exército morrerem também, a coisa vai ficar preta. Essa história já aconteceu em Ordebec pouco antes da Revolução. O sujeito se chamava François-Benjamin e tinha visto quatro homens maus apanhados pela Estantiga. Mas só conseguiu dizer três dos quatro nomes. Que nem a Lina. E dois desses homens morreram onze dias depois. As pessoas ficaram tão apavoradas — por causa do quarto homem sem nome — que acharam que podiam parar com as mortes da Estantiga destruindo quem a tinha visto. François-Benjamin foi morto a foiçadas e depois queimado em praça pública.

— E o terceiro homem, não morreu?

— Morreu. E o quarto morreu em seguida, na ordem que ele havia indicado. De modo que não adiantou nada ceifar o François-Benjamin.

Léo tomou um gole de *calvados,* gargarejou, deglutiu ruidosa e alegremente, e então deu uma longa aspirada no charuto.

— Não quero que aconteça o mesmo com a Lina. Os tempos supostamente evoluíram. Isso quer dizer apenas que nos tornamos mais discretos. Quer dizer que não vão usar foices e fogueira, mas vão fazer de outro jeito. Todos que, aqui,

têm um malfeito na consciência já estão apavorados, pode ter certeza. Apavorados de pensar que vão ser apanhados, e que os outros vão ficar sabendo.

— Um malfeito grave? Um assassinato?

— Não necessariamente. Uma espoliação, uma calúnia ou justiça malfeita. Ficariam mais tranquilos acabando com a Lina e sua tagarelice. Porque isso cortaria o vínculo com o Exército, percebe? É o que dizem. Como nos velhos tempos. A gente não evoluiu, delegado.

— Depois deste François-Benjamin, a Lina foi a primeira a ver o Exército Furioso?

— Claro que não, delegado — disse ela com sua voz rouca, em meio a uma nuvem de fumaça, como que repreendendo um aluno frustrante. — Estamos em Ordebec. Há aqui, pelo menos, um passador por geração. O passador é quem vê o Exército, é quem faz a ligação entre ele e os vivos. Antes de a Lina nascer, era o Gilbert. Dizem que ele pôs a mão na cabeça dessa menina sobre a pia batismal, e foi assim que passou o destino para ela. E quando se tem o destino, não adianta fugir, pois o Exército sempre traz a gente de volta para o grinvelde. Ou *grimweld*, como dizem lá no Leste.

— Mas ninguém matou o Gilbert, matou?

— Não — disse Léo, soprando uma nuvem redonda e graúda. — A diferença é que, dessa vez, a Lina fez o mesmo que o François-Benjamin: ela viu quatro homens, mas só conseguiu dar nome a três deles: Herbier, Glayeux e Mortembot. O quarto nome ela não diz. Assim que, se o Glayeux e o Mortembot também falecerem, o medo vai obviamente tomar conta da cidade. Sem saber quem é o próximo, ninguém vai se sentir seguro. O simples anúncio dos nomes de Glayeux e Mortembot já causou o maior rebuliço.

— Por quê?

— Por causa dos boatos que correm sobre eles já faz muito tempo. Eles são maus.

— Qual é a profissão deles?

— O Glayeux fabrica vitrais para todas as igrejas da região, é muito habilidoso, mas nada simpático. Ele se acha melhor que os caipiras e faz questão de deixar bem claro. Isso que ele é filho de um ferrageiro de Charmeuil-Othon. E que se não fossem esses caipiras que vão à missa não haveria pedidos de vitrais. O Mortembot é viveirista na estrada de Livarot. É um taciturno. É claro que, depois que começaram esses boatos, tem sido difícil para eles. A clientela do viveiro diminuiu, as pessoas passaram a evitá-los. Quando descobrirem que o Herbier está morto, vai ser muito pior. Por isso é que eu digo que teria sido melhor a Lina calar a boca. Mas esse é um problema com os passadores. Eles se

sentem obrigados a falar, para dar uma chance aos apanhados. Imagino que o senhor entenda o que são “apanhados”.

— Sim.

— Os passadores falam para ver se os apanhados conseguem se redimir. De modo que a Lina corre perigo e o senhor devia protegê-la.

— Não há nada que eu possa fazer, Léo, a investigação cabe ao Émeri.

— Mas o Émeri não está preocupado com a Lina. Ele fica irritado e enojado com essa história de Exército Furioso. Ele acha que a gente mudou, que as pessoas agora são razoáveis.

— Eles vão primeiro procurar o assassino do Herbier. E os outros dois ainda estão vivos. De modo que a Lina, por enquanto, não corre perigo.

— Pode ser — disse Léo, assoprando o restinho do charuto.

Era preciso sair para se dirigir ao quarto, já que cada cômodo dava diretamente para fora por uma porta muito rangente, que o fez lembrar da porta de Julien Tuilot, a porta que o livraria da acusação se ele tivesse se atrevido a transpô-la. Léo lhe mostrou seu quarto com a bengala.

— Você dá uma erguida na porta para ela não gritar demais. Boa noite.

— Eu não sei seu sobrenome, Léo.

— Policiais sempre querem saber isso. E o seu, qual é? — acrescentou Léo, cuspindo uns farelos de fumo grudados na sua língua.

— Jean-Baptiste Adamsberg.

— Não leve a mal, mas há no seu quarto uma coleção de livros de pornografia do século XIX. Me foi legada por um amigo, a família dele não aceitava. Pode olhar, é claro, mas tome cuidado ao virar as páginas, são livros antigos e o papel não é muito bom.

8

Pela manhã, Adamsberg vestiu a calça e saiu devagarinho, descalço na grama úmida. Eram seis e meia e o orvalho ainda não tinha evaporado. Dormira maravilhosamente bem sobre um velho colchão de lã com uma concavidade no meio, na qual ele afundara feito passarinho no ninho. Andou vários minutos na grama antes de encontrar o que procurava: um pedaço de galho que pudesse servir de escova de dentes. Estava aparando a ponta do pauzinho quando Léo apareceu na janela.

— *Hello,* o capitão Émeri ligou, quer falar com o senhor. Não parecia muito satisfeito. Venha, o café está quente. Faz mal ficar aí fora de pé no chão.

— Como ele soube que eu estava aqui? — perguntou ele ao entrar.

— Pelo visto, não engoliu a história do meu sobrinho. Parece que fez a relação com o parisiense que chegou ontem de ônibus. Disse que não gostava de estar com um tira em cima dele, e de eu estar escondendo esse tira. Até parece que estamos de complô, como nos tempos da guerra. Sabe que ele pode criar problemas para o senhor.

— Eu vou dizer a verdade. Só vim ver que jeito tem um *grimweld* — disse Adamsberg, cortando uma larga fatia de pão.

— Exato. E não havia nenhum hotel.

— Isso mesmo.

— Agora que foi intimado na delegacia, não vai dar tempo de pegar o trem das 8h50 em Lisieux. Pegue o trem seguinte, o das 14h35, em Cérenay. Atenção, calcule pelo menos meia hora de ônibus. Saindo daqui, pegue à direita, e à direita de novo, depois ande uns oitocentos metros até o centro. A gendarmaria fica logo atrás da praça. Pode deixar a xícara, eu tiro a mesa depois.

Adamsberg percorreu cerca de um quilômetro pelo campo e se apresentou na recepção da gendarmaria, curiosamente pintada de amarelo forte igual casa de veraneio.

— Delegado Jean-Baptiste Adamsberg — anunciou ele a um gordo brigadeiro. — O capitão está me esperando.

— Perfeitamente — respondeu o homem, lançando-lhe um olhar meio receoso, o olhar de um homem que não gostaria de estar no seu lugar. — É a sala

no fim do corredor. A porta está aberta.

Adamsberg se deteve uns segundos à entrada da sala e observou o capitão Émeri andando para lá e para cá, nervoso, tenso, mas muito elegante num uniforme ajustado. Um homem bonito, quarentão, feições regulares, cabeleira abundante e ainda loira, vestindo sem barriga uma camisa militar com dragonas.

— O que é isso? — perguntou Émeri, virando-se para Adamsberg. — Quem o deixou entrar?

— O senhor, capitão, me intimou esta manhã, na primeira hora.

— Adamsberg? — disse Émeri, estudando rapidamente a aparência do delegado que, além de estar com a roupa amarrotada, não tivera como se pentear e barbear.

— Desculpe a barba — disse Adamsberg ao apertar-lhe a mão —, eu não tinha planejado passar a noite em Ordebec.

— Sente-se, delegado — disse Émeri, com os olhos ainda fitos em Adamsberg.

Não conseguia juntar aquele nome famoso, para o bem ou para o mal, com um homem tão baixo e de aspecto tão banal que, desde o rosto moreno até as roupas pretas, parecia deslocado, inclassificável ou, no mínimo, inadaptado. Buscou seu olhar sem encontrá-lo de fato e se deteve no sorriso, tão agradável quanto distante. O discurso ofensivo que havia preparado se perdeu em parte em sua perplexidade, quebrando-se, não no obstáculo de um muro, mas numa total falta de obstáculos. E ele não via como agredir, ou simplesmente agarrar, uma falta de obstáculos. Foi Adamsberg quem iniciou a conversa.

— A Léone me comunicou sua insatisfação, capitão — disse ele, escolhendo as palavras. — Mas trata-se de um mal-entendido. Fazia trinta e seis graus ontem em Paris, e eu acabava de prender um homem que matou a mulher com miolo de pão.

— Miolo de pão?

— Ele enfiou dois punhados grandes de miolo amassado na sua boca. De modo que a ideia de caminhar à sombra de um *grimweld* me pareceu tentadora. Imagino que me entenda.

— Talvez.

— Colhi e comi muitas amoras — e Adamsberg percebeu que os pretos vestígios das frutas ainda estavam nas palmas de suas mãos. — Não contava cruzar com Léone, que estava ali esperando seu cachorro na trilha. Ela também não contava descobrir o corpo de Herbier na capela. E, em respeito à sua prerrogativa, não fui até a cena do crime. Não havia mais trem àquela hora, ela me ofereceu hospedagem. Eu não esperava fumar um havana legítimo

acompanhado de um *calvados* de boa safra na frente da lareira, mas foi o que a gente fez. Uma boa mulher, como ela mesma diria, e muito mais que isso.

— Sabe por que essa boa mulher fuma charutos cubanos legítimos? — perguntou Émeri, dando um primeiro sorriso. — Sabe quem ela é?

— Ela não disse seu sobrenome.

— Não me surpreende. Léo é Léone Marie de Valleray, condessa de Ordebec. Um café, delegado?

— Aceito.

Léo, condessa de Ordebec. Morando num antigo sítio em mau estado, tendo tirado sua subsistência administrando uma pousada. Léo tomando sua sopa em grandes colheradas, cuspindo farelos de fumo. O capitão Émeri voltou com duas xícaras, agora sorrindo abertamente, revelando a "boa índole", discreta e acolhedora, que Léo mencionara.

— Surpreso?

— Um bocado. A Léo é pobre. Ela me disse que o conde de Ordebec possuía uma fortuna.

— Ela foi a primeira mulher do conde, mas isso foi há sessenta anos. Um amor febril entre dois jovens. Causou um tremendo escândalo na família do conde, e tal foi a pressão que o divórcio foi declarado dois anos depois. Dizem que eles ainda continuaram se vendo durante muito tempo. Depois, amadurecendo, cada qual seguiu seu rumo. Mas vamos deixar a Léo para lá — disse Émeri, parando de sorrir. — Quando chegou ontem à trilha, o senhor não sabia de nada? Quero dizer: quando me ligou de Paris naquela manhã, não sabia que o Herbier estava morto, perto da capela?

— Não.

— Que seja. É comum o senhor deixar a Brigada e ir passear na floresta sob um pretexto qualquer?

— Muito comum.

Émeri tomou um gole de café e ergueu a cabeça.

— É mesmo?

— É. E de manhã ainda havia tido aquele miolo de pão.

— E o que os seus homens acham disso?

— Entre os meus homens, capitão, há um hipersônico que cai no sono sem aviso prévio, um zoólogo especializado em peixes, principalmente de rio, uma bulímica que some para cuidar de suas provisões, uma velha garça versada em contos e lendas, um monstro de sabedoria fixado em vinho branco, e o que se possa imaginar. Eles não podem se dar o luxo de ser protocolares.

— E essa gente trabalha?

— Muito.

— O que disse Léo quando se encontraram?

— Ela me cumprimentou, já sabia que eu era policial e vinha de Paris.

— Não me surpreende, ela tem muito mais faro que o cachorro dela. Aliás, ela ficaria chocada ao ver que chamo isso de faro. Ela tem uma teoria sobre o efeito cumulativo dos detalhes se somando uns com os outros. A questão da borboleta que bate uma asa em Nova York e da subsequente explosão em Bangkok. Não sei mais de onde vem essa história.

Adamsberg balançou a cabeça, também não sabia.

— Léo insiste na asa da borboleta — retomou Émeri. — Diz que o essencial é perceber o momento em que a asa se mexe. E não quando tudo explode em seguida. E há que reconhecer que nisso ela é boa. Lina viu passar o Exército Furioso. É a asa da borboleta. O chefe dela comenta. Léo fica sabendo, a mãe se assusta, o vigário indica o senhor para ela — estou enganado? —, ela pega o trem, o senhor se interessa pela história, faz trinta e seis graus em Paris, uma mulher é sufocada com miolo de pão, a sombra do *grimweld* o atrai, Léo espreita o senhor no caminho, e cá estamos.

— Não chega a ser uma explosão.

— Mas a morte de Herbier sim. A explosão do sonho de Lina no plano da realidade. Como se o sonho tivesse feito o lobo sair da floresta.

— O senhor Hellequim designou suas vítimas, e alguém se julga autorizado a matá-las. É nisso que está pensando? Que a visão de Lina fez surgir um assassino?

— Não é uma simples visão, é uma lenda que há mil anos tem impregnado Ordebec. Pode apostar como, secretamente, cerca de oitenta por cento dos habitantes teme a passagem dos cavaleiros mortos. Ficariam apavorados se seu nome fosse pronunciado por Hellequim. Mas ninguém diz. Posso lhe garantir que estão todos evitando ir ao *grimweld* à noite, com exceção de uns adolescentes que vão lá bancar os corajosos. Aqui, passar a noite no caminho de Bonneval é uma espécie de rito de iniciação para provar que já se é um homem. Um trote medieval, de certa forma. Mas daí a alguém estar tão convencido a ponto de virar executor dos feitos de Hellequim, isso não. Mas admito uma coisa. O pavor do Exército está na base da morte de Herbier. Eu disse “morte”, e não “assassinato”.

— Léo mencionou um tiro de espingarda.

Émeri meneou a cabeça. Agora que suas intenções belicosas estavam quase esvanecidas, sua postura e seu semblante tinham deixado de lado o formalismo. A mudança era impressionante, e Adamsberg lembrou-se do dente-de-leão. À

noite, fechado, um ramo amarelado estreito e dissuasivo, e durante o dia opulento, atraente quando aberto. Mas, ao contrário de dona Valentine, o robusto capitão não tinha nada de uma florzinha frágil. Tentou lembrar o nome da semente paraquedas e perdeu as primeiras palavras da resposta de Émeri.

— ... é mesmo a espingarda dele, uma Darne de cano serrado. Esse bruto gostava de dar tiros dispersos, para atingir de uma vez só a mãe e os filhotes. Pelo impacto, muito próximo, nada impede que tenha segurado a arma à sua frente, com o cano apontado para a testa, e atirado.

— Por quê?

— Pelos motivos de que já falamos. A aparição do Exército Furioso. Dá para imaginar a sequência. Herbier fica sabendo da profecia. Tem uma alma corrompida, e sabe disso. Fica com medo, seu mundo vira do avesso. Esvazia ele próprio seus freezers, como que renegando todos os seus atos de caçador, e se mata. Pois dizem que aquele que pune a si próprio não cai no inferno do Exército Furioso.

— Por que diz que ele pôs o cano da arma próximo à testa? O cano não encostou nele?

— Não. A distância do tiro é de no mínimo dez centímetros.

— O mais lógico seria ele ter encostado o cano na testa.

— Não necessariamente. Depende do que ele queria ver antes de morrer. Talvez a boca da espingarda apontando para ele. Por enquanto, só temos as digitais dele na coronha.

— Também podemos supor que alguém aproveitou a profecia de Lina para se livrar do Herbier fazendo acreditar que foi suicídio.

— Mas não dá para imaginar esse alguém chegar ao ponto de esvaziar os freezers. Temos, por aqui, mais caçadores que amigos dos animais. Mesmo porque os javalis causam um estrago danado. Não, Adamsberg, esse gesto é uma negação de seus crimes, uma expiação.

— E a mobilete? Por que ele a teria escondido no meio das nogueiras?

— Ele não escondeu. Ela só foi deixada ali, como num abrigo. Mero reflexo, imagino.

— E por que ele teria se matado na capela?

— Justamente. Segundo a lenda, muitos apanhados são encontrados próximos a locais de culto abandonados. Sabe o que é um “apanhado”?

— Sei — repetiu Adamsberg.

— Ou seja, perto dos lugares endemoniados, ou seja, nos locais de Hellequim. O Herbier se mata ali, se antecipa ao seu destino e escapa do castigo pelo arrependimento.

Adamsberg já estava havia tempo demais sentado naquela cadeira, e a impaciência formigava em suas pernas.

— Posso andar pela sala? Não sei ficar muito tempo sentado.

Uma expressão de franca simpatia terminou de relaxar a fisionomia do capitão.

— Nem eu — disse ele, com a intensa satisfação de quem descobre seu próprio tormento em outra pessoa. — Acaba me dando um nó na barriga, criando bolas de eletricidade nervosa. Um monte de bolinhas perambulando no estômago. Dizem que meu antepassado, o marechal do Império, era nervoso. Tenho de andar de uma a duas horas por dia para descarregar essa pilha. O que acha de a gente conversar andando pelas ruas? São bonitas, vai ver.

O capitão conduziu o colega em meio a passagens estreitas, entre antigas paredes de barro e casas baixas de vigas gastas, granjas abandonadas e macieiras inclinadas.

— Não é essa a opinião de Léo — dizia Adamsberg. — Ela não tem dúvida de que Herbier foi assassinado.

— Ela dá alguma explicação?

Adamsberg deu de ombros.

— Não. Ela aparentemente sabe porque sabe, só isso.

— Esse é o problema com ela. É tão esperta que, com o passar dos anos, acaba achando que tem sempre razão. É verdade que, se ela fosse decapitada, Ordebec perderia boa parte de seu cérebro. Mas quanto mais velha ela fica, menos explicações ela dá. Gosta da fama que tem, e alimenta esta fama. Ela não deu mesmo nenhum detalhe?

— Não. Disse que a morte de Herbier não constituía nenhuma perda. Que não ficou chocada quando o encontrou porque já sabia que ele estava morto. Falou mais sobre a raposa e o chapim do que sobre o que viu na capela.

— O chapim de pescoço vermelho que escolheu a raposa de três patas?

— Isso mesmo. Ela também falou no cachorro, na fêmea do sítio vizinho, em santo Antônio, em Lina e sua família, em quando ela tirou o senhor de dentro do açude.

— É verdade — disse Émeri sorrindo. — Eu devo minha vida a ela, e é essa a primeira lembrança que tenho. Ela é chamada de minha “mãe d’água”, porque me fez renascer, como uma Vênus, do açude Jeanlin. Meus pais, a partir desse dia, passaram a idolatrar a Léo, e eu tinha ordens para não tocar num fio de cabelo dela. Foi em pleno inverno, e a Léo saiu do açude comigo, congelada até os ossos. Contam que levou três dias para se reaquecer. Em seguida teve uma pleurisia, acharam que ela não resistiria.

— Ela não falou no frio. E não disse que tinha se casado com o conde.

— Ela nunca se gaba, contenta-se em impor discretamente suas convicções, o que já é muito. Ninguém por aqui se atreveria a abater sua raposa de três patas. A não ser o Herbier. A raposa perdeu a pata e a cauda numa de suas malditas armadilhas. Mas ele não teve tempo de terminar de matá-la.

— Porque a Léo o matou antes que ele matasse a raposa.

— Ela seria bem capaz disso — disse Émeri jovialmente.

— O senhor pretende mandar vigiar o próximo apanhado? O vidraceiro?

— Não é vidraceiro, é criador de vitrais.

— Sim, diz a Léo que ele é muito talentoso.

— O Glayeux é um cara sacana que não tem medo de ninguém. Não é do tipo que vai se preocupar com o Exército Furioso. Se der o azar de ele entrar em pânico, fazer o quê? Não há como impedir um sujeito que decidiu se matar.

— E se estiver enganado, capitão? E se o Herbier tiver sido assassinado? Nesse caso, podem matar o Glayeux. É isso que eu quero dizer.

— Está sendo insistente, Adamsberg.

— O senhor também, capitão. Porque não lhe resta outra saída. O suicídio seria dos males o menor.

Émeri diminuiu o passo, por fim se deteve e pegou seus cigarros.

— Explique melhor, delegado.

— Faz mais de uma semana que o desaparecimento de Herbier foi sinalizado. Tirando uma verificação domiciliar, o senhor não fez nada.

— É a lei, Adamsberg. Se o Herbier queria ir embora sem avisar ninguém, eu não tinha o direito de importuná-lo.

— Mesmo depois da passagem do Exército Furioso?

— Loucuras desse tipo não cabem numa investigação da gendarmaria.

— Cabem, sim. O senhor mesmo admite que o Exército está na origem disso tudo. Quer o Herbier tenha sido morto, quer tenha se matado. Ele foi apontado pela Lina, o senhor sabia, e não fez nada. E quando o corpo foi encontrado, já era tarde demais para colher indícios.

— O senhor acha que vão cair em cima de mim, é isso?

— É.

Émeri deu uma tragada, soprou a fumaça como que suspirando, e então se recostou no muro antigo que ladeava a rua.

— Certo — admitiu. — Vão cair em cima de mim. Ou talvez não. Não posso ser responsabilizado por um suicídio.

— Por isso faz tanta questão de que seja suicídio. A culpa fica menor. Mas se foi assassinato, está enrascado até o pescoço.

— Não há nada que o prove.

— Por que não fez nada para procurar o Herbier?

— Por causa dos Vendermot. Por causa da Lina e dos doidos dos irmãos dela. A gente não se dá bem, eu não quis fazer o jogo deles. Eu represento a ordem, e eles, o desatino. Não pode dar certo. Tive de prender o Martin várias vezes, por caça clandestina noturna. Hippolyte, o mais velho, também. Ele apontou a arma para um grupo de caçadores, obrigou-os a tirar a roupa, recolheu as espingardas e jogou tudo dentro do rio. Não tinha dinheiro para pagar a multa, pegou vinte dias de xadrez. Eles iam adorar se eu me desse mal. Foi por isso que não me mexi. Nem pensar em cair nessa armadilha.

— Que armadilha?

— É muito simples. Lina Vendermot afirma ter tido uma visão, e em seguida o Herbier desaparece. Os dois estão de conluio. Eu começo a procurar o Herbier, e imediatamente eles dão queixa por abuso de autoridade e atentado à liberdade. A Lina estuda direito, conhece a lei. Vamos supor que eu insista e continue procurando o Herbier. A queixa vai até a direção. Um belo dia, Herbier reaparece em plena forma, junta sua voz à dos demais e abre uma queixa contra mim. Eu amargo uma advertência, ou transferência.

— Nesse caso, por que a Lina teria dado o nome de dois outros reféns do Exército?

— Para fins de credibilidade. Ela é esperta como uma raposa, embora assuma um ar inofensivo de gorda comadre. Ela sabe que o Exército sempre apanha vários viventes de cada vez. Indicar vários apanhados era fazer cortina de fumaça. Foi o que eu pensei. Tinha certeza disso.

— Mas não era isso.

— Não.

Émeri esfregou o cigarro no muro e enfiou a guimba entre duas pedras.

— Vai dar tudo certo — disse. — Ele se matou.

— Não acho.

— Qual é a sua, poxa? — disse Émeri alçando a voz. — Não sabe nada dessa história, chega lá da sua capital sem aviso prévio e já sai dando ordens.

— Não é minha capital. Eu sou bearnês.

— E eu com isso?

— E não dei nenhuma ordem.

— Vou te dizer como vai ser, Adamsberg. Você vai pegar seu trem, eu vou encerrar o caso suicida, e daqui três dias ninguém mais vai se lembrar disso tudo. A não ser, é claro, que você queira me ferrar com essa sua suspeita de assassinato. A qual é baseada em vento.

Vento passando em sua cabeça numa corrente contínua de ar entre as orelhas, era o que sua mãe sempre dizia. E, no vento, nenhuma ideia cria raiz, nem para

no lugar um instante sequer. No vento ou na água, tanto faz, tudo ondula e se curva. Adamsberg sabia disso e desconfiava de si mesmo.

— Eu não quero te ferrar, Émeri. Só acho que, se eu fosse você, punha o outro cara sob proteção policial. O vidraceiro.

— Criador de vitrais.

— Isso. Ponha-o sob proteção.

— Se eu fizer isso, Adamsberg, vou me queimar. Você não entende? Vai parecer que não acredito no suicídio do Herbier. E eu acredito. Quer saber minha opinião? A Lina tinha todos os motivos para induzir esse cara ao suicídio, pode até ter induzido de propósito. Sobre isso, sim, eu poderia abrir uma investigação. Incitação ao suicídio. Os filhos Vendermot têm razões de sobra para querer despachar o Herbier para o inferno. Ele e o pai deles formavam uma dupla de brutos, em matéria de selvageria era um pior que o outro.

Émeri recomeçou a andar, mãos nos bolsos, deformando a elegância de seu uniforme.

— Eram amigos?

— Unha e carne. Dizem que o velho Vendermot tinha uma bala argelina[8] alojada na cabeça, suas crises de violência eram atribuídas a isso. Mas não há dúvida de que ele e o sádico do Herbier estimulavam um ao outro. De modo que aterrorizar o Herbier, acuá-lo ao suicídio, seria uma bela vingança para a Lina. Já disse, essa garota é esperta. Os irmãos também, aliás, só que são uns aloprados.

Tinham chegado ao ponto mais elevado de Ordebec, de onde se avistava a cidadezinha e os campos em volta. O capitão estendeu o braço para um ponto a leste.

— A casa dos Vendermot — explicou. — As venezianas estão abertas, eles já estão acordados. O depoimento de Léo pode esperar, vou passar por lá e ter uma palavrinha com eles. Quando a Lina não está, fica mais fácil fazer os irmãos falarem. Principalmente o que é de argila.

— De argila?

— Você ouviu bem. De argila friável. Vá por mim, pegue o seu trem e esqueça essa gente. Se existe uma verdade sobre o caminho de Bonneval, é que ele enlouquece as pessoas.

9

No ponto mais elevado de Ordebec, Adamsberg escolheu uma mureta ao sol e sentou em posição de lótus. Tirou meias e sapatos e contemplou as colinas verde-claras em desnível, as vacas assentadas nos pastos feito estátuas, como que para servir de ponto de referência. Era bem possível que Émeri estivesse certo, bem possível que Herbier, apavorado com a presença dos cavaleiros negros, tivesse enfiado uma bala na testa. Mas apontar a espingarda de uma distância de dez centímetros não era nada natural. Mais seguro e verossímil seria pôr a arma na boca. A menos que, seguindo a analogia de Émeri, Herbier desejasse esse gesto de expiação, matando a si mesmo como matava os animais — mirando o meio da testa. Seria aquele homem capaz de ter uma crise de consciência, de sentir remorso? E, principalmente, capaz de temer a tal ponto o castigo do Exército Furioso? Sim. Fazia dez séculos que aquele funesto tropel, mutilado e fétido, vinha minando a terra de Ordebec, escavando abismos em que qualquer um, por mais racional que fosse, podia de repente cair e ficar preso.

Uma mensagem de Zerk o informou que Hellebaud tinha tomado água sozinho. Adamsberg levou uns segundos para lembrar que aquele era o nome do pombo. Na sequência, várias mensagens da Brigada. O exame confirmava a presença de miolo de pão na garganta da vítima Lucette Tuilot, mas nenhum miolo no estômago. Assassinato, indiscutivelmente. A menina convalescia no hospital de Versalhes junto com seu gerbo, e o falso tio-avô estava recuperado e detido para averiguações. Retancourt enviara uma mensagem mais alarmante, em letras maiúsculas. Momô-mecha-curta estava sendo interrogado, elementos suficientes para indiciá-lo, identificado idoso queimado, maior confusão, ligar urgente.

Adamsberg sentiu um formigamento de pura contrariedade na nuca, talvez uma dessas bolinhas de eletricidade mencionadas por Émeri. Esfregando o pescoço, teclou o número de Danglard. Eram onze horas, o comandante devia estar na Brigada. Embora fosse muito cedo para ele estar operacional, estaria presente.

— Por que ainda está aí? — perguntou Danglard com seu tom rabugento das manhãs.

— O corpo do caçador foi encontrado ontem.

— Eu vi. E não é problema nosso. Saia desse maldito *grimweld* antes que ele o agarre. Temos novidades por aqui. E o Émeri é capaz de se virar sozinho.

— Isso é tudo o que ele quer. Um bom sujeito, cooperativo, mas está me mandando embora no primeiro trem. Optou pelo suicídio.

— Muito bom para ele. Deve resolver a questão.

— Claro. Mas a velha Léo, em cuja casa fiquei hospedado, tem certeza de que foi assassinato. Ela é para a cidade de Ordebec o que uma esponja é para a água. Absorve tudo, faz oitenta e oito anos.

— E quando aperta, ela fala?

— Aperta o quê?

— A tal Léo. Como se aperta uma esponja.

— Não, se mantém cautelosa. Não se trata de uma fofoqueira, Danglard. Ela se pauta pela lei da borboleta que se move em Nova York e causa uma explosão em Bangkok.

— Foi ela quem disse isso?

— Não, foi o Émeri.

— Pois está errado. A borboleta bate asas no Brasil, e é no Texas que acontece um furacão.

— Faz diferença, Danglard?

— Faz. De tanto se distanciarem das palavras, as mais puras teorias acabam virando falatório e a gente acaba não sabendo de mais nada. Uma estimativa aqui, uma imprecisão ali, e a verdade se dissolve dando lugar ao obscurantismo.

O humor de Danglard estava melhorando um pouco, como sempre que, graças ao seu saber, tinha a oportunidade de discorrer, ou mesmo contradizer. O comandante não era homem de passar o dia conversando, mas o silêncio não lhe fazia bem, por oferecer um terreno demasiado propício às suas melancolias. Bastavam às vezes algumas réplicas para tirar Danglard do seu crepúsculo. Adamsberg vinha adiando o momento de abordar o tópico Momô-mecha-curta, e Danglard igualmente, o que não era bom sinal.

— Deve haver várias versões dessa história da borboleta.

— Não — respondeu Danglard com firmeza. — Não se trata de uma fábula moralista, e sim de uma teoria científica sobre previsibilidade. Foi formulada por Edward Lorenz em 1972, na forma que lhe falei. A borboleta fica no Brasil e o furacão, no Texas, não há o que discutir.

— Muito bem, Danglard, não se fala mais nisso. Por que o Momô está sendo interrogado?

— Ele foi pego agora de manhã. É possível que a gasolina utilizada corresponda à que ele costuma usar.

— Exatamente?

— Não, essa tem menos óleo. Mas é gasolina para mobilete. O Momô não tem um álibi para a noite do incêndio, não foi visto por ninguém. Parece que um cara marcou encontro com ele num parque para falar sobre o irmão. O Momô teria esperado duas horas para nada e depois teria ido para casa.

— Não é suficiente para prendê-lo, Danglard. Quem tomou essa decisão?

— A Retancourt.

— Sem o seu aval?

— Com. Em volta do carro, há marcas de solas de tênis embebidas de gasolina. O tênis foi encontrado hoje de manhã na casa de Momô, dentro de um saco plástico. Nenhuma dúvida quanto a isso, delegado. O Momô fica bobamente repetindo que o tênis não lhe pertence. A defesa dele é um desastre.

— As digitais dele estão no saco plástico e no tênis?

— Estamos aguardando o resultado da análise. O Momô diz que devem estar, pois ele manipulou os objetos. Supostamente porque deparou com o saco dentro do armário e pegou para ver o que era.

— É do número dele?

— Sim. Quarenta e um.

— Não quer dizer nada. É um número comum entre os homens.

Adamsberg passou de novo a mão na nuca, tentando agarrar a bola de eletricidade que andava passeando por ela.

— E o pior — encadeou Danglard. — O idoso não se inclinou no carro para dormir. Estava sentado bem ereto quando o fogo começou. Ou seja, o incendiário não pode não ter visto. Estamos nos distanciando do homicídio involuntário.

— É novo? — perguntou Adamsberg.

— O que é novo?

— O tênis.

— Sim, de fato, por quê?

— Comandante, me diga por que o Momô iria estragar um tênis novo incendiando um carro e, se fez isso, por que não se livrou dele em seguida? E nas mãos dele? Vocês conferiram se há resíduos de gasolina?

— O técnico está para chegar. Recebemos ordens para acionar o dispositivo de emergência. Vou dizer apenas um nome e vai entender onde fomos nos meter. O velho queimado é Antoine Clermont-Brasseur.

— Ninguém mais, ninguém menos — disse Adamsberg após um silêncio.

— É — disse Danglard gravemente.

— E o Momô teria topado com ele por acaso?

— Que acaso? Acabando com o Clermont-Brasseur, está atingindo o cerne do capitalismo. Talvez fosse essa a pretensão do Momô.

Adamsberg deixou Danglard falando sozinho alguns instantes, enquanto tratava de enfiar meias e sapatos com uma mão só.

— O juiz já foi avisado?

— Estamos esperando a análise das mãos.

— Danglard, seja qual for o resultado, não encaminhe o pedido de indiciamento. Espere por mim.

— Não há como. Se o juiz souber que estamos enrolando com um nome como Clermont-Brasseur, o ministério vem na hora para cima da gente. O assessor do chefe de polícia já ligou perguntando sobre os primeiros elementos. Quer que o assassino seja preso hoje mesmo.

— Com quem estão as rédeas do grupo Clermont atualmente?

— O pai ainda detinha dois terços das ações. Tinha dois filhos, que dividem o restante. Isso para resumir. Na verdade, o pai detinha dois terços dos segmentos de construção e metalurgia. Um dos filhos é majoritário no ramo de informática, e o outro, no imobiliário. Mas, no total, o velho dominava e não pretendia deixar os filhos assumirem o comando. Neste último ano, circularam boatos de que o velho estava começando a pôr os pés pelas mãos, e que Christian, o filho mais velho, estava cogitando uma medida tutelar para proteger o grupo. De raiva, o velho tinha resolvido casar, mês que vem, com a faxineira, uma marfinense quarenta anos mais moça que está de mimos, e na cama, com ele há mais de dez anos. Ela tem um menino e uma menina, que o velho Antoine pretendia adotar na sequência. Talvez não passasse de provocação, mas a determinação de um velho pode ser mil vezes mais implacável que o ardor da juventude.

— Você verificou o álibi dos dois filhos?

— Recusa completa — disse Danglard entre dentes. — Estão em estado de choque, sem condições de receber a polícia. Fomos convidados a aguardar.

— Danglard, que técnico o laboratório está mandando?

— O Enzo Lalonde. Ele é muito bom. Não faça isso, delegado. O tapete já está queimando pelas duas pontas.

— Isso o quê?

— Nada.

Adamsberg guardou o telefone, esfregou a nuca e projetou o braço na direção das colinas, jogando a bola de eletricidade na paisagem. Pareceu funcionar. Cadarços desatados, desceu com alguma rapidez as ruazinhas de Ordebec até uma cabine telefônica que localizara no caminho entre a pousada de Léo e o centro da cidade. Uma cabine a salvo de olhares, cercada por altas umbelas de

cenouras silvestres. Ligou para o laboratório e pediu para falar com Enzo Lalonde.

— Não se preocupe, delegado — desculpou-se Lalonde imediatamente. — Chego à Brigada em quarenta e cinco minutos no máximo. Vou correr.

— Aí é que está, não corra. Alguma coisa vai segurar você no laboratório, depois vai ter o maior problema para fazer seu carro pegar e, por fim, vai ficar preso num engarrafamento, se possível num acidente. Se puder quebrar um dos faróis numa baliza, seria perfeito. Ou amassar um para-choque. Pode improvisar, dizem que você é muito bom.

— Algo errado, delegado?

— Preciso de tempo. Colha o material o mais tarde possível, e depois diga que um viés de experimento invalidou o exame. Terá de recomeçar tudo amanhã.

— Delegado — disse Lalonde após um silêncio —, tem consciência do que está me pedindo?

— Algumas horas, só isso. Por ordem superior e para o bem da investigação. Aconteça o que acontecer, o acusado vai mesmo para o xadrez. Não custa dar mais um diazinho para ele, custa?

— Não sei, delegado.

— Numa boa, Lalonde. Me passe o doutor Romain e esqueça essa missão. O Romain cuida disso sem se apavorar.

— Tudo bem, delegado, eu topo — disse Lalonde após mais um silêncio. — Falando em favor, ocorre que fui eu quem colheu o tal cordão das patas de um pombo. Então me dê um tempo também, estou sobrecarregado.

— O tempo que quiser. Mas descubra alguma coisa.

— Há fragmentos de pele grudados na fibra. O sujeito ralou os dedos no cordão. Talvez tenha até se cortado. Basta o senhor procurar um cara com um cortezinho invisível da dobra do indicador. Embora o próprio cordão talvez possa dizer mais. Não é um cordão corriqueiro.

— Muito bem — cumprimentou Adamsberg, sentindo que o jovem Enzo Lalonde tentava fazer esquecer sua covardia. — Mas, por favor, não me ligue na Brigada, ou para o meu celular.

— Entendido, delegado. Só mais uma coisa: até posso deixar para entregar minhas conclusões amanhã. Mas nunca iria adulterar o resultado de um exame. Não me peça para fazer isso. Se o cara está frito, não posso fazer nada.

— Nem pensar em falsificar coisa nenhuma. De qualquer forma, vai encontrar vestígios de gasolina nos dedos dele. A mesma gasolina do tênis, porque ele tocou neles, e do local do incêndio. Ele vai ser preso, pode ter certeza.

E todo mundo vai sair satisfeito, concluiu Adamsberg desligando, e limpando as marcas de seus dedos no fone com a aba da camisa. E a vida de Momô-mecha-curta vai seguir seu rumo, já escrito, já selado.

De longe se avistava o sítio de Léone, e Adamsberg estacou de repente, à espreita. O ar claro lhe trazia um lamento contínuo, o agudo gemido de um cachorro aflito. Adamsberg correu pela estrada.

10

A porta da sala de jantar estava escancarada. Adamsberg entrou, suando, na pequena peça escura e estacou. O corpo comprido e magro de Léone estava caído no piso, a cabeça em meio a uma poça de sangue. Folg gemia ao seu lado, deitado sobre o flanco, uma pata pousada na cintura da idosa. Adamsberg sentiu como se uma parede desabasse entre o seu pescoço e a barriga, desmoronando em seguida pelas suas pernas.

Ajoelhado junto de Léone, pôs a mão na sua garganta, nos pulsos, sem observar nenhum batimento. Léone não tinha caído, alguém a tinha matado, esmagado barbaramente sua cabeça no piso. Sentiu-se gemer junto com o cachorro, bater com o punho no chão. O corpo estava quente, o ataque ocorrera poucos minutos antes. Talvez ele até tivesse incomodado o assassino ao chegar correndo, os pedregulhos do caminho faziam barulho. Abriu a porta dos fundos, examinou depressa os arredores desertos, e então correu à casa dos vizinhos para pedir o número da gendarmaria.

Adamsberg aguardou a chegada da polícia sentado, pernas cruzadas, ao lado de Léo. Tal como o cachorro, pôs a mão sobre ela.

— Cadê o Émeri? — perguntou ao brigadeiro que entrava na sala, junto com uma mulher que devia ser a médica.

— Está lá na casa dos malucos. Ele já vem.

— Ambulância — ordenou a médica com voz apressada. — Ela está viva. Talvez só mais uns instantes. Em coma.

Adamsberg ergueu a cabeça.

— Não senti o pulso dela — disse.

— Está muito fraco — confirmou a médica, mulher de uns quarenta anos, atraente e decidida.

— Quando foi isso? — perguntou o brigadeiro, espreitando a chegada de seu chefe.

— Faz alguns minutos — disse a médica. — Não mais de cinco. Ela bateu no chão ao cair.

— Não — disse Adamsberg. — Bateram a cabeça dela no chão.

— O senhor tocou nela? — perguntou a médica. — Quem é o senhor?

— Não toquei nela, e sou policial. Examine o cachorro, doutora, ele não consegue levantar. Defendeu a Léo e o assassino bateu nele.

— Já examinei o cachorro, ele não tem nada. Eu conheço o Folg. Quando ele não quer levantar, não há o que fazer. Ele não vai sair daí até levarmos a dona dele. E olhe lá.

— Ela deve ter tido algum mal-estar — sugeriu inutilmente o gordo brigadeiro — ou então tropeçou no pé da cadeira. E caiu.

Adamsberg balançou a cabeça, desistindo de argumentar. Léone fora golpeada porque tinha visto a borboleta brasileira mexer a asa. Qual? Onde? O burgo de Ordebec produzia, sozinho, vários milhares de detalhes ao dia, vários milhares de batidas de asas de borboleta. E o mesmo tanto de acontecimentos em cadeia. Incluindo o assassinato de Michel Herbier. E em meio a esse imenso volume de asas de borboletas, uma delas vibrou diante dos olhos de Léo, que teve talento para vê-la ou ouvi-la. Mas qual? Achar uma asa de borboleta numa aglomeração de dois mil habitantes era tarefa impossível se comparada à da célebre agulha num palheiro. A qual, para Adamsberg, nunca parecera irrealizável: bastava queimar o palheiro e juntar a agulha.

A ambulância estacionou em frente à casa, as portas bateram, Adamsberg se levantou e saiu. Esperou que os enfermeiros deslizassem devagar a maca para dentro do veículo, roçou o cabelo da velha senhora com o dorso da mão.

— Eu volto, Léo — disse ele. — Vou estar aqui. Brigadeiro, peça ao capitão Émeri para mandar vigiá-la dia e noite.

— Certo, delegado.

— Não deixar ninguém entrar no quarto dela.

— Certo, delegado.

— Não precisa — disse friamente a médica, tomando lugar na ambulância. — Ela não vai passar de hoje à tarde.

Com um passo ainda mais vagaroso que o habitual, Adamsberg entrou na casa vigiada pelo gordo brigadeiro. Passou água nas mãos, lavando o sangue de Léone, enxugou-as no pano que tinha usado na véspera para secar a louça e ajeitou-o cuidadosamente no encosto de uma cadeira. Um pano azul e branco com desenhos de abelhas.

Apesar da partida de sua dona, o cão não se mexera. Gemia mais fraco, exalando um lamento a cada respiração.

— Fique com ele — disse Adamsberg ao brigadeiro. — E lhe dê um torrão de açúcar. Não deixe esse bicho aqui.

No trem, a lama e as folhas secando na sola de seus sapatos se espalhavam no piso em sedimentos escuros, ante o olhar contrariado da mulher sentada à sua frente. Adamsberg juntou um fragmento, modelado pela estria da sola, e o guardou no bolso da camisa. A mulher não tinha como saber, pensou, que estava diante de despojos sagrados, remanescentes do caminho de Bonneval martelado pelos cascos do Exército Furioso. O senhor Hellequim retornaria para castigar Ordebec, ele ainda tinha três viventes para apanhar.

11

Fazia dois anos que Adamsberg não via Momô-mecha-curta. Devia estar atualmente com 23 anos, idade demais para continuar brincando com fósforo, idade de menos para abandonar a luta. Suas bochechas tinham agora uma sombra de barba, mas esse novo elemento viril não o tornava mais imponente.

O rapaz se achava na sala de interrogatório, sem luz do dia, sem ventilador. Adamsberg o observou pelo vidro, curvado na cadeira e olhos baixos, sendo interrogado pelos tenentes Noël e Morel. Noël caminhava à sua volta, brincando displicentemente com o ioiô que pegara do rapaz. Momô já tinha vencido vários campeonatos com ele.

— Quem indicou o Noël? — perguntou Adamsberg.

— Ele acabou de assumir — explicou Danglard, sem jeito.

O interrogatório se estendia desde a manhã, e o comandante Danglard ainda não fizera nada para interrompê-lo. Em certos momentos Momô se atinha à mesma versão: tinha esperado sozinho no parque da Zona Fresnay, tinha achado o tênis novo em seu armário, e o tinha tirado do saco plástico. Se havia gasolina em suas mãos, devia vir do tênis. Não sabia quem era Antoine Clermont-Brasseur, não fazia a menor ideia.

— Deram algo para ele comer? — perguntou Adamsberg.

— Deram.

— E para beber?

— Duas Cocas. Que droga, delegado, está pensando o quê? Não estamos torturando ninguém.

— O chefe de polícia ligou pessoalmente — interveio Danglard. — É para o Momô falar tudo até o fim do dia. Ordens do ministro do Interior.

— Cadê o tal tênis?

— Ali — disse Danglard apontando para uma mesa. — Ainda está fedendo a gasolina.

Adamsberg o examinou sem tocar, e meneou a cabeça.

— Impregnado até a ponta do cadarço — disse ele.

O brigadeiro Estalère se aproximou a passos rápidos, seguido por Mercadet, telefone na mão. Não fosse a inexplicada proteção de Adamsberg, fazia tempo

que o jovem Estalère teria deixado a Brigada por uma pequena delegacia fora da capital. Seus colegas todos eram mais ou menos da opinião de que Estalère não dava conta do recado, ou de que, inclusive, era um idiota rematado. Arregalava os imensos olhos verdes sobre o mundo, como num esforço para não perder nada, mas vivia passando ao largo dos indícios mais óbvios. O delegado o tratava como a uma muda em crescimento e garantia que seu potencial um dia ainda se desenvolveria. O rapaz realizava diariamente minuciosos esforços para aprender e compreender. Mas, em dois anos, ninguém ainda tinha visto a tal muda se fortalecer. Estalère acompanhava Adamsberg passo a passo qual viajante de olho na bússola, desprovido de qualquer senso crítico, e ao mesmo tempo idolatrava a tenente Retancourt. O antagonismo entre as maneiras de ser de um e outro o mergulhava em grandes perplexidades: Adamsberg andava por trilhas sinuosas, ao passo que Retancourt avançava em linha reta para o objetivo, segundo a realística mecânica de um búfalo mirando um ponto de água. De modo que o jovem brigadeiro não raro estacava na bifurcação dos dois caminhos, incapaz de decidir o rumo a seguir. Nesses momentos de vacilação máxima, ia fazer café para toda a Brigada. Isso ele fazia à perfeição, já tendo memorizado as mínimas preferências de cada um.

— Delegado — ofegou Estalère —, aconteceu um desastre no laboratório.

Interrompeu-se para consultar suas anotações.

— O material colhido em Momô está inutilizável. Houve contaminação no local de estocagem.

— Em outras palavras — interveio Mercadet, totalmente despeito por enquanto —, um dos técnicos derrubou a xícara de café em cima das lâminas.

— Xícara de chá — corrigiu Estalère. — Enzo Lalonde vai ter de voltar para coletar outra amostra, e o resultado só vai sair amanhã.

— Contratempo — murmurou Adamsberg.

— Mas como os últimos vestígios de gasolina podem sumir, o chefe de polícia deu ordem de amarrar as mãos de Momô para ele não tocar em mais nada.

— O chefe de polícia já foi informado da contaminação?

— Ele tem ligado para o laboratório de hora em hora — disse Mercadet. — O sujeito da xícara de café passou por maus bocados.

— De chá, o sujeito da xícara de chá.

— Dá na mesma, Estalère — disse Adamsberg. — Danglard, ligue para o chefe de polícia, diga a ele que não adianta descontar no técnico e que teremos a confissão de Momô ainda hoje, antes das dez.

Adamsberg entrou na sala de interrogatório segurando o tênis com a ponta dos dedos e fez um sinal para Noël sair. Momô teve um sorriso de alívio ao

reconhecê-lo, mas o delegado balançou a cabeça.

— Não, Mô. Suas proezas como chefe de gangue chegaram ao fim. Você percebe em quem ateou fogo, dessa vez? Você sabe quem era?

— Eles me falaram. O cara que constrói prédios e metais. O Clermont.

— E vende também, Mô. Para o mundo inteiro.

— É, vende também.

— Em outras palavras, você carbonizou um dos pilares da economia do país. Nada menos. Dá para entender?

— Não fui eu, delegado.

— Não foi isso que eu perguntei. Perguntei se você entendeu.

— Entendi.

— Entendeu o quê?

— Que é um pilar da economia do país — disse Mô, com um quê de soluço na voz.

— Ou seja, você simplesmente ateou fogo no país. A essa hora, a empresa Clermont-Brasseur está desatinada, e as Bolsas europeias, preocupadas. Está claro para você? Não, não me venha com histórias de encontro misterioso, parque, tênis desconhecido. O que eu quero saber é se você matou Clermont-Brasseur por acaso, ou se já estava de olho nele. Há uma enorme diferença entre homicídio culposo e homicídio doloso.

— Por favor, delegado.

— Não mexa as mãos. Você estava de olho nele? Você queria que seu nome entrasse para a história? Se era isso, conseguiu. Ponha essas luvas e calce esse tênis. Calce um pé só, vai ser suficiente.

— Ele não é meu.

— Calce um pé do tênis — disse Adamsberg, elevando a voz.

Noël, que ficara escutando atrás do vidro, deu de ombros, descontente.

— Ele está deixando o cara a ponto de chorar, a toque de caixa. Depois dizem que eu é que sou o bruto dessa Brigada.

— Basta, Noël — disse Mercadet. — Ordens são ordens. O fogo do Momô se alastrou até o Palácio da Justiça, precisamos de uma confissão.

— E desde quando o delegado obedece às ordens tão prontamente?

— Desde que está na berlinda. Não parece natural ele querer salvar a própria pele?

— Para mim, é claro que parece natural. Mas da parte dele, não — disse Noël, afastando-se. — Até me decepciona.

Adamsberg saiu da sala e entregou o tênis a Estalère. Reparou no olhar ambíguo de seus auxiliares, particularmente o do comandante Danglard.

— Assuma você, Mercadet, tenho umas coisas para resolver com a Normandia. Agora que o Mô perdeu a confiança em mim, vai desabar rapidinho. Tragam um ventilador para as mãos dele suarem menos. E mandem o técnico falar comigo depois que coletar a segunda amostragem.

— Achei que o senhor fosse hostil à acusação — disse Danglard, num tom algo afetado.

— É que agora eu vi os olhos dele. Foi ele, Danglard. É triste, mas foi ele. Só não sabemos ainda se foi proposital ou não.

Se havia algo em Adamsberg que Danglard censurava mais que tudo era esse jeito de considerar suas impressões como fatos comprovados. Adamsberg retorquia que impressões eram fatos, elementos materiais de valor equivalente a um exame de laboratório. Que o cérebro era o mais gigantesco dos laboratórios, perfeitamente capaz de ordenar e analisar os dados recebidos, como um olhar, por exemplo, e chegar a resultados quase seguros. Para Danglard, essa falsa lógica era insuportável.

— Não se trata de ver ou deixar de ver, delegado, e sim de saber.

— E a gente sabe, Danglard. O Mô imolou o velho no altar de suas convicções. Hoje, em Ordebec, um sujeito estraçalhou uma senhora de idade como quem espatifa um copo no chão. Não estou com humor para poupar assassinos.

— De manhã, o senhor achava que Momô tinha caído numa armadilha. De manhã, o senhor disse que ele necessariamente teria se livrado do tênis, em vez de guardá-los no armário, prontinhos para a acusação.

— O Mô se achou muito esperto. Esperto o bastante para usar tênis novo e nos levar a pensar que estavam jogando a culpa nele. Mas a culpa é mesmo dele, Danglard.

— Por causa do olhar?

— Por exemplo.

— E que provas o senhor obteve no olhar dele?

— Orgulho, crueldade e, agora, um medo daqueles.

— O senhor pesou bem isso tudo? Analisou?

— Danglard — respondeu Adamsberg com uma suavidade um tanto ameaçadora —, eu já disse que não estou com humor para discussão.

— Detestável — murmurou Danglard secamente.

Adamsberg teclava em seu celular o número do hospital de Ordebec. Fez com a mão um sinal para Danglard, uma espécie de aceno indiferente.

— Vá para casa, comandante, é o melhor que tem a fazer.

À sua volta, sete de seus auxiliares tinham se agrupado para acompanhar a discussão. Estalère estava pálido.

— A mesma coisa vocês, se estão com medo de não gostar do que vem pela frente. Só preciso de dois homens aqui com o Mô. Mercadet e Estalère.

Dispensado, o grupo se dispersou em silêncio, atônito ou reprovador. Danglard, tremendo de raiva, afastou-se a passos largos, tão depressa quanto permitia seu particular modo de andar, baseado em duas pernas compridas que pareciam tão confiáveis quanto duas velas parcialmente derretidas. Desceu a escada em caracol que conduzia ao porão, pegou a garrafa de vinho branco que escondia atrás da caldeira e deu várias talagadas seguidas. É uma pena, pensou, já que tinha aguentado até as sete sem beber. Sentou-se no caixote que lhe servia de assento naquele subsolo, esforçando-se para respirar com calma de modo a abrandar sua fúria e, mais que tudo, a dor de sua decepção. Um estado de quase pânico, para ele que já gostara tanto de Adamsberg, que contara tanto com os atraentes itinerários de sua mente, com seu desapego e, sim, com sua doçura um tanto simplória e praticamente inalterável. O tempo passara, porém, e os repetidos sucessos tinham corrompido a índole original de Adamsberg. Certeza e segurança vinham se infiltrando em sua consciência, trazendo consigo novos elementos: ambição, soberba, rigidez. A célebre indolência de Adamsberg estava girando sobre si mesma e começando a mostrar seu lado negro.

Danglard, inconsolável, repôs a garrafa no esconderijo. Escutava bater a porta da Brigada, os agentes obedeciam às ordens e deixavam o prédio aos poucos, na esperança de um amanhã melhor. O dócil Estalère ficava com Momô, junto com o tenente Mercadet que provavelmente já estava pegando no sono. O ciclo de sono e vigília de Mercadet era de cerca de três horas e meia. Como sentisse vergonha de sua deficiência, o tenente não estava em posição de enfrentar o delegado.

Danglard se levantou sem ânimo, projetando os pensamentos para o jantar com seus cinco filhos a fim de espantar os resquícios da discussão. Seus cinco filhos, pensou com ferocidade enquanto segurava o corrimão para subir a escada. Neles estava a sua vida, e não com Adamsberg. Pedir demissão, por que não se mudar para Londres, onde vivia sua amante que ele via tão raramente? Essa quase resolução lhe deu uma sensação de brio, injetando algum dinamismo em sua mente consternada.

Adamsberg, trancado em sua sala, ouvia bater a porta da Brigada à medida que seus desconcertados agentes deixavam o local empesteado de mal-estar e ressentimento. Fizera o que devia ser feito, e não tinha nada de que se censurar. Alguma grosseria na forma de agir, mas a urgência não lhe deixara escolha. O acesso de raiva de Danglard o surpreendia. Era curioso que seu velho amigo não

o tivesse apoiado e seguido, como quase sempre fazia. Mesmo porque Danglard não tinha dúvidas quanto à culpabilidade de Mô. Sua inteligência, tão aguda, o traíra. As grandes pulsões de ansiedade do comandante não raro lhe ocultavam a verdade simples, deformando tudo ao passar, fechando-lhe o acesso à evidência. Mas nunca por muito tempo.

Por volta das oito da noite, ouviu os passos arrastados de Mercadet lhe trazendo Mô. Dali a uma hora, a sorte do jovem incendiário estaria traçada e, no dia seguinte, ele teria de enfrentar a reação de seus colegas. A única que de fato receava era a reação de Retancourt. Mas não podia hesitar. Fosse qual fosse a opinião de Retancourt e Danglard, ele realmente lera o olhar de Mô, e isso definia um inevitável caminho a seguir. Levantou-se para abrir a porta, guardando o celular no bolso. Em Ordebec, Léo ainda vivia.

— Sente-se — disse para Mô, que entrava cabisbaixo para ocultar os olhos. — Adamsberg o tinha ouvido chorar, suas defesas estavam cedendo.

— Ele não falou nada — relatou Mercadet de forma neutra.

— Vamos acabar logo com isso — disse Adamsberg, apertando o ombro do rapaz para que ele sentasse. — Mercadet, ponha as algemas nele e vá descansar lá em cima.

Ou seja, na salinha ocupada pela máquina de bebidas e pela tigela do gato, onde o tenente tinha posto almofadas no chão para abrigar suas sestas periódicas. Mercadet aproveitava para levar o gato até a tigela e dormir junto com ele. Segundo Retancourt, depois dessa dobradinha entre o gato e o tenente, o sono de Mercadet tinha melhorado e suas sestas ficaram menos longas.

12

Na casa do capitão Émeri, o telefone tocou no meio do jantar. Ele atendeu com irritação. A hora do jantar era para ele uma pausa luxuosa e salutar que ele preservava de forma quase obsessiva em meio a uma vida relativamente modesta. Em sua residência funcional de três cômodos, o maior era destinado à sala de jantar, onde era obrigatório o uso de uma toalha branca. Nessa toalha brilhavam duas peças de prata resgatadas da herança do marechal Davout: uma bomboneira e uma fruteira, ambas gravadas com águias imperiais e as iniciais do ancestral. A faxineira de Émeri, que não sentia nenhum respeito pelo velho príncipe de Eckmühl, virava discretamente a toalha para economizar na lavagem.

Émeri não era bobo. Sabia que as honrarias ao seu antepassado compensavam uma vida que ele julgava medíocre e um caráter que não possuía a célebre intrepidez do marechal. Medroso, esquivara-se da carreira militar do pai e optara, em matéria de exército, pelo corpo da gendarmaria nacional e, em matéria de conquistas, pelo corpo das mulheres. Julgava duramente a si mesmo, exceto na faustosa hora do jantar, quando se concedia uma pausa indulgente. Àquela mesa, reconhecia em si imponência e autoridade, e essa dose diária de narcisismo o renovava. Era sabido que, exceto em caso de emergência, não devia ser interrompido na hora do jantar. A voz do brigadeiro Blériot se mostrava, portanto, um tanto insegura.

— Queira desculpar, capitão, mas achei que deveria informá-lo.

— Léo?

— Não, capitão, o cachorro. Sou eu quem está cuidando dele, por enquanto. A doutora Chazy tinha dito que ele não tinha nada, mas afinal o delegado Adamsberg é que estava certo.

— A propósito, brigadeiro — disse Émeri, impaciente. — Meu prato está esfriando.

— Folg continuava sem conseguir levantar e, agora à noite, vomitou sangue. Eu o levei ao veterinário, que detectou lesões internas. Segundo ele, Folg foi golpeado no ventre, provavelmente chutado. Nesse caso, Adamsberg estava certo e a Léo foi mesmo agredida.

— Não me encha com o Adamsberg, podemos chegar às nossas conclusões sozinhos.

— Desculpe, capitão, é que ele disse isso na hora.

— O veterinário tem certeza do diagnóstico?

— Absoluta. Está disposto a assinar um depoimento.

— Convoque-o para amanhã na primeira hora. Você tentou saber notícias de Léo?

— Ela ainda não saiu do coma. O doutor Merlan tem esperança de que o hematoma interno seja absorvido.

— Tem mesmo?

— Não, capitão. Mesmo, não.

— Já jantou, Blériot?

— Sim, capitão.

— Então passe aqui dentro de meia hora.

Émeri jogou o celular sobre a toalha branca e sentou-se sombriamente diante do prato. Tinha com o brigadeiro Blériot, mais velho que ele, uma relação paradoxal. Desprezava-o, não dava o menor valor às suas opiniões. Blériot não passava de um brigadeiro gordo, submisso e inculto. Ao mesmo tempo, seu temperamento dócil — simplório, julgava Émeri —, sua paciência, que podia ser confundida com burrice, sua discrição faziam dele um confidente útil e seguro. Émeri ora o conduzia como se fosse um cão, ora o tratava como amigo, um amigo especialmente incumbido de escutá-lo, confortá-lo e encorajá-lo. Fazia seis anos que trabalhava com ele.

— A coisa vai ficar preta, Blériot — disse ao brigadeiro ao abrir-lhe a porta.

— Para a Léone? — perguntou Blériot, sentando-se na cadeira estilo império que lhe era habitual.

— Para nós. Para mim. Esculhambei todo o início da investigação.

Sendo o marechal Davout conhecido por sua linguagem grosseira, supostamente herdada dos anos revolucionários, Émeri não se preocupava em cuidar do seu vocabulário.

— Se a Léo foi agredida, Blériot, então o Herbier foi mesmo assassinado.

— Por que faz essa relação, capitão?

— Todo mundo está fazendo. Pense bem.

— O que diz todo mundo?

— Que ela sabia um bocado sobre a morte de Herbier, já que sempre sabe um bocado sobre todos e qualquer um.

— A Léone não é fofoqueira.

— Mas é uma inteligência, uma memória. Ela infelizmente não me contou nada. Isso talvez tivesse salvado a vida dela.

Émeri abriu a bomboneira, repleta de alcaçuz, e a empurrou para Blériot.

— Vamos ter que cortar um dobrado, brigadeiro. Não se leva na brincadeira um sujeito que amassa uma idosa no chão. Ou seja, um bárbaro, um demônio que eu tenho deixado à solta há vários dias. O que mais andam comentando na cidade?

— Já disse, capitão. Não sei.

— Mentira, Blériot. O que andam dizendo de mim? Que não fiz meu trabalho direito, é isso?

— Vai passar. As pessoas falam, depois esquecem.

— Não, Blériot, porque elas têm razão. Faz onze dias que o Herbier sumiu, nove dias que eu fui avisado. E resolvi ignorar porque achei que era uma armadilha dos Vendermot. Você sabe. Eu me protegi. E quando encontraram o corpo, resolvi que ele tinha se matado, porque me convinha. Teimei nessa ideia feito um touro e não mexi um dedo. Se alguém disser que eu sou responsável pela morte de Léo, vai ter razão. Quando o assassinato do Herbier era recente, ainda tínhamos chance de achar uma pista.

— Não dava para imaginar.

— Você, talvez. Eu, sim. E agora já não há nenhum indício a colher. É sempre assim. De tanto se proteger a gente se fragiliza. Não se esqueça disso.

Émeri ofereceu um cigarro ao brigadeiro, e os dois fumaram em silêncio.

— Por que isso é tão grave, capitão? O que pode acontecer?

— Uma inspeção geral da gendarmaria, simplesmente.

— Contra o senhor?

— É claro. Para você não tem problema, você não é responsável.

— Peça ajuda, capitão. Ninguém bate palmas com uma mão só.

— Para quem?

— Para o conde. A influência que ele tem pode chegar à capital. E à inspeção geral.

— Pegue o baralho, Blériot, jogar uma ou duas partidas vai nos fazer bem.

Blériot distribuiu as cartas com a lerdeza que punha em todos os seus gestos, e Émeri sentiu-se mais reconfortado.

— O conde é muito ligado à Léo — objetou Émeri, abrindo suas cartas.

— Dizem que nunca teve nenhum outro amor.

— Ele tem todo o direito de achar que sou responsável pelo que aconteceu. E, portanto, de me mandar para o diabo.

— Não se deve falar essa palavra, capitão.

— Por quê? — perguntou Émeri com uma breve risada. — Você acha que o diabo está em Ordebec?

— Bem, o senhor Hellequim passou por aqui.

— Você acredita nisso, pobre Blériot.
— Nunca se sabe, capitão.
Émeri sorriu e baixou uma carta. Blériot a cobriu com um oito.
— Você está com a cabeça longe.
— Verdade, capitão.

13

— Delegado — suplicou Mô mais uma vez.

— Cale a boca — interrompeu Adamsberg. — Você está com a corda no pescoço e não tem muito tempo.

— Eu não mato ninguém, não mato nada. Só as baratas lá de casa.

— Cale a boca, cacete — repetiu Adamsberg, dirigindo-lhe um gesto imperativo.

Mô calou-se, surpreso. Alguma coisa acabava de mudar no delegado.

— Melhor assim — disse Adamsberg. — Como você ouviu, não estou com humor para deixar assassinos escaparem.

A imagem de Léo passou diante dos seus olhos, desencadeando um formigamento na nuca. Passou a mão no pescoço e jogou a bolota no chão. Mô o observava com a impressão de que ele tinha apanhado algum besouro invisível. Imitou-o por instinto, conferindo a própria nuca.

— Você também está com uma bola? — perguntou Adamsberg.

— Bola de quê?

— De eletricidade. Motivos para isso não lhe faltam.

Mô balançou a cabeça sem entender.

— No seu caso, Mô, temos um assassino cínico, calculista e poderosíssimo. Bem ao contrário do maluco impulsivo e feroz que vem atacando Ordebec.

— Não sei onde fica — murmurou Mô.

— Não faz mal. Alguém literalmente liquidou Antoine Clermont-Brasseur. Não vou explicar por que o velho capitalista estava se tornando incômodo, não temos tempo para isso e não é problema seu. O que você precisa saber é que é você que vai pagar a conta. Assim estava previsto desde o início da operação. Vai ser solto por bom comportamento dentro de vinte e dois anos, se não tacar fogo na cela antes disso.

— Vinte e dois anos?

— Quem morreu não foi um dono de boteco qualquer, foi um Clermont-Brasseur. A justiça não é cega.

— Mas se o senhor sabe que não fui eu, é só dizer para eles e eu não vou para a cadeia.

— Só nos seus sonhos, Mô. O clã Clermont-Brasseur nunca irá permitir que suspeitem de um dos seus. Não conseguimos nem chegar perto para um mero interrogatório. E o que quer que tenha acontecido, nossos dirigentes vão proteger o clã. Nem preciso dizer que você não é páreo para eles, nem eu. Digamos que você não é nada, e eles são tudo. E eles escolheram você.

— Não há nenhuma prova — sussurrou Mô. — Não posso ser condenado sem provas.

— Mas é claro que pode, Mô. Pare de nos fazer perder tempo. Quero te propor dois anos de cadeia em vez de vinte e dois. Você topa?

— Como assim?

— Você vai fugir daqui e vai se esconder. Mas você entende que, se não estiver aqui amanhã, eu vou ter de me explicar.

— Sim.

— Você pegou a arma e o celular do Mercadet — o tenente de cabelo repartido para o lado e mãos bem pequenas — enquanto ele dormia na sala de interrogatório. Ele sempre dorme.

— Mas ele não dormiu, delegado.

— Não discuta. Ele dormiu, você pegou arma e celular, escondeu dentro das calças, perto das nádegas. O Mercadet não viu nada.

— E se ele jurar que a arma ainda está com ele?

— Estaria errado, porque eu vou pegar esta arma, e também o celular. Com esse telefone, você pediu para um dos seus cúmplices esperar lá fora. A arma, você grudou na minha nuca, me obrigou a tirar suas algemas e colocá-las nos meus pulsos. Depois me obrigou a abrir a porta dos fundos da delegacia. Preste atenção: há dois homens de plantão lá fora, de um lado e de outro da porta. Você vai sair apontando a arma para mim, com frieza. Frieza suficiente para eles não tentarem intervir. Você consegue?

— Talvez.

— Bem. Vou falar para os caras não se mexerem. Você tem de parecer determinado, disposto a tudo. Estamos combinados?

— E se eu não parecer determinado?

— Vai estar arriscando a vida. Se vire. Na esquina, há uma placa de proibição de estacionar. Você entra à direita, me dá um soco no queixo, eu caio no chão. Aí você sai correndo, sempre em frente. Uns trinta metros depois, vai ver um carro parado dando sinal de luz. Jogue a arma fora e entre no carro.

— E o celular?

— Você deixa comigo. Vou tratar de destruí-lo.

Mô, atônito, fitava Adamsberg alçando as pálpebras pesadas.

— Por que está fazendo isso? Vão dizer que o senhor não é nem capaz de enfrentar um vagabundinho de subúrbio.

— O que vão dizer de mim é problema meu.

— Vão suspeitar do senhor.

— Não se você cumprir direito seu papel.

— Isso não é uma armadilha?

— Dois anos de prisão, oito meses caso se comporte direito. Mesmo que eu consiga chegar ao verdadeiro assassino, terá de responder por agressão à mão armada a um delegado e por fuga. Dois anos. É o melhor que posso oferecer. Você topa?

— Topo — sussurrou Mô.

— Cuidado. Pode ser que eles ergam uma muralha defensiva tão alta que eu nunca consiga pôr as mãos no assassino. Nesse caso, você terá de fugir para mais longe, cruzar o oceano.

Adamsberg consultou o relógio. Se Mercadet se mantinha fiel ao seu ciclo, devia estar dormindo. Adamsberg abriu a porta e chamou Estalère.

— Fique de olho nele, eu já volto.

— Ele falou alguma coisa?

— Quase. Conto com você, não tire os olhos dele.

Estalère sorriu. Gostava quando Adamsberg mencionava os seus olhos. O delegado havia afirmado um dia que ele tinha muito bons olhos, que era capaz de ver tudo.

Adamsberg se esgueirou de mansinho até o segundo piso, lembrando-se de pular o nono degrau onde todo mundo tropeçava. Não podia alertar Lamarre e Morel, que estavam na recepção. Mercadet estava em seu posto, na sala da máquina de bebidas, dormindo nas almofadas com o gato deitado nas canelas. O tenente tivera a fineza de desatar o cinturão, a arma estava ao alcance da mão. Adamsberg coçou a cabeça do gato e pegou a Magnum sem fazer ruído. Foi mais meticuloso para extrair o celular do bolso dianteiro da calça. Dois minutos depois, dispensou Estalère e tornou a trancar-se com Mô.

— Onde é que eu me escondo? — perguntou Mô.

— Num lugar onde os tiras nunca irão procurar. Ou seja, na casa de um tira.

— Onde?

— Na minha casa.

— Caraca — disse Mô.

— É assim mesmo, a gente se vira com o que tem. Não tive tempo de me organizar.

Adamsberg enviou uma breve mensagem para Zerk, o qual respondeu que Hellebaud tinha aberto as asas, que estava pronto para voar.

— Está na hora — disse Adamsberg, levantando-se.

Algemas nos punhos, agarrado por Mô que apertava a arma em seu pescoço, Adamsberg abriu a porta gradeada que dava para o pátio onde ficavam estacionados os veículos da Brigada. Quando se aproximaram do pórtico, Mô pôs a mão no ombro de Adamsberg.

— Delegado — disse ele —, nem sei o que dizer.

— Deixe isso para depois, concentre-se.

— Vou dar o seu nome para o meu primeiro filho, juro por Deus.

— Anda, droga. Com frieza.

— Só mais uma coisa, delegado.

— Seu ioiô?

— Não, minha mãe.

— Ela será avisada.

14

Danglard terminou de lavar a louça do jantar e, com uma taça de vinho branco ao alcance da mão, deitou-se no velho sofá marrom enquanto os meninos concluíam as tarefas da escola. Cinco meninos que estavam crescendo, cinco meninos que um dia iriam embora, melhor não pensar nisso esta noite. O caçula, que não era seu e apresentava sem cessar o enigma dos olhos azuis herdados de outro pai, era o único ainda criança, e Danglard o mantinha nesse estágio. Não conseguira disfarçar o desalento durante o jantar, e o mais velho dos gêmeos o tinha questionado com insistência. Danglard, sem muito resistir, tinha contado a cena que o opusera ao delegado, o tom mordaz de Adamsberg, e como este último vinha degringolando, rumo à mediocridade. Seu filho fizera um muxoxo de dúvida, imitado pelo irmão, e aquele duplo muxoxo ainda persistia na mente tristonha do comandante.

Ouviu uma das gêmeas revisar um trabalho sobre Voltaire, o homem que ri dos que são tragados pela mentira e ilusão. Ergueu-se de repente, apoiado num dos braços. Uma encenação, ele assistira a uma encenação. Uma mentira, uma ilusão. Sentiu sua mente rodar com mais rapidez, ou seja, voltar para os trilhos da exatidão. Levantou-se e pôs a taça de lado. Ou muito se enganava ou Adamsberg estava precisando dele naquele exato momento.

Vinte minutos depois, entrou ofegante na Brigada. Nada de insólito, a equipe cochilava sob os ventiladores ainda ligados. Passou rapidamente pela sala de Adamsberg, deu com a porta gradeada aberta e correu, na medida de suas possibilidades, até a saída dos fundos. Na rua escura, os dois guardas vinham trazendo o delegado. Adamsberg parecia atordoado, vinha apoiado no ombro dos brigadeiros. Danglard assumiu imediatamente o lugar deles.

— Peguem o desgraçado — ordenou Adamsberg aos brigadeiros. — Acho que ele foi de carro. Estou mandando reforços.

Danglard amparou Adamsberg até sua sala sem dizer palavra, fechou a porta gradeada atrás de si. O delegado não quis sentar, deixando-se cair no chão entre as duas galhadas de cervo, cabeça recostada na parede.

— Um médico? — perguntou Danglard secamente.

Adamsberg fez que não com a cabeça.

— Um copo d’água, então. É o que se dá para os feridos.

Danglard alertou os reforços, lançou um aviso de vigilância territorial máxima, estradas, estações, aeroportos, e voltou com um copo d’água, um copo vazio e sua garrafa de vinho branco.

— Como foi isso? — perguntou, estendendo-lhe o copo e tirando a rolha da garrafa.

— Ele pegou a arma do Mercadet. Não pude fazer nada — disse Adamsberg, esvaziando o copo e estendendo-o novamente, dessa feita em direção à garrafa.

— O vinho não é aconselhado no seu caso.

— Nem no seu, Danglard.

— Em suma, levou uma rasteira que nem principiante?

— Em suma, sim.

Um dos vigias bateu à porta e entrou sem esperar pela resposta. Apresentou a Magnum para o delegado, com o dedo mínimo enfiado no gatilho.

— Estava na sarjeta — disse.

— E o telefone?

— O telefone não. Segundo o açougueiro, que estava fechando o caixa, um carro saiu a toda depois de ficar cinco minutos estacionado na frente da loja. Um homem teria entrado nele.

— O Mô — suspirou Danglard.

— Sim — confirmou o vigia. — A descrição bate.

— Ele não viu o número da placa? — perguntou Adamsberg, sem deixar transparecer nenhuma tensão.

— Não. Ele não saiu do açougue. O que a gente faz?

— Um relatório. A gente faz um relatório. Essa é sempre a resposta certa.

A porta tornou a fechar-se e Danglard serviu meio copo de vinho ao delegado.

— Está em estado de choque — enfatizou de forma afetada —, não posso lhe dar mais que isso.

Adamsberg apalpou o bolso da camisa e tirou de dentro um cigarro amassado, roubado de Zerk. Acendeu-o devagar, tentando evitar o olhar de Danglard, que parecia querer se enfiar em sua cabeça feito um parafuso bem fino e comprido. O que Danglard estava fazendo ali àquela hora? Mô o machucara de verdade ao bater, ele esfregou o queixo dolorido e, sem dúvida, vermelho. Muito bem. Sentiu uma escoriação e um pouco de sangue sob seus dedos. Perfeito, estava tudo indo bem. Tirando Danglard e seu parafuso comprido, que era o que ele temia. As lacunas do comandante nunca duravam muito tempo.

— Me conte — disse Danglard.

— Nada. Ele ficou enlouquecido e me grudou a arma no pescoço, não pude fazer nada. Saiu pela rua transversal.

— Como conseguiu avisar um cúmplice?

— Com o celular do Mercadet. Teclou uma mensagem na minha frente. O que a gente põe no relatório? Para não dizer que o Mercadet estava dormindo?

— Pois é, pôr o que no relatório? — repetiu Danglard, destacando pesadamente as palavras.

— A gente altera os horários. Põe que o Mô ainda estava na sala de interrogatório às nove da noite. Um agente cochilar na hora extra não chega a ser um fim de mundo. Acredito que os colegas sejam solidários.

— Com quem? — perguntou Danglard. — Com o Mercadet ou com o senhor?

— O que queria que eu fizesse, Danglard? Que o deixasse furar minha pele?

— Ora, foi a esse ponto?

— Sim, a esse ponto. O Mô estava enlouquecido.

— Claro — disse Danglard, tomando um gole.

E Adamsberg leu sua derrota no olhar demasiado perspicaz do auxiliar.

— Tudo bem — disse ele.

— Tudo bem — confirmou Danglard.

— Tarde demais. Você chegou tarde demais e a farsa já aconteceu. Tive medo de você sacar antes. Mas você demorou — acrescentou em tom decepcionado.

— É verdade. O senhor me engambelou por umas três horas.

— Justo o tempo que eu precisava.

— O senhor pirou, delegado.

Adamsberg tomou um gole do seu meio copo e rolou o vinho entre uma bochecha e outra.

— Isso não me incomoda — disse ele ao engolir.

— E está me arrastando junto no seu tombo.

— Não. Você não era obrigado a entender. Ainda tem, inclusive, a possibilidade de continuar tapado. A escolha é sua, comandante. Pode sair, ou ficar.

— Eu fico, se tiver um elemento a me oferecer em favor do Mô. Além do olhar.

— De jeito nenhum. Se você ficar, é sem condições.

— Caso contrário?

— Caso contrário, a vida fica pouco interessante.

Danglard conteve um gesto de rebeldia e apertou os dedos no copo. Uma raiva bem menos dolorosa, lembrou, do que pensar que Adamsberg tinha se

distraído. Deu-se o tempo de refletir em silêncio. Pura formalidade, ele mesmo sabia.

— Certo — disse.

Foi a palavra mais curta que encontrou para expressar sua capitulação.

— Você se lembra do tênis? — perguntou Adamsberg. — Dos cadarços?

— Era do mesmo número de Mô. E daí?

— Estou falando dos cadarços, Danglard. As pontas estavam molhadas de gasolina em vários centímetros.

— E daí?

— É tênis para jovens, com cadarços particularmente compridos.

— Eu sei, meus filhos têm uns iguais.

— E como seus filhos amarram esses tênis? Pense bem, Danglard.

— Eles passam os cadarços por trás do tornozelo, e depois amarram na frente.

— Exato. Já houve a moda dos cadarços desamarrados. Agora é a moda dos cadarços compridos que eles cruzam atrás do tornozelo antes de amarrar na frente. De modo que as pontas não ficam arrastando no chão. A não ser que um velho antiquado tenha calçado esse tênis sem saber como se amarram.

— Caramba.

— É. O velho antiquado, digamos alguém entre cinquenta e sessenta anos, digamos um dos filhos Clermont-Brasseur, comprou um par de tênis para jovens. E amarrou os cadarços na frente, como se fazia no tempo dele. E as pontas arrastaram na gasolina. Eu pedi para o Mô calçar o tênis. Lembra?

— Lembro.

— E ele amarrou do jeito dele, primeiro atrás e depois na frente. Se o Mô tivesse ateado o fogo haveria, sim, gasolina nas solas. Mas não na ponta dos cadarços.

Danglard encheu seu copo ainda quase cheio.

— Esse é o seu elemento?

— É, e ele vale ouro.

— Certo. Mas o senhor começou sua encenação antes disso. O senhor já sabia.

— O Mô não é um assassino. E eu nunca tive a intenção de deixar que ele caísse na rede.

— De qual dos filhos Clermont o senhor suspeita?

— Do Christian. É um crápula gelado desde os vinte anos.

— Eles não vão deixar barato. Vão achar o Mô onde quer que ele se encontre. É a única chance que eles têm. Quem veio buscar o Mô de carro?

Adamsberg esvaziou seu copo sem responder.

— Tal pai, tal filho — concluiu Danglard, levantando-se pesadamente.

— Já estamos com um passarinho doente, podemos ficar com dois.

— Mas não pode ficar com ele muito tempo.

— A ideia não é essa.

— Muito bem. O que vamos fazer?

— O de sempre — disse Adamsberg, desvencilhando-se das galhadas. — Um relatório, vamos fazer um relatório. Você é quem tem mais talento para isso, Danglard.

Nisso, seu celular tocou, indicando um número desconhecido. Adamsberg consultou seus relógios, 22h05, e franziu o cenho. Danglard já dava início ao falso relatório, tratando de seu indefectível apoio ao delegado mesmo nos extremos em que se viam lançados.

— Adamsberg — disse o delegado com cautela.

— Louis Nicolas Émeri — respondeu o capitão com voz cavernosa. — Te acordei?

— Não, um dos meus suspeitos acaba de fugir.

— Perfeito — disse Émeri sem entender.

— Léo morreu?

— Não, ela está aguentando. Mas eu não. Fui destituído, Adamsberg.

— Oficialmente?

— Ainda não. Um colega da Gendarmaria Nacional me alertou. É para amanhã. Umas hienas, uns filhos da puta.

— Era previsível, Émeri. Suspensão ou transferência?

— Suspensão provisória enquanto o relatório não chega.

— Claro, o relatório.

— Umas hienas, uns filhos da puta — repetiu o capitão.

— Por que está me ligando?

— Prefiro morrer a ver o capitão de Lisieux assumir o caso. Até a própria santa Teresa jogaria esse homem para o Exército Furioso sem hesitar.

— Um momento, Émeri.

Adamsberg tapou o fone com a mão.

— Danglard, o capitão de Lisieux?

— Dominique Barrefond, um autêntico canalha.

— O que quer fazer, Émeri? — retomou Adamsberg.

— Quero que você assuma. É o seu caso, afinal.

— Meu?

— Desde o começo, antes mesmo de ele existir. Desde que veio andar pelo caminho de Bonneval sem ter nem ideia do que era.

— Eu só fui respirar um ar puro. E comi umas amoras.

— Conta outra. O caso é seu — afirmou Émeri. — E se você assumir, vou poder ajudar por baixo do pano sem você me espezinhar. Ao passo que o filho da puta de Lisieux vai acabar comigo.

— Então é por isso?

— Por isso e porque o caso é seu, e de mais ninguém. É o seu destino em face do Exército Furioso.

— Não me venha com histórias, Émeri.

— Mas é assim. Ele está cavalgando em sua direção.

— Quem?

— O senhor Hellequim.

— Você não acredita em nada disso, só está querendo salvar a pele.

— Sim.

— Sinto muito, Émeri, você sabe que não vão me dar a chefia desse caso. Não há motivo para isso.

— Não estou falando em motivo, mas em pistolão. Posso conseguir um com o conde de Ordebec. Trate de conseguir um por seu lado.

— Por que eu faria isso? Para me incomodar com os tiras de Lisieux? Já estou cheio de incômodo por aqui, Émeri.

— Mas não foi posto para escanteio.

— Você não sabe de nada. Eu não falei que um dos meus suspeitos se mandou? Da minha própria sala, usando a arma de um dos meus auxiliares.

— Mais um motivo para ir tentar a sorte em outro lugar.

Não seria má ideia, pensou Adamsberg. Mas quem pode enfrentar o Senhor do Exército Furioso?

— Esse suspeito que fugiu é o do caso Clermont-Brasseur? — retomou Émeri.

— O próprio. Como vê, está entrando água na casa e estarei ocupado em escoar.

— Você está interessado nos herdeiros Clermont?

— Muito. Mas eles são inacessíveis.

— Não para o conde de Ordebec. Foi ele quem vendeu as siderúrgicas para Antoine pai. Os dois pintaram o sete na África, nos anos 1950. O conde é meu amigo. Quando a Léo me tirou do açude pelos fundilhos, ainda era casada com ele.

— Deixe os Clermont para lá. Já sabemos quem é o incendiário.

— Melhor assim. Só que às vezes a gente fica tentado a limpar em torno para enxergar mais claro. Simples reflexo de higiene profissional sem nenhuma importância.

Adamsberg desgrudou o telefone do ouvido e cruzou os braços. Seus dedos toparam com o torrão de terra que tinha guardado no bolso da camisa. Ainda hoje, ao meio-dia.

— Vou pensar no assunto — disse.

— Mas pense rápido.

— Eu nunca penso rápido, Émeri.

Ou simplesmente não pensa, completou Danglard sem dizer. A fuga de Mô era insanidade pura.

— Ordebec, é? — disse Danglard. — Quando amanhecer, vai estar com o governo inteiro contra o senhor, e ainda quer acrescentar o Exército Furioso?

— O tataraneto do marechal Davout acabou de depor as armas. O posto está vago. Não deixa de ter certo glamour, não acha?

— E desde quando o senhor se interessa por glamour?

Adamsberg arrumou suas coisas em silêncio.

— Desde que prometi a Léo que voltaria.

— Ela está em coma, não está nem aí, nem lembra que o senhor existe.

— Mas eu lembro.

Afinal, pensava Adamsberg enquanto ia voltando para casa a pé, Émeri podia estar com a razão. O caso podia ser seu. Fez um desvio até a margem do Sena e se desfez, em suas águas, do celular de Mercadet.

15

Às duas horas da manhã, Danglard concluiu o relatório. Às seis e meia, Adamsberg recebeu um telefonema do secretário-geral do diretor da Chefia de Polícia, seguido por um do próprio diretor, um do secretário do ministro e, por fim, do próprio ministro do Interior, às nove e quinze. No mesmo instante, o jovem Mô entrou em sua cozinha, vestindo uma camiseta muito grande emprestada por Zerk, timidamente à cata de comida. Zerk, com o pombo acomodado num dos braços, levantou-se para esquentar o café. As venezianas que davam para o jardim permaneciam fechadas, e Zerk pregara um pedaço de pano florido, meio feio, em frente à vidraça da porta-janela — por causa do calor, segundo explicara a Lucio. Mô tinha ordens para não se aproximar de nenhuma das janelas do piso superior. Com dois gestos, Adamsberg impôs silêncio imediato aos dois rapazes e pediu que evacuassem a cozinha.

— Não, excelência, ele não tem a menor chance de se safar. Sim, todas as gendarmarias estão alertadas, desde as 21h40 de ontem. Sim, todos os postos de fronteira igualmente. Não creio que seja necessário, excelência, o tenente Mercadet não teve culpa.

— Cabeças vão rolar, e precisam rolar, delegado Adamsberg, sabe disso, não é? Os Clermont-Brasseur estão escandalizados com a negligência de sua equipe. Assim como eu, delegado. Ouvi dizer que mantém um doente na sua Brigada, não é? Uma brigada que é, supostamente, um padrão de referência?

— Um doente, excelência?

— Um hipersônico. O incompetente de quem roubaram a arma. Ou o senhor acha normal pegar no sono durante um interrogatório? Afirmo que houve uma falha, delegado Adamsberg, uma falha colossal.

— Sua excelência foi mal informada. O tenente Mercadet é um dos homens mais resistentes da equipe. Ele tinha dormido somente duas horas na noite anterior e estava fazendo hora extra. Fazia quase trinta e quatro graus na sala de interrogatório.

— Quem estava com ele vigiando o acusado?

— O brigadeiro Estalère.

— É um bom elemento?

— Excelente.

— Então por que ele se ausentou? O relatório não apresenta nenhuma explicação quanto a isso.

— Ele foi buscar bebida.

— Falha, falha enorme, cabeças vão rolar. Dar bebida ao acusado, Mohamed Issam Benatmane, certamente não é a melhor forma de fazê-lo falar.

— A bebida era para os agentes, excelência.

— Eles que chamassem um colega. Falha, falha gravíssima. Não se pode ficar sozinho com um acusado. Isso vale para o senhor, delegado, que o deixou entrar na sua sala sem nenhum auxiliar. E se mostrou incapaz de desarmar um delinquente de vinte anos. Falha incalculável.

— Tem toda razão, excelência.

Com gotas de café, Adamsberg desenhava distraidamente formas sinuosas na toalha de plástico que cobria a mesa, traçando caminhos entre os dejetos de Hellebaud. Considerou, por um instante, a extrema resistência à lavagem apresentada pelo excremento de pássaro. Havia nisso um enigma químico para o qual Adamsberg não tinha resposta, ele era ruim em ciência.

— Christian Clermont-Brasseur pediu o afastamento imediato do senhor e dos seus dois incompetentes, e minha tendência é concordar com ele. No entanto, o pessoal aqui julga que ainda precisamos do senhor. Uma semana, Adamsberg, nem um dia mais.

Adamsberg reuniu a equipe toda na grande sala de reuniões, vulgo Sala do Capítulo, segundo a designação erudita de Danglard. Antes de sair de casa, tinha acentuado o machucado do queixo esfregando com a esponja da louça, riscando a pele com listras vermelhas. Muito bom, avaliou Zerk, que tinha realçado a equimose com um mercurocromo chamativo.

Desagradava-lhe a ideia de lançar seus agentes na vã perseguição de Mô, sabendo que este estava instalado em seus próprios domínios, mas a situação não lhe deixava alternativa. Distribuiu as tarefas e cada qual examinou suas atribuições em silêncio. Seu olhar percorreu o semblante de seus dezenove auxiliares presentes, atordoados pela nova situação. Somente Retancourt parecia divertir-se intimamente, o que o preocupou um pouco. A expressão consternada de Mercadet reativou o formigamento em sua nuca. Pegara essa bola de eletricidade no convívio com o capitão Émeri, mais cedo ou mais tarde precisava devolvê-la.

— Uma semana? — repetiu o brigadeiro Lamarre. — Não faz sentido! Se estiver escondido no meio de uma floresta, podemos levar semanas para

localizá-lo.

— Uma semana para mim — especificou Adamsberg, sem mencionar a situação da mesma forma precária de Mercadet e Estalère. — Se eu fracassar, o comandante Danglard provavelmente será nomeado chefe da Brigada, e o trabalho irá continuar.

— Não me lembro de ter dormido na sala de interrogatório — disse Mercadet, com voz abafada de culpa. — A falha foi toda minha. Mas não lembro. Se já estou dormindo sem nem me dar conta, não sirvo mais para o trabalho.

— As falhas foram várias, Mercadet. Você dormiu, o Estalère saiu do local, o Mô não foi revistado, e eu fiquei sozinho com ele na minha sala.

— Mesmo que o encontremos em uma semana, eles vão nos despedir para dar o exemplo — disse Noël.

— Pode ser, Noël. Mas ainda temos uma saída. Se não, ainda tenho a minha montanha. Portanto, não é grave. Primeira urgência: estejam preparados para uma inspeção surpresa na Brigada ao longo do dia. Ou seja, acionar o dispositivo de aparência em nível máximo. Mercadet, vá descansar agora, terá de estar totalmente acordado quando eles aparecerem. Depois, dê um sumiço nas almofadas. Voisenet, livre-se de suas revistas de ictiologia, Froissy, nem vestígio de comida nos armários, e guarde também suas aquarelas. Danglard, esvazie seus esconderijos, Retancourt, trate de levar o gato e as tigelas para um dos carros. O que mais? Não podemos esquecer nenhum detalhe.

— O cordão? — disse Morel.

— Que cordão?

— O que estava amarrado nas patas do pombo. O laboratório devolveu, está na mesa das amostragens, junto com o resultado da análise. Se eles perguntarem, não é um bom momento para falar no pássaro.

— Vou levar o cordão — disse Adamsberg, observando no semblante de Froissy a angústia que ela sentia só de pensar em se desfazer de suas reservas alimentícias. — Por outro lado, há uma boa notícia em meio à tormenta. Excepcionalmente, o divisionário Brézillon está do nosso lado. Quanto a isso, não vamos ter problema.

— Por que motivo? — perguntou Mordent.

— Os Clermont-Brasseur acabaram com a empresa do pai dele, uma importadora de minério boliviano. Uma cambada de predadores que ele não perdoa. Só o que ele quer é “pôr esses cachorros no banco dos réus”, como ele disse.

— Não há banco dos réus que se sustente — disse Retancourt. — A família Clermont não está implicada.

— Era só para dar uma ideia do estado de espírito do divisionário.

Os olhos meio irônicos de Retancourt outra vez, se não se enganava.

— Vamos lá — disse Adamsberg, levantando e, ao mesmo tempo, jogando no chão a bola de eletricidade. — Depuração da Brigada. Mercadet, fique mais um pouco, quero falar com você.

Sentado diante de Adamsberg, Mercadet torcia as mãos minúsculas. Um homem honesto, escrupuloso, frágil também, que Adamsberg estava pondo à beira da depressão, da autoaversão.

— Prefiro ser demitido desde já — disse Mercadet, esfregando as olheiras com dignidade. — Esse cara podia ter matado o senhor. Se eu estou dormindo sem nem perceber, prefiro ir embora. Se eu já não era confiável, agora virei perigoso, incontrolável.

— Tenente — disse Adamsberg, inclinando-se sobre a mesa —, eu disse que você tinha dormido. Mas você não dormiu. O Mô não pegou a sua arma.

— Legal da sua parte continuar me apoiando, delegado. Mas quando eu acordei, lá em cima, estava sem arma e sem celular. Estavam com o Mô.

— Por que eu dei para ele. Dei porque tirei de você. Lá em cima, na sala da máquina de bebidas. Dá para entender?

— Não — disse Mercadet com uma expressão atônita.

— Fui eu, Mercadet. O Mô precisava fugir antes de ter sua prisão decretada. O Mô não matou ninguém. Eu não tive escolha, e envolvi você nessa história.

— O Mô não ameaçou o senhor?

— Não.

— Foi o senhor quem abriu a porta?

— Sim.

— Puta que pariu.

Adamsberg recostou-se na cadeira, esperando Mercadet digerir a informação, o que ele em geral fazia com certa rapidez.

— Tudo bem — disse Mercadet, erguendo a cabeça. — Prefiro mil vezes isso a ter apagado na sala de interrogatório. E se o Mô não matou o velho, era a única coisa a fazer.

— E a calar, Mercadet. Danglard foi o único que entendeu. Mas eu, você e o Estalère vamos provavelmente ser defenestrados nos próximos dias. E eu não o consultei antes.

— Era a única coisa a fazer — repetiu Mercadet. — Pelo menos meu sono terá servido para alguma coisa.

— Sem dúvida. Sem você por aqui, não vejo o que eu poderia ter inventado.

A asa da borboleta. Mercadet piscando no Brasil e Mô fugindo no Texas.

— Foi por isso que ontem o senhor me segurou para fazer hora extra?

— Foi.

— Muito bom. Eu nem desconfiei.

— Só que agora vamos ser defenestrados, tenente.

— A não ser que o senhor consiga pegar um dos filhos Clermont.

— É assim que você vê a situação? — perguntou Adamsberg.

— Talvez. Um garoto como o Mô amarraria os cadarços dando a volta por trás. Não entendi por que eles estavam com as pontas manchadas de gasolina.

— Muito bem!

— O senhor tinha notado?

— Tinha. E por que você foi logo pensando em um dos filhos?

— Imagine o prejuízo se o Clermont pai casasse com a faxineira e adotasse os meninos dela. Dizem que os filhos não têm a diabólica genialidade do velho Antoine e se envolveram em operações temerárias. Principalmente o Christian. Um perturbado, viciado em jogo, gostava de torrar num único dia a extração diária de um poço de petróleo.

Mercadet balançou a cabeça, suspirando.

— E nem sequer sabemos se era ele que estava dirigindo o carro — concluiu, levantando-se.

— Tenente — lembrou-lhe Adamsberg. — Precisamos de silêncio absoluto, um silêncio que dure para sempre.

— Eu moro sozinho, delegado.

Depois que Mercadet saiu, Adamsberg deu umas voltas pela sala, ajeitou as galhadas junto à parede. Brézillon e seu ódio dos cachorros dos Clermont-Brasseur. Era possível o divisionário se deixar seduzir pela ideia de chegar a eles por meio do conde de Ordebec. Nesse caso, havia uma chance de que lhe entregassem o caso normando. Nesse caso, enfrentaria o Exército Furioso. Perspectiva que exercia sobre ele um fascínio indecifrável, que parecia brotar das mais arcaicas profundezas. Lembrou-se de um garoto bem jovem, certa noite, debruçado no parapeito de uma ponte, observando atentamente a água que corria lá embaixo, caudalosa. Segurava o boné na mão e seu problema, conforme explicara a Adamsberg, era a imperiosa tentação de jogá-lo na água, pois gostava daquele boné. E o garoto tentava entender por que tinha tanta vontade de efetuar esse gesto que não queria. Por fim, saíra correndo sem largar o boné, como se arrancando de um local imantado. Adamsberg agora entendia melhor a tola história do boné na ponte. O tropel dos cavalos negros passava em seus

pensamentos, sussurrando obscuros e insistentes convites, a ponto de ele sentir-se incomodado com o áspero realismo dos negócios político-financeiros dos Clermont-Brasseur. Somente o rosto de Mô, reles capim espezinhado por gigantes, lhe dava energia para trabalhar no caso. Os segredos dos Clermont eram banais, entediantes em seu pragmatismo, o que tornava ainda mais triste a morte atroz do velho empresário. Ao passo que o segredo de Ordebec lhe enviava uma música ininteligível e dissonante, uma composição de quimeras e ilusões que o atraía qual água correndo sob a ponte.

Não podia permitir-se desertar por muito tempo a Brigada naquele dia tempestuoso, de modo que foi de carro se encontrar com Brézillon. Só no segundo sinal vermelho percebeu que pegara o carro em que Retancourt tinha escondido o gato e suas tigelas. Reduziu a velocidade para não derrubar o pote com água. A tenente jamais o perdoaria se deixasse o animal desidratar-se.

Brézillon o recebeu com um sorriso impaciente e tapinhas de cumplicidade no ombro. Atitude rara, que não o impediu de dirigir-se ao delegado com sua frase costumeira.

— Sabe que não aprovo muito seus métodos, Adamsberg. Informais, sem visibilidade, nem para sua hierarquia nem para seus auxiliares, sem os elementos factuais necessários para demarcar o itinerário. Mas podem ter um lado positivo no caso que nos traz aqui, já que dessa vez se trata de encontrar uma passagem obscura.

Adamsberg deixou passar a introdução e então expôs o excelente elemento factual representado pelos cadarços mal amarrados do incendiário. Não era fácil interromper os longos monólogos do divisionário.

— Compreendo — comentou Brézillon, amassando o cigarro com o polegar, um gesto autoritário que lhe era habitual. — É melhor desligar o celular antes de prosseguir. Você está grampeado desde a fuga do suspeito, desde que tem demonstrado tão pouco empenho em pegar o tal Mohamed. Ou, em outras palavras, o animal escolhido para o sacrifício — especificou depois que Adamsberg desmontou o celular. — Estamos de acordo? Nunca achei que esse rapaz insignificante pudesse ter queimado por acaso um dos magnatas da nossa economia. Deram-lhe uma semana, eu sei, e não vejo como irá conseguir em tão pouco tempo. Porque, por um lado, é um homem lento, e por outro, o caminho está bloqueado. Estou disposto, contudo, a apoiá-lo de todas as formas legais e desejáveis numa investida contra os dois irmãos. Desnecessário dizer, Adamsberg, que, como todo mundo, acredito piamente na culpabilidade desse árabe e, aconteça o que acontecer com o clã Clermont, vou desaprovar o escândalo. Ache um caminho.

16

Adamsberg retornou à Brigada às cinco da tarde, com o gato dobrado no seu braço feito um trapo velho que ele pôs de volta na cama morna da fotocopiadora. Nada havia chamado a atenção da equipe da Inspeção, que de fato se apresentara duas horas antes e passara o local no pente-fino sem delicadeza nem comentários. Enquanto isso, haviam chegado os relatórios das gendarmarias e postos policiais, e Momô permanecia invisível. Muitos agentes ainda estavam na rua, revistando os domicílios de todos os seus contatos conhecidos. Uma operação de mais envergadura estava prevista para aquela noite, visando à inspeção de todas as moradias da Cidade das Colinas, onde residia Momô, e que evidentemente apresentava um índice anual de carros incendiados acima da média. Aguardavam o reforço dos três delegados parisienses necessários para cercar as Colinas.

Adamsberg fez um sinal a Veyrenc, Morel e Noël, e sentou-se atravessado na mesa de Retancourt.

— Aqui está o endereço dos dois filhos Clermont, Christian e Christophe. Os “dois Cristos”, como são chamados.

— Cuja fama não se iguala à do Redentor — disse Retancourt.

— O pai esperava demais dos filhos.

— *Contempla, chorando, seus filhos decaídos/ Lamentando as virtudes que ele próprio abolira* — completou Veyrenc. — Espera que os Clermont nos recebam?

— Não. Espero que vocês os sigam dia e noite. Eles moram juntos num imenso palacete de duas alas. Mudem constantemente de carro e de aparência, e você, Veyrenc, tinja o cabelo.

— O Noël não é o mais indicado para seguir pessoas — observou Morel. — É identificável de longe.

— Mas precisamos dele. O Noël é ruim e tinhoso, se agarra em qualquer tipo de pista. Precisamos disso também.

— Obrigado — disse sem ironia Noël, que não subestimava suas qualidades negativas.

— Temos aqui umas fotos deles — disse Adamsberg, fazendo-as circular pelo grupo. — São bastante parecidos, sendo que um é gordo, e o outro, magro. Sessenta anos um, e cinquenta e oito o outro. O magro é o mais velho, Christian, que vamos chamar de Redentor 1. Bela cabeleira prateada, sempre um pouco comprida. Elegante, brilhante, divertido, usa roupas caras. O gordinho é reservado, mais sóbrio, e já quase sem cabelo. É o Christophe, ou Redentor 2. A Mercedes que queimou era dele. De um lado, um mundano, de outro, um trabalhador. O que não significa que um seja melhor que o outro. Ainda não se sabe o que estavam fazendo na noite do incêndio, nem quem estava dirigindo o carro.

— O que está havendo? — perguntou Retancourt. — Desistimos do Momô?

Adamsberg olhou para Retancourt e percebeu aquela mesma desconfiança divertida, indecifrável.

— Tenente, estamos procurando o Mô neste exato momento, e hoje à noite, com reforços. Mas temos um problema de pontas de cadarços.

— Quando pensou nisso? — perguntou Noël depois que Adamsberg expôs a questão dos cadarços mal amarrados.

— Esta noite — mentiu Adamsberg com desenvoltura.

— Então por que pediu, ontem, para ele calçar um pé do tênis?

— Para conferir o número.

— Certo — disse Retancourt, injetando nessa única palavra todo o seu ceticismo.

— Isso não inocenta o Mô — retomou Adamsberg. — Mas incomoda.

— Muito — concordou Noël. — Se um dos Cristos ateou fogo no pai jogando o Mô na confusão, a canoa vai chacoalhar.

— A canoa já está furada — comentou Veyrenc. — *Tão logo na nau haviam embarcado/ Um recife submarino lhe perfurou o casco.*

Desde sua reintegração recente, o tenente Veyrenc já enunciara algumas dezenas de versos ruins. Mas ninguém mais prestava atenção, como se fossem um elemento sonoro corriqueiro que, qual os roncos de Mercadet ou os miados do gato, fizessem parte inevitável do ruído de fundo da Brigada.

— Se um dos dois Cristos fez isso — esclareceu Adamsberg —, mas ninguém disse que é esse o caso e nós não acreditamos nisso, o terno dele deverá apresentar vestígios residuais de vapor de gasolina.

— Mais pesados que o ar — assentiu Veyrenc.

— Assim como a maleta ou sacola que teria usado para efetuar a troca de tênis — disse Morel.

— E por que não a maçaneta da porta quando ele chegou em casa? — acrescentou Noël.

— Ou a chave.

— Não se ele limpou tudo — objetou Veyrenc.

— Temos de verificar se um dos dois se desfez de algum terno. Ou mandou para a lavanderia.

— Trocando em miúdos, delegado — disse Retancourt —, está nos pedindo para vigiar os dois Cristos como se fossem assassinos e, ao mesmo tempo, para não os considerarmos como tal.

— É isso — aprovou Adamsberg, sorrindo. — O Mô é culpado e estamos atrás dele. Mas vocês vão grudar nos Cristos feito carrapatos.

— Por amor à arte — disse Retancourt.

— Às vezes é necessário um gesto de amor à arte. Um pouco de estética vai compensar a revista de hoje à noite na Cidade das Colinas, que não terá nada de artístico. Retancourt e Noël se encarregam do filho mais velho, Christian, Redentor 1. E Morel e Veyrenc, de Christophe, Redentor 2. Gravem esse código, eu estou grampeado.

— Vamos ter de revezar com duas equipes noturnas.

— Vão revezar com Froissy, que vai cuidar dos microfones multidirecionais, Lamarre, Mordent e Justin. Estacionem os carros a uma distância razoável. O palacete é bem vigiado.

— E se eles perceberem?

Adamsberg refletiu alguns instantes e balançou a cabeça, impotente.

— Não vão perceber — concluiu Veyrenc.

17

Seu vizinho Lucio deteve Adamsberg enquanto este atravessava o pequeno jardim para entrar em casa.

— *Hola*, *hombre* — cumprimentou o idoso.

— *Hola*, Lucio.

— Uma cervejinha lhe faria muito bem. Com esse calor.

— Agora não, Lucio.

— E com suas aporrinhações todas.

— Por quê, eu estou com alguma aporrinhação?

— Sem dúvida, *hombre*.

Adamsberg nunca fazia pouco das afirmações de Lucio, e esperou no jardim que o velho espanhol retornasse com duas cervejas geladas. De tanto Lucio urinar regularmente junto à faia, Adamsberg tinha a impressão de que a grama estava definhando na base do tronco. Ou talvez fosse efeito do calor.

O idoso abriu as duas garrafas — com ele, nada de latinha — e estendeu-lhe uma.

— Dois caras bisbilhotando — disse Lucio entre dois goles.

— Aqui?

— É. Com jeito de quem não quer nada. Com jeito de dois caras passando na rua. E quanto mais se tem cara de quem não quer nada, mais se fica com cara de quem quer. Enfim, dois futriqueiros. Futriqueiros nunca andam de cabeça erguida ou cabisbaixos, como todo mundo. Põem os olhos em tudo, como se estivessem passeando numa rua turística. Mas nossa rua não é turística, não é, *hombre*?

— Não.

— Uns futriqueiros, e estavam interessados na sua casa.

— Reconhecimento do local.

— E observação das idas e vindas do seu filho, quem sabe para saber quando a casa vai estar vazia.

— Uns futriqueiros — murmurou Adamsberg. — Uns caras que um dia vão acabar sufocados com miolo de pão.

— Por que sufocados com miolo de pão?

Adamsberg afastou os braços.

— Então, é o que eu digo — retomou Lucio. — Se há uns futriqueiros tentando entrar na sua casa, você está em apuros.

Adamsberg assoprou no gargalo da garrafa, produzindo um pequeno assobio — o que não daria para fazer com uma latinha, explicou Lucio com razão —, e sentou-se no velho caixote de madeira que o vizinho instalara embaixo da faia.

— Você fez besteira, *hombre*?

— Não.

— Você está mexendo com quem?

— Com terras proibidas.

— Quanta insensatez, *mi amigo.* Se precisar, se tiver algo ou alguém para esconder, já sabe onde guardo minha chave de reserva.

— Sei. Debaixo do balde cheio de cascalho, atrás do galpão.

— Seria melhor você guardar no bolso. Você é que sabe, *hombre* — acrescentou Lucio ao se afastar.

A mesa estava posta sobre a toalha de plástico manchada por Hellebaud. Zerk e Momô aguardavam Adamsberg para jantar. Zerk tinha preparado macarrão com atum e molho de tomate, uma variação do arroz com atum e tomates que tinha servido alguns dias antes. Adamsberg pensou em pedir que diversificasse um pouco o cardápio, mas desistiu em seguida — não tinha sentido criticar um filho desconhecido por causa de um atum. Muito menos na frente de um Mô desconhecido. Zerk colocava, ao lado do prato, uns pedacinhos de peixe que Hellebaud debicava freneticamente.

— Ele está bem melhor — disse Adamsberg.

— Está — confirmou Zerk.

Adamsberg nunca se incomodava com os silêncios coletivos, e não sentia a necessidade compulsiva de preencher os vazios a qualquer custo. Diziam que, por ele, os anjos podiam passar e tornar a passar sem que isso o preocupasse. O filho parecia ser feito pelo mesmo molde, e Mô estava intimidado demais para ousar sugerir um assunto. Ele era, porém, do tipo que se deixa desconcertar pelos anjos.

— O senhor é diabolista? — perguntou ao delegado num fio de voz.

Adamsberg fitou o rapaz sem entender, enquanto mastigava com certa dificuldade. Não há nada mais denso e seco que atum ao vapor, era o que estava pensando quando Mô lhe fez a pergunta.

— Não entendi, Mô.

— O senhor gosta de jogar diabolô?

Adamsberg regou novamente seu prato com molho de tomate e imaginou que ser diabolista ou jogar diabolô devia significar algo como “jogar com o diabo”

na gíria dos jovens da periferia de Mô.

— A gente às vezes é obrigado a isso — respondeu.

— Mas o senhor não joga como profissional?

Adamsberg interrompeu a mastigação e tomou um gole de água.

— Acho que não estamos falando da mesma coisa. O que você entende por "diabolô"?

— É o jogo — explicou Mô, corando. — Dois cones de borracha que a gente rola num cordão com duas varas — acrescentou, imitando o gesto de um jogador.

— Certo, diabolô — confirmou Adamsberg. — Não, não jogo diabolô. Nem ioiô.

Mô tornou a enfiar a cara no prato, frustrado por sua malograda tentativa, buscando outro galho em que se agarrar.

— É mesmo importante para o senhor? Quero dizer, o pombo?

— As suas patas, Mô, também foram amarradas.

— Por quem? — perguntou Mô.

— Os grandes deste mundo que estão tratando de você.

Adamsberg se levantou, afastou uma ponta da cortina pregada na porta, contemplou o jardim ao anoitecer, e Lucio instalado sobre o caixote com seu jornal.

— Vamos ter de pensar um pouco — disse, pondo-se a andar em volta da mesa. — Dois futriqueiros estiveram hoje nas redondezas. Não se preocupe, Mô, a gente ainda tem um tempinho, esses caras não estavam atrás de você.

— Eram tiras?

— Digamos que eram homens do Ministério. Querem saber exatamente o que estou matutando quanto aos Clermont-Brasseur. Estão preocupados com uma história de cadarços. Depois explico isso, Mô. É o único ponto fraco deles. Estão assustados com o seu sumiço.

— O que eles querem por aqui? — perguntou Zerk.

— Ver se eu tenho algum documento que mostre a existência de uma investigação oficiosa sobre os Clermont-Brasseur. Ou seja, querem entrar na casa na nossa ausência. O Mô não pode ficar aqui.

— Ele tem de ir embora esta noite?

— Há barreiras em todas as estradas, Zerk. Vamos ter de pensar um pouco — repetiu.

Zerk tragou o cigarro, cenho franzido.

— Se eles estão vigiando a rua, não tem como o Mô entrar num carro.

Adamsberg seguia andando em volta da mesa, ao mesmo tempo que registrava, no filho, capacidade de ação rápida e, inclusive, pragmatismo.

— A gente passa pela casa do Lucio, e dali para a rua de trás.

Adamsberg estacou, atento a um ruído de grama amassada lá fora. Logo depois, bateram na porta. Mô levantou, com o prato na mão, e recuou em direção à escada.

— Retancourt — anunciou a voz forte da tenente. — Posso entrar, delegado?

Com um gesto do polegar, Adamsberg indicou a Mô a direção do porão e abriu a porta. Era uma casa antiga, e a tenente se abaixou para não bater no marco da porta ao entrar. A cozinha pareceu mais estreita com ela lá dentro.

— É importante — disse Retancourt.

— Já jantou, Violette? — indagou Zerk, que pareceu se iluminar ao ver a tenente.

— Não se preocupe.

— Vou esquentar a comida — disse Zerk, pondo-se imediatamente ao fogão.

O pombo saltitou sobre a mesa e avançou até uns dez centímetros do braço de Retancourt.

— Ele parece estar me reconhecendo, não? Parece recuperado.

— Sim, mas não está voando.

— Não sabemos se o problema é motor ou neurológico — especificou Zerk com a maior seriedade. — Fiz uma tentativa no jardim, mas ele ficou só debicando como se tivesse esquecido que podia voar.

— Muito bem — disse Retancourt, sentando-se na cadeira mais firme. — Fiz umas alterações no plano de vigilância dos irmãos Clermont.

— Não gostou do meu plano?

— Não. Muito clássico, demorado, arriscado e sem chance de resultado.

— É possível — admitiu Adamsberg, sabendo que, desde o dia anterior, tivera de tomar todas as decisões às pressas, talvez sem discernimento. As críticas de Retancourt nunca o afetavam.

— Tem outra ideia? — acrescentou.

— Se infiltrar no local. É só o que me ocorre.

— Também é clássico — respondeu Adamsberg —, mas inviável. A residência é inviolável.

Zerk pôs um prato de macarrão com atum requentado na frente de Retancourt. Adamsberg imaginou que Violette daria cabo do peixe sem sequer se dar conta.

— Você tem um pouco de vinho para acompanhar? — perguntou ela. — Não quero incomodar, sei onde fica, eu vou até o porão.

— Não, deixe que eu vou — Zerk apressou-se em dizer.

— Quase inviolável, é verdade. De modo que era tudo ou nada.

Adamsberg estremeceu ligeiramente.

— Devia ter me consultado, tenente — disse ele.

— O senhor disse que estávamos grampeados — disse Retancourt enfurnando, imperturbável, uma enorme garfada de peixe. — A propósito, eu lhe trouxe um celular novo com um chip sobressalente. O chip pertencia àquele receptador da Garenne, codinome "Bicudo", mas tudo bem, ele está morto. Trouxe também um recado pessoal deixado na Brigada agora à tarde. Da parte do divisionário.

— O que você fez, Retancourt?

— Nada de mais. Fui ao palacete dos Clermont e disse ao porteiro que estava informada de que havia vaga para um emprego. Não sei por quê, devo ter impressionado o porteiro: ele não me mandou embora no ato.

— Sem dúvida — admitiu Adamsberg. — Mas deve ter perguntado quem tinha lhe passado a informação.

— É óbvio. Mencionei Clara de Verdier, disse que era uma amiga da filha de Christophe Clermont.

— Eles vão checar, Retancourt.

— Pode ser — disse a tenente, servindo-se da garrafa aberta por Zerk. — Muito bom o seu jantar, Zerk. Podem checar à vontade, porque é verdade. Também é verdade que existe uma vaga para emprego. Nessas mansões, são tantos empregados que sempre há algum cargo subalterno vago, principalmente porque o Christian, Redentor 1, tem fama de ser muito duro com os empregados. Alta rotatividade. A tal Clara foi amiga do Bruno, meu irmão, e eu um dia dei uma mão para ela num caso de roubo à mão armada. Liguei para ela, vai confirmar se for preciso.

— Certamente — disse Adamsberg, meio aturdido.

Ele era um dos primeiros a reverenciar o extraordinário poder de ação-resolução de Retancourt, adaptado a toda tarefa, todo objetivo, todo terreno, mas sempre sentia certo atordoamento ao confrontar-se com ele.

— De modo que, se o senhor não tiver nada contra — disse Retancourt, juntando o molho com pão —, eu começo amanhã.

— Explique melhor, tenente. O porteiro a fez entrar?

— Naturalmente. Fui recebida pelo principal secretário de Christian, Redentor 1, um chefinho bem desagradável que, à primeira vista, não estava disposto a me dar o emprego.

— Qual é a função?

— Gestão da contabilidade doméstica em computador. Enfim, destaquei de modo um tanto enfático minhas qualidades e, no fim das contas, o sujeito me contratou.

— Decerto não teve escolha — disse Adamsberg com voz mansa.

— Imagino que não.

Retancourt esvaziou seu copo e o colocou ruidosamente sobre a mesa.

— Esta toalha não está muito limpa — observou.

— É o pombo. O Zerk faz o possível, mas essa titica pega no plástico. Eu queria saber o que tem dentro do cocô de um pássaro.

— Ácido, ou algo assim. O que a gente faz? Assumo o emprego ou não?

Adamsberg acordou no meio da noite e desceu até a cozinha. Tinha se esquecido do bilhete do divisionário trazido por Retancourt e que ainda estava em cima da mesa. Leu o bilhete, sorriu, e o queimou na lareira. Brézillon o incumbia do caso de Ordebec.

Tinha pela frente o Exército Furioso.

Às seis e meia, acordou Zerk e Mô.

— O senhor Hellequim nos oferece seu auxílio — disse ele, e Zerk achou que a frase soava meio como uma proclamação na igreja.

— A Violette também — disse Zerk.

— Também, mas ela sempre faz isso. Fui incumbido do caso de Ordebec. Preparem-se para partir ainda hoje. Para começar, limpem a fundo a casa inteira, passem água sanitária no banheiro, lavem os lençóis de Mô, esfreguem todo lugar em que ele possa ter encostado os dedos. Vamos levá-lo na viatura policial e escondê-lo por lá. Zerk, vá pegar meu carro na oficina e compre uma gaiola para o Hellebaud. Pegue dinheiro no aparador.

— Impressões digitais pegam em pena de pombo? O Hellebaud não vai gostar se eu esfregar o corpo dele todo com um pano.

— Não, não precisa.

— Ele também vai?

— Vai, se você for. Se você aceitar. Vou precisar de você lá para abastecer o Mô no esconderijo.

Zerk fez um gesto de assentimento.

— Ainda não sei se você vem comigo ou vai com meu carro.

— Precisa pensar melhor?

— Sim, e pensar rápido.

— Não é fácil — disse Zerk, avaliando plenamente a amplitude do problema.

18

Uma nova reunião agregou os membros da Brigada na sala do concílio, sob os ventiladores que funcionavam a pleno vapor. Era domingo, mas as ordens do dispositivo de emergência do Ministério tinham abolido descanso e férias até que o caso Mohamed fosse solucionado. Dessa vez, Danglard estava presente desde a manhã, o que lhe dava o aspecto de um sujeito derrotado pela vida sem ter sequer tentado resistir. Todos sabiam que sua fisionomia só se desintrincaria por volta do meio-dia. Adamsberg tivera tempo de fingir ler os relatórios sobre a busca na Cidade das Colinas, que se estendera em vão até duas e vinte da manhã.

— Cadê a Violette? — perguntou Estalère ao servir a primeira rodada de café.

— Fazendo uma imersão na residência dos Clermont-Brasseur, ela arrumou um emprego na casa deles.

Noël soltou um longo assobio de admiração.

— Nenhum de nós pode tocar no assunto, nem entrar em contato com ela. Oficialmente, está fazendo um estágio em Toulon, um curso intensivo de informática de duas semanas.

— Como ela conseguiu entrar na casa? — perguntou Noël.

— Era a intenção dela, e ela a concretizou.

— Um exemplo estimulante — observou Voisenet com voz enlanguescida. — Quem dera, concretizar nossas intenções!

— Esqueça, Voisenet — disse Adamsberg. — A Retancourt não pode ser exemplo para ninguém, ela faz uso de qualidades não reprodutíveis.

— Sem dúvida nenhuma — confirmou Mordent, seriíssimo.

— De modo que vamos anular o sistema de vigilância. Passemos a outra coisa.

— Mas continuamos atrás do Mô, não é? — perguntou Morel.

— É evidente, essa ainda é a prioridade. Mas alguns de vocês devem estar disponíveis. Vamos para a Normandia. Fomos encarregados do caso de Ordebec.

Danglard ergueu rapidamente a cabeça e seu rosto se enrugou de desprazer.

— O senhor armou para isso, delegado? — indagou.

— Eu não. O capitão Émeri caiu do cavalo. Ele considerou um assassinato um suicídio, e o outro um acidente. Foi destituído.

— E por que sobrou logo para nós? — perguntou Justin.

— Porque eu estava no local quando o primeiro corpo foi encontrado, e quando a segunda vítima foi agredida. Porque o capitão Émeri deu um empurrãozinho. Porque talvez exista uma chance de nos introduzirmos, de lá, na fortaleza dos Clermont-Brasseur.

Adamsberg estava mentindo. Não acreditava no poder do conde de Ordebec. Émeri fizera valer esse elemento acessório para lhe fornecer um pretexto. Adamsberg estava indo para Ordebec porque desafiar o Exército Furioso o atraía de forma quase irresistível. E porque seria um excelente esconderijo para Mô.

— Não vejo qual a relação com os Clermont — disse Mordent.

— Há em Ordebec um velho conde que talvez possa nos abrir algumas portas. Ele já fez negócios com Antoine Clermont.

— Que seja — disse Morel. — Que tal esse caso? Do que se trata?

— Houve um assassinato — de um homem — e uma tentativa de assassinato de uma idosa. Acham que ela não vai sobreviver. E mais três mortes foram anunciadas.

— Anunciadas?

— É. Porque esses crimes estão diretamente ligados a uma espécie de tropa empesteada, uma história muito antiga.

— Uma tropa de quê?

— De mortos em armas. Essa tropa tem andado na região desde sempre e carrega consigo os viventes culpados.

— Perfeito — disse Noël. — Ela, de certa forma, faz o nosso trabalho.

— Vai um pouco além, porque mata essas pessoas. Danglard, explique rapidamente o que é o Exército Furioso.

— Não concordo com nosso envolvimento nessa história — resmungou o comandante. — De um jeito ou de outro, deve haver um dedo seu nessa indicação. E eu não sou nem um pouco a favor.

Danglard ergueu as mãos num gesto de recusa, perguntando-se de onde vinha essa sua repulsa pelo caso de Ordebec. Tinha sonhado duas vezes com o Exército de Hellequim depois de ter o prazer de descrevê-lo para Zerk e Adamsberg. Mas não sentira prazer em seus sonhos, nos quais se debatia com a confusa ideia de que rumava para a própria perdição.

— Explique assim mesmo — disse Adamsberg, observando atentamente seu auxiliar e detectando certo medo em sua defensiva. Embora Danglard fosse um autêntico ateu destituído de misticismo, a superstição podia abrir dentro dele

caminhos um tanto largos aproveitando aqueles, sempre escancarados, seus pensamentos ansiosos.

O comandante deu de ombros com fingida segurança e se levantou, como era seu costume, para expor a medieval situação aos agentes da Brigada.

— Procure ser breve, Danglard — pediu Adamsberg. — Não precisa citar os textos.

Vã recomendação, a apresentação de Danglard levou quarenta minutos, distraindo os agentes da pesada realidade do caso Clermont. Froissy foi a única a se ausentar alguns instantes para comer biscoitos com patê. Houve alguns meneios de cabeça entendidos. Sabiam que ela acabava de adicionar às suas reservas uma coleção de delicadas iguarias, como patês de lebre com agaricáceas,[9] tentadoras para alguns. Quando Froissy retornou ao seu lugar, a eloquência de Danglard prendia a total atenção dos membros da Brigada, principalmente pela formidável imagem do Exército de Hellequim — formidável no sentido estrito, especificou o comandante, ou seja, passível de inspirar terror.

— Foi Lina quem matou o caçador? — perguntou Lamarre. — Ela vai executar todos que reconheceu em sua visão?

— Ela obedece, de certa forma? — acrescentou Justin.

— Pode ser — interveio Adamsberg. — Dizem, em Ordebec, que a família Vendermot inteira é maluca. Mas todos os habitantes sofrem a influência do Exército. Ele anda na região há muito tempo, e essas não são suas primeiras vítimas. Ninguém se sente tranquilo com essa lenda, e muitos a temem de fato. Se morrer mais uma das vítimas designadas, a cidade vai entrar em convulsão. E o pior é a quarta vítima, porque não tem nome.

— Ou seja, muita gente pode achar que é a quarta vítima — disse Mordent, fazendo anotações.

— Quem se sente culpado por alguma coisa?

— Não, quem é realmente culpado — especificou Adamsberg. — Vigaristas, salafrários, assassinos insuspeitos e impunes, capazes de se assustar muito mais com a passagem de Hellequim do que com uma blitz policial. Porque, lá, estão todos convencidos de que Hellequim sabe, Hellequim vê.

— Bem ao contrário do que se pensa da polícia — disse Noël.

— Vamos supor — disse Justin, sempre cioso de precisão — que alguém receie ser a quarta vítima designada pelo tal Hellequim. O quarto “apanhado”, como o senhor disse. Não entendo de que lhe adianta matar os demais “apanhados”.

— É que existe uma tradição secundária — explicou Danglard — que não é unanimidade, mas reza que aquele que cumpre os desígnios de Hellequim pode ser salvo de seu próprio destino.

— Em troca de serviços prestados — comentou Mordent que, na condição de colecionador de contos e lendas, continuava fazendo anotações sobre essa história que não conhecia.

— Um colaborador recompensado, de certa forma — disse Noël.

— Sim, a ideia é essa — confirmou Danglard. — Mas é uma ideia recente, data do início do século XIX. Outra hipótese perigosa seria que uma pessoa, mesmo sem se julgar "apanhada", acredite nas acusações de Hellequim e queira realizar sua vontade. Para fazer valer, como antigamente, a *verdadeyra justiça.*

— O que a tal Léo poderia estar sabendo?

— Não há como adivinhar. Estava sozinha quando encontrou o corpo de Herbier.

— Qual é o plano? — perguntou Justin. — Como vamos nos dividir?

— Não existe plano. Não tive tempo, nos últimos dias, de elaborar nenhum plano.

Não tem nunca, corrigiu silenciosamente Danglard, com a agressividade aumentada por sua repulsa pela operação Ordebec.

— Eu vou para lá com o Danglard, se ele aceitar, e se preciso vou recorrer a alguns de vocês.

— Ficamos, então, focados no Mô.

— É isso. Encontrem esse cara. Mantenham-se em contato permanente com o circuito nacional dos postos policiais.

Adamsberg segurou Danglard depois de encerrar a reunião.

— Venha comigo, vamos ver em que estado está a Léo — disse ele. — E terá mais do que motivos para querer atravessar o caminho do Exército Furioso. Do demente que está executando os desejos do senhor Hellequim.

— Não seria razoável — disse Danglard, meneando a cabeça. — Alguém precisa ficar para manter a Brigada funcionando.

— Está com medo de quê, Danglard?

— Não estou com medo.

— Está, sim.

— Tudo bem — admitiu Danglard. — Eu sinto que vou perder a vida em Ordebec. Só isso. Que esse vai ser meu último caso.

— Caramba! E por quê, Danglard?

— Sonhei duas vezes com isso. Em especial com um cavalo de três patas.

Danglard sentiu um arrepio, quase uma náusea.

— Sente-se — disse Adamsberg, puxando-o suavemente pela manga.

— Esse cavalo é montado por um homem preto — prosseguiu Danglard —, e ele bate em mim, eu caio, me vejo morto, e é só. Eu sei, delegado, nós não acreditamos em sonhos.

— E daí?

— E daí que fui eu que desencadeei isso tudo contando para o senhor a história do Exército Furioso. Não fosse isso, o senhor ficava com o exército curioso e tudo acabava aí. Mas por prazer, por erudição, abri a caixa proibida. E o desafiei. Por isso, Hellequim vai acabar com a minha vida em Ordebec. Ele não gosta que brinquem com ele.

— Imagino que não. Imagino que não seja dado a brincadeiras.

— Não caçoe, delegado.

— Está mesmo falando sério, Danglard? A esse ponto?

Danglard sacudiu os ombros molengas.

— É claro que não. Mas eu acordo e vou dormir com essa ideia.

— É a primeira vez que você teme algo que não você mesmo. Quer dizer que você agora tem dois inimigos. É inimigo demais, Danglard.

— O que sugere?

— Sugiro que a gente viaje hoje à tarde. Vamos jantar no restaurante? Com um bom vinho?

— E se eu morrer?

— Azar.

Danglard deu um sorriso e fitou o delegado com um olhar diferente. “Azar.” Essa resposta lhe convinha, dava um fim brusco ao seu lamento, como se Adamsberg tivesse apertado num botão de stop, desligando seus temores.

— A que horas? — perguntou.

Adamsberg consultou seus relógios.

— Me encontre lá em casa dentro de duas horas. Peça a Froissy que lhe forneça dois celulares novos e descubra o nome de um bom restaurante.

Ao chegar em casa, o delegado encontrou tudo brilhando, a gaiola de Hellebaud preparada, as malas quase fechadas. Na de Mô, Zerk estava pondo cigarros, livros, lápis, palavras cruzadas. Mô o observava, como se as luvas de borracha que usava o impedissem de se mexer. Adamsberg sabia que a condição de homem procurado, de animal acuado, paralisa já nos primeiros dias os movimentos naturais do corpo. Depois de um mês, já se hesita em fazer barulho ao andar, e depois de três meses já não se ousa respirar.

— Também comprei um ioiô novo para ele — explicou Zerk. — Não é de tão boa qualidade como o dele, mas eu não podia me ausentar por muito tempo. O Lucio me substituiu, instalou-se com o rádio dele na cozinha. Por que ele anda sempre com esse rádio com chiado? Não dá para ouvir nada direito.

— Ele gosta de ouvir vozes humanas, mas não o que elas falam.

— Onde eu vou ficar? — perguntou Mô timidamente.

— Numa casa feita de metade alvenaria, metade madeira, afastada do burgo, e cujo inquilino acaba de ser assassinado. Ou seja, foi interditada pela gendarmaria, não poderia haver esconderijo melhor.

— E como a gente entra, com os lacres? — perguntou Zerk.

— A gente tira e põe de novo. Vou te mostrar. Seja como for, a gendarmaria não tem mais nenhum motivo para aparecer por lá.

— O sujeito foi assassinado por quê? — perguntou Mô.

— Uma espécie de colosso local fedido foi para cima dele, um tal de Hellequim. Não se preocupe, ele não tem nada contra você. Por que comprou lápis de cor, Zerk?

— Para o caso de ele querer desenhar.

— Muito bem. Você vai querer desenhar, Mô?

— Não, acho que não.

— Muito bem — repetiu Adamsberg. — O Mô vai comigo na viatura, no porta-malas. A viagem dura cerca de duas horas e vai estar um calorão lá dentro. Vai ter água à disposição. Você aguenta?

— Aguento.

— Você vai ouvir a voz de outro homem, o comandante Danglard. Não se preocupe, ele está por dentro da sua fuga. Ou melhor, ele adivinhou e eu não pude fazer nada. Mas ele ainda não sabe que estou te levando junto. Não por muito tempo, Danglard é brilhante, ele antecipa e adivinha quase tudo, até os mortais desígnios do senhor Hellequim. Vou deixar você na tal casa vazia antes de entrar em Ordebec. Zerk, você vai com o outro carro e o restante da bagagem. E lá, já que você sabe usar uma câmera, vamos dizer que está fazendo um estágio informal de fotografia e, ao mesmo tempo, um trabalho de frila que te obriga a andar pelas redondezas. Para uma revista, uma revista sueca, digamos. Para justificar suas saídas. A menos que você tenha uma ideia melhor.

— Não — disse Zerk simplesmente.

— O que você poderia fotografar?

— Paisagens? Igrejas?

— Muito batido. Pense em outra coisa. Um tema que explique sua presença no campo ou no mato se alguém te vir. É por onde você terá de passar para ver o Mô.

— Flores? — disse Mô.

— Folhas podres? — sugeriu Zerk.

Adamsberg pôs as duas sacolas de viagem junto à porta.

— Para que fotografar “folhas podres”?

— Porque é legal. Então não sabe tudo que se trama em meio às folhas mortas? Em dez centímetros quadrados de folhas mortas? Insetos, vermes, larvas, gazes, esporo de cogumelo, excremento de pássaro, raízes, micro-organismos, sementes? Estou preparando uma matéria sobre a vida nas folhas podres para o *Svenska Dagbladet.*

— *Svenska*?

— Um jornal sueco. Não é o que você queria?

— É — respondeu Adamsberg, olhando para os relógios. — Passe pela casa de Lucio, junto com o Mô e as bagagens. Vou estacionar atrás da casa e, assim que o Danglard chegar, te dou o sinal da partida.

— Estou contente de ir junto — disse Zerk, com o tom ingênuo que não raro permeava sua elocução.

— Pois diga isso ao Danglard. Ele está superdescontente.

Vinte minutos mais tarde, Adamsberg saía de Paris pela autoestrada Oeste, com o comandante sentado à sua direita se abanando com um mapa da França, e Mô encolhido no porta-malas com uma almofada sob a cabeça.

Após 45 minutos de estrada, o delegado ligou para Émeri.

— Estou saindo agora — disse. — Não me espere antes de umas duas horas.

— Feliz em recebê-lo. O filho da puta do Lisieux está fulo da vida.

— Estou pensando em me hospedar na pousada da Léo. Algum problema para você?

— Nenhum.

— Muito bem, eu vou avisá-la.

— Ela não vai ouvir.

— Vou avisar mesmo assim.

Adamsberg guardou o celular e pisou no acelerador.

— É necessário andar tão depressa? — perguntou Danglard. — Meia hora a mais ou a menos não vai fazer diferença.

— É por causa do calor.

— Por que mentiu ao Émeri sobre o horário da nossa chegada?

— Não faça tantas perguntas, comandante.

19

A cinco quilômetros de Ordebec, Adamsberg reduziu a velocidade ao atravessar a pequena aldeia de Charny-la-Vieille.

— E agora, Danglard, eu tenho uma coisa a fazer antes de entrar no centro de Ordebec. Sugiro que me espere aqui, volto para buscá-lo em meia hora.

Danglard meneou a cabeça.

— Assim eu fico sem saber de nada, assim eu não me comprometo.

— Também tem isso.

— Muito simpático de sua parte querer me proteger. Mas quando me pediu para redigir o falso relatório, já me envolveu nas suas tramoias até o pescoço.

— Quem mandou pôr o nariz nas minhas tramoias?

— Faz parte do meu trabalho instalar barreiras de proteção no seu caminho.

— Você não respondeu, Danglard. Deixo você aqui?

— Não. Eu vou com o senhor.

— Você pode não gostar.

— Eu já não gosto de Ordebec.

— É uma pena, é um lugar muito bonito. Quando se entra no burgo, dá para avistar uma igreja grande dominando a colina, a cidadezinha aos seus pés, as casas de madeira e terra, você vai gostar. Em redor, os campos são pintados com todos os tons de verde, e no meio desse verde puseram uma quantidade de vacas imóveis. Não vi nenhuma vaca se mexer, me pergunto por quê.

— Tem que ficar um tempão olhando para elas.

— Sem dúvida.

Adamsberg localizou o lugar descrito por dona Valentine, a casa dos vizinhos, os Hébrard, o bosque Bigard, a antiga estação de tratamento de esgoto. Passou sem se deter pela caixa de correspondência de Herbier, rodou por cerca de mais cem metros e entrou à esquerda numa estrada campestre esburacada.

— Vamos entrar pelos fundos, pelo bosque.

— Entrar onde?

— Na casa onde morava o primeiro morto, o caçador. Vamos ser rápidos e silenciosos.

Adamsberg seguiu por uma trilha muito pouco transitável e estacionou sob as árvores. Contornou rapidamente o carro e abriu o porta-malas.

— Vai ficar tudo bem, Mô, você vai para um local fresco. A casa fica a uns trinta metros, indo pelo bosque.

Danglard meneou silenciosamente a cabeça ao ver o rapaz içando-se do porta-malas. Ao ponto a que tinha chegado Adamsberg, achava que já tivesse sido despachado para os Pireneus, ou para o estrangeiro com documentos falsos. Mas era pior. Trazer Momô com eles lhe parecia mais inconsequente ainda.

Adamsberg rebentou os lacres, largou a bagagem de Mô e deu uma breve conferida na casa. Uma sala bem iluminada, um quartinho quase limpo, e uma cozinha de onde se avistava o pasto verde com seis ou sete vacas assentadas sobre ele.

— É bonito — disse Mô, que só vira o campo uma vez na vida, muito rapidamente, e nunca vira o mar. — Dá para ver as árvores, o céu, os campos. Caramba — exclamou de repente —, aquilo ali são vacas? — acrescentou, colando o rosto na vidraça.

— Para trás, Mô, fique longe da janela. Sim, são vacas.

— Caramba.

— Você nunca tinha visto uma vaca?

— De verdade, nunca.

— Vai ter tempo de olhar à vontade, e até de ver elas se moverem. Mas fique a um metro de distância da janela. À noite, naturalmente, não acenda luz nenhuma. E quando fumar, sente-se no chão, uma brasa se enxerga de longe. Pode aquecer a comida, não dá para ver o fogão da janela. E pode tomar banho, não cortaram a água. O Zerk chega daqui a pouco com mantimentos.

Mô deu uma volta pelos seus novos domínios sem demonstrar muita apreensão à ideia de ficar recluso, seu olhar voltando sempre para a janela.

— Nunca conheci ninguém igual ao Zerk — disse ele. — Não conheci ninguém que comprasse lápis de cor para mim, afora minha mãe. Mas se foi o senhor que o educou, delegado, é normal que ele seja assim.

Adamsberg julgou que não era hora de explicar a Mô que só descobrira a existência desse filho há poucas semanas, e que era desnecessário acabar tão cedo com suas ilusões revelando que tinha desprezado a mãe com total despreocupação. A moça tinha lhe escrito, ele mal lera a carta e ficara sem saber de nada.

— Muito bem educado — confirmou Danglard, que não brincava com paternidade, uma área em que julgava Adamsberg abaixo da crítica.

— Vou repor os lacres ao sair. Só use o celular para alguma emergência. Mesmo morrendo de tédio, não ligue para ninguém, não fraqueje, todos os seus

conhecidos estão grampeados.

— Vai ficar tudo bem, delegado. Vou ter muita coisa para olhar. E essas vacas todas. Já contei umas doze pelo menos. Na cadeia, eu estaria com dez caras em cima de mim e nenhuma janela. Ficar sozinho olhando para vacas e touros já é um milagre.

— Não há nenhum touro, Mô, nunca se misturam touros com vacas, a não ser na época da reprodução. São todas vacas.

— Tudo bem.

Adamsberg verificou se o bosque estava deserto antes de se despedir de Mô e abrir a porta sem barulho. Tirou da sacola uma pistola de cera e repôs tranquilamente os lacres. Danglard vigiava os arredores com ar preocupado.

— Não estou gostando nada disso — murmurou.

— Depois, Danglard.

Uma vez na estrada principal, Adamsberg ligou para o capitão Émeri avisando que estava chegando a Ordebec.

— Vou passar primeiro no hospital — disse.

— Ela não vai reconhecê-lo, Adamsberg. Posso convidá-lo para jantar?

Adamsberg olhou para Danglard, que balançou a cabeça. Nesses maus momentos, e Danglard estava incontestavelmente num mau momento, tão mais pesado por ser sem motivo, o comandante se autoajudava estabelecendo, dia a dia, modestas etapas desejáveis, como a escolha de um terno novo, a aquisição de um livro antigo ou um prato num restaurante requintado, cada fase depressiva cavando assim perigosos rombos em seu orçamento. Tirar de Danglard seu jantar no Javali Veloz, que ele escolhera minuciosamente, seria como assoprar a humilde candeia que ele acendera para aquele dia.

— Eu prometi ao meu filho um jantar no Javali Veloz. Junte-se a nós, Émeri.

— O restaurante é mesmo excelente, mas é mesmo uma pena — respondeu Émeri secamente. — Eu contava lhes fazer as honras de minha mesa.

— Fica para outra vez, Émeri.

— Acho que tocamos num ponto sensível — comentou Adamsberg ao desligar, um tanto surpreso pois ainda desconhecia a neurose que unia o capitão à sua sala de jantar Império por um exigente cordão umbilical.

Adamsberg encontrou-se com Zerk na frente do hospital, como combinado. O rapaz já tinha feito as compras e Adamsberg lhe deu um abraço, aproveitando para introduzir na sacola a pistola de cera, o lacre, e o mapa de localização da casa de Herbier.

— Como é a casa? — perguntou.

— Limpa. Os guardas já tinham tirado toda a caça do chão.

— O que eu faço com o pombinho?

— Ele já se instalou, está esperando por você.

— Não estou falando do Mô, e sim do Hellebaud. Faz horas que está dentro do carro e não está gostando.

— Leve o Hellebaud com você — disse Adamsberg depois de alguns instantes. — Pode deixá-lo com o Mô, vai ser uma companhia para ele, alguém com quem conversar. Ele vai ficar olhando para as vacas, mas as vacas daqui não se mexem.

— O comandante estava junto quando você deixou o Pombinho?

— Sim.

— E como ele reagiu?

— Meio mal. Ele ainda acha que é um delito e uma maluquice.

— Ah, é? Pelo contrário, é muito razoável — disse Zerk, juntando as sacolas das compras.

20

— Parece tão miudinha, não é? — cochichou Adamsberg para Danglard ao descobrir, impressionado, o novo rosto de Léone sobre o travesseiro. — Mas lá fora ela é muito alta. Mais alta que eu, sem dúvida, se não fosse curvada.

Sentou-se na beirada da cama e pôs as mãos nas faces dela.

— Léo, eu voltei. Sou o delegado de Paris. Nós jantamos juntos. Sopa e vitela, e depois tomamos um *calvados* com um havana na frente da lareira.

— Ela parou de se mexer — disse o médico que acabava de entrar no quarto.

— Quem tem vindo visitá-la? — perguntou Adamsberg.

— A menina Vendermot e o capitão. Não tem reagido mais que uma tábua. Quanto ao estado clínico, deveria estar dando sinais de vida. Mas não. Ela já não está em coma, o hematoma interno foi bem reabsorvido, o coração funciona de forma satisfatória, embora cansado devido aos charutos. Tecnicamente, ela tem condições de abrir os olhos, falar. Mas nada acontece e, o que é pior, a temperatura está muito baixa. Até parece que a máquina entrou em hibernação. E não consigo achar o defeito.

— Ela pode ficar assim muito tempo?

— Não. Nessa idade, sem se mexer nem se alimentar, ela não vai aguentar. É coisa de poucos dias.

O médico fitou com olhos críticos as mãos de Adamsberg no rosto da velha Léo.

— Não sacuda a cabeça dela — disse.

— Léo — repetiu Adamsberg —, sou eu. Estou aqui, fique aqui você também. Vou me hospedar com alguns auxiliares na sua pousada. Você autoriza? Não vamos bagunçar nada.

Adamsberg pegou um pente no criado-mudo e se pôs a penteá-la, uma das mãos ainda pousada em seu rosto. Danglard sentou-se na única cadeira do quarto, preparando-se para uma longa sessão. Adamsberg não ia renunciar facilmente à velha senhora. O médico saiu do quarto dando de ombros, e voltou uma hora e meia depois, intrigado ante o empenho daquele policial para trazer Léone de volta. Danglard, por sua vez, também observava Adamsberg, o qual continuava falando sem parar, e cujo semblante apresentava o brilho, que ele

bem conhecia, de seus raros estados de concentração, como se o delegado tivesse engolido uma lâmpada que difundisse luz por baixo de sua pele morena.

Sem se virar, Adamsberg estendeu um braço para o médico a fim de impedir qualquer intervenção. Sob sua mão, a face de Léone continuava fria, mas seus lábios tinham se movido. Ele fez sinal a Danglard para se aproximar. Um novo movimento dos lábios, e então um som.

— Danglard, você ouviu um "*hello*"? Ela disse "*hello*", não disse?

— Foi o que pareceu.

— É o jeito dela de cumprimentar. *Hello,* Léo. Sou eu.

— *Hello* — repetiu a mulher de modo mais claro.

Adamsberg envolveu a mão dela na sua, sacudindo-a um pouco.

— *Hello,* Léo. Estou ouvindo.

— Folg.

— O Folg está bem, está na casa do brigadeiro Blériot.

— Folg.

— Ele está bem. Está te esperando.

— Açúcar.

— Sim, o brigadeiro tem dado um torrão para ele todo dia — garantiu Adamsberg, que não sabia. — Está sendo muito bem tratado, estão cuidando bem dele.

— *Hello* — repetiu a mulher.

E foi só isso. Os lábios voltaram a se fechar e Adamsberg compreendeu que ela chegara ao limite do esforço.

— Meus parabéns — disse o médico.

— De nada — respondeu Adamsberg sem pensar. — O senhor poderia me chamar caso ela manifeste qualquer desejo de se comunicar?

— Me deixe o seu cartão, mas não alimente expectativas. Talvez tenha sido seu último esforço.

— Doutor, está sempre querendo enterrá-la antes da hora — disse Adamsberg, indo em direção à porta. — Qual é a pressa, afinal?

— Eu sou geriatra, conheço o meu trabalho — respondeu o médico, apertando os lábios.

Adamsberg anotou o nome — Jacques Merlan — inscrito no crachá e saiu. Caminhou em silêncio até o carro e deixou que Danglard assumisse o volante.

— Para onde vamos? — indagou Danglard, ligando o carro.

— Não gosto desse médico.

— Ele tem um atenuante. Não é fácil se chamar Merlan.[10]

— Combina com ele. Ele é tão emotivo quanto um cardume de peixes.

— Não respondeu para onde vamos — disse Danglard, dirigindo ao acaso pelas ruazinhas do burgo.

— Você viu o estado dela, Danglard. Parece um ovo jogado no chão, espatifado.

— Sim, o senhor já disse isso.

— Vamos para a casa dela, a antiga pousada. Pegue à direita.

— É curioso ela falar "*hello*" para cumprimentar.

— É inglês.

— Eu sei — disse Danglard, sem insistir.

Os gendarmes de Ordebec tinham agido com rapidez e a casa de Léo fora arrumada depois da inspeção. O piso da sala foi esfregado e, se ainda restava algum sangue, os ladrilhos avermelhados o tinham absorvido. Adamsberg retornou ao quarto onde já havia dormido, ao passo que Danglard ficou com um na outra extremidade da casa. Enquanto arrumava seus poucos pertences, o comandante espiava Adamsberg pela janela. Este estava sentado em posição de lótus no meio do pátio, debaixo de uma macieira torta, cotovelos sobre as coxas e cabisbaixo, e não parecia ter a menor intenção de se mexer. De vez em quando, agarrava algo na nuca que parecia incomodá-lo.

Pouco antes das oito, com o sol já declinando, Danglard se aproximou, projetando sua sombra nos pés do delegado.

— Está na hora — disse.

— Do Javali Azul — disse Adamsberg levantando a cabeça.

— Não é azul. O nome é Javali Veloz.

— Javali corre ligeiro? — perguntou Adamsberg, estendendo a mão para o comandante para se levantar.

— Até trinta e cinco quilômetros por hora, me parece. Não sei muito sobre javalis. Só sei que não suam.

— Como é que eles conseguem? — perguntou Adamsberg esfregando as calças, pouco interessado na resposta.

— Eles se sujam na lama para se refrescar.

— Podemos imaginar o assassino assim. Um bicho sujo de uns duzentos quilos, que não sua. Faz o serviço sem pestanejar.

21

Danglard tinha reservado uma mesa redonda, à qual se sentou com satisfação. Essa primeira refeição em Ordebec, num antigo restaurante de vigas rebaixadas, assinalava uma pausa em suas apreensões. Zerk juntou-se a eles na hora combinada e deu uma leve piscadela para sinalizar que estava tudo certo na casa do bosque. Adamsberg tornara a insistir para que Émeri fosse ter com eles, e o capitão finalmente aceitara.

— O Pombinho gostou muito da companhia do pombinho — disse Zerk a Adamsberg em voz baixa e natural —, deixei os dois no maior bate-papo. O Hellebaud adora ver o Pombinho jogar ioiô. Bica com toda a força o carretel quando ele bate no chão.

— Tenho a impressão de que o Hellebaud está se afastando do seu rumo natural. Estamos aguardando o capitão Émeri. É um homem alto, loiro e marcial, com um uniforme impecável. Você deve tratá-lo por “capitão”.

— Está bem.

— Ele descende do marechal Davout, que serviu sob Napoleão e nunca foi derrotado, e isso é importante para ele. Não cometa nenhuma gafe a respeito.

— Não tem perigo.

— Chegaram. O sujeito gordo e moreno que está com ele é o brigadeiro Blériot.

— Que eu devo tratar por “brigadeiro”.

— Exatamente.

Assim que serviram as entradas, Zerk começou a comer antes dos outros, como Adamsberg costumava naturalmente fazer antes que Danglard lhe incutisse alguns rudimentos de civilidade. Zerk também fazia barulho demais ao mastigar, precisava alertá-lo sobre isso. Não havia reparado nisso em Paris. Mas no ambiente um tanto solene daquele início de noite, tinha a impressão de que só se ouvia seu filho.

— Como vai o Folg? — perguntou Adamsberg ao brigadeiro Blériot. — Hoje Léo conseguiu falar. Está preocupada com o cão.

— Falar? — espantou-se Émeri.

— Sim. Fiquei quase duas horas com ela, e ela falou. O médico, um tal de Flétan[11] ou algo do gênero, não pareceu satisfeito. Vai ver não gostou do meu método.

— Merlan — emendou Danglard.

— Caramba, esperou até agora para me contar? — disse Émeri. — E o que foi que ela disse?

— Pouca coisa. Disse “olá” várias vezes. E “Folg”, e “açúcar”. Só isso. Eu garanti a ela que o brigadeiro estava dando um torrão de açúcar por dia ao cachorro.

— E estou mesmo — confirmou Blériot —, embora eu seja contra. Mas o Folg para na frente do pote de açúcar todo dia, às seis da tarde. Ele tem o relógio biológico dos dependentes químicos.

— Que bom. Não gostaria de ter mentido para a Léo. Já que ela está falando — disse Adamsberg virando-se para Émeri —, seria prudente deixar um guarda de vigia na frente do quarto dela.

— Caramba, Adamsberg, você viu quantos homens eu tenho aqui? Tenho este aí, e mais meio homem que se divide entre Ordebec e Saint-Venon. Meio homem em todos os sentidos. Meio esperto, meio estúpido, meio dócil, meio colérico, meio sujo e meio limpo. O que eu faço com isso?

— Daria para instalar uma câmera de segurança do quarto — sugeriu o brigadeiro.

— Duas câmeras — disse Danglard. — Uma para filmar quem entra e outra junto ao leito de Léo.

— Muito bem — aprovou Émeri. — Mas os técnicos vêm de Lisieux, não esperem essas câmeras antes das quinze horas de amanhã.

— Quanto à proteção dos outros dois apanhados — acrescentou Adamsberg —, o vidraceiro e o viveirista, podemos destacar dois homens de Paris. Em primeiro lugar, o vidraceiro.

— Falei no assunto com Glayeux — disse Émeri balançando a cabeça. — Ele recusa terminantemente qualquer vigilância. Conheço a fera, seria uma humilhação para ele acharem que se deixou impressionar pelas maluquices da menina Vendermot. Ele não é do tipo a curvar a cabeça.

— Corajoso? — perguntou Danglard.

— Está mais para violento, belicoso, bem-educado, inspirado e sem escrúpulos. Como disse, não é um homem simpático, vocês vão ver. Não digo isso por ele ser homossexual, mas ele é homossexual.

— Isso é sabido em Ordebec?

— Ele não esconde, o namorado dele mora aqui, trabalha no jornal. É o oposto de Glayeux, muito solícito, muito apreciado.

— Eles moram juntos? — continuou Danglard.

— Ah, isso não. Glayeux mora com Mortembot, o viveirista.

— As duas próximas vítimas do Exército Furioso vivem sob o mesmo teto?

— Faz muitos anos. São primos, e inseparáveis desde pequenos. Mas Mortembot não é homossexual.

— Herbier também era homossexual? — indagou Danglard.

— Está pensando num morticínio homofóbico?

— Seria uma possibilidade.

— Herbier certamente não era homossexual. Estava mais para heterossexual feroz com tendência a estuprador. E não esqueçam que foi a Lina quem apontou as vítimas "apanhadas". Não tenho motivo para achar que ela tenha algo contra homossexuais. Em matéria de sexualidade, a Lina leva uma vida um tanto liberal, digamos.

— Belos seios — disse o brigadeiro. — Eu comia.

— Basta, Blériot — disse Émeri —, esse tipo de comentário não leva a nada.

— Tudo é relevante, Émeri — disse Adamsberg que, qual o filho, sem ligar para a etiqueta, mergulhava um pedaço de pão no molho —, uma vez que as vítimas apontadas pelo Exército são supostamente criaturas ruins. Isso se aplica ao vidraceiro e ao primo dele?

— Não só se aplica à perfeição, mas é público e notório.

— O que existe contra eles?

— Dois episódios mal resolvidos. Nenhuma das minhas investigações teve êxito, o que me deixou danado. Que tal sairmos da mesa para tomar o café? Eles têm aqui uma salinha onde tenho o privilégio de poder fumar.

Ao levantar-se, o capitão olhou novamente para Zerk, malvestido com uma camiseta velha muito comprida, e pareceu se perguntar o que o filho do Adamsberg estava fazendo ali.

— O seu garoto trabalha com você? — indagou ao se dirigir para a salinha. — Ele quer ser policial, ou algo assim?

— Não, ele está fazendo uma reportagem sobre folhas podres e aproveitou a oportunidade. É para um jornal sueco.

— Folhas podres? Quer dizer os jornais, a imprensa podre?

— Não, outras folhas, da floresta.

— Tem a ver com microambiente de decomposição vegetal — interveio Danglard em auxílio do delegado.

— Ah, muito bem — disse Émeri, escolhendo para sentar uma cadeira bem reta, enquanto os outros quatro se acomodavam em sofás.

Zerk ofereceu cigarros a todos e Danglard pediu mais um vinho. Dividir apenas duas garrafas entre cinco pessoas lhe causara um irritante sofrimento

durante o jantar.

— Duas mortes violentas envolvem Glayeux e Mortembot — explicou Émeri enquanto enchia os copos. — Há sete anos, o colega de trabalho de Glayeux caiu do andaime da igreja de Louverain. Estavam os dois pendurados a uns vinte metros de altura, restaurando os vitrais da nave principal. Quatro anos, a mãe de Mortembot morreu no depósito da loja. Escorregou de uma escada, se segurou na prateleira de metal que acabou caindo em cima dela, junto com vasos e floreiras contendo vários quilos de terra. Dois acidentes impecáveis. E uma semelhança entre eles: a queda. Abri um inquérito nos dois casos.

— Com base em quê? — perguntou Danglard, tomando seu vinho com ar aliviado.

— Baseado, na verdade, em Glayeux e Mortembot serem dois filhos da puta, cada qual à sua maneira. Dois ratos de esgoto, dá para se ver de longe.

— Existem ratos de esgoto bem simpáticos — disse Adamsberg. — Toni e Marie, por exemplo.

— Quem são esses?

— Dois ratos apaixonados, mas esqueça — respondeu Adamsberg balançando a cabeça.

— Já eles não são simpáticos, Adamsberg. Venderiam a alma por dinheiro e sucesso, e estou convencido de que foi isso que fizeram.

— Venderam a alma ao senhor Hellequim — disse Danglard.

— Por que não, comandante? Não sou o único a pensar assim por aqui. Quando houve um incêndio no sítio do Buisson, eles não deram um centavo sequer na vaquinha para ajudar a família. Eles são assim. Consideram todos os moradores de Ordebec uns caipiras não merecedores de interesse.

— Com base em que abriu o primeiro inquérito?

— No forte interesse que tinha Glayeux em se livrar do colega. O garoto Tétard — era o sobrenome dele — era muito mais moço, mas estava ficando muito bom em seu ofício, excelente até. As prefeituras da região já andavam preferindo passar alguns trabalhos para ele em vez de para Glayeux. Era óbvio que o jovenzinho ia suplantá-lo rapidamente. Um mês antes do tombo, a prefeitura de Coutances — vocês conhecem a catedral?

— Sim — afirmou Danglard.

— A prefeitura de Coutances escolheu Tétard para restaurar um dos vitrais do transepto. Não era pouca coisa. Se fizesse um bom trabalho, o garoto estava feito e Glayeux, praticamente falido e humilhado. Nisso, Tétard caiu. E a prefeitura de Coutances se contentou com Glayeux.

— É claro — murmurou Adamsberg. — O que deu a perícia do andaime?

— Não seguia os padrões, as tábuas não estavam bem encaixadas nos tubos metálicos, as fixações estavam soltas. Glayeux e Tétard trabalhavam em vitrais diferentes, ou seja, em diferentes tábuas. Bastava Glayeux soltar umas cordas, deslocar uma tábua, à noite — ele tinha a chave da igreja durante a obra — e deixar essa tábua em equilíbrio precário, na borda do tubo. E estava feito.

— Impossível de provar.

— Pois é — disse Émeri com amargura. — Não pudemos sequer acusar Glayeux de falha profissional, pois o Tétard mais um primo dele é que tinham montado o andaime. Também não houve prova no caso de Mortembot. Ele não estava no depósito quando a mãe dele caiu, estava na loja organizando as entregas. Mas não é coisa do outro mundo derrubar uma escada à distância. Basta amarrar um dos pés e puxar a corda de longe. Ao ouvir o barulho, Mortembot acorreu junto com um funcionário. Mas não havia corda nenhuma.

Émeri fitou Adamsberg com certa insistência, parecendo desafiá-lo a encontrar a solução.

— Ele não deu nó — disse Adamsberg —, só passou a corda em volta do pé da escada. Depois, de onde ele estava, bastou puxar uma das pontas para recuperar a corda inteira. Com a corda deslizando direito, levaria apenas alguns segundos.

— Exatamente. Mas sem deixar vestígios.

— Nem todo mundo deixa miolo de pão em algum lugar.

Émeri serviu-se de mais um café, percebendo que era melhor deixar sem resposta muitas frases de Adamsberg. Tinha acreditado na fama desse policial mas, sem antecipar qualquer julgamento, parecia óbvio que Adamsberg não seguia exatamente as vias da normalidade. Ou que ele não era normal. De qualquer forma, era um sujeito tranquilo que, como ele esperava, não o jogaria para escanteio nessa investigação.

— O Mortembot se dava bem com a mãe?

— Que eu saiba, sim. Era até meio submisso. A mãe só se indignava pelo fato de o filho morar com o primo, porque Glayeux era homossexual e ela sentia vergonha. Vivia perturbando com isso, exigia que ele voltasse para casa senão ela cortaria parte da sua herança. Mortembot assentia para ter sossego, mas não mudava em nada a vida dele. E as brigas recomeçavam. Grana, a loja, liberdade, era só o que ele queria. Devia achar que ela já tinha dado o que tinha que dar, e imagino que Glayeux o encorajava. Era o tipo de mulher bem capaz de viver cem anos e ainda continuar tomando conta da loja. Era maníaca, mas não deixava de ter razão. Dizem que, depois que ela morreu, baixou a qualidade das mudas. Ele tem vendido umas fúcsias que morrem já no primeiro inverno. E olhe

que só com muito esforço se deixa morrer uma fúcsia. Os enxertos dele são feitos nas coxas, é o que dizem.

— Ah é? — disse Adamsberg, que nunca tinha feito nenhum enxerto.

— Eu pressionei um e outro o quanto pude, interrogatórios sem dormir e tudo mais. O Glayeux se aguentou, debochado e malcriado, esperando passar. O Mortembot não teve nem a decência de fingir que lamentava a morte da mãe. Ficou sendo o único proprietário do viveiro e das sucursais, um negócio e tanto. Ele é do tipo fleumático, um gordo bonachão, não reagia a nenhuma provocação ou ameaça. Não pude fazer nada, mas a meu ver são dois assassinos dos mais cínicos e interesseiros. E se o senhor Hellequim existisse de fato, escolheria homens como esses.

— Como eles têm lidado com a ameaça do Exército Furioso?

— Do mesmo jeito como lidaram com o inquérito. Não estão nem aí, para eles a Lina é uma doida histérica. Ou até assassina.

— O que talvez não esteja errado — disse Danglard, com os olhos semicerrados.

— Vocês vão conhecer a família. Não se espantem, os três irmãos são doidos também. Como eu disse, Adamsberg, eles têm todos os motivos do mundo. Eram massacrados pelo pai, sem exagero. Mas, se quiser que tudo dê certo, não se aproxime bruscamente de Antonin.

— Ele é perigoso?

— Pelo contrário. Se assusta assim que alguém chega perto e é protegido pela família inteira. Ele está convencido de que metade do seu corpo é feita de argila.

— Sim, você já mencionou.

— Argila friável. Antonin acha que vai quebrar se levar um choque muito violento. Totalmente biruta. Afora isso, parece normal.

— Ele trabalha?

— Faz bicos no computador, sem sair de casa. Também não se espante se não entender tudo o que diz Hippolyte, o mais velho, que todo mundo chama de Hippo, de modo que acaba sendo associado a um hipopótamo. O que até combina com ele, pelo tamanho, senão pelo peso. Quando lhe dá na telha, ele fala as frases de trás para a frente.

— Como assim?

— Virando as palavras do avesso, letra por letra.

Émeri se interrompeu para refletir e então, parecendo desistir, tirou da pasta uma folha de papel e um lápis.

— Imagine que ele queira dizer “Como vai, delegado?”. Pois bem, vai ficar assim — e Émeri tratou de escrever no papel, letra após letra: “Omoc iav,

odageled?”.

Em seguida passou a folha para Adamsberg, que a examinou estupefato. Danglard tornou a abrir os olhos, alertado pela ocorrência de uma nova experiência intelectual.

— Tem que ser um gênio para fazer isso — disse Adamsberg, cenho franzido.

— Ele é um gênio. Todos são, nessa família, ao jeito deles. Por isso são respeitados por aqui, e ninguém se atreve a chegar muito perto. São mais ou menos como seres sobrenaturais. Alguns dizem que deveríamos nos livrar deles, e outros, que é perigoso mexer com eles. Mesmo com tantos talentos, Hippolyte nunca procurou emprego. Ele cuida da casa, da horta, do pomar, da criação de aves. Aquilo ali é meio uma autarquia.

— E o terceiro irmão?

— Martin é menos impressionante, mas não se fie nas aparências. É magro e comprido feito um camarão moreno de patas longas. Ele junta, nos campos e nos matos, todo tipo de bicho para comer: gafanhotos, lagartas, borboletas, formigas, e não sei mais o quê. É asqueroso.

— Ele come esses bichos crus?

— Não, ele cozinha. Como prato principal ou como condimento. Um nojo. Mas ele tem certa clientela na região para os seus doces de formiga, devido aos seus efeitos terapêuticos.

— Toda a família come isso?

— Principalmente Antonin. No começo, foi para ele que Martin começou a juntar alguns insetos, para fortalecer a argila. Ou “aligra”, na linguagem de Hippolyte.

— E a garota? Além de enxergar o Exército Furioso?

— Nada a assinalar, a não ser que ela compreende sem problema as frases invertidas de seu irmão Hippolyte. Não é tão difícil como criar as frases, mas, mesmo assim, exige um cérebro e tanto.

— Eles aceitam visitas?

— São muito hospitaleiros com quem se dispõe a ir à casa deles. Abertos, bastante alegres, inclusive Antonin. Quem tem medo deles diz que é cordialidade fingida para atrair as pessoas e que depois que elas entram na casa estão fritas. Eles não gostam de mim pelos motivos que já mencionei, e porque para mim eles são uns doidos. Mas se você não tocar no meu nome vai dar tudo certo.

— Quem era inteligente? O pai, a mãe?

— Nenhum dos dois. A mãe você conheceu em Paris, se não me engano. Ela é do tipo bem comum. Não chama a atenção, ajuda nos afazeres domésticos. Se

quiser vê-la satisfeita, leve flores. Ela adora flores, porque o bruto do torturador — o marido dela — nunca lhe deu nenhuma. Depois ela seca as flores pendurando-as de cabeça para baixo.

— Por que “torturador”?

Émeri se levantou fazendo uma careta.

— Vá visitá-los primeiro. Mas antes — acrescentou com um sorriso — ande pelo caminho de Bonneval, pegue um torrãozinho de terra e guarde-o no bolso. Dizem por aqui que isso protege dos poderes da Lina. Não se esqueça de que essa moça é a porta automática do muro que separa os vivos dos mortos. Com um torrão de terra, vai estar protegido. Mas como nada na vida é simples, não se aproxime dela a ponto de ficar a menos de um metro, pois dizem que ela sente, quer dizer, fareja, se você tiver consigo terra do caminho. E ela não gosta.

Caminhando até o carro com Danglard, Adamsberg pôs a mão no bolso da calça e se perguntou que espírito lhe soprara, já bem antes, a ideia de guardar um fragmento da terra de Bonneval. E por que trouxera aquele torrão consigo.

22

Adamsberg esperava diante do escritório dos advogados — escritório Deschamps e Poulain — numa viela alta de Ordebec. Parecia que, onde quer que estivesse nos cumes da cidadezinha, avistava vacas estáticas à sombra das macieiras. Lina ia sair e encontrar-se com ele de um momento para o outro, não daria tempo de ele ver alguma se mover. Talvez fosse mais rentável, por esse ponto de vista, observar uma só do que o pasto inteiro.

Tinha optado por não precipitar as coisas convocando Lina Vendermot à gendarmaria, de modo que a convidara a ir ao Javali Azul, onde era possível conversar discretamente sob as vigas rebaixadas. Ao telefone, a voz dela era calorosa, sem medo ou constrangimento. Enquanto fitava a vaca, Adamsberg tentava espantar o desejo que sentia de ver os peitos de Lina desde o elogio tão espontâneo do brigadeiro Blériot. Espantar também a ideia, caso a sexualidade dela fosse tão livre como afirmava Émeri, de poder ir para a cama com ela. A equipe de Ordebec, constituída estritamente por homens, tinha para ele um aspecto meio desolador. Mas ninguém iria gostar se ele dormisse com uma mulher situada no topo da lista negra dos suspeitos. Seu telefone número dois exibiu uma mensagem e ele se virou para a sombra a fim de decifrá-la. Retancourt, finalmente. A ideia de Retancourt em mergulho solitário nas abissais profundezas dos Clermont-Brasseur o preocupara bastante na noite anterior, antes de ele adormecer na concavidade do colchão de lã. Havia tantos esqualos naquelas profundezas marítimas. Retancourt tinha praticado mergulho durante algum tempo, e tocava sem se perturbar a pele rugosa de alguns deles. Mas os esqualos-homens eram muitíssimo mais preocupantes que os esqualos-peixes, cujo nome mais comum — tubarões — no momento lhe escapava. *Noite crime: Redentor 1 + Red 2 + pai presentes noite de gala da FIA, Federação Ind. Aço. Beberam muito, conferir. Red 2 dirigia Mercedes e telefonou polícia. Red 1 para casa + cedo com próprio carro. Informado depois. Nenhuma lavanderia para trajes Red 1 e Red 2. Examinados: impecáveis, sem cheiro gasolina. Lavado um traje Redentor 1 mas não o da festa. Fotos trajes usados festa + fotos dois irmãos em anexo. Antipáticos com empregados.*

Adamsberg observou as fotos de um terno azul com riscas finas, usado por Christian, Redentor 1, e do paletó usado por Christophe, Redentor 2, imitando o estilo marinheiro de um proprietário de iate. O que ele também era, adicionalmente. Acontece de os esqualos possuírem iates para descansar de seus longos passeios pelo mal, depois de terem ingerido uma ou duas lulas. Na sequência, um retrato em semiperfil de Christian, muito elegante, agora de cabelo curto, e outro do irmão, corpulento e sem graça.

O dr. Deschamps saiu do escritório antes de sua colaboradora e olhou cuidadosamente para a direita e para a esquerda antes de atravessar a minúscula ruazinha e vir na direção de Adamsberg com um passo apressado e afetado, combinando com a voz que escutara pela manhã ao telefone.

— Delegado Adamsberg — disse Deschamps apertando sua mão —, com que então veio nos ajudar. Fico mais tranquilo, sim, muito mais tranquilo. Estou preocupado com a Caroline, muito preocupado.

— Caroline?

— Lina, se preferir. No escritório ela é Caroline.

— E a Lina, está preocupada?

— Se está, não quer demonstrar. É claro que não fica à vontade com essa história toda, mas não creio que ela avalie as consequências que pode haver para ela e sua família. Banimento da cidade, vingança ou sabe Deus o quê. É preocupante, muito preocupante. Dizem que o senhor, ontem, realizou o milagre de fazer Léone falar.

— Sim.

— Se incomodaria de me contar o que ela disse?

— Não, doutor. “*Hello*”, “Folg” e “Açúcar”.

— Isso esclarece alguma coisa?

— Nada.

Adamsberg teve a impressão de que o baixinho Deschamps se sentia aliviado, talvez por Léo não ter pronunciado o nome de Lina.

— O senhor acha que ela vai voltar a falar?

— Ela já foi desenganada pelo médico. É a Lina? — perguntou Adamsberg ao ver a porta do escritório se abrir.

— É. Não a pressione, por favor. Ela tem uma vida difícil, sabe, muito difícil. Um salário e meio e cinco bocas para alimentar, com a modesta pensão da mãe. Eles comem o pão que o diabo amassou. Perdão — emendou em seguida — não quis dizer isso. Não veja aí nenhuma insinuação — acrescentou o advogado antes de sair às pressas, meio que fugindo.

Adamsberg apertou a mão de Lina.

— Agradeço por ter aceitado me ver — disse ele em tom profissional.

Lina não era uma criatura perfeita, longe disso. Tinha o busto amplo demais e pernas demasiado finas, um pouco de barriga, costas meio curvadas, dentes um tanto salientes. Mas, sim, o brigadeiro tinha razão, dava vontade de devorar os seios dela, e o resto junto — sua pele lisa, seus braços roliços, seu rosto claro um tantinho largo, corado nas maçãs do rosto, bem normando, o conjunto enfeitado pelos pontinhos dourados das sardas.

— Não conheço o Javali Azul — dizia ela.

— Fica em frente ao mercado das flores, a dois passos daqui. Não é muito caro e é delicioso.

— Na frente do mercado fica o Javali Veloz.

— É isso, veloz.

— Mas não é azul.

— Não, não é azul.

Enquanto a acompanhava pelas vielas, Adamsberg percebeu que seu desejo de comê-la prevalecia sobre o desejo de dormir com ela. Aquela mulher lhe abria imoderadamente o apetite, trazendo-lhe subitamente à lembrança a enorme fatia de *kouglof*[12] com mel, morno e macio que comera na Alsácia quando criança, na casa de uma tia. Escolheu a mesa próxima à janela, perguntando-se como conduzir um interrogatório decente diante de uma fatia morna de *kouglof* com mel, exatamente a cor do cabelo de Lina, que caía nos seus ombros em cachos amplos. Ombros que o delegado não via muito bem, uma vez que Lina usava um comprido xale de seda azul, algo curioso em pleno verão. Adamsberg não tinha preparado sua fala, preferindo ver Lina primeiro e então improvisar. E agora que ela brilhava diante dele em toda a sua loira penugem, já não conseguia associá-la ao negro espectro do Exército Furioso, à mulher que via o terror e o anunciava. Que era o que ela era. Fizeram o pedido, e então ambos aguardaram algum tempo em silêncio, beliscando um pedaço de pão. Adamsberg olhou-a de relance. Sua fisionomia se mantinha clara e atenta, mas ela não fazia o menor esforço para ajudar. Ele era policial, ela havia desencadeado uma tempestade em Ordebec, ele suspeitava dela, ela sabia que era tida como louca: tais eram objetivamente os dados da situação. Ele virou de lado, desviando o olhar para o bar de madeira.

— Pode ser que chova — disse ele afinal.

— É, está nublando a oeste. Talvez chova durante a noite.

— Ou à tardinha. Tudo começou com a senhorita.

— Me chame de Lina.

— Tudo começou com você, Lina. Não falo da chuva, mas da tempestade que paira sobre Ordebec. E ninguém sabe ainda no que vai dar essa tempestade, quantas vítimas vai causar, ou se não vai virar e voltar para você.

— Não começou comigo — disse Lina, ajeitando o xale. — Tudo começou com a Estantiga. Ela passou, e eu vi. Fazer o quê? Havia quatro apanhados, vai haver quatro mortes.

— Mas foi você quem falou.

— Quem vê o Exército tem obrigação de contar, obrigação. O senhor não pode entender. O senhor é de onde?

— Do Béarn.

— Então não tem mesmo como entender. Este é um Exército das planícies do Norte. Aqueles que foram vistos podem tentar se proteger.

— Os apanhados?

— Sim. É por isso que a gente tem que contar. É raro um apanhado conseguir se libertar, mas já aconteceu. Glayeux e Mortembot não merecem viver, mas ainda têm uma chance de se safar. E eles têm direito a essa chance.

— Você tem algum motivo pessoal para detestá-los?

Lina esperou que servissem os pratos antes de responder. Era visível sua fome, ou vontade de comer, fitava a comida com olhar de paixão. Pareceu lógico a Adamsberg que uma mulher tão devorável fosse dotada de um grande apetite.

— Pessoal, não — disse ela, dando imediata atenção ao seu prato. — Sabe-se que são dois assassinos. A gente evita o contato com eles, e não foi surpresa ver os dois nas mãos da Estantiga.

— Junto com Herbier?

— O Herbier era uma criatura abominável. Tinha sempre que estar atirando em alguma coisa. Mas era um perturbado. Glayeux e Mortembot não são perturbados, só matam se for vantajoso. São piores que o Herbier, sem dúvida.

Adamsberg obrigou-se a comer mais rápido do que costumava a fim de acompanhar o ritmo da jovem. Não queria ficar na frente dela com o prato ainda cheio.

— Mas dizem que quem vê o Exército Furioso também é perturbado. Ou mentiroso.

— Tem todo o direito de pensar assim. Eu vejo, não posso fazer nada. Vejo no caminho, me vejo naquele caminho, sendo que meu quarto fica a três quilômetros de distância.

Com energia e tensão espantosas, Lina rolava pedaços de batata num molho de nata com a ponta do garfo. Uma avidez quase constrangedora.

— Poderíamos também dizer que é uma visão — retomou Adamsberg. — Uma visão em que você traz à cena pessoas que detesta. Herbier, Glayeux,

Mortembot.

— Eu já fui ao médico, sabe — disse Lina, saboreando intensamente uma garfada. — Durante dois anos, o hospital de Lisieux me submeteu a uma bateria de exames fisiológicos e psiquiátricos. Estavam interessados no fenômeno, por causa de santa Teresa, claro. O senhor busca uma explicação plausível, mas eu também busquei. E ela não existe. Eles não descobriram nenhuma carência de lítio, ou outra substância qualquer que faz a gente enxergar a Virgem Maria aqui e ali, ou ouvir vozes. Eles me consideraram equilibrada, estável, e bem sensata até. E me abandonaram a minha própria sorte sem chegar a nenhuma conclusão.

— E o que se deve concluir, Lina? Que o Exército Furioso existe, que realmente passa pelo caminho de Bonneval e que você o vê de fato?

— Não posso garantir que ele existe, delegado. Mas tenho certeza de que o vejo. Até onde se sabe, sempre existiu em Ordebec alguém que via passar o Exército Furioso. Pode ser que exista ali uma nuvem antiga, uma fumaça, uma desordem, uma lembrança suspensa. Pode ser que eu passe por ela como quem passa por uma névoa.

— E como é esse senhor Hellequim?

— Muito bonito — respondeu Lina depressa. — Um rosto sério e esplêndido, cabelos loiros e sujos batendo nos ombros sobre a armadura. Mas é assustador. Bem — acrescentou hesitante, em voz muito baixa —, isso porque a pele dele não é normal.

Lina interrompeu a frase e limpou apressadamente o prato com uma boa vantagem sobre Adamsberg. Então se recostou na cadeira, mais resplandecente e relaxada com a saciedade.

— Estava bom? — perguntou Adamsberg.

— Sensacional — disse ela com candura. — Eu nunca tinha vindo aqui. A gente não tem condições para isso.

— Vamos pedir queijo e sobremesa — acrescentou Adamsberg, desejoso que a moça alcançasse uma total descontração.

— Termine primeiro — disse ela, gentil. — O senhor come devagar. Dizem que os policiais têm de fazer tudo às pressas.

— Não sei fazer nada às pressas. Até quando corro, corro devagar.

— O que prova o que eu digo — interrompeu Lina — é que a primeira vez que vi passar o Exército, nunca tinha ouvido falar nele.

— Mas dizem que em Ordebec todo mundo conhece o Exército, mesmo sem ter sido instruído. Dizem que se aprende sobre ele ao nascer, junto com a primeira inspiração, com o primeiro gole de leite.

— Não na casa dos meus pais. Eles sempre viveram meio isolados. Alguém já deve ter dito ao senhor que meu pai não era muito sociável.

— Sim.

— E é verdade. Quando contei para a minha mãe o que tinha visto — e na época eu chorava muito, gritava —, ela achou que eu estava doente, “doente dos nervos” como ainda diziam no tempo dela. Nunca tinha ouvido falar na Estantiga, nem o meu pai. Meu pai, aliás, muitas vezes voltava tarde para casa de suas caçadas, e vinha pelo caminho de Bonneval. Ora, quem conhece a história nunca passa por ali depois que anoitece. Mesmo que não acredite.

— Quando foi essa primeira vez?

— Eu tinha onze anos. Aconteceu exatamente dois dias depois que um machado partiu ao meio a cabeça do meu pai. Eu quero uma *île flottante*[13] — disse para a garçonete — com bastante amêndoa fatiada.

— Um machado? — disse Adamsberg, meio estupefato. — Foi assim que o seu pai morreu?

— Exatamente, cortado ao meio feito um porco — disse Lina, e imitou tranquilamente o gesto, batendo na mesa com o lado da mão. — Uma machadada na cabeça, e outra no esterno.

Adamsberg observou sua falta de emoção e considerou a possibilidade de aquele *kouglof* com mel não ser tão macio.

— Depois disso tive pesadelos por muito tempo, o médico me dava calmantes. Não por causa do meu pai partido ao meio, mas porque a ideia de ver os cavaleiros de novo me apavorava. Eles são podres, entende, tal como o rosto do senhor Hellequim. Condenados — acrescentou estremecendo de leve. — São homens e animais sem os membros, fazem um barulho terrível, mas o pior são os gritos dos vivos que eles carregam com eles. Por sorte, não houve mais nada durante oito anos e eu achei que estava liberada, que tinha simplesmente sofrido da tal “doença dos nervos” quando criança. Mas, com dezenove anos, vi de novo. Como vê, delegado, não é uma história engraçada, uma história que eu pudesse inventar para me exibir. É uma terrível fatalidade, e duas vezes eu quis me matar. Então um psiquiatra de Caen conseguiu me fazer viver apesar dos pesares, apesar do Exército. Ele me incomoda, me estorva, mas já não me impede de ir e vir por aí. O senhor acha que posso pedir mais amêndoas?

— É claro — disse Adamsberg, erguendo a mão para chamar a garçonete.

— Não vai ficar muito caro?

— A polícia está pagando.

Lina riu, balançando a colher.

— Dessa vez, a polícia está pagando pelo crime — disse ela.

Adamsberg fitou-a sem entender.

— Crime da gula — explicou Lina. — Brincadeirinha.

— Ah, claro — disse Adamsberg sorrindo. — Eu sou meio devagar, desculpe. Você se incomoda de falar mais sobre o seu pai? Chegaram a descobrir o assassino?

— Nunca.

— Suspeitaram de alguém?

— É claro.

— De quem?

— De mim — disse Lina, tornando a sorrir. — Quando ouvi o berro, corri até o andar de cima e dei com ele todo ensanguentado no quarto. Meu irmão, o Hippo, que tinha apenas oito anos, me viu com o machado e contou para a polícia. Ele não fez por mal, só estava respondendo às perguntas.

— Como assim, com o machado?

— Eu juntei o machado. Os guardas acharam que eu tinha limpado o cabo, porque não encontraram nenhuma digital, só a minha. Por fim, graças à Léo e ao conde acabaram me deixando em paz. A janela do quarto estava aberta, era fácil o assassino fugir por ali. Ninguém gostava do meu pai, assim como ninguém gostava do Herbier. Cada vez que ele tinha um surto de violência, as pessoas diziam que era a bala se mexendo na cabeça dele. Quando criança, eu não entendia.

— Nem eu. O que é que se mexia?

— A bala. Minha mãe garante que quando casou com ele, antes da Guerra da Argélia, ele era um cara mais ou menos legal. Aí levou essa bala na cabeça, que não conseguiram extrair. Ele foi considerado inapto para a batalha e transferido para um pelotão de informações. Ou seja, de tortura. Me dê licença um instante, vou lá fora fumar.

Adamsberg a acompanhou e tirou do bolso um cigarro meio amassado. Viu de perto o cabelo cor de mel de *kouglof* muito grosso para uma mulher normanda. E viu as sardas nos ombros quando escorregou o xale, que ela ajeitou rapidamente.

— Ele batia em vocês?

— E o seu, batia?

— Não. Ele era sapateiro.

— Não tem nada a ver.

— É, não tem.

— Ele nunca encostou a mão em mim. Mas massacrava os meus irmãos. Pegou Antonin pelo pé, quando era bebê, e jogou escada abaixo. Simples assim. Catorze fraturas. O Antonin ficou um ano coberto de gesso. Já o Martin não comia nada. Enfiava discretamente a comida no oco do pé da mesa, que era de metal. Um dia meu pai percebeu, mandou que ele esvaziasse o pé da mesa com

um anzol e o obrigou a comer tudo. Estava tudo podre, é claro. Coisas desse tipo.

— E com o mais velho, Hippo?

— Pior ainda.

Lina amassou o cigarro no chão e o empurrou cuidadosamente para a sarjeta. Adamsberg pegou o celular — o segundo, clandestino — que vibrava em seu bolso. *Encontro você à noite, passe o endereço, LVB*

Veyrenc. Veyrenc ia vir comer o seu *kouglof* bem debaixo do seu nariz, ia levar a melhor com aquele seu jeito doce e seu lábio de mulher.

— *Não precisa, está tudo bem* — respondeu Adamsberg.

— *Não está tudo bem. Passe endereço.*

— *Não basta telefonar?*

— *O endereço, porra.*

Adamsberg voltou para a mesa, com humor momentaneamente embaçado, e teclou a contragosto o endereço de Léo. Nuvens se acumulando a oeste, ia chover à noite.

— Algum problema?

— Um colega está vindo para cá — respondeu Adamsberg guardando o aparelho no bolso.

— De modo que a gente vivia na casa da Léo — encadeou Lina sem nenhuma lógica. — Foi ela quem nos educou, ela e o conde. Dizem que a Léo não vai sair dessa, que a máquina pifou. Que foi o senhor que a encontrou. E que ela falou um pouco com o senhor.

— Um momento — disse Adamsberg estendendo o braço.

Pegou do bolso uma caneta e escreveu “máquina” no guardanapo de papel. Uma palavra que o médico com nome de peixe também tinha usado. Uma palavra que acabava de trazer uma nuvem para diante dos seus olhos, e talvez, dentro da nuvem, uma ideia, embora não soubesse qual. Pôs o guardanapo no bolso e tornou a olhar para Lina, com olhos enevoados de quem acabou de acordar.

— Aos onze anos, você viu seu pai com o Exército?

— Vi, sim, um “apanhado”, um homem. Mas havia fogo e muita fumaça, ele estava com as mãos apertadas no rosto, e berrava. Não tenho certeza de que era ele. Mas imagino que sim. Em todo caso, reconheci os sapatos dele.

— E na segunda vez, havia um “apanhado”?

— Uma velha. Era bem conhecida, costumava jogar pedrinhas nas janelas das casas à noite. Ficava resmungando imprecações, o tipo de mulher que assusta todas as crianças do bairro.

— Acusada de homicídio?

— Não sei, acho que não. Talvez do marido, que faleceu bastante jovem.

— E ela, morreu?

— Morreu nove dias depois de o Exército aparecer, tranquilamente, na cama dela. Depois disso a Estantiga nunca mais passou, até um mês atrás.

— E o quarto apanhado? Você não reconheceu? Homem, mulher?

— Homem, mas não tenho certeza. Havia um cavalo caído em cima dele, e ele estava com o cabelo em chamas. Não deu para ver direito.

Ela pôs a mão na barriga redonda, como que para apreciar com os dedos a refeição que tinha ingerido tão depressa.

Eram quatro e meia quando Adamsberg voltou a pé para a pousada de Léo, o corpo meio entorpecido de lutar contra seus desejos. De quando em quando pegava o guardanapo de papel, contemplava a palavra “máquina” e o punha de volta no bolso. Aquilo não lhe dizia nada. Caso houvesse uma ideia ali, devia estar profundamente submersa, presa sob uma rocha marinha, oculta por ramos de algas. Mais dia menos dia ela se soltaria, viria vacilante para a superfície. Adamsberg não conhecia outro jeito de refletir. Esperar, jogar a rede na superfície das águas e olhar dentro dela.

Na pousada, Danglard, mangas arregaçadas, cozinhava e discursava ante o olhar atento de Zerk.

— É coisa rara — dizia — um dedinho do pé bem-feito. Em geral é disforme, torto, encarquilhado, sem falar na unha, que é bem diminuta. Agora que já dourou um lado, você pode virar o frango.

Adamsberg se apoiou no marco da porta e ficou observando seu filho executar as instruções do comandante.

— Isso é por causa dos sapatos?

— Da evolução. Com o homem caminhando menos, o último dedo se atrofia, está em vias de desaparecimento. Um dia, daqui a umas centenas de milhares de anos, só vai sobrar um pedaço de unha preso na lateral do pé. Como nos cavalos. É claro que os sapatos não ajudam.

— A mesma coisa com os dentes do siso. Não têm mais espaço para crescer.

— Exato. O mindinho é, de certa forma, o dente do siso do pé.

— Ou o dente do siso é o mindinho da boca.

— É, mas dito assim é mais difícil de entender.

Adamsberg entrou, serviu-se de um café.

— Como foi? — perguntou Danglard.

— Ela me irradiou.

— Ondas nefastas?

— Não, douradas. Ela é meio cheiinha, tem os dentes salientes, mas me irradiou.

— Isso é perigoso — comentou Danglard com voz de censura.

— Acho que nunca comentei com você sobre um *kouglof* com mel que eu comi quando criança na casa de uma tia. Mas ela é isso, em um metro e sessenta e cinco de altura.

— Lembre-se que essa menina Vendermot é uma louca mórbida.

— Pode ser. Não parece. É segura e infantil ao mesmo tempo, tagarela e cautelosa.

— E de repente os dedos do pé são feios.

— Diminutos — completou Zerk.

— Por mim, tudo bem.

— Se a coisa chegou a esse ponto — vociferou Danglard —, o senhor já não está apto para a investigação. Cuide da janta que eu assumo.

— Não, eu vou visitar os irmãos dela às sete. O Veyrenc chega hoje à noite, comandante.

Danglard verteu meio copo d'água nos pedaços de frango, tampou a panela e abaixou o fogo.

— Você deixa cozinhando assim por uma hora — disse para Zerk antes de se virar para Adamsberg. — Não precisamos do Veyrenc, por que pediu que ele viesse?

— Ele se convidou, sem nenhum motivo. Na sua opinião, Danglard, por que uma mulher usaria um xale com esse calor?

— Para o caso de chover — disse Zerk. — Tem umas nuvens a oeste.

— Para disfarçar alguma imperfeição — contestou Danglard. — Uma pústula, ou um sinal do diabo.

— Por mim, tudo bem — repetiu Adamsberg.

— As pessoas que veem o Exército Furioso, delegado, não são criaturas benéficas e solares. São almas sombrias e nefastas. Irradiado ou não, não se esqueça disso.

Adamsberg não respondeu, e pegou mais uma vez o guardanapo de papel.

— O que é isso? — indagou Danglard.

— Uma palavra que não me diz nada. *Máquina*.

— Quem escreveu?

— Fui eu, Danglard.

Zerk meneou a cabeça, como se entendesse perfeitamente.

23

Lina o fez entrar na sala principal, onde três homens o aguardavam em pé e circunspectos, alinhados lado a lado junto a uma mesa grande. Adamsberg pedira a Danglard que o acompanhasse a fim de constatar pessoalmente a irradiação. Identificou facilmente o irmão do meio, Martin, o que era comprido, magro e moreno como um galho de lenha seca, o que tinha sido forçado a engolir a comida podre socada no pé da mesa. Hippolyte, o mais velho, tinha em torno de quarenta anos, rosto largo e loiro bastante parecido com o da irmã, tirando o princípio de cintilação. Era alto e robusto, e estendeu-lhe uma mão grande e meio disforme. Da ponta da mesa, Antonin os observava apreensivo enquanto se aproximavam. Moreno e franzino como seu irmão Martin, porém de corpo mais proporcional, braços apertando o abdômen chupado numa atitude de proteção. Era o caçula, o que era feito de argila. Cerca de 35 anos, talvez revelados pelo rosto estreito em que os olhos ansiosos pareciam grandes demais. Da sua poltrona, dissimulada a um canto da sala, a mãe só lhes dirigiu um pequeno aceno com a cabeça. Trocara a blusa florida por uma gasta camisa cinza.

— Se fosse o Émeri a gente não deixava entrar — explicou Martin com gestos rápidos e entrecortados de um gafanhoto comprido. — Mas nesse caso é diferente. Estávamos esperando vocês para o aperitivo.

— Bondade sua — disse Danglard.

— Nós somos bonzinhos — confirmou Hippolyte, mais pausado, dispondo os copos sobre a mesa. — Quem de vocês é Adamsberg?

— Eu — disse Adamsberg, sentando-se numa velha cadeira cujos pés tinham sido reforçados com corda. — E este é meu auxiliar, o comandante Danglard.

Percebeu em seguida que todas as cadeiras eram reforçadas com corda, decerto para evitar que quebrassem e Antonin caísse. O mesmo motivo, sem dúvida, explicava as tiras de borracha pregadas no marco das portas. A casa era grande, parcamente mobiliada, pobre, com partes do reboco caídas, móveis de compensado, correntes de ar por baixo das portas, paredes quase nuas. Havia tamanho zumbido na sala que Adamsberg, num gesto instintivo, pôs um dedo no ouvido, como se os ruídos dos meses anteriores estivessem lhe fazendo uma visita. Martin correu para um cesto de junco fechado.

— Vou levar isso lá para fora — disse ele. — O barulho que eles fazem incomoda quem não está acostumado.

— São grilos — explicou Lina em voz baixa. — Deve haver uns trinta dentro do cesto.

— O Martin vai realmente comer esses grilos hoje à noite?

— Os chineses comem — afirmou Hippolyte —, e os chineses, desde muito tempo, sempre foram mais espertos que nós. O Martin vai colocá-los na massa, recheada com ovo e salsinha. Já eu prefiro quando ele faz quiche.

— Carne de grilo fortalece a argila — acrescentou Antonin. — O sol também, mas tem que cuidar da dessecação.

— O Émeri comentou. Faz tempo que você tem esse problema de argila?

— Desde os seis anos de idade.

— Isso afeta somente os músculos ou também os nervos, os ligamentos?

— Afeta os ossos, por partes. Mas os músculos são presos aos ossos, e trabalham com mais dificuldade nas partes argilosas. Por isso eu não tenho muita força.

— Compreendo.

Hippolyte abriu uma garrafa nova e serviu vinho do Porto em velhos copos embaçados, ou mal secados. Levou um para a mãe, que não saíra do seu canto.

— Mu aid ele iav es raruc — disse ele, com um largo sorriso.

— Um dia ele vai se curar — traduziu Lina.

— Como consegue inverter as letras? — interveio Danglard.

— É só ler mentalmente a palavra ao contrário. Como é seu nome completo?

— Adrien Danglard.

— Neirda Dralgnad. Soa bonito, Dralgnad. Viu só, não é difícil.

E Danglard, só dessa vez, sentiu-se derrotado por uma inteligência absolutamente superior à sua, ou de que um ramo pelo menos assumira um tamanho desmedido. Derrotado e brevemente desolado. O talento de Hippolyte lhe parecia aniquilar sua cultura clássica, rançosa, acriativa. Tomou seu Porto de um gole só. Um vinho forte, provavelmente barato.

— O que espera da gente, delegado? — perguntou Hippolyte, com seu largo sorriso que tinha um efeito atraente, e até alegre, embora fosse vagamente sinistro. Talvez apenas porque conservasse vários dentes de leite, o que deixava sua dentição bastante irregular. — Que a gente diga o que estava fazendo na noite em que Herbier morreu? Quando foi isso, aliás?

— Dia 27 de julho.

— A que horas?

— Não se sabe ao certo, o corpo foi encontrado bem depois. Os vizinhos o viram sair por volta das seis da tarde. Entre a casa dele e a capela leva, digamos,

uns quinze minutos, e ele deve ter empurrado a mobilete nos últimos trinta metros. O assassino estava esperando ele lá, por volta de seis e quinze, portanto. Sim, é verdade, preciso saber onde vocês estavam.

Os quatro irmãos se entreolharam como se lhes tivessem feito uma pergunta idiota.

— Mas o que isso prova? — perguntou Martin. — Se a gente mentir o senhor faz o quê?

— Necessariamente, se vocês mentirem, crio uma suspeita.

— Mas como vai saber?

— Eu sou tira, já ouvi milhares de mentiras. Com o tempo, a gente aprende a perceber.

— Como?

— Pelo olhar, o jeito de piscar, a contração dos gestos, a vibração, a velocidade da voz. É como se a pessoa começasse a mancar em vez de caminhar normalmente.

— Se eu não olhar nos seus olhos, por exemplo — sugeriu Hippolyte —, é porque estou mentindo?

— Ou o contrário — disse Adamsberg, sorrindo. — Dia 27 foi numa terça-feira. Gostaria que Antonin fosse o primeiro a falar.

— Tudo bem — disse o rapaz, apertando com mais força os braços na barriga. — Eu não saio quase nunca. O que estou querendo dizer é que é perigoso para mim lá fora. Eu trabalho em casa, com sites de brechó e antiguidades. Não é um grande trabalho, mas é trabalho. Às terças, eu nunca saio. É dia de feira e há confusão na rua até o meio da tarde.

— Ele não saiu — interrompeu Hippolyte, enquanto enchia o único copo já vazio, o de Danglard. — Nem eu. Moc azetrec somavátse sodot me asac.

— Ele disse que com certeza estávamos todos em casa — disse Lina. — Mas não é verdade, Hippo. Eu fiquei até tarde no escritório para concluir um dossiê. Tínhamos um memorial enorme para entregar até o dia 30. Cheguei em casa na hora de fazer o jantar. O Martin tinha passado pelo escritório à tarde para entregar mel. Ele estava com os cestos.

— É verdade — disse Martin, puxando os dedos compridos para estalar as articulações. — Eu fui catar bichinhos no mato, provavelmente até umas sete horas. Depois disso não adianta, eles voltam para a toca.

— É edadrev — admitiu Hippo.

— Depois do jantar, quando não está passando nada na tevê, muitas vezes a gente joga dominó, ou dados — disse Antonin. — É legal — especificou com candura. — Mas nessa noite a Lina não jogou com a gente, ficou relendo o dossiê.

— Ragoj mes ale oãn é oãt lagel.

— Pare com isso, Hippo — pediu Lina rapidamente —, o delegado não veio aqui brincar com você.

Adamsberg contemplou os cinco, a mãe retraída em sua cadeira, a irmã luminosa que lhes dava pão e sustento, e os três gênios imbecis dos irmãos.

— O delegado sabe que acabaram com o Herbier porque ele era um escroto — disse Hippolyte —, e que ele era o melhor amigo do nosso pai. Ele morreu porque a Estantiga resolveu apanhá-lo. Se a gente quisesse matar o Herbier, podia ter feito isso muito antes. Só não entendo por que o senhor Hellequim apanhou nosso pai há trinta e um anos, e o Herbier, tanto tempo depois. Mas não cabe a nós opinar sobre os desígnios de Hellequim.

— A Lina me disse que nunca houve nenhum suspeito do assassinato do pai de vocês. Nem você, Hippo? Você que deparou com a Lina de machado na mão?

— O assassino — respondeu Hippo, fazendo com a mão deformada um círculo no ar — vem não se sabe de onde, das névoas negras. Nunca vamos saber, como também nunca saberemos sobre o Herbier e os outros três apanhados.

— Eles vão morrer?

— Claro — disse Martin, levantando. — Desculpem, mas está na hora da massagem do Antonin. É quando bate as sete e meia. Não é bom que passe da hora. Mas continue, não impede a gente de escutar.

Martin foi pegar na geladeira uma tigela contendo uma mistura amarelenta, enquanto Antonin tirava a camisa com cuidado.

— É basicamente suco de celidônia com ácido fórmico — explicou Martin. — Pinica um pouco. É muito bom para reabsorver a argila.

Martin começou a espalhar suavemente o unguento no tronco ossudo do irmão e, pelos olhares que trocaram, Adamsberg percebeu que nenhum deles acreditava de fato que Antonin era em parte feito de argila. Mas entravam no faz de conta, tranquilizavam e cuidavam do irmão. Que se partira em mil pedaços quando o pai o jogara, ainda bebê, escada abaixo.

— Nós somos bonzinhos — repetiu Hippolyte, esfregando com a mão seus longos cachos loiros um pouco sujos. — Mas não vamos chorar pelo nosso pai, nem pelos canalhas que a Lina viu na Estantiga. O senhor reparou nas minhas mãos, delegado?

— Sim.

— Eu nasci com seis dedos em cada mão. Com um dedinho a mais.

— O Hippo é um cara sensacional — disse Antonin sorrindo.

— Não é comum, mas acontece — disse Martin, que agora massageava o braço esquerdo do irmão, aplicando o unguento em pontos bem precisos.

— Seis dedos nas mãos é um sinal do diabo — completou Hippo, sorrindo mais ainda. — É o que sempre se disse por aqui. Como se fosse possível acreditar em sandices desse tipo.

— Você acredita no Exército — disse Danglard, pedindo com o olhar licença para servir-se de mais um dedinho do Porto, que era, definitivamente, um autêntico mata-rato.

— É diferente, a gente sabe que a Lina vê o Exército. E, se ela vê, ela vê. Mas não acreditamos em sinais do diabo e baboseiras desse tipo.

— Mas acreditam nos mortos que passam a cavalo no caminho de Bonneval.

— Comandante Dralgnad — disse Hippolyte —, os mortos podem voltar sem ter sido enviados por Deus ou pelo diabo. Aliás, o chefe deles é Hellequim, e não o diabo.

— É verdade — disse Adamsberg, não querendo que Danglard encetasse uma polêmica sobre o Exército de Lina.

Já fazia alguns minutos que vinha dando menos atenção à conversa, ocupado que estava em pensar, sem conseguir, em como ficava seu nome pronunciado ao contrário.

— Meu pai tinha muita vergonha das minhas mãos de seis dedos. Me obrigava a usar essas luvas só de polegar, me mandava comer com o prato no colo para não pôr as mãos na mesa. Ele tinha nojo, se sentia humilhado por ter gerado um filho assim.

Mais uma vez o semblante dos irmãos se iluminou com um sorriso, como se a triste história do sexto dedo os divertisse profundamente.

— Conta — pediu Antonin, animado com a perspectiva de ouvir de novo aquela ótima história.

— Certa noite, eu estava com oito anos, pus minhas mãos sobre a mesa, sem as luvas, e o pai teve um surto, mais pavoroso que a cólera de Hellequim. Ele pegou o machado. O mesmo machado que um dia viria parti-lo ao meio.

— Foi a bala se mexendo na cabeça dele — interveio a mãe de repente, com voz meio lamuriosa.

— Sim, mãe, decerto que foi a bala — disse Hippo, impaciente. — Ele então pegou minha mão direita e secionou o dedo. A Lina diz que eu desmaiei, que minha mãe gritava, que havia sangue por toda a mesa, que minha mãe se jogou em cima dele. Ele agarrou a mão esquerda e foi o fim do outro dedo.

— A bala se mexeu.

— Se mexeu à beça, mãe — disse Martin.

— Minha mãe me pegou no colo e correu para o hospital. Eu teria me esvaído em sangue no caminho se o conde não a tivesse avistado. Ele estava voltando de uma festa muito chique, não é mesmo?

— Muito chique — confirmou Antonin enquanto enfiava a camisa. — E ele levou minha mãe com o Hippo como uma bala, o carrão dele ficou cheio de sangue. O conde é um homem bom, o que estou querendo dizer é que a Estantiga nunca irá apanhá-lo. Ele todo dia levava a mãe ao hospital para visitar o Hippo.

— O médico não costurou a mão direito — disse Martin, ressentido. — Hoje em dia, quando se tira um sexto dedo, quase não se nota. Mas o Merlan — já era ele na época — é um palerma. Massacrou as mãos dele.

— Não tem importância, Martin — disse Hippolyte.

— A gente sempre vai ao médico em Lisieux, nunca nos tratamos com o Merlan.

— Tem gente — continuou Martin — que manda tirar o sexto dedo e depois se arrepende pelo resto da vida. Dizem que perdem a identidade quando abandonam seu dedo. Diz o Hippo que não se incomoda com isso. Uma moça, em Marselha, foi pegar os dedos no lixo do hospital e sempre os conservou dentro de um pote. Pode imaginar? A gente acha que a mãe fez isso, mas ela não quer dizer.

— Seu bobo — disse a mãe simplesmente.

Martin enxugou as mãos num pano e se virou para Hippolyte com o mesmo sorriso sedutor.

— Conte o resto — disse ele.

— Conte, por favor — insistiu Antonin.

— Talvez seja desnecessário — disse Lina, cautelosa.

— Grebsmada zevlat oãn eicerpa. Afinal, ele é tira.

— Ele disse que o senhor talvez não aprecie — disse Lina.

— Grebsmada é o meu nome?

— É.

— Parece sérvio. Lembro que soava mais ou menos assim.[14]

— O Hippo tinha um cachorro — disse Antonin. — Era o seu animal exclusivo, eram inseparáveis, eu tinha até ciúme. O nome dele era Sebo.

— Um cachorro que ele havia amestrado com perfeição.

— Conte, Hippo.

— Dois meses depois de cortar meus dedos, meu pai me sentou no chão, num canto, de castigo. Foi na noite em que ele obrigou o Martin a comer tudo o que tinha enfiado no pé da mesa, e eu tomei a defesa dele. Eu sei, mãe, a bala mexeu de novo.

— Sim, querido, a bala deu uma volta.

— Várias voltas sobre si mesma, mãe.

— O Hippo estava encolhido no cantinho — continuou Lina —, com a cabeça colada no Sebo. Então ele sussurrou alguma coisa no ouvido do cachorro,

e o Sebo pulou enlouquecido. Agarrou o pai pela garganta.

— Eu queria que ele matasse o pai — explicou Hippolyte tranquilamente. — Foi o que eu mandei ele fazer. Mas a Lina fez um sinal pedindo para eu cessar o ataque, aí eu mandei o Sebo parar. E pedi para ele comer o que restava no pé da mesa.

— O Sebo não teve problema nenhum — esclareceu Antonin —, já o Martin passou quatro dias com cólica.

— Depois disso — Hippolyte adotou um tom mais sombrio —, quando o pai saiu do hospital com a garganta costurada, pegou a espingarda e abateu o Sebo enquanto a gente estava na escola. Deixou o cadáver na frente da porta para a gente ver de longe ao chegar em casa. Foi aí que o conde veio me buscar. Achou que eu não estava seguro aqui e me hospedou algumas semanas no castelo. Comprou um cachorrinho para mim. Só que eu e o filho dele não nos dávamos bem.

— O filho dele é um idiota — afirmou Martin.

— Mu acabab onhitnejon — confirmou Hippolyte.

Adamsberg interrogou Lina com os olhos.

— Um babaca nojentinho — traduziu ela, reticente.

— Acabab parece bem apropriado — considerou Danglard com ar intelectualmente satisfeito.

— Acabei voltando para casa por causa desse acabab, e minha mãe me escondeu debaixo da cama da Lina. Eu vivia aqui escondido, e minha mãe já não sabia o que fazer. Mas Hellequim trouxe a solução, partindo o pai ao meio. Isso foi logo depois que a Lina o viu pela primeira vez.

— O Exército Furioso? — disse Danglard.

— Sim.

— Como é que fica isso ao contrário?

Hippolyte balançou a cabeça com firmeza.

— Não, não se pode pronunciar o nome do Exército ao contrário.

— Compreendo — disse Adamsberg. — E seu pai morreu quanto tempo depois de você voltar do castelo?

— Treze dias.

— De uma machadada na cabeça.

— E outra no esterno — emendou Hippolyte alegremente.

— Estava morto o animal — confirmou Martin.

— Por causa da bala — murmurou a mãe.

— Em suma — resumiu Hippolyte —, a Lina não devia ter me pedido para conter o Sebo. Tudo teria se ajeitado já naquela noite.

— Não pode ficar chateado com ela — disse Antonin, erguendo os ombros com cautela. — A Lina é boazinha demais, só isso.

— Nós somos bonzinhos — afirmou Hippolyte meneando a cabeça.

Quando Lina levantou para se despedir deles, seu xale escorregou no chão e ela soltou um gritinho. Com um gesto elegante, Danglard juntou o xale e o pôs de volta nos seus ombros.

— O que achou, comandante? — perguntou Adamsberg, enquanto caminhavam para a pousada de Léo.

— Uma possível família de assassinos — disse Danglard pausadamente —, fechada em si mesma, protegendo-se do mundo externo. Todos doidos, ensandecidos, maltratados, superdotados e simpaticíssimos.

— Eu quis dizer da irradiação. Você reparou? Embora na presença dos irmãos ela fique mais retraída.

— Reparei — admitiu Danglard meio a contragosto. — No mel dos seios e tudo o mais. Mas é uma irradiação ruim. Infravermelha ou ultravioleta, ou luz negra.

— Diz isso por causa da Camille. Mas a Camille agora quer me beijar só no rosto. Um beijo preciso e pontual para deixar claro que não vamos mais dormir juntos. Cruel, Danglard.

— Modesto castigo, se comparado ao prejuízo.

— E o que quer que eu faça, comandante? Que eu fique anos sentado debaixo de uma macieira esperando pela Camille?

— A macieira não é imprescindível.

— Que eu não repare nos peitos fabulosos dessa mulher?

— A palavra é essa — admitiu Danglard.

— Um momento — disse Adamsberg, estacando no caminho. — Mensagem de Retancourt. Do nosso encouraçado mergulhado nas esqualosas profundezas abismais.

— Abissais — corrigiu Danglard, inclinando-se para o visor do telefone. — E “esqualosa” não existe. Além disso, encouraçado não mergulha.

Red 1 chegou bem tarde noite incêndio, não informado. Atitude quase normal. O q confirmaria sua não implicação. Mas estava nervoso.

— *Nervozo como?* — teclou Adamsberg.

— “Nervoso” é com “s”.

— Não enche, Danglard.

— *Despediu uma camareira.*

— *Por quê?*

— *História comprida, sem interesse.*

— *Explique assim mesmo.*

— *Red 1 deu açúcar para o labrador quando chegou.*

— O que deu nas pessoas, Danglard, para ficarem o tempo todo dando açúcar para os cães?

— É para serem amadas. Continue.

— *Labrador recusa. Camareira leva animal para dar açúcar. Recusa bis. Camareira critica açúcar. Red 1 a despede mesma noite. Ou seja nervoso.*

— *Por que camareira não conseguiu fazer cão comer açúcar?*

— *Sem interesse. Já disse. Câmbio.*

Zerk vinha em sua direção a passos largos, câmeras a tiracolo.

— O conde esteve aqui, quer te ver depois do jantar, às dez horas.

— É urgente?

— Ele não disse, foi mais como uma ordem.

— Como ele é?

— Percebe-se que é um conde. Idoso, elegante, careca, e veste uma jaqueta de trabalho velha de algodão azul. Comandante, terminei de cozinhar o frango.

— Acrescentou direitinho a nata e as ervas finas?

— Sim, bem no final. Levei para o Pombinho. Ele adorou. Passou o dia desenhando vacas com os lápis de cor.

— Ele desenha bem, afinal?

— Não muito. Mas é superdifícil desenhar uma vaca. Mais difícil que um cavalo.

— Danglard, vamos comer o frango e depois a gente sai.

24

Já tinha anoitecido quando Adamsberg parou o carro em frente ao portão do castelo do conde, cravado na colina que encimava a cidade de Ordebec. Danglard içou o corpanzil do veículo com inabitual agilidade e postou-se rapidamente diante da construção, as mãos segurando a grade. Adamsberg leu em seu semblante um arrebatamento absoluto, um estado de suspensão de melancolia que Danglard só raramente alcançava. Deu uma olhada no grande castelo de pedras claras que constituía sem dúvida, para seu auxiliar, uma espécie de *kouglof* com mel.

— Eu falei que você ia gostar do lugar. Esse castelo é antigo?

— Referências aos primeiros senhores de Ordebec datam do início do século XI. Mas foi principalmente na batalha de Orléans, em 1428, que o conde de Valleray se destacou ao se unir às tropas francesas comandadas pelo conde de Dunois, ou seja, Jean, bastardo de Louis, duque de Orléans.

— Sim, Danglard, e o castelo?

— É o que estou explicando. O filho de Valleray, Henri, mandou construir o castelo depois da Guerra dos Cem Anos, no fim do século XV. Toda a ala esquerda, que está vendo ali, e a torre do lado oeste datam dessa época. Em compensação, o corpo do castelo foi reformado no século XVII, e as grandes aberturas rebaixadas foram refeitas no século XVIII.

— Que tal tocarmos a campainha, Danglard?

— Há pelo menos três ou quatro cães latindo. Vamos tocar e esperar uma escolta. Não sei qual é a dessas pessoas com os cachorros.

— E com o açúcar — disse Adamsberg, puxando o cordão.

Rémy François de Valleray, conde de Ordebec, os aguardava sem formalidade na biblioteca, vestindo a mesma jaqueta de tecido azul que lhe dava ares de operário agrícola. Danglard, porém, reparou que cada uma das taças com monogramas gravados já dispostas sobre a mesa custava tranquilamente um mês de seu salário. E que, só pela cor, o álcool que iam lhes oferecer já valia a viagem de Paris. Nem comparação com o Porto tomado na casa dos Vendermot em copos embaçados, que deixara seu estômago pegando fogo. A biblioteca

devia ter algo como mil volumes, e as paredes eram cobertas de cima a baixo com cerca de quarenta quadros que enlouqueciam os olhos do comandante Danglard. Era, em suma, o cenário esperado, numa residência condal ainda não depauperada, não fosse a incrível desordem que privava o cômodo de qualquer solenidade. Botas, sacos de semente, remédios, sacos plásticos, parafusos, velas derretidas, caixas de pregos, papelada, tudo espalhado pelo chão, mesas e prateleiras.

— Senhores — disse o conde largando a bengala e estendendo-lhes a mão —, agradeço terem atendido ao meu chamado.

Conde ele era, sem sombra de dúvida. O tom da voz, o movimento um tanto imperioso dos gestos, o olhar eminente e até seu direito natural de se apresentar vestindo jaqueta de camponês. Ao mesmo tempo, percebia-se facilmente nele o velho normando rural, a vermelhidão da tez, as unhas meio pretas, o olhar divertido e dissimulado sobre si mesmo. Ele encheu as taças com uma mão, enquanto a outra se apoiava na bengala, e os convidou a sentar com um movimento do braço.

— Espero que apreciem este *calvados,* é o mesmo que forneço à Léo. Entre, Denis. Apresento-lhes meu filho. Denis, estes senhores são da Brigada Criminal de Paris.

— Não pretendia interrompê-los — disse o homem enquanto os cumprimentava sem vontade e sem sorrir.

Mãos claras e unhas cuidadas, corpo forte mas gordo, cabelo grisalho alisado para trás.

Era esse, então, o famoso *acabab* nojentinho que, segundo os Vendermot, abreviara a estada do pequeno Hippolyte no refúgio do castelo. E, com efeito, observou Adamsberg, o homem tinha um aspecto algo acababiano, maçãs do rosto caídas, lábios finos, olhos furtivos e distantes, ou que pelo menos pretendiam estabelecer distância. Serviu-se de uma taça, mais por cortesia que por desejo de ficar. Toda a sua atitude indicava que pouco lhe interessavam os convidados, e mesmo seu pai.

— Só passei para avisar que o carro da Maryse sai do conserto amanhã. Temos de pedir ao Georges que o receba, vou passar o dia inteiro na sala de leilões.

— Você não viu o Georges?

— Não, esse animal deve ter caído de bêbado na estrebaria, não vou lá tirá-lo de baixo dos cavalos.

— Certo, eu cuido disso.

— Obrigado — disse Denis, pondo a taça sobre a mesa.

— Não estou te expulsando.

— Mas eu estou saindo. Vou deixá-lo com seus convidados.

O conde fez um pequeno muxoxo ao ouvir a porta se fechar.

— Sinto muito, senhores — disse. — Minha relação com meu enteado não é das melhores, principalmente sabendo do assunto que quero tratar com vocês, que não é do agrado dele. Trata-se de Léo.

— Gosto muito da Léo — disse Adamsberg, sem ter planejado sua resposta.

— Acredito. Apesar de só a ter conhecido por algumas horas. Foi o senhor quem a encontrou, ferida. E conseguiu fazê-la falar. O que sem dúvida evitou que o doutor Merlan decretasse a morte cerebral.

— Tive uma pequena discussão com esse médico.

— Não me surpreende. Ele às vezes sabe ser um acabab, mas não é sempre.

— Gosta dos termos de Hippolyte, senhor conde? — perguntou Danglard.

— Me chame de Valleray, será melhor para todos nós. Conheço Hippolyte desde o berço. E acho esse termo bastante adequado.

— Com que idade ele passou a inverter as letras?

— Com treze anos. É um homem excepcional, assim como a irmã e os irmãos. Há em Lina um brilho absolutamente incomum.

— O delegado não deixou de reparar — disse Danglard, que a prodigalidade do *calvados*, somada à visão do castelo, relaxava profundamente.

— E o senhor, deixou? — perguntou Valleray, espantado.

— Não — admitiu Danglard.

— Muito bem. E que tal o *calvados*?

— Perfeito.

O conde mergulhou um torrão de açúcar na taça e o chupou sem nenhuma fineza. Adamsberg sentiu-se fugazmente assaltado por torrões de açúcar vindos de todos os lados.

— Sempre tomamos este *calvados*, Léo e eu. Vocês precisam saber que fui perdidamente apaixonado por essa mulher. Casei-me com ela e minha família que, acreditem, possui um grande número de acababs, me azucrinou. Eu era jovem, fraco, acabei cedendo e nos divorciamos dois anos depois.

“Poderão achar estranho”, continuou ele, “e isso pouco me importa, mas se a Léo sobreviver ao ataque desse assassino imundo, vou me casar com ela novamente. Já está decidido, se ela aceitar. E é aí que o senhor entra, delegado.”

— Pegando o assassino.

— Não, revivendo a Léo. Não pense que estou tendo uma súbita ideia fixa de velho. Faz mais de um ano que tenho pensado no assunto. Esperava fazer com que meu enteado entendesse, mas não tem jeito. De modo que vou me casar sem o consentimento dele.

O conde levantou-se com esforço, andou com a bengala até a imensa lareira de pedra e jogou lá dentro duas toras de lenha. O ancião ainda tinha energia, o suficiente pelo menos para se dispor àquele casamento insólito entre dois quase nonagenários, mais de sessenta anos após sua primeira união.

— Não acham chocante esse casamento? — perguntou ao voltar para junto deles.

— Pelo contrário — respondeu Adamsberg. — Eu inclusive iria de bom grado, se o senhor me convidasse.

— Será convidado, delegado, se tirá-la dessa enrascada. A Léo me ligou uma hora antes da tentativa de assassinato. Estava encantada com o serão que passou com o senhor, e a opinião dela me basta. Há nisso tudo um dedo do destino, se me permitir essa apreciação um tanto simplista. Nós, que vivemos próximos ao caminho de Bonneval, somos todos um pouco fatalistas. O senhor, só o senhor, foi capaz de tirá-la da afasia, de fazê-la falar.

— Três palavras apenas.

— Eu sei quais foram. Estava junto dela havia quanto tempo?

— Quase duas horas, acho.

— Duas horas falando com ela, penteando-a, segurando seu rosto. Eu sei. O que lhe peço é que fique dez horas por dia, quinze se preciso for. Até trazê-la de volta para nós. Vai conseguir, delegado Adamsberg.

O conde estacou, e seu olhar percorreu lentamente as paredes da sala.

— Se conseguir, eu lhe dou aquilo ali — disse, apontando com displicência a bengala para um quadrinho pendurado perto da porta. — Tem tudo a ver com o senhor.

Danglard sobressaltou-se e examinou a tela. Um fino cavaleiro posando diante de uma paisagem montanhosa.

— Aproxime-se, comandante Danglard — disse Valleray. — Está reconhecendo o local, Adamsberg?

— É o pico dos Gourgs Blancs, me parece.

— Exatamente. Estou enganado ou não fica longe de sua terra natal?

— Está bem informado a meu respeito.

— É claro. Quando preciso saber de alguma coisa, geralmente consigo. São os resquícios, poderosos, dos privilégios. Como também sei que o senhor está enfrentando o grupo Clermont-Brasseur.

— Não, senhor conde. Ninguém enfrenta os Clermont, e eu não sou mais que ninguém.

— Fim do século XVI? — inquiriu Danglard, inclinado diante do quadro. — Escola de François Clouet? — acrescentou em tom mais baixo, menos seguro.

— Sim, ou, se quisermos sonhar, uma obra do próprio mestre, que teria em uma ocasião largado o fardo de retratista. Mas não temos elementos garantindo que ele tenha viajado até os Pireneus. Embora tenha pintado Jeanne d'Albret, rainha de Navarra, em 1570. Talvez na cidade de Pau.

Danglard tornou a sentar-se, intimidado, de taça vazia. O quadro era uma raridade, valia uma fortuna, e Adamsberg parecia não se dar conta.

— Sirva-se, comandante. É um pouco difícil, para mim, me deslocar. Aproveite e encha a minha taça. Não é sempre que uma esperança assim entra em minha casa.

Adamsberg não olhava para o quadro, nem para Danglard, nem para o conde. Pensava na palavra *máquina*, que se soltara bruscamente, vindo chocar-se com o dr. Merlan, com o jovem feito de argila e com a visão dos dedos de Martin aplicando a mistura na pele do irmão.

— Não posso — disse ele. — Não tenho capacidade para tanto.

— Tem, sim — afirmou o conde, batendo a ponta da bengala no assoalho encerado ao perceber que o olhar de Adamsberg, que ele já achava desfocado, parecia ter se retirado para o limbo.

— Não posso — repetiu Adamsberg com voz longínqua. — Sou o responsável pela investigação.

— Vou falar com seus superiores. Não pode abandonar a Léo.

— Não.

— E então?

— Não posso, mas há alguém que pode. Léo está viva, consciente, só que está tudo em pane. Conheço um homem que conserta panes desse tipo, essas panes sem nome.

— Um charlatão? — perguntou o conde, alçando as sobrancelhas brancas.

— Um cientista. Que pratica a sua ciência com um talento inumano. Que põe as engrenagens para funcionar, reoxigena o cérebro, repõe gatinhos a mamar, destrava pulmões enrijecidos. Um especialista do movimento da máquina humana. Um mestre. É a nossa única chance, senhor conde.

— Valleray.

— É a nossa única chance, Valleray. Ele pode tirar a Léone dessa. Sem compromisso.

— Como ele trabalha? Com remédios?

— Com as mãos.

— Uma espécie de hipnotizador?

— Não. Ele aperta as válvulas, repõe os órgãos no lugar, puxa as alavancas, desentope os filtros, enfim, reativa o motor.[15]

— Traga-o aqui — disse o conde.

Adamsberg caminhou pela sala, fazendo ranger o velho assoalho e balançando a cabeça.

— Impossível — disse.

— Ele está no exterior?

— Está na prisão.

— Cáspite.

— Precisaríamos de uma autorização especial de soltura.

— Quem pode dar essa autorização?

— O juiz de aplicação das penas. No caso desse nosso médico, trata-se do juiz Varnier, que é um bode velho e teimoso que nem vai querer ouvir falar no assunto. Tirar um prisioneiro de Fleury para exercer seus talentos à cabeceira de uma idosa em Ordebec é o tipo de emergência que ele jamais irá admitir.

— Raymond de Varnier?

— Sim — disse Adamsberg, ainda andando em círculos pela biblioteca sem conceder um olhar sequer ao quadro da escola de Clouet.

— Não tem problema, ele é um amigo meu.

Adamsberg virou-se para o conde, que sorria, sobrancelhas erguidas.

— Raymond de Varnier não pode me negar nada. Vamos trazer esse seu especialista.

— Vai precisar de um motivo forte, verídico e verificável.

— E desde quando nossos juízes precisam disso? Nunca precisaram, desde são Luís.[16] Só anote para mim o nome desse médico e o local onde está detido. Vou ligar para o Varnier assim que amanhecer, com alguma sorte esse homem estará aqui amanhã à noite.

Adamsberg olhou para Danglard, que meneou a cabeça em sinal de aprovação. Adamsberg sentia-se culpado por ter custado tanto a entender. Quando o dr. Merlan tinha se referido, de modo irreverente, ao corpo de Léo como a uma máquina em pane, podia logo ter lembrado do médico prisioneiro, que costumava usar essa expressão. Provavelmente havia lembrado, mas sem se dar conta. Nem mesmo quando Lina tinha repetido a palavra “máquina”. Mas fora o suficiente para anotá-la no guardanapo. O conde lhe deu um bloco e ele anotou as informações.

— Há mais um porém — disse, ao devolver o bloco. — Se eu for defenestrado, não vão deixar nosso protegido sair. Ora, se o doutor conseguir tirar Léone desta, ela vai precisar de várias sessões. E eu posso ser defenestrado dentro de quatro dias.

— Estou sabendo.

— De tudo?

— De muita coisa ao seu respeito. Eu temo por Léo, e pelos Vendermot. O senhor chega aqui, eu tiro informações. Sei que vai ser defenestrado se não prender o assassino de Antoine Clermont-Brasseur, o qual bateu asas e voou da sua delegacia e, o que é pior, da sua sala, sob sua própria vigilância.

— Exato.

— Aliás, delegado, sabia que está sob suspeita?

— Não.

— Pois é bom ficar atento. Alguns senhores do Ministério anseiam por uma investigação sobre a sua pessoa. Não estão longe de achar que deixou o rapaz escapar.

— Isso não faz sentido.

— Claro que não — disse Valleray sorrindo. — Enquanto isso, o rapaz não é encontrado em lugar nenhum. E o senhor está fuçando na seara da família Clermont.

— O acesso a eles está bloqueado, Valleray. Não tenho como fuçar.

— Ainda assim, pediu para interrogar os dois filhos de Antoine, Christian e Christophe.

— E recusaram. Eu parei por aí.

— E não está gostando.

O conde depositou o resto do torrão de açúcar num pires, lambeu os dedos e enxugou-os na jaqueta azul.

— O que, exatamente, quer saber sobre os Clermont?

— Como foi a festa que antecedeu o incêndio, pelo menos isso. Como estava o humor dos dois filhos.

— Normal, bem alegre até, se é que Christophe consegue ser alegre. O champanhe correu solto, e da melhor marca.

— Como sabe?

— Eu estava lá.

O conde pegou mais um torrão de açúcar, que molhou com precisão dentro da taça.

— Existe nesse mundo um pequeno núcleo atômico em que, desde sempre, os empresários buscam os aristocratas e vice-versa. Uma vez que o comércio entre eles, eventualmente matrimonial, aumenta o poder de deflagração de todos. Eu pertenço aos dois círculos, nobreza e empresariado.

— Sei que o senhor vendeu suas usinas de aço a Antoine Clermont.

— Foi nosso amigo Émeri quem lhe contou?

— Sim.

— Antoine era uma autêntica rapina que voava alto mas era, em certo sentido, admirável. Não se pode dizer o mesmo dos filhos. Agora, se estiver

pensando que um deles ateou fogo no pai, está muito enganado.

— Antoine queria se casar com a faxineira.

— Sim, a Rose — confirmou o conde, chupando o açúcar. — Acho que ele queria, antes de mais nada, provocar a família. Eu bem que o alertei. Mas ver nos olhos dos filhos a ansiosa espera de sua morte o deixava nervoso. De uns tempos para cá, andava desanimado, magoado, e dado a extremos.

— Quem queria interditá-lo?

— Christian sobretudo. Mas não havia como, Antoine era mentalmente são, e isso era fácil de provar.

— Então, bem a propósito, um jovem põe fogo na Mercedes justo quando Antoine está sozinho no carro esperando.

— Percebo o que o incomoda. Quer saber por que Antoine estava sozinho?

— Muito. E por que não foi o motorista que os levou para casa.

— Porque o motorista foi convidado a ir à cozinha e Christophe julgou que estava embriagado demais para dirigir. Ele então saiu da festa com o pai, e os dois foram a pé até a Rue Henri-Barbusse, onde estava o carro. Uma vez ao volante, viu que estava sem o celular. Pediu ao pai que esperasse e refez o trajeto em sentido inverso. Encontrou o telefone na calçada da Rue Val-de-Grâce. Ao dobrar a esquina, avistou o carro em chamas. Escute, Adamsberg, Christophe estava a pelo menos quinhentos metros da Mercedes e foi visto por duas testemunhas. Ele gritou, saiu correndo, e as testemunhas correram com ele. Foi Christophe quem ligou para a polícia.

— Isso foi ele quem lhe contou?

— Foi a mulher dele. Nos damos muito bem — fui eu que a apresentei ao futuro marido. Christophe estava arrasado, horrorizado. Qualquer que fosse a relação entre eles, não é nada agradável ver o próprio pai ser queimado vivo.

— Compreendo — disse Adamsberg. — E Christian?

— Christian tinha ido embora mais cedo, estava de porre e queria dormir.

— Mas aparentemente chegou ao domicílio bastante tarde.

O conde ficou algum tempo coçando a cabeça calva.

— Não há nada de errado em dizer que Christian frequenta outra mulher, ou várias mulheres até, e aproveita as festas oficiais para chegar tarde em casa. E, repito, os dois irmãos estavam de ótimo humor. Christian dançou, fez uma excelente imitação do barão de Salvin, e Christophe, que não é fácil de desanuviar, se divertiu francamente em vários momentos.

— Convívio cordial, noitada normal.

— Por certo. Há um envelope sobre a lareira, vai ver que contém uma dúzia de fotos dessa festa e quem me enviou foi a mulher de Christophe. Ela não

entende que, na minha idade, não gostamos de ver fotos de nós mesmos. Dê uma olhada, vão lhe dar uma ideia do clima.

Adamsberg examinou as cerca de dez fotos e, com efeito, nem Christophe nem Christian exibiam o semblante atormentado de um sujeito prestes a queimar o próprio pai.

— Percebo — disse Adamsberg ao devolver as fotos.

— Fique com elas, se ajudarem a convencê-lo. E avie-se para encontrar esse rapaz. O que posso tranquilamente fazer é obter um prazo maior junto aos irmãos Clermont.

— Parece necessário — disse de repente Danglard, que ficara andando de um quadro para outro feito um marimbondo se movimentando sobre pingos de geleia. — O jovem Mô está fora de alcance.

— Mais dia menos dia, vai acabar precisando de dinheiro — disse Adamsberg dando de ombros. — Ele foi embora sem nada no bolso. A solidariedade dos amigos dura só um tempo.

— A solidariedade sempre dura só um tempo — murmurou Danglard. — Já a covardia, dura uma eternidade. Segundo esse princípio é que geralmente se acaba pegando os fugitivos. Desde que não se esteja com a espada do Ministério apontada para a nuca. Isso atrapalha os movimentos.

— Entendi — disse o conde, levantando. — Então, vamos afastar essa espada.

Como se o caso fosse só afastar uma simples cadeira para se movimentar mais à vontade, pensou Danglard, filho de um operário do Norte. Não tinha dúvida de que o conde conseguiria.

25

Veyrenc os aguardava, com Zerk, na frente da casa de Léo. Estava uma noite amena, as nuvens tinham afinal se afastado para derramar sua chuva em outras bandas. Os dois homens haviam posto cadeiras para fora e fumavam no escuro. Veyrenc aparentava tranquilidade, mas Adamsberg não se fiava na aparência. O semblante algo romano do tenente, arredondado, denso e confortável, suavemente desenhado sem nenhuma aresta visível, era uma massa compacta de ação discreta e de obstinação. Danglard deu-lhe um breve aperto de mão e desapareceu dentro de casa. Passava da uma da manhã.

— Vamos dar uma volta no campo — sugeriu Veyrenc. — Deixe os telefones aqui.

— Você quer ver as vacas se mexendo? — perguntou Adamsberg, enquanto lhe tirava um cigarro. — Sabe que, ao contrário do que acontece em nossa terra, as vacas aqui se mexem muito pouco.

Veyrenc fez um sinal a Zerk para que viesse com eles e, quando já tinham se afastado o suficiente, deteve-se à porteira de um pasto.

— Tivemos outro telefonema do Ministério. Um telefonema de que não gostei nem um pouco.

— Não gostou do quê?

— Do tom. Da agressividade pelo fato de Mô ainda não ter sido encontrado. Ele está sem dinheiro, com a foto divulgada em tudo que é lugar, onde é que ele pode estar? É o que estão dizendo.

— Agressivos eles estão desde o começo. O que mais havia nesse tom?

— Uma risadinha, uma ironia. O sujeito que ligou não era nenhuma inteligência rara. Tinha a voz de alguém orgulhoso de saber de alguma coisa que não conseguia dissimular.

— Como, por exemplo?

— Como, por exemplo, algo contra você. Não tenho elementos para interpretar essa risadinha, essa alegria contida, mas tenho a séria impressão de que estão imaginando coisas.

Adamsberg estendeu a mão para pedir fogo.

— Coisas que você também imagina?

— Isso não importa. Só o que eu sei é que seu filho veio para cá com você, em outro carro. Eles decerto também sabem, como você deve supor.

— O Zerk está fazendo uma matéria sobre folhas podres para uma revista sueca.

— Sim, é curioso.

— Ele é assim, aproveita qualquer oportunidade.

— Não, Jean-Baptiste, o Armel não é assim. Eu não vi o pombo dentro da casa. O que vocês fizeram com ele?

— Ele saiu voando.

— Ah, muito bem. Mas por que o Zerk veio em outro carro? Não havia espaço no porta-malas para a bagagem de vocês três?

— O que você está querendo, Louis?

— Convencer você de que eles estão imaginando coisas.

— Coisas que você acha que eles estão imaginando.

— Que o Mô, por exemplo, desapareceu de uma forma um tanto mágica. Que pombinhos demais saíram voando. Acho que o Danglard sabe. O comandante disfarça muito mal. Desde que o Mô fugiu, ele parece uma galinha confusa chocando um ovo de avestruz.

— Está imaginando coisas demais. Você me acha capaz de fazer uma burrada dessas?

— Perfeitamente. Eu nunca disse, aliás, que era burrada.

— Diga tudo o que tem para dizer, Louis.

— Acho que não vai demorar para eles darem uma incerta por aqui. Não sei onde você guardou o Mô, mas acho que ele tem de dar no pé ainda esta noite. Depressa, e para longe.

— Como? Se eu, você ou Danglard sairmos daqui, vamos estar dando a deixa. Nos pegam na hora.

— Seu filho — sugeriu Veyrenc, fitando o rapaz.

— Louis, não está achando que eu vou envolver o Zerk nessa?

— Já envolveu.

— Não. Não há nenhuma prova concreta. Mas, se o pegarem ao volante junto com o Mô, ele vai direto para o xadrez. Se você estiver certo, vamos ter que entregar o Mô. Vamos deixá-lo a uns cem quilômetros daqui e ele se deixará apanhar.

— Você mesmo disse: depois que ele cair na teia dos juízes, não se solta nunca mais. Está tudo amarrado desde já.

— Sua sugestão?

— O Zerk tem de pôr o pé na estrada esta noite. À noite há menos barreiras policiais. E boa parte dessas barreiras perde em eficiência: os caras vão se

cansando.

— Concordo — disse Zerk. — Pode deixar — disse, detendo Adamsberg —, eu levo o Mô. Para onde, Louis?

— Você conhece os Pireneus tão bem quanto nós, conhece os caminhos para a Espanha. De lá, você se manda para Granada.

— E depois?

— Se esconde por lá até segunda ordem. Eu trouxe o endereço de vários hotéis. Duas placas e documentos para o carro, dinheiro, duas carteiras de identidade, um cartão de crédito. Quando estiverem longe daqui, parem no acostamento para dar um corte no cabelo do Mô, tipo garoto certinho.

— É uma prova de que ele não incendiou a Mercedes — disse Zerk. — Ele está com o cabelo comprido.

— E daí? — perguntou Adamsberg.

— Você não sabe que o apelido dele é Momô-mecha-curta?

— Isso porque ele usa umas mechas curtas, perigosas, para incendiar os carros. Para apimentar a brincadeira.

— Não, é porque a cada ataque o fogo queima umas mechas do cabelo dele. Ele depois raspa a cabeça para ninguém perceber.

— Tudo bem, Armel — disse Veyrenc —, mas a gente está com pressa. Onde você o escondeu, Jean-Baptiste? Fica longe?

— A três quilômetros — disse Adamsberg, meio atordoado. — Dois, se formos pelo mato.

— Vamos até lá agora. Enquanto os garotos se preparam, a gente troca as placas, limpa as impressões digitais.

— Logo agora que ele estava começando a desenhar — disse Zerk.

— E logo agora que os irmãos Clermont parecem ter se safado — disse Adamsberg, esmagando o cigarro com o salto do sapato.

— E o pombinho, o que a gente faz com o pombinho? — perguntou Zerk de súbito, alarmado.

— Você leva para Granada, A gente já falou.

— Não, o outro. O que a gente faz com o Hellebaud?

— Esse fica com a gente. Chama muito a atenção.

— Ainda tem que passar desinfetante nas patas dele de três em três dias. Prometa que vai fazer isso, prometa que vai lembrar.

Eram quase quatro horas da manhã quando Adamsberg e Veyrenc viram se afastar os faróis traseiros do carro, o pombo arrulhando na gaiola aos seus pés. Adamsberg tinha enchido uma garrafa térmica de café para o filho.

— Espero que você não tenha feito ele ir embora para nada — disse Adamsberg. — Espero que você não o esteja mandando para o atoleiro. Eles vão ter que dirigir a noite inteira, e o dia inteiro. Vão ficar exaustos.

— Está preocupado com o Armel?

— Estou.

— Ele vai conseguir. *A tentativa arriscada, a iniciativa audaciosa,/ É tornada venturosa por uma alma valorosa.*

— Sobre o Mô, como é que eles desconfiaram?

— Você foi muito rápido. Muito esperto, mas muito rápido.

— Eu não tive tempo, não tive escolha.

— Eu sei. Mas também agiu muito sozinho. *Não pense, isolado, atingir seu objetivo,/ Os amigos que evitava são seu único amparo.* Devia ter me chamado.

26

Durante a noite e o amanhecer, o conde movimentou-se com uma eficiência impressionante, proporcional ao seu afeto pela velha Léone e, às onze e meia, o médico chegou discretamente no hospital de Ordebec. Valleray tinha acordado o velho juiz às seis da manhã, dado o comando e, às nove, as grades da Fleury se abriram para o comboio que levava o prisioneiro à Normandia.

As duas viaturas à paisana estacionaram na área reservada à equipe médica, longe das vistas dos transeuntes. Cercado por quatro homens, o médico desceu algemado, com um ar roliço, e até jovial, que descontraiu Adamsberg. Este ainda não recebera nenhum sinal de Zerk nem a mínima palavra de Retancourt. Dessa vez, o torpedo Retancourt parecia estar neutralizado, inepto. O que talvez confirmasse a hipótese do conde. Se Retancourt não descobria nada era porque não havia nada a descobrir. Afora o fato de que Christian chegara tarde em casa — um detalhe a que ele se aferrava —, nada autorizava a suspeitar de um ou outro dos irmãos.

O médico se aproximou com seu andar bamboleante, asseado e bem-vestido. Não emagrecera um grama sequer na prisão, parecia até mais alentado.

— Agradeço esse pequeno passeio, Adamsberg — disse ao apertar sua mão —, faz bem rever a natureza. Por favor, não me chame pelo nome na frente das pessoas, pretendo conservá-lo sem mácula.

— Como devo chamá-lo? Doutor Hellebaud? Pode ser?

— Perfeitamente. Como estão os zumbidos? Voltaram a incomodar? Quando lembro que só pude lhe dedicar duas sessões...

— Sumiram, doutor. Só sinto, às vezes, um leve assobio no ouvido esquerdo.

— Perfeito. Ajeito esse detalhe para você antes de ir embora com esses senhores. E a gatinha?

— Está quase desmamando. E a prisão, doutor? Não tive tempo de lhe fazer uma visita desde que foi encarcerado. Me desculpe.

— O que posso dizer, meu amigo? Estou assoberbado. É o tratamento do diretor — uma dorsalgia difícil e antiga —, dos detentos — somatizações depressivas e belíssimos traumas de infância, casos interessantíssimos, confesso —, e dos guardas — muita dependência química, muita violência contida. Não

aceito mais de cinco pacientes por dia, fui muito firme quanto a isso. Não cobro nada, evidentemente, não é permitido. Mas, como pode calcular, tenho várias compensações. Cela especial, tratamento diferenciado, comida caseira, livros à vontade, não posso me queixar. Com base nos tantos casos que tenho por lá, estou preparando um livro bastante extraordinário sobre trauma carcerário. Fale-me sobre sua doente. Ocorrência? Diagnóstico?

Adamsberg conversou no subsolo com o médico cerca de quinze minutos, e então subiu ao andar de cima onde, em frente ao quarto de Léo, esperavam o capitão Émeri, o dr. Merlan, o conde de Valleray e Lina Vendermot. Adamsberg lhes apresentou o dr. Paul Hellebaud, e um dos guardas tirou suas algemas com respeitoso cuidado.

— Está vendo esse guarda? — sussurrou o médico no ouvido de Adamsberg. — Eu lhe dei sua vida de volta. Estava impotente. Arrasado, coitado. Ele me traz café na cama todo dia. Quem é essa mulher, roliça como um pão e tão apetitosa?

— Lina Vendermot. Foi quem pôs fogo no barril de pólvora, quem está na origem do primeiro assassinato.

— É homicida? — perguntou, lançando-lhe um olhar de surpresa e reprovação, parecendo se esquecer de que era, ele próprio, um assassino.

— Não se sabe. Ela teve uma visão funesta, contou o que viu, e foi assim que tudo começou.

— Visão do quê?

— Uma antiga lenda local, um Exército Furioso, semimorto, que passa por aqui há muitos séculos e arrasta consigo uns viventes criminosos.

— A Estantiga? — indagou bruscamente o médico.

— A própria. O senhor conhece?

— Quem não ouviu falar nela, meu amigo? Com que então o Hellequim cavalga por essas paragens?

— A três quilômetros daqui.

— Um contexto maravilhoso — avaliou o médico esfregando as mãos, num gesto que fez Adamsberg se lembrar da noite em que escolhera para ele um vinho excelente.

— Esta velha senhora constava entre os apanhados?

— Não, supomos que sabia de alguma coisa.

Quando o médico se acercou do leito e contemplou Léone, ainda muito branca e fria, seu sorriso se esvaneceu de repente e Adamsberg expulsou de sua nuca a bola de eletricidade que voltara a se instalar.

— Dor no pescoço? — indagou o médico em voz baixa, sem tirar os olhos de Léone, como se examinasse uma bancada de trabalho.

— Não é nada. Só uma bola de eletricidade que aparece de vez em quando.

— Isso não existe — disse o médico com desdém. — Damos uma olhada nisso mais tarde, o caso desta senhora é muito mais urgente.

Mandou os quatro guardas recuarem até a parede, pedindo silêncio. Merlan agravava sua condição de acabab ostentando uma expressão suspeitosa e intencionalmente divertida. Émeri estava quase em posição de sentido, como para uma revista especial do imperador, e o conde, a quem ofereceram uma cadeira, segurava as mãos para impedi-las de tremer. Lina estava em pé atrás dele. Adamsberg apertou o celular que vibrava em sua mão, o número dois, e deu uma olhada na mensagem. *Estão aí. Revistando casa Léo.* LVB. Mostrou discretamente a mensagem a Danglard.

Pois que revistem, pensou, dirigindo um pensamento de pura gratidão ao tenente Veyrenc.

O médico pusera suas mãos imensas sobre a cabeça de Léone, que ele pareceu escutar demoradamente, e então passou para o pescoço e para o peito. Contornou a cama em silêncio e segurou os pés magros, que ele apalpou e manipulou, com algumas pausas, durante vários minutos. E então se virou para Adamsberg.

— Está tudo morto, arriado, Adamsberg. Fusíveis queimados, circuitos desconectados, fáscias mediastinal e encefálica bloqueadas, cérebro suboxigenado, descompressão respiratória, sistema digestivo não solicitado. Qual a idade dela?

— Oitenta e oito anos.

— Muito bem. Vou realizar uma primeira sessão de cerca de quarenta e cinco minutos. E outra, mais rápida, por volta das cinco da tarde. Pode ser, René? — perguntou, virando-se para o chefe dos guardas.

O ex-impotente chefe dos guardas meneou imediatamente a cabeça com verdadeira veneração no olhar.

— Se ela for receptiva ao tratamento, terei de voltar dentro de quinze dias para estabilizá-la.

— Não tem problema — assegurou o conde com voz tensa.

— E agora, se me permitem, queria ficar a sós com a paciente. O doutor Merlan pode ficar, se quiser, desde que contenha a sua ironia, mesmo silenciosa. Ou serei obrigado a pedir que se retire também.

Os quatro guardas se consultaram, observaram o olhar imperioso do conde, a expressão de dúvida de Émeri, e por fim o chefe dos guardas René deu seu consentimento.

— Vamos estar do outro lado da porta, doutor.

— Nem precisava dizer, René. De qualquer forma, ou muito me engano ou existem duas câmeras neste quarto.

— Exato — disse Émeri. — Medida de segurança.

— De modo que não vou escapulir. Não tenho intenção de fazer isso, aliás, esse caso é fascinante. Está tudo em ordem, e nada funciona. Temos aqui um inquestionável efeito de pavor que, por instinto de sobrevivência, paralisou as funções fisiológicas. Ela não quer reviver a agressão que sofreu, não quer voltar e ter de enfrentá-la. Deduza daí, delegado, que ela sabe quem é seu agressor e que saber disso é intolerável para ela. Está fugindo para bem longe, longe demais.

Dois dos guardas se postaram em frente à porta, e os outros dois desceram para montar sentinela junto à janela. O conde, manquejando com sua bengala pelo corredor, chamou Adamsberg para junto de si.

— Ele vai cuidar dela só com os dedos?

— Sim, Valleray, como eu lhe disse.

— Deus meu.

O conde consultou o relógio.

— Só se passaram sete minutos, Valleray.

— O senhor não poderia entrar lá para ver como estão as coisas?

— Quando o doutor Hellebaud está com um caso difícil, atua com tanta intensidade que geralmente sai encharcado de suor. Não podemos perturbar.

— Compreendo. Não vai perguntar se eu consegui desviar a espada?

— Espada?

— A que o Ministério está pressionando na sua nuca...

— Me conte.

— Não foi nada fácil convencer os dois filhos de Antoine. Mas deu certo. Seu prazo para pôr as mãos no tal Mohamed foi estendido em mais uma semana.

— Agradeço, Valleray.

— Mas o chefe de gabinete do ministro me pareceu estranho. Quando deu a autorização, acrescentou: “isso se não o encontrarmos ainda hoje”. Referia-se ao Mohamed. Como se achasse graça. Eles têm alguma pista?

Adamsberg sentiu a bola de eletricidade pinicar-lhe o pescoço com mais intensidade, quase a ponto de doer. Não há bola nenhuma, afirmara o médico, isso não existe.

— Não fui informado — disse ele.

— Estão fazendo à sua revelia uma investigação paralela, ou algo assim?

— Não faço ideia, Valleray.

Àquela hora, a equipe especial dos espiões do ministério já devia ter terminado de passar o pente-fino em todos os lugares onde ele pusera os pés desde que chegara a Ordebec. A pousada de Léo, a casa dos Vendermot — e Adamsberg torcia sinceramente para Hippolyte ter falado o tempo todo de trás

para a frente com eles — a gendarmaria —, e torcia sinceramente para Folg ter avançado neles. Havia poucas chances de também terem visitado a casa de Herbier, mas um local abandonado sempre pode interessar a uns tiras fuxiqueiros. Passou em revista a faxina realizada com Veyrenc. Impressões digitais apagadas, louça lavada com água fervente, lençóis retirados — com ordem aos rapazes de jogá-los fora a mais de cem quilômetros de Ordebec —, lacres colocados. Restavam as cacas de Hellebaud, que eles haviam raspado o máximo possível mas tinham deixado vestígios. Ele perguntara a Veyrenc se sabia qual o segredo da fenomenal resistência das titicas de ave, mas Veyrenc não sabia mais que ele próprio sobre o assunto.

27

Os dois jovens tinham se revezado ao volante, dormindo em turnos alternados. Mô estava de cabelo cortado, óculos e bigode, pois assim ele aparecia na foto inserida por Veyrenc em sua carteira de identidade. Mô, fascinado pelo falso documento, o virava para um lado e para o outro com admiração, refletindo que os tiras eram muitíssimo mais habilidosos em ilegalidades de alto nível que seu bando de amadores da Cidade das Colinas. Zerk escolhera apenas estradas sem pedágio, e só depararam com uma primeira barreira na via expressa que contornava Saumur.

— Finja que está dormindo, Mô — disse ele entre os dentes. — Quando me mandarem parar, eu te acordo, você tateia nas suas coisas, encontra a identidade. Faça cara de quem não entende, de quem nunca entende grande coisa. Pense em algo simples, pense em Hellebaud e se concentre bem nele.

— Ou nas vacas — disse Mô com voz preocupada.

— Isso. E não fale. Só faça um sinal sonolento com a cabeça.

Os dois guardas foram devagar em direção ao veículo, como dois sujeitos embrutecidos de tédio e aliviados por afinal terem algo com que se ocupar. Um deles deu pesadamente a volta no carro com a lanterna, o outro iluminou rapidamente o rosto dos dois rapazes enquanto pegava seus documentos.

— As placas são novas — disse ele.

— Sim — disse Zerk. — Mandei colocar há duas semanas.

— O carro tem sete anos e as placas são novas.

— Isso é Paris — explicou Zerk. — Parachoques batidos na frente e atrás. As placas estavam amassadas, mandei trocar.

— Por quê? Não dava mais para ver os números?

— Dava. Mas sabe que nessa cidade, brigadeiro, quando as placas estão detonadas, ninguém mais se incomoda de esculhambar com a gente ao estacionar.

— O senhor não é de Paris?

— Não, dos Pireneus.

— Muito melhor que a capital — respondeu o guarda com um esboço de sorriso, enquanto devolvia os documentos.

Rodaram em silêncio por vários minutos, até os ritmos cardíacos se estabilizarem.

— Você foi dez — disse Mô. — Eu não teria pensado nisso.

— Vamos ter que parar para amassar as placas. Dar uns chutes.

— E sujar com a fuligem do escapamento.

— Aproveitamos para comer alguma coisa. Ponha a carteira de identidade no bolso da calça. Para ela entortar um pouco. Estamos com tudo novinho demais.

Às onze da manhã, passaram por uma segunda barreira em Angoulême. Às quatro da tarde, Zerk parou o carro numa estradinha de montanha, perto de Laruns.

— Vamos descansar uma horinha, Mô, mas não mais que isso. Temos que atravessar.

— Chegamos à fronteira?

— Quase. Vamos entrar na Espanha pela brecha de Socques. E, então, sabe o que vamos fazer? Comer feito uns príncipes na pequena pousada de Hoz de Jaca. Depois vamos dormir em Berdún. E amanhã, Granada, doze horas de estrada.

— E também vamos nos desencardir. Desconfio que estamos fedendo.

— É claro que estamos. E dois caras fedidos logo chamam a atenção.

— O seu pai vai ser detonado. Por minha causa. Como acha que ele vai reagir?

— Não sei — disse Zerk, tomando uns goles d'água no gargalo da garrafa. — Não sei como ele é.

— Como assim? — disse Mô, pegando a garrafa.

— Faz só dois meses que ele me achou.

— Você era um menino perdido? Droga. Mas é parecido com ele.

— Não, eu quis dizer que ele me achou quando eu já tinha vinte e oito anos. Antes disso, nem sabia que eu existia.

— Droga — repetiu Mô, esfregando o rosto. — Já o meu pai, foi o contrário. Ele sabia que eu existia, mas nunca tentou me achar.

— Nem o meu. Eu é que topei com ele. Mô, acho que pai é coisa bem complicada.

— Acho que é melhor a gente dormir uma horinha.

Mô teve a impressão de que a voz de Zerk estava um pouco alterada. Por causa do pai, ou do cansaço. Os dois jovens se acomodaram, buscando uma posição para dormir.

— Zerk?

— Sim?

— Em troca, tem uma coisinha que eu ainda posso fazer pelo seu pai.

— Descobrir quem é o assassino do Clermont?

— Não, descobrir quem amarrou as patas do Hellebaud.

— O filho da mãe.

— É.

— Isso não é uma coisinha. Mas você não tem como descobrir.

— Aquele cesto de morangos, com penas dentro, no aparador da sua casa: foi ali que transportaram o Hellebaud?

— O que é que tem? — perguntou Zerk, endireitando-se.

— O cordão que estava no cesto era o que estava preso nas patas dele?

— Sim, meu pai guardou para mandar analisar. E daí?

— E daí que é um cordão de diabolô.

Zerk se endireitou, acendeu um cigarro, deu um para Mô e abriu a janela.

— Como sabe disso?

— A gente usa um cordão especial para o diabolô deslizar. Se não, desgasta, entorta tudo e o treco sai rodopiando.

— É um cordão igual ao do ioiô?

— Não. Porque o diabolô desgasta muito no meio, amassa o cordão, então tem que ser fio de náilon reforçado.

— Tudo bem, e aí?

— E aí que não se acha em qualquer lugar. Só em loja que vende diabolô. E não existem muitas em Paris.

— Mesmo assim — disse Zerk, depois de refletir um instante. — Não vai ser vigiando as lojas que vamos descobrir quem usou o cordão para torturar o pombo.

— Tem um jeito — insistiu Mô. — Porque não era um cordão de profissa. Acho que não tinha a alma trançada.

— Alma? — preocupou-se Zerk.

— O coração, o meio. Os profissas escolhem cordões mais caros, que se compram por rolo de dez ou vinte e cinco metros. Esse não. Esse é vendido num kit, com o diabolô e as varas.

— Ou seja?

— Ele não parecia estar nem um pouco gasto. Quem sabe o pessoal que trabalha com seu pai poderia ver isso com uma lupa?

— Ou microscópio — confirmou Zerk. — Que importância tem se for um cordão novo?

— Ora, por que o filho da mãe ia desperdiçar o cordão novo do diabolô? Por que usar esse cordão e não um barbante de cozinha?

— Porque tem o cordão em casa, ao alcance da mão?

— Isso mesmo. O pai dele tem uma loja de diabolôs. E o cara pegou um pedaço de um rolo grande, um pedaço novinho, e escolheu o mais barato. Ou

seja, o pai dele vende o cordão por atacado, ou semiatacado, para quem fabrica os kits. E deve haver em Paris um único atacadista. Pelo jeito, fica perto da delegacia, porque o Hellebaud não pode ter andado quilômetros desse jeito.

Zerk fumava, os olhos quase fechados, observando Mô.

— Você matutou muito sobre o assunto? — perguntou.

— Sim, tive tempo para isso naquela casa vazia. Você acha que é bobagem?

— Acho que, assim que der para se conectar à internet, a gente descobre o endereço da loja e o sobrenome do filho da mãe.

— Mas a gente não pode se conectar.

— Não, a nossa fuga talvez dure anos. A não ser que você descubra quem foi o filho da mãe que amarrou as suas pernas.

— É uma luta desigual. Os Clermont são um país inteiro.

— Vários países, até.

28

No corredor do hospital, a preocupação tinha abolido os laços de mera civilidade e ninguém conversava com ninguém. Lina estremeceu, e mais uma vez seu xale escorregou ao chão. Danglard foi mais rápido que Adamsberg. Em duas pernadas grandes e desengonçadas, estava atrás dela repondo o xale em seus ombros com uma lentidão e um cuidado um tanto fora de moda.

Irradiado, pensou Adamsberg, ao passo que Émeri, franzindo as sobrancelhas loiras, parecia reprovar a cena. Todos irradiados, concluiu Adamsberg. Todos comendo na mão dela, ela conta a história que quiser e pega quem quiser.

Em seguida os olhares reassumiram sua postura fixa, dirigidos para a porta fechada do quarto, esperando a maçaneta estremecer como se aguarda uma excepcional subida do pano. Todos tão imóveis quanto as vacas no pasto.

— Pronto, está funcionando — foi só o que anunciou o doutor quando saiu.

Pegou um grande lenço branco no bolso e enxugou a testa metodicamente, ainda segurando a porta com a mão.

— O senhor pode entrar — disse para o conde —, só não diga nada. Não tente fazê-la falar agora. Não antes de quinze dias. É o tempo mínimo que ela vai levar para aceitar. Nem pensar em forçá-la antes disso, ou ela volta para o limbo. Se todos me derem sua palavra, permito que entrem para olhar.

Todos menearam a cabeça assentindo.

— Mas quem pode me prometer que fará a ordem ser respeitada? — insistiu o dr. Hellebaud.

— Eu — disse Merlan, em quem ninguém havia reparado e que acompanhava Hellebaud, meio curvado de espanto.

— Aceito sua palavra, caro colega. Irá acompanhar, ou fazer com que alguém acompanhe, todas as visitas. Ou vou considerá-lo responsável por qualquer recaída.

— Confie em mim. Eu sou médico, não vou deixar que ninguém prejudique o trabalho.

Hellebaud meneou a cabeça e permitiu que o conde se aproximasse do leito, com Danglard sustentando seu braço trêmulo. Permaneceu alguns instantes imóvel e boquiaberto diante de uma Léo de faces rosadas, respirando

regularmente, que o saudou com um sorriso e um olhar alerta. O conde pôs os dedos sobre as mãos, já mais aquecidas, da velha senhora. Virou-se para o doutor a fim de lhe agradecer, ou de idolatrá-lo, e cambaleou de repente ao braço de Danglard.

— Cuidado — disse Hellebaud fazendo uma careta. — Choque, mal-estar vagal. Façam-no sentar, tirem sua camisa. Os pés estão azulados?

Valleray tinha desabado na cadeira, e Danglard custou a tirar sua roupa. O conde, confuso, fazia o possível para rechaçá-lo, como se negando em absoluto a ver-se despido e humilhado num quarto de hospital.

— Ele tem pavor disso — comentou o dr. Merlan, lacônico. — Armou o mesmo circo, um dia, na casa dele. Por sorte, eu estava lá.

— É comum ele ter um mal-estar? — perguntou Adamsberg.

— Não, o último foi há um ano. Excesso de estresse, não é nada sério. Mais um susto que outra coisa. Por que pergunta, delegado?

— Por causa da Léo.

— Não se preocupe. Ele é forte, a Léo ainda vai ter muitos anos com ele.

29

O capitão Émeri entrou no quarto, transtornado, e sacudiu o braço de Adamsberg.

— Mortembot acabou de encontrar o primo, Glayeux, morto, massacrado.

— Quando?

— Na noite passada, aparentemente. A legista está a caminho. E o pior você não sabe: racharam a cabeça dele. Com um machado. O assassino voltou ao seu método inicial.

— Você se refere ao Vendermot pai?

— Sim, claro, ele está no começo de tudo. Quem semeia barbárie colhe bestialidade.

— Você não morava aqui quando mataram esse cara.

— Não importa. É bom você se perguntar por que eles não prenderam ninguém na época. Por que acharam melhor não prender ninguém.

— "Eles" quem?

— Aqui, Adamsberg — disse Émeri penosamente enquanto Danglard acompanhava Valleray, já sem camisa —, a verdadeira, a única lei, é a lei do conde de Valleray. Direito de vida e morte em suas terras, e muito além delas. Se você soubesse...

Adamsberg hesitou, lembrando das ordens que recebera no castelo no dia anterior.

— Repare — acrescentou Émeri. — Precisa do tal prisioneiro para cuidar da Léo? Ele consegue. Você precisa de um prazo maior para a sua investigação? Ele obtém.

— Como sabe que me deram um prazo maior?

— Ele mesmo me contou. Gosta de exibir o poder que tem.

— Quem ele estaria protegendo?

— Sempre se achou que um dos filhos é que tinha matado o pai. Não se esqueça de que encontraram a Lina limpando o machado.

— Ela não esconde isso.

— Nem pode, foi mencionado no inquérito. Mas ela pode ter limpado o machado para proteger o Hippo. Já lhe contaram o que o pai fez com ele?

— Sim, os dedos.

— Com o machado. Mas Valleray também pode perfeitamente ter se encarregado de matar aquele demônio para proteger as crianças. Suponha que Herbier descobriu. Suponha que começou a chantagear Valleray.

— Trinta anos depois?

— Talvez viesse chantageando há muitos anos.

— E Glayeux?

— Puro jogo de cena.

— Você acha que Lina e Valleray estão mancomunados. Que ela anuncia a passagem do Exército para o Valleray poder se livrar do Herbier. Que os outros, Glayeux, Mortembot, são mera figuração para te pôr no encalço de um demente que acredita na Estantiga e executa as vontades do senhor Hellequim.

— Faz sentido, não faz?

— Pode ser, Émeri. Mas o que eu acho é que existe de fato um demente que tem medo do Exército. Quer seja um dos apanhados tentando salvar a pele, quer seja um futuro apanhado tentando obter as graças de Hellequim se transformando em seu servo.

— Por que acha isso?

— Não sei.

— Porque você não conhece o pessoal daqui. O que Valleray lhe prometeu se você tirasse a Léo dessa situação? Uma obra de arte, quem sabe? Não conte com isso. Ele faz isso o tempo todo. E por que ele quer curar a Léo a qualquer preço? Você já se perguntou?

— Porque é afeiçoado a ela, Émeri, você sabe disso.

— Ou porque quer saber o que ela sabe?

— Caramba, Émeri, ele quase desmaiou ainda há pouco. Quer se casar com ela se ela sobreviver.

— Viria a calhar. O testemunho de uma esposa não tem valor judicial.

— Decida-se, Émeri. Você suspeita do Valleray ou dos Vendermot?

— Vendermot, Valleray, Léo, é tudo um só batalhão. Vendermot pai e Herbier são a face diabólica. Os filhos, mais o conde, são a face inocente. Misturando tudo, você obtém uma maldita corja incontrolável mesclada de argila.

30

— Ataque noturno, por volta da meia-noite — declarou a legista Chazy. — Foram duas machadadas. Só a primeira teria sido mais que suficiente.

Glayeux estava estendido em seu escritório, totalmente vestido, a cabeça rachada em dois lugares, o sangue tendo abundantemente escorrido pela mesa e tapete, cobrindo os esboços preparatórios que ele havia espalhado pelo chão. Em meio às manchas ainda se distinguia o semblante de uma madona.

— Que feio — disse Émeri, apontando para os desenhos. — A Virgem toda coberta de sangue — disse ele enojado, como se aquela mácula o repugnasse mais que o cenário de carnificina que tinha diante dos olhos.

— O senhor Hellequim pegou pesado — murmurou Adamsberg. — E não se deixa impressionar pela Virgem.

— É óbvio — disse Émeri, descontente. — O Glayeux estava com uma encomenda para a igreja de Saint-Aubin. E ele sempre trabalhava até tarde. O assassino entrou, homem ou mulher. Eles se conheciam. Glayeux o recebeu. Se trazia um machado escondido, devia estar usando uma capa de chuva. Algo meio insólito com esse calor.

— Lembre que estava ameaçando chuva. Havia umas nuvens a oeste.

Do escritório, ouviam-se os soluços de Michel Mortembot, antes gritos do que choro, como acontece com os homens cujas lágrimas custam a rolar.

— Ele não se lamentou desse jeito nem com a morte da mãe — disse Émeri em tom maldoso.

— Você sabe onde ele estava ontem?

— Fazia dois dias que estava em Caen. Um monte de gente pode confirmar. Chegou hoje no final da manhã.

— E à meia-noite de ontem?

— Estava numa boate, a Pernas para o Ar. Passou a noite com gays e prostitutas, e está sentindo remorso. O brigadeiro vai levá-lo para prestar depoimento assim que ele terminar de assoar o nariz.

— Calma, Émeri, não adianta ficar nervoso. Quando chega a equipe técnica?

— Eles veem de Lisieux, faça as contas. Se ao menos o traste do Glayeux tivesse escutado meus conselhos, se ao menos tivesse aceitado uma vigilância.

— Calma, Émeri. Você sente por ele?

— Não, Hellequim que o carregue. O que me preocupa é que foram mortos dois apanhados da Estantiga. Você sabe o que isso vai causar em Ordebec?

— Um rastilho de terror.

— As pessoas estão se lixando para o Mortembot. Mas ainda não se sabe o nome da quarta vítima. A gente até pode proteger Mortembot, mas não a cidade inteira. Se eu quisesse descobrir quem por aqui tem algum peso na consciência, quem tem medo de ter sido designado por Hellequim, seria o momento para ficar atento. Espiando as pessoas, vendo quem está tremendo ou quem está plácido, e fazer uma lista.

— Espere — disse Adamsberg, desligando o celular. — O comandante Danglard está lá fora, vou buscá-lo.

— Ele não sabe entrar sozinho?

— Não quero que ele veja o Glayeux.

— Por quê?

— Ele não pode ver sangue.

— E é policial?

— Calma, Émeri.

— Daria um belo de um malandro num campo de batalha.

— Não faz mal, ele não é descendente de marechal. Os antepassados dele, todos, cavaram nas minas. Também é algo brutal, mas sem glória.

Uma pequena multidão já havia se formado em frente à casa de Glayeux. As pessoas sabiam que ele era um dos apanhados do senhor Hellequim e tinham visto a viatura, o que bastava para elas entenderem. Danglard se mantinha à parte, imóvel.

— Estou com o Antonin — explicou ele a Adamsberg. — Ele quer falar com o senhor e com o Émeri. Mas não se atreve a passar sozinho pela multidão, temos de abrir caminho para ele.

— Vamos pelos fundos — disse Adamsberg, pegando suavemente na mão de Antonin.

Tinha reparado, durante a massagem do irmão, que a mão era firme, mas o punho era de argila. De modo que havia de tomar cuidado.

— Como está o conde? — perguntou Adamsberg.

— Já está de pé. E, acima de tudo, está vestido, e furioso porque lhe tiraram a camisa. O doutor Merlan virou totalmente a casaca. Pôs na maior humildade uma sala à disposição do colega Hellebaud, o qual está discursando e almoçando com seus guardas. Merlan não sai de perto dele, está com cara de quem teve suas certezas derrubadas por um ciclone. Quanto ao Glayeux, como estão as coisas?

— De um jeito que é melhor você não ver.

Adamsberg contornou a casa, ele e Danglard protegendo Antonin de um lado e de outro. Cruzaram com Mortembot, cabisbaixo feito um boi cansado, sendo conduzido com certa gentileza para a viatura pelo brigadeiro Blériot. Blériot deteve o delegado com um gesto discreto.

— O capitão está culpando o senhor pela morte de Glayeux — sussurrou. — Diz ele — com todo o respeito — que o senhor não fez coisa nenhuma. Digo isso para alertá-lo, ele sabe ser bem desagradável.

— Já percebi.

— Não dê importância, isso passa.

Antonin sentou-se cautelosamente numa das cadeiras da cozinha de Glayeux e escondeu os braços sob a mesa.

— A Lina está trabalhando, o Hippo foi comprar lenha e o Martin está no mato — explicou. — Então eu vim para cá.

— Pode falar — disse Adamsberg suavemente.

Émeri tinha se distanciado, sinalizando de modo ostensivo que a investigação não era sua e que Adamsberg, famoso como era, não tinha feito nada melhor que ele.

— Estão dizendo que o Glayeux foi assassinado.

— É verdade.

— O senhor sabe que a Lina o viu clamando por piedade na Estantiga?

— Sim. Junto com Mortembot, mais uma quarta pessoa desconhecida.

— O que eu estou querendo dizer é que, quando a Estantiga mata, mata do jeito dela. Nunca mata com uma arma moderna, é o que estou querendo dizer. Com revólver ou espingarda. Porque Hellequim não conhece essas armas. Hellequim é muito velho.

— Isso não bate com o caso do Herbier.

— Tudo bem, mas talvez não tenha sido o Hellequim.

— Mas bate no caso do Glayeux — admitiu Adamsberg. — Ele não foi morto por tiro.

— Foi com machado?

— Como sabe disso?

— É que o nosso machado sumiu. Era o que eu estava querendo dizer.

— Ora — disse Émeri, dando uma risadinha —, você, frágil como é, vem até aqui para nos informar a arma do crime? Que bondade a sua, Antonin.

— Minha mãe falou que talvez ajudasse.

— Você não tem medo que, pelo contrário, isso acabe se virando contra vocês? A menos que ache que vamos encontrar o machado e tenha preferido se adiantar.

— Calma, Émeri — interrompeu Adamsberg. — Quando é que vocês notaram que o machado não estava mais lá?

— Hoje de manhã, mas foi antes de saber sobre o Glayeux. Eu nunca uso o machado, não posso me permitir. Mas vi que ele não estava no lugar de sempre, lá fora, escorado no monte de lenha.

— Ou seja, qualquer um pode pegar?

— É, mas ninguém pega.

— Esse machado tem alguma coisa especial? Alguma coisa que permita identificá-lo?

— O Hippo gravou um V no cabo.

— Você acha que alguém usou esse machado para vocês serem acusados?

— Pode ser, mas o que eu estou querendo dizer é que não seria muito boa ideia. Se a gente quisesse matar o Glayeux, não ia usar o nosso próprio machado, não é?

— Seria, sim, uma ótima ideia — interveio Émeri. — Por ser um erro muito grosseiro, que vocês jamais cometeriam. Não vocês, os Vendermot, os mais sagazes de Ordebec.

Antonin deu de ombros.

— Você não gosta de nós, Émeri, e eu não quero ouvir sua opinião. Pode até ser que o seu ancestral soubesse se virar no campo de batalha, mesmo estando em inferioridade numérica.

— Não se meta com a minha família, Antonin.

— Você se mete com a minha, é o que eu estava querendo dizer. Mas o que ficou para você desse ancestral? Você corre campo afora atrás da primeira lebre que enxerga. Mas nunca olha o que acontece em volta, nem nunca pergunta o que os outros acham. E você não é o responsável por essa investigação. Estou aqui falando com o delegado de Paris.

— E faz muito bem — respondeu Émeri, com seu sorriso guerreiro. — Você viu que eficiente ele tem sido desde que chegou.

— Isso é normal. Porque perguntar o que os outros acham leva um tempo.

A equipe técnica de Lisieux estava entrando na casa, e Antonin, alertado pelo barulho, ergueu o rosto delicado.

— Danglard vai acompanhá-lo, Antonin — disse Adamsberg, levantando-se. — Obrigado por ter nos procurado. Émeri, encontro você à noite, para jantar se quiser. Não gosto de conflito. Não por virtude, mas porque conflitos me cansam, sejam justificados ou não.

— Combinado — disse Émeri, depois de um instante. — Na minha casa?

— Na sua casa. Vou deixá-lo aqui com os técnicos. Segure o Mortembot na carceragem o tempo que for possível, com o pretexto de interrogá-lo. Pelo

menos na gendarmaria ele fica fora de alcance.

— O que vai fazer? Almoçar? Falar com alguém?

— Vou caminhar. Preciso caminhar.

— Como assim? Vai explorar alguma coisa?

— Não, só caminhar. Sabe que o doutor Hellebaud me garantiu que bolas de eletricidade não existem?

— Mas então o que seria?

— À noite conversamos.

O mau humor tinha sumido do rosto do capitão. O brigadeiro Blériot estava certo, passava logo, o que era afinal uma qualidade rara.

31

O nível de preocupação ia crescer em Ordebec. Um pavor, um anseio por respostas mais voltado, julgava Adamsberg, para o medo do Exército Furioso que para a incapacidade do delegado parisiense. Pois quem, ali, iria seriamente pensar que um homem, um simples homem, pudesse desviar os dardos do senhor Hellequim? Ainda assim, Adamsberg optou por uma estrada pouco frequentada a hm de evitar encontros e questionamentos, apesar do pouco talento dos normandos para perguntas diretas. Pois eles sabiam compensar com olhares compridos e pesadas insinuações que pegavam pelas costas e afinal formulavam a pergunta frontal.

Contornou Ordebec pela estrada do lago das libélulas, cortou pelo bosque de Petites Alindes e se dirigiu para o cantinho de Bonneval sob um sol de rachar. Não havia, àquela hora, nenhum perigo de cruzar com alguém na trilha maldita. Ele já deveria ter passado e repassado por aquele caminho. Pois era ali, e somente ali, que Léo podia ter descoberto ou compreendido alguma coisa. Mas houve Mô, houve os Clermont-Brasseur, o mergulho de Retancourt, a inércia de Léo, as ordens do conde, e ele não agira com rapidez suficiente. Era possível que também tivesse sido movido por certo fatalismo, jogando naturalmente a culpa no senhor Hellequim em vez de procurar o homem real, o mortal que vinha destruindo pessoas a machadadas. Nenhuma notícia de Zerk. Seu filho, nesse ponto, estava seguindo suas instruções: proibição de tentar contatá-lo. Pois àquela altura, e após a incerta dos homens do Ministério, seu segundo celular já fora localizado e grampeado. Precisava avisar Retancourt para não se comunicar mais com ele. Sabe-se lá que sorte estaria reservada a um espião desmascarado no grandioso covil dos Clermont-Brasseur.

À beira daquele atalho se erguia um sítio isolado, guardado por um cão cansado de latir. Não havia, ali, nenhum perigo de o telefone estar grampeado. Adamsberg tocou várias vezes a velha campainha, chamando em voz alta. Não obtendo resposta, empurrou a porta e viu o telefone na mesa do hall de entrada, em meio a uma confusão de cartas, guarda-chuvas e botas enlameadas. Tirou-o do gancho a fim de ligar para Retancourt.

E então se deteve, atentando de súbito para o duro volume, no bolso de trás de suas calças, do pacote de fotografias que o conde lhe passara na noite anterior. Saiu da casa, afastando-se na direção de um celeiro de feno para examiná-las com vagar, ainda sem entender o grito insistente que elas lhe lançavam. Christian imitando sabe-se lá quem para uma roda risonha, Christophe deselegante e sorridente, um alfinete de ouro em forma de ferradura espetado na gravata, taças em todas as mãos, pratos enfeitados com cascatas de flores, vestidos decotados, joias, anéis de brasão incrustados na carne de dedos idosos, garçons de smoking. Muito a observar para um zoólogo especializado em ostentações e atitudes da elite, mas nada para um tira em busca de um assassino parricida. Sua atenção foi desviada pelo voo de um bando de patos numa impecável formação em V, contemplou o azul pálido do céu — carregado de nuvens a oeste —, guardou as fotos, afagou a testeira de uma égua que sacudia uma mecha de pelos caídos nos olhos e consultou seus relógios. Se tivesse acontecido qualquer coisa com Zerk, ele já saberia. Àquela hora, deviam estar chegando a Granada, fora de alcance das buscas mais ativas. Não esperava sentir aquela preocupação por Zerk, não sabia até que ponto ela se devia à culpa ou a uma afeição ainda ignorada. Imaginou-os chegando, meio sujos, à vista da cidade, e viu o rostinho ossudo e sorridente de Zerk, Mô com o cabelo cortado como o de um bom menino. Mô, quer dizer, Momô-mecha-curta.

Pôs rapidamente as fotos no bolso, voltou a passos rápidos para o sítio deserto, verificou os arredores e discou o número de Retancourt.

— Violette — disse ele —, a foto do Redentor 1 que você me mandou.

— Sim.

— Ele está com o cabelo curto. Mas, na festa, o cabelo está mais comprido. Quando você tirou essa foto?

— Um dia depois que comecei a trabalhar aqui.

— Ou seja, três dias depois do incêndio com o pai. Trate de descobrir quando ele cortou o cabelo. A que horas exatamente. Antes ou depois de voltar para casa da festa. Você deve conseguir.

— Já amansei o mordomo mais arrogante da casa. Ele não fala com ninguém, mas se digna a abrir uma exceção para mim.

— Não me surpreende. Me mande essa informação, e depois nunca mais use esses celulares e caia fora daí.

— Algum problema? — indagou Retancourt placidamente.

— Problema e tanto.

— Certo.

— Se ele próprio cortou o cabelo antes de ir para casa, podem ter ficado uns fios no encosto de cabeça do carro. Ele dirigiu depois do assassinato?

— Não, estava de motorista.

— Vamos procurar cabelinhos minúsculos no banco do motorista.

— Mas sem mandado de busca.

— Isso mesmo, tenente. Mandado a gente não vai conseguir nunca.

Andou mais vinte minutos até o início do caminho de Bonneval, com a mente ocupada e perplexa com o súbito corte de cabelo de Christian Clermont-Brasseur. Mas não fora Christian quem levara o pai na Mercedes. Christian fora embora mais cedo, já meio alto, e havia passado na casa de uma mulher cujo nome nunca se saberia. E, depois da notícia, talvez tivesse preferido um corte de cabelo mais austero para cumprir o luto pelo pai.

Talvez. Mas havia Mô, cujo cabelo às vezes tostava com o calor de seus incêndios. Se Christian ateara fogo no carro, se havia chamuscado umas mechas, tivera de disfarçar rapidamente cortando tudo o mais curto possível. Mas Christian não se encontrava no local, sempre retornava a esse ponto, e não havia nada que cansasse mais Adamsberg do que ficar girando em carrossel. Bem ao contrário de Danglard, que era capaz de insistir até ficar com vertigem, afundando em suas próprias pegadas.

Obrigou-se a não fazer caso das amoras a fim de focar a atenção no caminho de Bonneval, nas pegadas da velha Léo. Passou próximo ao tronco onde tinha sentado ao lado dela, dirigiu-lhe um pensamento intenso, demorou-se um bom tempo junto à capela Santo Antônio, o santo que ajuda a encontrar o que perdemos. Sua mãe salmodiava o nome do santo numa irritante ladainha sempre que extraviava qualquer bugiganga. “Santo Antônio de Pádua, que tudo ajudais a encontrar.” Criança, Adamsberg ficava um tanto chocado vendo sua mãe, sem nenhum prurido, requisitar santo Antônio para encontrar um dedal. No momento, o santo não estava ajudando e ele não estava achando nada no caminho. Refez conscienciosamente o trajeto em sentido inverso e sentou-se, a meio caminho, no tronco derrubado, dessa feita com uma provisão de amoras que depositou sobre a casca. Repassou no visor do celular as fotos enviadas por Retancourt, comparando-as com as que Valleray lhe dera. Ouviu um ruído às suas costas e Folg desabalou do mato, com o ar satisfeito de quem acaba de fazer uma proveitosa visita à moça do sítio. Folg descansou o focinho babado em seu colo e o fitou com o jeito suplicante que ser humano nenhum reproduz com tanta determinação. Adamsberg afagou-lhe a testa.

— E agora você quer seu torrão de açúcar? Mas eu não tenho, meu chapa. Eu não sou a Léo.

Folg insistiu, pôs as patas barrentas na perna de sua calça, intensificando o pedido.

— Não tenho açúcar, Folg — repetiu Adamsberg devagar. — Às seis horas o brigadeiro te dá um torrão. Aceita uma amora?

Adamsberg ofereceu uma fruta, que o animal rejeitou. Aparentemente percebendo a inutilidade de seu pedido, ou a imbecilidade daquele sujeito, pôs-se a cavar o chão aos pés de Adamsberg, jogando para o ar uma quantidade de folhas secas.

— Folg, você está destruindo o microcosmo vital das folhas podres.

O cachorro se deteve e fitou-o com um olhar firme, dirigindo o focinho ora para o chão, ora para Adamsberg. Uma de suas patas repousava sobre um pedacinho de papel branco.

— Entendi, Folg. É um papel de embalagem de açúcar. Mas é antigo, está vazio.

Adamsberg comeu um punhado de amoras e Folg insistiu, movendo a pata, guiando aquele homem que custava tanto a entendê-lo. Passado um minuto, Adamsberg tinha juntado do chão seis embalagens velhas de açúcar.

— Estão todas vazias, meu chapa. Eu sei o que você quer dizer: isso aqui é uma mina de açúcar. Eu sei que era aqui que a Léo te dava um torrão, depois das suas façanhas no sítio. Entendo a sua decepção. Mas eu não tenho açúcar.

Adamsberg se levantou e andou alguns metros, com a ideia de distrair Folg daquela vã obsessão. O cachorro o seguiu com um leve gemido e Adamsberg voltou bruscamente sobre seus passos, tornou a sentar-se na exata posição em que se sentara com Léo, rememorando a cena, as primeiras palavras, a chegada do cão. Embora a mente de Adamsberg fosse um desastre para armazenar palavras, era de extrema precisão no tocante a imagens. O gesto de Léo estava agora diante dos seus olhos, nítido como um risco de pena. Léo não havia tirado o açúcar da embalagem, porque não existia embalagem. Tinha dado diretamente o torrão para Folg. Léo não era mulher de carregar torrões de açúcar embrulhados, não se importava de sujar os bolsos, os dedos ou o torrão.

Juntou cuidadosamente os seis papéis sujos desenterrados por Folg. Outra pessoa havia comido açúcar ali. Devia fazer umas duas semanas que aqueles papéis estavam ali, um ao lado do outro, como se tivessem sido todos jogados na mesma hora. E daí, o que é que tem? Tirando o fato de que estavam no caminho de Bonneval? Justamente. Um adolescente podia ter sentado naquele tronco à noite, enquanto esperava o Exército passar — já que era esse o desafio que alguns deles se impunham — e podia ter comido uns torrões de açúcar para repor as energias. Ou podia ter ficado ali parado na noite do homicídio? Podia ter visto o assassino passar?

— Folg — perguntou ao cão —, você mostrou esses papéis para a Léo? Na esperança de ganhar um pequeno suplemento?

Adamsberg, transferindo o pensamento para o leito do hospital, considerou de outra maneira as três únicas palavras sussurradas pela velha senhora: *Hello, Folg, açúcar.*

— Folg — repetiu ele —, a Léo viu esses papéis, é isso? Viu? Posso até dizer quando. Foi no dia em que encontrou o corpo de Herbier. Se não, não teria mencionado isso no hospital, fraca como estava. Mas por que não disse nada naquela noite? Você acha que ela só entendeu mais tarde? Que nem eu? Com atraso? No dia seguinte? Entendeu o quê, Folg?

Adamsberg enfiou delicadamente os papéis no envelope das fotos.

— O quê, Folg? — repetiu, enquanto descia pelo mesmo atalho em que tinha andado com Léo. — Entendeu o quê? Que havia uma testemunha do assassinato? Como ela soube que os papéis tinham sido jogados naquela noite? Porque ela havia estado ali com você no dia anterior, e eles não estavam ali?

O cão descia animadamente pela trilha, urinando nas mesmas árvores da outra vez, aproximando-se da pousada de Léo.

— Só pode ser isso, Folg. Uma testemunha que estava ali comendo açúcar. Que só percebeu a importância do que viu quando soube, mais tarde, do assassinato e da hora do crime. Mas uma testemunha que não fala, porque está com medo. Léo talvez soubesse quem era o jovem que tinha ido se iniciar no caminho naquela noite.

A cinquenta passos da pousada, Folg disparou em direção a um carro estacionado na beira da trilha. O brigadeiro Blériot veio ao encontro do delegado. Adamsberg acelerou o passo, com a esperança de que ele tivesse passado no hospital e trouxesse novidades.

— Não tem jeito, ninguém sabe qual é o problema — disse ele para Adamsberg sem cumprimentá-lo, apartando os braços curtos com um pesado suspiro.

— Que diabos está havendo, Blériot?

— Um chiado no lado.

— Chiado?

— É, está sem resistência nenhuma, fica logo sem fôlego. Em compensação, está normal na descida ou no plano.

— De quem você está falando, Blériot?

— Do carro, ora. E até a prefeitura substituir ainda vamos ver as maçãs caírem umas cinco vezes.

— O.k., brigadeiro. Como foi o interrogatório do Mortembot?

— Ele não sabe de nada mesmo. Um frouxo — disse Blériot com certa tristeza, afagando Folg, que se esfregava nele. — Sem o Glayeux, o cara não se aguenta.

— Ele quer açúcar — explicou Adamsberg.

— Quer ficar na carceragem, isso sim. O bobalhão me xingou, depois tentou me dar um soco, na esperança de passar uma boa temporada no xadrez. Já vi esse filme.

— Temos que nos entender, Blériot — disse Adamsberg, enxugando a testa com a manga da camiseta. — Eu só estou dizendo que o cachorro quer um torrão de açúcar.

— Pois não está na hora.

— Eu sei, brigadeiro. Mas nós estivemos na floresta, ele foi visitar a moça do sítio e agora quer o açúcar.

— Então o senhor mesmo vai ter que dar, delegado. Porque eu acabo de trabalhar no motor e quando minhas mãos estão cheirando a gasolina não tem jeito, ele não aceita nada.

— Não tenho açúcar comigo, brigadeiro — explicou Adamsberg pacientemente.

Sem responder, Blériot mostrou seu próprio bolso de camisa, repleto de torrões de açúcar embrulhados em papel.

— Sirva-se — disse ele.

Adamsberg pegou um torrão, tirou o papel e deu para Folg. Enfim um caso resolvido, um caso minúsculo.

— Você sempre anda com todo esse açúcar no bolso?

— O que é que tem? — resmungou Blériot.

Adamsberg sentiu que sua pergunta tinha sido direta além da conta e tocara num ponto pessoal que Blériot não tinha intenção de esclarecer. O gordo brigadeiro talvez fosse sujeito a crises de hipoglicemia, essas quedas brutais do nível de açúcar que nos deixam de pernas bambas e testa suada, feito um *frouxo* à beira do desmaio. Ou talvez gostasse de dar açúcar para os cavalos. Ou talvez enfiasse os torrões de açúcar no tanque de gasolina dos inimigos. Ou talvez os jogasse num copo de *calvados* matinal.

— Poderia me dar uma carona até o hospital, brigadeiro? Preciso falar com o médico antes de ele ir embora.

— Dizem que ele repescou a Léo como quem tira uma carpa do lodo — disse Blériot, instalando-se ao volante, enquanto Folg pulava no banco de trás. — Um dia, assim à toa, peguei uma truta fário do rio Touques. Simplesmente peguei com a mão. Ela devia ter batido a cabeça numa rocha ou algo assim. Não tive coragem de comê-la, não sei por quê, joguei de volta na água.

— O que a gente faz com o Mortembot?

— O frouxo prefere passar a noite na gendarmaria. Tem o direito de ficar lá até as catorze horas de amanhã. Depois disso, bem, não sei. A essa hora, deve

estar se arrependendo de ter matado a mãe. Com ela, ele estaria seguro, não era o tipo de mulher que cai em qualquer conversa. E também, se ele tivesse ficado quieto, Hellequim não teria lançado seu Exército em cima ele.

— Acredita no Exército, brigadeiro?

— Claro que não — resmungou Blériot. — Só estou dizendo o que se diz por aí.

— É comum os jovens irem até o caminho à noite?

— É. Uns idiotinhas que não têm coragem de dizer não.

— A quem eles obedecem?

— A uns idiotas mais velhos que eles. É assim que funciona aqui. Ou você passa uma noite no Bonneval, ou então não tem colhões. Simples assim. Eu mesmo passei por isso quando fiz quinze anos. Posso garantir que, nessa idade, o medo não é pouco. E não se pode nem fazer uma fogueira, é proibido pelas regras dos idiotas.

— Sabe-se quem são os que estiveram lá este ano?

— Nem este ano nem nos outros. Ninguém fica se gabando. Porque os amigos esperam a gente na saída e percebem que a gente mijou na calça. Ou coisa pior. Ou seja, nenhum cara fica se exibindo. É igual a uma seita, delegado, tudo em segredo.

— As meninas passam por isso também?

— Cá entre nós, delegado, as meninas são mil vezes menos idiotas que os caras para esse tipo de coisa. Não ficam criando confusão à toa. Não, é claro que não passam.

O dr. Hellebaud terminava de comer um lanche na sala que haviam posto à sua disposição. Conversava amenamente com duas enfermeiras e com o seduzido, afável, dr. Merlan.

— Como vê, meu amigo — disse ao cumprimentar Adamsberg —, estou fazendo um lanche ajantarado antes de partir.

— Como ela está?

— Efetuei uma segunda sessão verificatória, continuava tudo no lugar, estou satisfeito. Salvo engano de minha parte, as funções vão retornar suavemente, dia após dia. Poderá ver melhor os efeitos dentro de quatro dias, quando ela então vai entrar em fase de consolidação. Mas atenção, Adamsberg, não esqueça. Nada de perguntas de tira, o que a senhora viu, quem era, o que aconteceu? Ela ainda não está em condições de enfrentar essa memória, e obrigá-la a isso iria arruinar todo o nosso esforço.

— Eu mesmo vou cuidar disso, doutor Hellebaud — garantiu Merlan servilmente. — O quarto dela vai ficar trancado à chave e ninguém vai poder entrar sem minha permissão. E ninguém vai falar com ela sem que eu esteja presente.

— Conto inteiramente com o senhor, caro colega. Adamsberg, se puder me obter a autorização para mais um passeio, devo voltar para vê-la dentro de quinze dias. Foi um prazer, de verdade.

— E eu agradeço, Hellebaud, de verdade.

— Ora, meu amigo, é o meu trabalho. A propósito, como vai sua bola de eletricidade? Vamos dar uma olhada nela? Temos cinco minutos, René? — perguntou, voltando-se para o chefe dos guardas. — Com o delegado, não preciso mais que isso. Ele é incomumente subsintomático.

— Tudo bem — disse René, consultando o relógio da parede. — Mas temos de sair daqui às seis horas no máximo, doutor.

— Vai ser mais que suficiente.

O médico sorriu, enxugou os lábios com um guardanapo de papel e, seguido por dois guardas, conduziu Adamsberg por um corredor.

— Não precisa se deitar. Sente-se nessa cadeira, será suficiente. Só tire os sapatos. Onde fica essa famosa bola? Na nuca onde?

O médico trabalhou alguns instantes no crânio, no pescoço e nos pés do delegado, demorando-se também em seus olhos e maçãs do rosto.

— Você continua único como sempre, meu amigo — disse finalmente, fazendo um sinal para ele calçar os sapatos. — Bastava cortar uns poucos laços terrenos aqui e ali para você ir subindo até as nuvens, sem nem precisar de algum ideal. Igual a um balão. Tome cuidado, Adamsberg, eu já lhe avisei. A vida real é um monte de merda, baixeza e mediocridade, certo, nisso concordamos. Mas somos obrigados a chafurdar nisso tudo, meu amigo. Obrigados. Por sorte, você é também um animal bastante simples, e há uma parte sua presa no chão feito casco de touro atolado. É uma sorte sua, que eu fortaleci de passagem na escama occipital e no malar.

— E a bola, doutor?

— A bola, fisiologicamente falando, tinha origem numa área comprimida entre as cervicais C1, que estava enrijecida, e C2. Em termos somáticos, foi causada por um forte choque de culpa.

— Não acho que alguma vez já tenha sentido culpa.

— É uma feliz exceção. Mas não infalível. Eu diria — e sabe o quanto acompanhei de perto essa ressurreição — que o surgimento, na sua vida, de um filho desconhecido, e desequilibrado por sua ausência, ou até, pode-se supor, debilitado por sua negligência, gerou uma penca recheada de culpa. Donde essa

reação nas cervicais. Devo deixá-lo, meu amigo. Talvez nos vejamos dentro de quinze dias, caso o juiz assine nova autorização. Sabia que o velho juiz Varnier é totalmente corrompido, corrupto até a moela?

— Sim, graças a isso é que está aqui.

— Boa sorte, meu amigo — disse o médico, apertando-lhe a mão. — Seria um prazer receber de vez em quando sua visita na Fleury.

Ele falava “Fleury” como se estivesse dando o nome de sua casa de campo, como se o estivesse convidando informalmente para uma tarde amigável em sua sala campestre. Adamsberg o observou afastar-se com um sentimento de estima que o comoveu um pouco, algo que nele era raríssimo, sem dúvida efeito imediato da sessão de osteopatia.

Antes que o dr. Merlan fechasse a porta à chave, entrou de mansinho no quarto de Léo, tocou suas faces tépidas, afagou seu cabelo. Teve a ideia, imediatamente reprimida, de lhe falar sobre as embalagens de açúcar.

— *Hello,* Léo, sou eu. Folg foi visitar a moça do sítio. Está contente.

32

No saguão de um hotel um tanto lúgubre da periferia de Granada, Zerk e Mô desligaram o antiquado computador que acabavam de usar e se dirigiram para a escada a passos estudadamente despreocupados. As pessoas nunca pensam no seu modo de andar, a não ser quando se sentem vigiadas, pela polícia ou pelo amor. E então nada é mais difícil do que imitar a naturalidade perdida. Eles tinham decidido evitar o elevador, um espaço em que os usuários, na falta de algo melhor a fazer, dispõem de mais tempo para observar os outros.

— Não sei se foi muito prudente ir consultar a internet — disse Mô, ao fechar a porta do quarto.

— Calma, Mô. Não há nada que chame mais a atenção do que um cara tenso. Pelo menos conseguimos as informações.

— Não acho uma boa ideia ligar para o restaurante de Ordebec. Como é o nome?

— Javali Veloz. Não, não vamos ligar. É só por segurança, caso dê confusão. E agora a gente já sabe o nome da maldita loja de jogos e diabolôs: “Por um Fio”. Não vai custar nada descobrir o nome do dono e se ele tem filhos. Ou melhor, um filho, entre doze e dezesseis anos.

— Um filho — confirmou Mô. — É mais difícil uma menina ter a ideia de amarrar as patas de um pombo para azucrinar a vida dele.

— Ou de meter fogo num carro.

Mô sentou-se na cama, esticou as pernas, concentrou-se em respirar devagar. Tinha a impressão de estar com um segundo coração batendo permanentemente dentro do estômago. Adamsberg lhe explicara, lá na casa das vacas, que eram decerto umas bolinhas de eletricidade pousando aqui e ali. Pôs a mão na barriga para tentar desmanchá-las, folheou o jornal francês do dia anterior.

— Mas uma menina pode ficar rindo enquanto observa o cara amarrar o pombo — acrescentou Zerk — ou meter fogo no carro. Alguma novidade em Ordebec?

— Nada. Mas imagino que seu pai tenha mais o que fazer do que procurar o nome do cara da loja de diabolô.

— Não acho. Para mim, o cara que torturou o pombo, o cara que matou em Ordebec, o cara que queimou o Clermont-Brasseur, isso tudo anda de braços dados na cabeça dele sem que ele faça nenhuma seleção.

— Achei que você não conhecesse seu pai.

— Mas começo a ter a sensação de ser parecido com ele. Amanhã, Mô, temos que deixar o quarto às dez para as nove. E assim todos os dias. Temos que dar a impressão de estar saindo para um trabalho regular. Se ainda estivermos por aqui amanhã.

— Ah. Você também reparou? — perguntou Mô, massageando a barriga.

— O sujeito que ficou olhando para a gente lá embaixo?

— É.

— Ficou olhando um pouco demais, não é?

— É. Isso te faz pensar no quê?

— Num tira, Mô.

Zerk abriu a janela para fumar lá fora. Do quarto, avistava-se apenas um pátio pequeno, grossos canos de evacuação, roupa estendida e telhados de zinco. Jogou a guimba pela janela, contemplou-a aterrissando na escuridão.

— Melhor se arrancar daqui agora — disse.

33

Émeri abriu orgulhosamente a porta dupla de sua sala de jantar estilo Império, ávido por observar a expressão de seus convidados. Adamsberg pareceu surpreso, mas indiferente — ignorante, concluiu Émeri —, mas o espanto de Veyrenc e os comentários admirados de Danglard lhe foram suficientes para apagar os últimos vestígios da altercação do dia. Danglard, na verdade, embora apreciasse a qualidade da mobília, não gostava do excesso daquela reconstituição minuciosa demais.

— Maravilhoso, capitão — concluiu ele ao aceitar um copo de aperitivo, pois Danglard sabia ser muito mais refinado que os dois bearneses.

De modo que o comandante Danglard praticamente conduziu a conversa durante o jantar, com a sincera vivacidade que ele sabia fingir muito bem, e pela qual Adamsberg sempre lhe era grato. Mesmo porque a quantidade de vinho servido em garrafas de época, gravadas com as armas do príncipe de Eckmühl, era mais que suficiente para prevenir uma eventual angústia de abstinência do comandante. Estimulado por Danglard, que brilhava com seus conhecimentos da história do condado de Ordebec, e também das batalhas do marechal Davout, Émeri estava bebendo um bocado e se tornando mais aberto, às vezes atrevido e até sentimental. A impressão de Adamsberg era de que a capa do marechal, com a postura que impunha ao herdeiro, ia aos poucos escorregando dos seus ombros para o chão.

Enquanto isso, um aspecto novo abrilhantava a fisionomia de Danglard. Adamsberg o conhecia o suficiente para saber que aquele toque de íntima diversão não era o habitual efeito relaxante causado pelo álcool. Era um toque de malícia, como se o comandante estivesse aprontando uma peça que pretendia manter em segredo. E, pensou Adamsberg, uma peça visando, por exemplo, ao tenente Veyrenc, por quem mostrava uma incomum amabilidade, o que era um sinal potencialmente perigoso. Uma peça que lhe permitia, naquela noite, sorrir para aquele que iria enganar mais tarde.

O drama de Ordebec, ocultado, banido dos faustos imperiais, acabou aparecendo na hora do *calvados.*

— O que pretende fazer com o Mortembot, Émeri? — perguntou Adamsberg.

— Se seus homens vierem dar uma força, podemos, em seis ou sete, manter uma vigilância por uma semana. Você tem isso à mão?

— Tenho uma tenente que vale por dez homens, mas está fazendo um mergulho. Posso disponibilizar dois agentes normais.

— O seu filho não poderia ajudar?

— Eu não exponho meu filho, Émeri. Ele, aliás, não tem formação para isso, nem sabe atirar. Além disso, está viajando.

— Ah, é? Ele não estava fazendo uma matéria sobre folhas podres?

— Estava. Mas uma garota ligou para ele da Itália e ele se mandou para lá. Sabe como é.

— Sei — disse Émeri, refestelando-se, até onde o encosto reto da poltrona Império permitia. — Mas, depois de muitos relacionamentos ligeiros, acabei conhecendo minha mulher. Quando ela foi comigo para Lyon, já estava entediada, e eu ainda a amava. Pensei que ela ia gostar da minha transferência para Ordebec. Rever a terrinha, os antigos amigos. Por isso fiz de tudo para voltar para cá. Mas não, ela teimou em permanecer em Lyon. Nos meus dois primeiros anos em Ordebec, não fiz nada direito. Depois, percorri sem alegria os bordéis de Lisieux. Bem ao contrário de meu antepassado, meus amigos, se permitem que os chame assim. Não travei batalha que não perdesse, tirando umas prisões miúdas que qualquer imbecil podia ter feito.

— Não sei se ganhar ou perder são as palavras certas para avaliar a vida — murmurou Veyrenc. — Quer dizer, não acho que a gente deva avaliar a própria vida. Somos forçados a isso o tempo todo, o que é um crime.

— “Mais que um crime, um erro” — completou Danglard mecanicamente, citando a suposta resposta de Fouché ao imperador.

— Gosto disso — disse Émeri, revigorado, levantando-se de um jeito incerto para servir uma segunda rodada de *calvados*. — Encontraram o machado — anunciou, sem nenhuma transição. — Ele foi jogado atrás da mureta que contorna a casa de Glayeux e caiu no pasto ao lado.

— Se foi um dos Vendermot que o matou — disse Adamsberg —, acha mesmo que ele iria usar a ferramenta da família? E se usou, o mais simples não seria levá-la de volta para casa?

— Como eu disse, Adamsberg, é uma faca de dois gumes. Uma jogada esperta para sugerir a inocência deles.

— Nem tão esperta, em se tratando dos Vendermot.

— Você gosta deles, não é?

— Não tenho nada contra. Nada de sério, por enquanto.

— Mas gosta deles.

Émeri saiu da sala por alguns instantes e voltou com uma antiga fotografia de turma de escola que pôs no colo de Adamsberg.

— Veja — disse ele —, nesta foto estamos todos com oito a dez anos. O Hippo já era bem alto, é o terceiro, atrás, da esquerda para a direita. Ele ainda tem seis dedos em cada mão. Você ouviu essa história pavorosa?

— Ouvi.

— Eu sou este aqui, na fileira da frente, o único que não está sorrindo. Como vê, não é de ontem que conheço o Hippo. Pois posso garantir que ele era um terror. Nada a ver com o carinha legal que ele gosta de mostrar para você. A gente ficava pianinho. Até eu, que tinha dois anos mais que ele.

— Ele batia?

— Não precisava. Tinha uma arma muito mais potente. Com seus seis dedos, dizia que era um soldado do diabo, e que se a gente o atazanasse podia lançar sobre nós os flagelos que quisesse.

— E vocês atazanavam?

— No começo sim. Pode imaginar como uma turma de moleques reage diante de um colega com seis dedos. Quando ele tinha cinco, seis anos, a gente perseguia, zombava dele sem dó nem piedade. Isso é verdade. Havia um grupinho especialmente feroz com ele, liderado por Régis Vernet. Régis, uma vez, cravou uns pregos na cadeira do Hippo, com as pontas viradas para cima, e o Hippo ficou empalado. Ficou com as nádegas sangrando — seis furos — e todo mundo dando risada no pátio. Outra vez, ele foi amarrado numa árvore e todo mundo mijou em cima dele. Mas um belo dia o Hippo acordou.

— Voltou os seis dedos contra vocês.

— Exatamente. A primeira vítima foi o canalha do Régis. O Hippo o ameaçou, apontando as mãos para ele com a maior seriedade. E, acredite se quiser, cinco dias depois, o menino Régis foi atropelado pelo carro de um parisiense e perdeu as duas pernas. Uma coisa terrível. Mas nós, no colégio, sabíamos muito bem que a culpa não era do carro, e sim da praga que o Hippo tinha jogado nele. E o Hippo não desmentia, pelo contrário. Dizia que, do próximo que o atazanasse, ia tirar as pernas, os braços, e até os colhões. Aí tudo se inverteu, passamos a viver no terror. Mais tarde, o Hippo parou com essa molecagem. Mas posso garantir que até hoje, acreditando ou não, ninguém compra briga com ele. Nem com a família dele.

— É possível falar com o tal Régis?

— Ele morreu. Não estou mentindo, Adamsberg. A desgraça grudou nele para valer. Doenças, desemprego, luto e pobreza. Acabou se jogando no rio Touques há três anos. Tinha apenas trinta e seis anos. Nós, os ex-colegas,

sabíamos que era a vingança do Hippo, que nunca deixou de se exercer. O Hippo bem que tinha dito. Que, quando resolvia apontar os dedos para um sujeito, ele ficava condenado para o resto da vida.

— E hoje, o que você acha disso tudo?

— Felizmente, fui embora daqui com onze anos e pude esquecer. Se perguntar ao policial Émeri, a resposta é que essas histórias de praga são aberrações. Se indagar ao menino Émeri, acontece de eu achar que Régis foi amaldiçoado. Digamos que o menino Hippo se defendeu do jeito que pôde. Era tratado de agente de Satã, de escória aleijada do inferno, e acabou brincando de diabo. Mas brincando num nível espetacular, mesmo depois de ter os dedos cortados. Seja como for, posso afirmar que, mesmo não sendo um enviado do diabo, esse cara é duro, talvez perigoso. Ele sofreu com o pai mais do que se pode imaginar. Mas, quando jogou o cachorro em cima dele, foi um autêntico ataque assassino. Eu não seria capaz de jurar que isso acabou. Como é que os Vendermot podem ter virado uns simpáticos anjinhos depois de tudo o que passaram?

— Você põe Antonin no mesmo nível?

— Sim. Um bebê que foi partido em mil pedaços não pode desenvolver uma índole serena, pode? Supõe-se que Antonin tenha medo demais de se quebrar para agir por conta própria. Mas poderia apertar um gatilho. Ou quem sabe erguer um machado, não sei.

— Ele diz que não.

— Mas apoiaria cegamente qualquer gesto do Hippo. É lícito pensar que a visita dele, hoje, para falar do machado, foi combinada pelo irmão. Mesma coisa o Martin, que se alimenta feito bicho selvagem e imita todos os passos do irmão.

— Resta a Lina.

— Que vê o Exército de Hellequim e não é, mentalmente falando, mais saudável que os irmãos. Ou que só finge ver, Adamsberg. O importante é designar as futuras vítimas, assustar os outros, como o Hippo fazia com seus dedos. Vítimas essas que Hippo depois se encarrega de matar, enquanto a família cria para ele os álibis necessários. Assim eles ficam livres para espalhar o terror em Ordebec, e assim se transformam em vingadores, já que as vítimas são, além de tudo, legítimos crápulas. Mas tendo a achar que Lina teve mesmo uma visão. Foi o que desencadeou tudo. Visão que seus irmãos levaram ao pé da letra e resolveram executar. Eles acreditam nisso. Porque a primeira visão de Lina ocorreu quase em simultâneo com a morte do pai. Pouco antes ou depois, não lembro.

— Dois dias depois. Ela me contou.

— Ela conta de bom grado. E com que tranquilidade, você reparou?

— Reparei — disse Adamsberg, lembrando a mão de Lina batendo na mesa. — E por que Lina faria segredo do nome da última vítima?

— Seja porque de fato não viu direito, seja porque eles guardam esse segredinho para criar pânico na população. Eles são inteligentes. O horror dessa ameaça faz com que todos os ratos saiam das tocas. Eles acham graça, acham bacana, acham justo. Como também era justo o pai deles morrer.

— É provável que você esteja certo, Émeri. A não ser que alguém esteja aproveitando a óbvia culpabilidade dos Vendermot para cometer os crimes. Alguém que está matando na maior tranquilidade, certo de que irão acusar a família diabólica.

— E que motivo ele teria?

— O pavor do Exército Furioso. Você mesmo disse que muita gente em Ordebec acredita nele, que alguns acreditam tanto que nem ousam falar no assunto. Pense nisso, Émeri. Podíamos fazer uma lista dessa gente.

— É gente demais — disse Émeri, balançando a cabeça.

Adamsberg andava em silêncio no caminho de volta, precedido por Veyrenc e Danglard, que iam a passos calmos. As nuvens a oeste não tinham, afinal, rebentado, e a noite estava quente demais. Danglard, de quando em quando, dirigia a palavra a Veyrenc — mais um detalhe surpreendente, além do ar de segredinho que não abandonara sua fisionomia.

A acusação de Émeri em relação aos Vendermot contrariava Adamsberg. Enriquecida pelos detalhes de infância que acabava de descobrir sobre Hippolyte, era verossímil. Era difícil imaginar por que condão de sabedoria ou comportamento abençoado os Vendermot escapariam da raiva, da vingança. Havia, porém, um grão de areia rodando em meio aos seus pensamentos esparsos. A velha Léo. Não achava nenhum dos quatro Vendermot capaz de estilhaçá-la no chão. Mesmo que fosse o caso, Adamsberg julgava que Hippo, por exemplo, recorreria a algo menos brutal diante da velha senhora que o tinha ajudado em toda a sua infância.

Passou pela adega antes de ir para o seu quarto, e enfiou as fotos e embalagens de açúcar num antigo barril de sidra. Em seguida enviou uma mensagem para a Brigada, pedindo mais dois homens em Ordebec antes das catorze horas. Estalère e Justin conviriam perfeitamente, sendo ambos pouco sensíveis ao tédio arrasador de uma vigilância, o primeiro devido a sua “índole feliz” — como diziam alguns, para não dizer “cretino” —, e o segundo porque a paciência era um dos pilares de seu perfeccionismo. A casa de Mortembot não era muito complexa de proteger. Duas janelas na frente e três atrás, todas com

venezianas. O único ponto fraco era, na lateral, a janelinha do toalete, sem veneziana mas protegida por uma barra de ferro. O assassino teria de chegar muito perto para conseguir quebrar o vidro e dar um tiro pela estreita abertura, o que era impossível com dois homens circulando em volta da casa. E, caso se mantivesse a tradição de matança do senhor Hellequim, a arma utilizada não seria uma bala. Machado, espada, lança, maça, pedra, estrangulamento, e todos os meios medievais só eram praticáveis dentro da casa. Tirando o fato de Herbier ter sido morto com uma espingarda de cano serrado, o que destoava.

Adamsberg fechou a porta da adega e atravessou o pátio. As luzes da pousada já estavam apagadas, Veyrenc e Danglard dormiam. Com os punhos, ampliou mais ainda a concavidade no meio do colchão de lã e afundou-se dentro dela.

34

Zerk e Mô saíram pela porta de emergência que dava na escada do hotel e chegaram à rua sem cruzar com ninguém.

— Para onde a gente vai? — perguntou Mô ao entrar no carro.

— Vamos procurar uma aldeiazinha no sul, pertinho da África. Com um monte de barcos e muitos marinheiros dispostos a fazer um bom negócio nos levando para o outro lado.

— Você pretende atravessar?

— Isso depois a gente vê.

— Droga, Zerk, eu vi o que você pôs na mochila.

— O ferro?

— É — disse Mô em tom descontente.

— Quando paramos nos Pireneus e deixei você dormir, estávamos a um quilômetro da minha aldeia. Não levei mais que vinte minutos para ir buscar a arma do meu avô.

— Você está maluco, vai fazer o que com um revólver?

— Pistola, Mô. Uma automática 1935 A, calibre 7,5 milímetros. É de 1940, mas funciona, acredite.

— E munição, você tem munição?

— Uma caixa inteirinha.

— Mas para que isso, porra?

— Porque eu sei atirar.

— Droga, você não pode estar pensando em atirar num tira.

— Não, Mô. Mas a gente tem que atravessar, não tem?

— Achei que você fosse um cara tranquilo. Não um doido.

— Eu sou um cara tranquilo. Meu pai livrou você da armadilha, temos que nos virar para não cair nela de novo.

— Vamos para a África em seguida?

— Vamos começar a dar uma olhada nos barcos. Se você for preso, Mô, meu pai está frito. Mesmo sem conhecê-lo direito, não é uma ideia que me agrade.

35

Veyrenc não estava dormindo. De pé, espiava pela janela. Danglard estivera estranho durante todo o jantar, Danglard antevia um prazer, uma vitória, Danglard estava aprontando algo. Algo do tipo profissional, conjecturava Veyrenc, pois o comandante não era homem de visitar os bordéis de Lisieux mencionados por Émeri. Ou, se fosse, diria sem pruridos. A amabilidade que tinha demonstrado em relação a ele, calando seu ciúme infantil, terminara de pôr Veyrenc em estado de alerta. Suspeitava que Danglard estava prestes a dar um passo importante para a investigação, sem falar nada para assim passar à frente dele e garantir sua precedência diante de Adamsberg. Amanhã, exibiria orgulhosamente seu tributo ao delegado. Quanto a isso, Veyrenc não estava interessado. Como tampouco se incomodava com o plano que agitava a mente, em geral equilibrada, do comandante. Só que, numa investigação com tal sucessão de massacres, não se pode avançar sozinho.

À uma e meia da manhã, Danglard ainda não tinha aparecido. Frustrado, Veyrenc deitou-se na cama todo vestido.

Danglard tinha acertado o despertador para as 5h50 e caíra rapidamente no sono, algo que só raramente acontecia, a não ser que a excitação de uma ação a cumprir o obrigasse a dormir bem e depressa. Às 6h25, instalou-se ao volante, soltou o freio de mão e deixou o carro descer devagar pelo caminho em declive para não acordar ninguém. Ligou o motor ao chegar à estrada regional e rodou lentamente por 22 quilômetros, com o para-sol abaixado. Seu correspondente, homem ou mulher, lhe pedira para não chamar a atenção. Tinha sido uma sorte esse correspondente confundi-lo com o delegado. Encontrara no dia anterior, no bolso de seu paletó, o bilhete escrito a lápis e com a mão esquerda, ou com uma mão autodidata. *Delegado, tenho uma coisa a dizer sobre Glayeux, mas só se eu ficar escondido. Perigozo demais. Encontro na estassão ferroviária de Cérenay, plataforma A, 6h50 imponto.* OBRIGADO. *Seje* — a palavra fora rasurada e reescrita várias vezes — *bem discreto, e principalmente não se atraze.*

Ao repassar na memória os acontecimentos do dia anterior, Danglard teve certeza de que o autor do bilhete só podia tê-lo enfiado em seu bolso na hora da

pequena aglomeração que se formara em frente à casa de Glayeux. O bilhete não estava com ele antes, no hospital.

O comandante estacionou sob uma fileira de árvores e foi até a plataforma A, contornando discretamente a pequena estação que, afastada do povoado, estava fechada e deserta. Também não havia ninguém nas vias férreas. Danglard consultou o painel de horários e constatou que nenhum trem iria parar em Cérenay antes das 11h12. Nenhum perigo, portanto, de alguém aparecer no local nas próximas quatro horas. O correspondente tinha escolhido um raro local de privacidade garantida.

Às 6h48 pelo relógio da estação, Danglard sentou-se num banco da plataforma, encurvado como de costume, impaciente e um tanto exausto. Tinha dormido pouco, e com menos de nove horas de sono sua energia ia para o espaço. Mas a ideia de deixar Veyrenc para trás o animou, resultando em um novo sorriso e um sentimento de expansão. Fazia mais de vinte anos que trabalhava com Adamsberg, e ouriçava-o, literalmente, a cumplicidade espontânea existente entre o delegado e o tenente Veyrenc. Danglard era demasiado perspicaz para enganar a si mesmo e sabia que sua aversão era um caso de puro e vergonhoso ciúme. Não tinha sequer certeza de que Veyrenc quisesse disputar seu lugar, mas a tentação era irreprimível. Acertar o passo e ultrapassar Veyrenc. Danglard ergueu a cabeça, engoliu a saliva, rechaçando uma vaga sensação de indignidade. Adamsberg não era sua referência, nem seu modelo. Pelo contrário, os modos e forma de pensar daquele homem costumavam incomodá-lo. Mas precisava de sua estima, ou até de seu afeto, como se aquela criatura flutuante pudesse protegê-lo ou justificar sua existência. Às 6h51, sentiu uma dor violenta na nuca, levou a mão ao pescoço e desabou na plataforma. Um minuto depois, o corpo do comandante era deitado atravessado nos trilhos.

A visibilidade na plataforma era tanta que Veyrenc só encontrou um ponto de observação a duzentos metros de onde estava Danglard, escondido por um posto de triagem. O ângulo de visão não era dos melhores, e quando avistou o homem, este já estava a dois metros do comandante. O golpe que lhe desfechou na carótida com o flanco da mão e a queda de Danglard duraram apenas alguns segundos. Quando o homem se pôs a rolar o corpo para a beira da plataforma, Veyrenc já estava correndo. Ainda se encontrava a cerca de quarenta metros

quando Danglard caiu sobre os trilhos. Nisso, o homem já fugia a passos seguros e eficazes.

Veyrenc saltou nos trilhos, segurou o rosto de Danglard, que lhe pareceu lívido à luz da manhã. A boca estava mole e aberta, e os olhos, fechados. Veyrenc achou o pulso, soergueu as pálpebras sobre olhos inexpressivos. Danglard estava nocauteado, drogado ou agonizante. Um amplo hematoma azulado já aparecia num lado do pescoço, em volta de uma clara marca de picada. O tenente passou os braços sob seus ombros a fim de içá-lo para a plataforma, mas os 95 quilos do corpo inerte pareciam impossíveis de deslocar. Precisava de ajuda. Levantou-se, suado, a fim de ligar para Adamsberg, quando ouviu ao longe o assobio característico de um trem em alta velocidade. Em pânico, viu aparecer à sua esquerda o vulto ruidoso do veículo embalado numa reta. Veyrenc jogou-se sobre o corpo de Danglard e, multiplicando seu esforço, deitou-o entre os trilhos grudando os braços junto às coxas. O trem deu uma buzinada que soou como um grito desesperado, o tenente se projetou de um impulso na plataforma e rolou para o lado. Os vagões passaram bramindo, e então o estrondo se afastou, deixando-o incapaz de se mexer, tanto porque a intensidade do esforço tinha rompido seus músculos, como porque lhe era intolerável enfrentar a visão de Danglard. Com a cabeça encolhida no braço, sentiu o rosto molhado de lágrimas. Um fragmento de informação, um só, dava voltas em sua cabeça esvaziada. *O espaço entre a parte de cima do corpo e a parte de baixo do trem é de apenas vinte centímetros.*

Passados uns quinze minutos, o tenente finalmente se ergueu, apoiou-se nos cotovelos e acercou-se do leito. Segurando a cabeça entre as mãos, abriu os olhos de uma vez. Danglard parecia um morto corretamente ajeitado entre os trilhos reluzentes, que eram como hastes de uma maca de luxo, mas Danglard estava intacto. Veyrenc deixou a testa cair sobre o braço, extraiu o celular do bolso e ligou para Adamsberg. Venha imediatamente, estação de Cérenay. Depois pegou sua arma, soltou a trava de segurança e firmou-a na mão direita, dedo no gatilho. E tornou a fechar os olhos. *O espaço entre a parte de cima do corpo e a parte de baixo do trem é de apenas vinte centímetros.* Lembrou então do caso, no ano passado, na via do trem rápido Paris-Granville. O homem estava tão bêbado e inerte, quando o trem passou por cima dele, que a absoluta falta de reflexos salvou sua vida. Sentiu um formigamento nas pernas e começou a mexê-las devagar. Pareciam de algodão e, ao mesmo tempo, pesadas como blocos de granito. *Vinte centímetros.* A sorte de Danglard era sua absoluta falta de musculatura lhe ter permitido se achatar entre os trilhos feito um trapo.

Quando escutou alguém correr atrás de si, estava sentado na plataforma em posição de lótus, o olhar fixo em Danglard, como se aquela atenção constante pudesse evitar a passagem de um segundo trem ou o deslizar para a morte. Tinha falado para ele fragmentos de frases bobas, *aguenta firme*, *não se mexa*, *respire*, sem receber nenhuma pestanejada em resposta. Mas agora via os lábios moles estremecerem a cada respiração, e espreitava essa pequena palpitação. Começava a recobrar o entendimento. O sujeito que marcara encontro com Danglard tinha bolado um plano irretocável ao jogá-lo sob o rápido Caen-Paris numa hora em que não havia risco de testemunha alguma intervir. Teria sido encontrado muitas horas depois, quando o anestésico, qualquer que fosse, já tivesse sumido do corpo. Ninguém sequer teria lembrado de procurar por um anestésico. O que teriam dito no inquérito? Que a melancolia de Danglard andava mais pesada nos últimos tempos, que ele estava com medo de morrer em Ordebec. Que, completamente bêbado, tinha vindo se deitar nos trilhos para morrer. Escolha estranha, sem dúvida, mas não havendo como avaliar o delírio de um homem ébrio e suicida, a conclusão teria ido nesse sentido.

Virou os olhos para a mão que tocava seu ombro, a mão de Adamsberg.

— Desça lá depressa — disse-lhe Veyrenc. — Sem chance de eu me mexer.

Émeri e Blériot já tinham agarrado o corpo de Danglard pelos ombros, e Adamsberg pulou na via para segurar as pernas. Depois, Blériot não conseguiu levantar sozinho na plataforma e foi preciso ajudar puxando-o pelas mãos.

— O doutor Merlan está a caminho — disse Émeri, debruçado sobre o peito de Danglard. — Na minha opinião, está completamente drogado, mas não corre perigo. O coração bate lento, mas regular. O que aconteceu, tenente?

— Um cara — disse Veyrenc com voz ainda fraca.

— Você não consegue levantar? — perguntou Adamsberg.

— Acho que não. Não tem aí uma aguardente, ou algo assim?

— Eu tenho — disse Blériot, mostrando um frasco barato. — Não são nem oito horas, vai descer queimando.

— É disso que eu preciso — garantiu Veyrenc.

— O senhor já comeu hoje?

— Não, passei a noite em vigília.

Veyrenc tomou um gole e fez a convencional careta indicando que, com efeito, o álcool queimava as tripas. Em seguida tomou mais um e devolveu o frasco a Blériot.

— Está conseguindo falar? — perguntou Adamsberg, sentado ao seu lado de pernas cruzadas, observando o rastro claro deixado no seu rosto pelas lágrimas.

— Sim. Foi um choque, só isso. Fui além dos meus limites físicos.

— Por que ficou de vigília?

— Porque o Danglard estava tramando uma idiotice sozinho.

— Você também notou?

— Sim. Ele queria passar na minha frente, e achei que era perigoso. Pensei que ele fosse sair durante a noite, mas ele só se mandou às seis e meia da manhã. Peguei o outro carro e vim seguindo ele de longe. Viemos para cá — disse Veyrenc, mostrando o local com um gesto vago. — Um homem golpeou o pescoço, e depois acho que deu uma picada, e o largou atravessado nos trilhos. Corri, o cara também correu, e quando tentei puxar o Danglard, não foi possível. Aí chegou o trem.

— O expresso Caen-Paris — disse Émeri com gravidade —, que passa às 6h56.

— É — disse Veyrenc, baixando um pouco a cabeça. — E não dá para negar que ele é expresso mesmo.

— Que merda — disse Adamsberg entre os dentes.

Por que Veyrenc é que tinha vigiado Danglard? Por que não ele? Por que tinha deixado o tenente se envolver nesse inferno? Porque o plano de Danglard era contra Veyrenc, e Adamsberg vira nisso algo sem importância. Um assunto entre homens.

— Só tive tempo de mudar o Danglard de posição, esticá-lo entre os trilhos não sei nem como, e me lançar na plataforma não sei nem como. Porra, como é pesado, e a borda da plataforma alta pra caramba. Senti o vento do trem roçar minhas costas. Vinte centímetros. Há um espaço de vinte centímetros entre a parte de cima de um corpo — um corpo largado, um corpo bêbado — e a parte de baixo de um trem.

— Não sei se eu teria pensado nisso — disse Blériot, fitando Veyrenc com ar meio aturdido. Ao mesmo tempo que observava, fascinado, o cabelo castanho do tenente salpicado de mechas ruivas incomuns, que lembravam papoulas plantadas em terra escura.

— E o cara? — perguntou Émeri. — A estatura dele poderia ser tipo a do Hippolyte?

— Sim. Era um brutamontes. Mas eu vi de longe, e ele estava usando luvas e touca.

— Como estava vestido?

— Usava tênis e algo como um moletom. Azul-marinho ou verde-escuro, não sei. Me ajude, Jean-Baptiste, quero levantar.

— Por que não me ligou quando saiu atrás dele? Por que veio sozinho?

— Era um assunto entre mim e ele. Uma iniciativa grotesca do Danglard, não havia por que envolver você. Não pensei que chegasse a essas proporções. *Foi-se sozinho, com fel no coração...*

Veyrenc interrompeu a versificação incipiente dando de ombros.

— Não — resmungou —, não estou a fim.

O dr. Merlan tinha chegado e cuidava do comandante Danglard. Balançava a cabeça a intervalos regulares, repetindo “o trem passou em cima dele, o trem passou em cima dele”, como tentando se convencer do caráter excepcional do fato com que estava lidando.

— Talvez tenha sido uma boa dose de anestésico — disse, levantando e fazendo um sinal para dois enfermeiros —, mas tenho a impressão que o efeito está passando. Vamos levá-lo, vou delicadamente apressar o despertar. Mas a fala só irá se restabelecer dentro de duas horas, não apareça antes disso, delegado. Algumas contusões decorrentes do golpe na carótida e do tombo nos trilhos. Mas acho que não há nada quebrado. Custo a acreditar que o trem passou em cima dele.

Adamsberg observou a maca se afastar sentindo uma lufada de aflição retroativa. Mas a bola de eletricidade não apareceu na sua nuca. Resultado da sessão com o dr. Hellebaud, sem dúvida.

— E a Léo? — perguntou ele a Merlan.

— Ontem à noite ela se sentou, e comeu. Tiramos a sonda. Mas não está falando, só sorri de quando em quando, com jeito de quem está com uma ideia na cabeça mas não consegue pegá-la. Pelo jeito, esse seu doutor Hellebaud travou a função verbal, como quem desliga um disjuntor. E só vai ligar de novo quando achar que deve.

— É bem o estilo dele.

— Escrevi para a casa dele em Fleury para dar notícias. Aos cuidados do diretor, como o senhor me aconselhou.

— A prisão dele em Fleury — esclareceu Adamsberg.

— Eu sei, delegado, mas não gosto de falar, nem pensar nisso. Assim como sei que foi o senhor que o prendeu e não quero saber dos crimes que ele cometeu. Não teve nada a ver com medicina, pelo menos?

— Não.

— Ficou debaixo de um trem, custo a acreditar. Somente suicidas se jogam embaixo de um trem.

— Aí é que está, doutor. Não se trata de uma arma corriqueira. Mas como é um jeito conhecido de se matar, a morte de Danglard passaria tranquilamente por suicídio. Para a equipe do hospital, mantenha a versão do suicídio e, na medida do possível, dê um jeito para não vazar nada lá fora. Não quero assustar o

assassino. Que, nesse exato momento, deve achar que sua vítima foi esmigalhada pelas rodas do expresso. Vamos deixá-lo com essa certeza mais algumas horas.

— Entendi — disse Merlan estreitando os olhos, compondo uma expressão mais perspicaz do que necessário. — O senhor quer surpreender, espiar, espreitar.

Adamsberg não fez nada disso. A ambulância se distanciou e ele ficou andando para lá e para cá na plataforma A, numa curta distância de vinte metros, resistindo a se afastar de Veyrenc, a quem o brigadeiro Blériot — isso ele tinha observado — dera três ou quatro torrões de açúcar para comer. Blériot, o açucareiro. Sem querer, reparou que o brigadeiro não jogava os papéis de embalagem no chão. Amassava-os, compondo uma bolinha compacta que punha em seguida no bolso dianteiro da calça. Émeri, cujo uniforme pela primeira vez estava mal ajeitado, tal a pressa com que se vestira para juntar-se a eles, veio em sua direção balançando a cabeça.

— Não achei nenhuma pista em volta do banco. Nada, Adamsberg, não temos nada.

Veyrenc, com um gesto, pediu um cigarro a Émeri.

— E muito me espantaria que Danglard nos fosse de alguma ajuda — disse Veyrenc. — O cara chegou por trás, nem deu tempo de ele virar a cabeça.

— Como é possível o maquinista não ter visto nada? — perguntou Blériot.

— Àquela hora, estava com o sol batendo de frente — disse Adamsberg. — Estava indo para leste.

— E mesmo que tivesse visto — disse Émeri —, precisaria de várias centenas de metros até parar a máquina. Tenente, que ideia foi essa de vir atrás dele?

— Obediência ao regulamento, suponho — disse Veyrenc sorrindo. — Vi quando ele saiu e fui atrás. Não se pode sair sozinho numa investigação desse tipo.

— E por que ele saiu sozinho? Ele me pareceu ser um homem prudente, não?

— Mas solitário — acrescentou Adamsberg para justificá-lo.

— E quem marcou esse encontro deve ter exigido que ele viesse sem escolta — suspirou Émeri. — Como sempre. Nos vemos na delegacia para organizar os turnos na casa do Mortembot. Adamsberg, você conseguiu mais dois homens de Paris?

— Devem chegar antes das duas.

Veyrenc já se sentia bem o bastante para assumir o volante, e Adamsberg o seguiu de perto até a pousada de Léo, onde o tenente comeu rapidamente uma

sopa enlatada e foi dormir em seguida. Ao dirigir-se para seu próprio quarto, Adamsberg lembrou que se esquecera de dar alpiste para o pombo no dia anterior. E tinha deixado a janela do quarto aberta.

Hellebaud, porém, estava acomodado dentro de um dos seus sapatos, como um seu congênere no alto de uma chaminé, e o aguardava pacientemente.

— Hellebaud — disse Adamsberg, juntando o sapato com o pombo e colocando o toldo na beirada da janela —, precisamos ter uma conversa séria. Você está saindo do seu estado natural, está desabando para os lados da civilização. Suas patas estão curadas, você pode voar. Olhe lá fora. Sol, árvores, fêmeas, minhocas e insetos a rodo.

Hellebaud emitiu um arrulho que pareceu de bom augúrio, e Adamsberg o escorou com mais firmeza no peitoril da janela.

— Alce voo quando quiser — disse ele. — Nem precisa deixar um bilhete, eu vou entender.

36

Adamsberg lembrou que tinha de levar flores a dona Valentine e bateu delicadamente na porta às dez horas da manhã. Era quarta-feira, havia uma chance de Lina estar em casa: era sua manhã de folga, em troca do plantão que fazia aos sábados. Era Lina e Hippolyte que ele queria ver, em separado, para um interrogatório mais rigoroso. Deparou com todos eles à mesa do café da manhã, nenhum deles ainda vestido. Cumprimentou um por um, examinando as fisionomias sonolentas. O rosto amassado de Hippo lhe pareceu convincente mas, com o calor que já fazia, era decerto possível compor a aparência aproximada de um dorminhoco enxovalhado. Afora o inchaço noturno das pálpebras, que não se pode imitar, Hippo tinha naturalmente os olhos pesados, o que nem sempre deixava seu olhar alerta ou simpático.

A mãe — a única que já estava vestida — recebeu as flores com real satisfação e na mesma hora ofereceu café ao delegado.

— Dizem que houve uma tragédia em Cérenay — disse ela, sendo esta a primeira vez que ele tornava a ouvi-la falar de fato, com sua voz humilde mas claramente articulada. — Só não me diga que ainda é o mesmo caso horroroso. Não aconteceu nada com Mortembot?

— Quem lhe contou? — perguntou Adamsberg.

— É com o Mortembot? — insistiu ela.

— Não, não é com ele.

— Virgem Santa — disse a velha, suspirando. — Porque, a continuar nesse ritmo, eu e os meninos teremos de ir embora daqui.

— Claro que não, mãe — disse Martin num tom mecânico.

— Eles não entendem — disse a mãe, dirigindo-se a Adamsberg. — Não entendem que estão todos achando que somos culpados. Minha pobre filha, se você pelo menos tivesse ficado quieta.

— Eu não tinha esse direito — disse Lina com certa severidade, sem se comover com a preocupação da mãe. — Você sabe disso. A gente tem que dar uma chance aos apanhados.

— É verdade — disse a mãe, sentando-se à mesa. — Mas não temos para onde ir. E eu preciso protegê-los — explicou, virando-se de novo para

Adamsberg.

— Ninguém vai encostar em nós, mãe — disse Hippolyte, erguendo para o alto suas mãos disformes, e todos caíram na risada.

— Eles não entendem — repetiu a mãe, desolada. — Não brinque com seus dedos, Hippolyte. Não é hora de fazer palhaçada, houve uma morte em Cérenay.

— O que aconteceu? — perguntou Lina, e Adamsberg desviou o olhar, pois seu peito era demasiado visível através do pijama branco.

— A mãe já falou — disse Antonin. — Alguém se jogou embaixo do trem rápido de Caen. Um suicídio, foi o que ela quis dizer.

— Como soube disso? — perguntou Adamsberg à mãe.

— Ao fazer as compras. O chefe da estação chegou às 7h45, viu a polícia e a ambulância. Conversou com um dos enfermeiros.

— Às 7h45? Sendo que o primeiro trem só para às onze horas?

— O maquinista do trem expresso ligou, teve a impressão de ver alguma coisa nos trilhos. O chefe da estação foi verificar. O senhor sabe quem se suicidou?

— Alguém já lhe contou?

— Não — disse Hippo. — Pode ter sido a Marguerite Vanout.

— Por quê? — perguntou Martin.

— Você sabe o que se comenta em Cérenay. Ela é meio arof ad anhisac.

— Meio fora da casinha — explicou Lina.

— Ah, é? Como assim? — perguntou Antonin, com a sinceridade de um homem intrigado, de um homem que nem desconfia que está ele próprio fora da casinha.

— Desde que o marido a deixou. Ela grita, rasga a própria roupa, risca os muros das casas, escreve. Nos muros.

— Escreve o quê?

— *Porcos inmundos* — explicou Hippo. — Com um “n” a mais. Ora no singular, ora no plural. Escreve isso por toda a aldeia e o pessoal de Cérenay já está começando a se encher. Todo dia o prefeito tem de mandar apagar os *Porcos inmundos* que ela picha durante a noite. Além disso, como tem dinheiro, ela esconde uma nota alta aqui e acolá, debaixo de uma pedra, numa árvore, e no dia seguinte, já cedinho, as pessoas não deixam de procurar o dinheiro espalhado, como num jogo de esconde-esconde. Ninguém mais chega no trabalho na hora certa. Ou seja, ela sozinha está bagunçando o coreto. Por outro lado, não é proibido esconder dinheiro.

— Até que é engraçado — disse Martin.

— É, sim — concordou Hippo.

— Não tem graça nenhuma — repreendeu a mãe. — A coitada da mulher perdeu o juízo e está padecendo.

— Mesmo assim, é engraçado — disse Hippo, inclinando-se para dar-lhe um beijo no rosto.

A mãe se transformou radicalmente, como se de repente percebesse que qualquer reprimenda seria inútil ou injusta. Deu uns tapinhas na mão do filho mais velho e foi sentar-se na poltrona do canto, de onde decerto não tomaria mais parte na conversa. Era como uma tranquila e discreta retirada, como uma personagem saindo de cena embora ainda pudesse ser vista.

— Vamos mandar flores para o enterro — disse Lina. — Afinal a gente conhece bem a tia dela.

— Quem sabe eu colho algumas na floresta? — propôs Martin.

— Não fica bem, num enterro, mandar flores colhidas.

— Tem que ser flor comprada — concordou Antonin. — Podemos comprar uns lírios?

— Claro que não, lírio é para casamento.

— E não temos dinheiro para comprar lírios — disse Lina.

— Anêmonas? — sugeriu Hippo. — Sanomêna oãn matsuc orac.

— Não está na época — retrucou Lina.

Adamsberg deixou que discutissem algum tempo sobre a escolha das flores para Marguerite, e aquela conversa, a menos que tivesse sido ensaiada por mentes superiores, provava mais que qualquer outra coisa que nenhum Vendermot estava envolvido no acidente de Cérenay. Superiores, porém, todos os Vendermot eram sem sombra de dúvida.

— Mas a Marguerite não morreu — disse Adamsberg afinal.

— Ah, é? Então não tem mais flor — concluiu rapidamente Hippolyte.

— Quem morreu, então? — perguntou Martin.

— Ninguém. O homem estava deitado entre os trilhos e o trem passou por cima sem encostar nele.

— Bravo! — disse Antonin. — Isso é o que eu chamo de experiência artística.

O rapaz, enquanto isso, estendia um torrão de açúcar para a irmã, e Lina, compreendendo de imediato, partiu-o ao meio para ele. Um gesto que exigia forte pressão dos dedos e que Antonin não iria arriscar. Adamsberg desviou o olhar. Aquela invasão de torrões de açúcar em todas as situações lhe causava agora uma espécie de arrepio, como se estivesse cercado por um múltiplo agressor e o açúcar fosse pedras e muralhas.

— Se ele queria se matar — disse Lina fitando Adamsberg —, tinha que ficar atravessado nos trilhos.

— É verdade, Lina. Mas ele não queria se matar, alguém pôs ele lá. Trata-se do meu auxiliar, Danglard. Alguém tentou matá-lo.

Hippolyte franziu o cenho.

— Usar um trem como arma — observou ele — é para quem gosta de complicar as coisas.

— Mas é bem pensado para dar impressão de suicídio — disse Martin. — Quando a gente vê uma via férrea, logo pensa em suicídio.

— É — disse Hippolyte fazendo um muxoxo. — Mas esse tipo de articulação é coisa de mente pesada. Ambiciosa, mas densa. Completamente arof ad anhisac. Completamente fora da casinha.

— Hippo — disse Adamsberg afastando sua xícara —, estou precisando conversar a sós com você. E depois com a Lina, se possível.

— Densa, densa — repetiu Hippo.

— Preciso conversar com você — insistiu Adamsberg.

— Não sei quem tentou matar o seu auxiliar.

— É outro assunto. A morte do seu pai — acrescentou baixinho.

— Sim, então é melhor ir lá fora — disse Hippo, lançando um olhar para a mãe. — É só o tempo de eu me vestir.

Adamsberg caminhava na estradinha empedrada ao lado de Hippolyte, que era pelo menos vinte centímetros mais alto.

— Não sei nada sobre a morte dele — disse Hippo. — Levou uma machadada na cabeça e outra no peito, só isso.

— Mas você sabe que a Lina limpou o cabo.

— Foi o que eu disse na época. Mas eu era pequeno.

— Hippo, por que a Lina limpou o cabo?

— Não sei — disse Hippo com voz birrenta. — Mas não foi porque ela o matou. Ora, eu conheço a minha irmã. Não que ela não tivesse vontade de fazer isso, como todos nós. Mas, pelo contrário, ela não deixou o Sebo acabar com ele.

— Então ela pode ter limpado o machado por achar que um de vocês o tinha matado. Ou porque viu um de vocês matá-lo. Martin, ou Antonin.

— Eles tinham seis e quatro anos.

— Ou você.

— Não. A gente tinha medo demais dele para ousar fazer uma coisa dessas. Nem tinha tamanho para isso.

— Mas você jogou o cachorro em cima dele.

— Aí a culpa teria sido do Sebo, não minha. Percebe a diferença?

— Percebo.

— E o resultado foi que o desgraçado matou o meu cachorro. A impressão era que, se um de nós se atrevesse a encostar pessoalmente no pai, ele seria capaz de acabar com a gente, como fez com o Sebo, a começar pela minha mãe. É o que talvez acabasse acontecendo se o conde não tivesse me acolhido.

— O Émeri diz que você não era um menino medroso. Diz que espalhou o caos pela escola quando pequeno.

— Eu fiz uma zona daquelas, é verdade — disse Hippolyte, recobrando seu largo sorriso. — O que diz o Émeri? Que eu era um merdinha que aterrorizava todo mundo?

— Mais ou menos isso.

— Era exatamente isso. Mas o Émeri também não era nenhum anjinho. E não tinha nenhuma desculpa. Era rico e mimado. Antes do Régis fundar sua gangue de torturadores, havia um tal de Hervé, que tinha me jurado de morte. Pois bem, posso garantir que o Émeri não era o último a entrar na roda para me bater. Não, delegado, não me arrependo de nada, eu tinha de me defender. Bastava eu estender a mão e eles se dispersavam aos gritos. Era muito legal. A culpa foi deles. Foram eles que disseram que eu tinha as mãos do diabo, que eu era um aleijado do inferno. Eu não teria tido essa ideia sozinho. Eu só aproveitei. Não, a única coisa que eu lamento é ser filho do maior escroto da região.

Entretanto, Lina se vestira e usava uma camiseta que fez Adamsberg estremecer. Hippolyte lhe cedeu o lugar dando-lhe um tapinha no braço.

— Ele não vai te comer, maninha — disse. — Mas também não é inofensivo. Gosta de saber onde as pessoas escondem suas sujeiras, é um trabalho perverso esse dele.

— Ele salvou a Léo — disse Lina, lançando ao irmão um olhar contrariado.

— Mas está perguntando se eu matei o Herbier e o Glayeux. Está fuçando no meu monte de sujeira. Não é mesmo, delegado?

— É normal ele perguntar — interrompeu Lina. — Você se comportou, pelo menos?

— Muito bem — assegurou Adamsberg, sorrindo.

— Mas como a Lina não esconde nenhum monte de sujeira, deixo-a com o senhor sem me preocupar — disse Hippo, afastando-se. — Só oãn etsocne mun ós oif ed olebac aled.

— Ou seja?

— “Não encoste num só fio de cabelo dela” — disse Lina. — Desculpe, delegado, é o jeito dele. Ele se sente responsável por todos nós. Mas nós somos bonzinhos.

Nós somos bonzinhos. O ingênuo cartão de visitas dos Vendermot. Tão simplório, tão bobo que Adamsberg queria acreditar. Era o eu ideal deles, de

certa forma, sua divisa proclamada. *Nós somos bonzinhos.* Para esconder o quê?, retrucaria Émeri. Um sujeito inteligente como Hippolyte, e inteligente era pouco, um sujeito capaz de inverter as letras das palavras como quem joga bolinha de gude, não podia ser simplesmente *bonzinho.*

— Lina, vou lhe fazer a mesma pergunta que fiz ao Hippo. Quando deparou com seu pai assassinado, por que limpou o machado?

— Só para fazer alguma coisa, acho. Puro reflexo.

— Você não tem mais onze anos, Lina. Já não se contenta com esse tipo de resposta. Você limpou o machado para apagar as digitais de um de seus irmãos?

— Não.

— Não lhe ocorreu que o Hippo podia ter rachado a cabeça de seu pai? Ou o Martin?

— Não.

— Por quê?

— A gente tinha medo demais dele para aparecer naquele quarto. Aliás, a gente nem se atrevia a ir lá em cima. Era proibido.

Adamsberg estacou diante de Lina e passou o dedo no seu rosto rosado, sem inconveniência, tal como Zerk passara o dedo pela pena do pombo.

— Pois bem, Lina, quem você estava protegendo?

— O assassino — disse ela de repente, erguendo a cabeça. — Eu não sabia quem ele era. Não fiquei chocada ao encontrar meu pai caído no próprio sangue. Simplesmente pensei que alguém, até que enfim, tinha acabado com ele, que ele não ia mais voltar, e foi um alívio imenso. Apaguei as impressões digitais do machado para que o autor do crime nunca fosse punido. Fosse quem fosse.

— Obrigado, Lina. O Hippo, na escola, era um terror?

— Ele nos protegia. Porque os meus irmãos, os pequenos, no outro pátio, também passavam por maus bocados. Quando Hippo criou coragem para enfrentar os outros, com seus pobres dedos anormais, nós finalmente tivemos sossego. Nós somos bonzinhos, mas o Hippo teve de nos defender.

— Ele dizia que era um enviado do diabo, que podia acabar com eles.

— E funcionou! — disse ela, rindo sem compaixão. — Eles se afastavam para deixar a gente passar! Para nós, crianças, foi o paraíso. Nos transformamos em reis. A Léo foi a única que nos alertou. Dizia que a vingança é um prato que se come frio, e na época eu não entendi o que isso queria dizer. E agora — acrescentou em tom mais sombrio — estamos pagando caro. Com a lembrança de Hippo-o-demônio, com o Exército de Hellequim, entendo que minha mãe se preocupe por nós. Aqui, em 1777, mataram François-Benjamin, um criador de porcos, a foiçadas.

— Sim, eu soube. Porque ele tinha visto o Exército.

— Com três vítimas, que ele identificou, e uma que ele não reconheceu. Que nem eu. A multidão foi para cima dele depois da morte da segunda vítima, foi estripado por mais de duas horas. François-Benjamin passou seu dom para o sobrinho, Guillaume, que o passou a uma prima, Élodine, e depois foi a vez de Sigismond, o curtidor, e depois de Hébrard, e Arnaud, vendedor de telas, e Louis-Pierre, tocador de cravo, Aveline e, por fim, Gilbert que, segundo dizem, o passou para mim na pia batismal. O seu auxiliar sabe alguma coisa para alguém querer matá-lo?

— Não faço ideia.

Foi-se sozinho, com fel no coração, recitou intimamente Adamsberg, surpreso ao ver ressurgir o versinho de Veyrenc.

— Não tente entender — disse ela, com a voz subitamente dura. — Não era ele que queriam matar, era o senhor.

— Claro que não.

— Claro que sim. Pois se hoje o senhor não sabe nada, vai acabar sabendo amanhã. É muito mais perigoso que o Émeri. O tempo está contado.

— Meu tempo?

— Seu tempo, delegado. Só lhe resta ir embora, correndo. Nada detém Hellequim e seus soldados, nunca. Não fique no caminho dele. Acredite ou não, estou tentando ajudar.

Palavras tão ásperas e inconsequentes que Émeri a teria detido por muito menos. Adamsberg não se mexeu.

— Preciso proteger Mortembot — disse ele.

— O Mortembot matou a mãe dele. Não merece que se dê a esse trabalho por ele.

— Isso não é problema meu, Lina, você sabe.

— O senhor não está entendendo. Ele vai morrer, o que quer que o senhor faça. Vá embora antes disso.

— Quando?

— Agora.

— Eu quis dizer: ele vai morrer quando?

— Hellequim é quem decide. Vão embora, o senhor e os seus homens.

37

Adamsberg entrou a passos lentos no pátio do hospital, que começava a conhecer tão bem quanto o bar da Brigada. Danglard se negara a vestir a roupa dos enfermos, havia tirado a convencional bata azul e estava sentado na cama vestindo o paletó, por mais sujo que estivesse. Fora repreendido pela enfermeira, pois aquilo não era nada higiênico. Mas, como era um ex-suicida, que saíra inteiro de debaixo de um trem — um acontecimento que impunha respeito —, não se atreveu a obrigá-lo.

— Vou precisar de um traje mais decente — foram as primeiras palavras de Danglard.

Seus olhos escorregaram para a parede amarela, fugindo da própria vergonha, ridículo e degradação que ele não queria ver no olhar de Adamsberg. O dr. Merlan lhe dera um resumo essencial dos fatos sem formular nenhuma opinião, e Danglard não sabia como encarar a si mesmo. Tinha sido não profissional, tinha sido grotesco e, pior de tudo, imbecil. Ele, Danglard, o homem brilhante. O ciúme primário, o desejo mordaz de derrotar Veyrenc não tinham deixado espaço para a mínima parcela de dignidade e inteligência. Essas parcelas talvez tivessem tentado se manifestar, dizer alguma coisa, mas ele não havia escutado, nem quisera saber de nada. Como o pior dos cretinos, o pior que leva à destruição. E aquele que ele queria humilhar é que o tinha protegido, e por pouco não perdera a vida sob as rodas do trem. Veyrenc de Bilhc é que tivera o reflexo, a audácia e a capacidade de deitá-lo no meio dos trilhos. Ele próprio, ruminava Danglard, não teria conseguido realizar a tripla façanha. Decerto não teria tido a ideia de deslocar o corpo, e certamente não teria tido força para tanto. Talvez até, o que era pior, tivesse fugido antes de tentar, na pressa de alcançar a plataforma.

A fisionomia do comandante estava cinzenta de aflição. Parecia um rato encurralado num corredor, e não aninhado com um bom naco de pão na casa de Julien Tuilot.

— Está doendo? — perguntou Adamsberg.

— Só quando mexo a cabeça.

— Dizem que você não se deu conta de que o trem passou em cima de você — disse Adamsberg, sem nem uma nota de consolo na voz.

— Não. É frustrante passar por uma experiência dessas sem lembrar de nada, não é? — disse Danglard, tentando introduzir uma pitada de ironia.

— Não é isso que é frustrante.

— Se eu pelo menos estivesse mais bêbado que de costume.

— Mas nem isso, Danglard, pelo contrário. Você se controlou na casa do Émeri para manter a cabeça minimamente clara em sua operação solitária.

Danglard ergueu os olhos para o teto amarelo e decidiu manter-se firmemente nessa posição. Já tinha reparado no olhar de Adamsberg e no brilho específico em suas pupilas. Brilho que alcançava longe, e do qual ele tentava escapar. Brilho raro que só se mostrava no delegado em situações de raiva, de forte interesse ou irrupção de uma ideia.

— Já o Veyrenc sentiu o trem passar — insistiu Adamsberg.

Furioso com a mediocridade de Danglard, decepcionado, desolado, isso ele certamente estava. Sentia a necessidade de obrigá-lo a encarar, saber. *Foi-se sozinho, com fel no coração.*

— Como está ele? — perguntou Danglard entre os dentes, quase inaudível.

— Dormindo. Se recuperando. Com alguma sorte não vai criar mais mechas ruivas. Ou então mechas brancas.

— Como é que ele sabia?

— Assim como eu sabia. É um péssimo conspirador, comandante. A alegria de um plano secreto, excitante e orgulhoso, era visível na sua cara e nos seus gestos durante todo o jantar.

— Por que o Veyrenc ficou de vigília?

— Porque ele pensou certo. Pensou que, se algo era capaz de animar você desse jeito, algo que queria realizar sozinho, então era provavelmente algo contra ele. Coletar uma nova informação, por exemplo. Ao passo que você, comandante, esqueceu que quando um informante quer manter o anonimato, não aparece em pessoa. Escreve, mas não marca um encontro. Até o Estalère teria farejado a armadilha. Você, não. O Veyrenc, sim. Enfim, e acima de tudo, ele pensou que, num massacre desse tipo, não se pode agir por conta própria. A não ser que se queira levar os louros sozinho, e que isso faça esquecer o óbvio. Pois você recebeu um recado, não é Danglard? Marcando um encontro?

— Sim.

— Onde? Quando?

— Achei o bilhete no meu bolso. O cara deve ter colocado durante o ajuntamento na frente da casa do Glayeux.

— Você guardou esse bilhete?

— Não.

— Parabéns, comandante. Por quê?

Danglard mordeu várias vezes o interior das bochechas antes de se dispor a responder.

— Não queria que soubessem que eu tinha ficado com o bilhete só para mim. Que tinha agido com premeditação. Minha intenção, depois de coletar a informação, era inventar uma versão plausível.

— Como por exemplo?

— Que eu havia reparado num sujeito na multidão. Que tinha colhido informações sobre ele. Que tinha dado um pulo a Cérenay para descobrir algo mais. Uma história anódina.

— Uma história digna, no fundo.

— É — sussurrou Danglard. — Digna.

— E deu errado — disse Adamsberg, levantando-se e andando alguns metros pelo quarto, cercando o leito do comandante.

— O.k. — disse Danglard. — Caí numa fossa e me atolei lá dentro.

— Aconteceu comigo antes, está lembrado?

— Sim.

— De modo que não está inventando nada. O mais difícil não é cair, mas se limpar depois. Como era o bilhete?

— Uma escrita de iletrado, com um monte de erros. Autêntica ou disfarçada, tudo é possível. Seja como for, se foi forjada foi bem forjada. Principalmente a palavra “seje”, riscada várias vezes.

— E o que dizia?

— Para eu estar na plataforma da estação de Cérenay às 6h50 em ponto. Achei que o sujeito morasse lá.

— Acho que não. A vantagem de Cérenay é que os trens passam por lá. Às 6h56. Ao passo que a estação de Ordebec está desativada. O que disse Merlan sobre a droga?

Os olhos de Adamsberg estavam em seu estado quase normal, aguado, “algado” no dizer de alguns, forçados a inventar uma palavra para descrever aquele aspecto derretido, indistinto, quase pastoso.

— De acordo com os primeiros resultados, já não tenho mais nada no corpo. Ele acha que era um anestésico usado por veterinários, para me pôr a nocaute por uns quinze minutos e se volatilizar em seguida. Cloridrato de quetamina em dose baixa, já que não tive alucinações. Delegado, dá para dar um jeito? Quero dizer, dá para evitar que a Brigada fique sabendo dessa debandada?

— Por mim, nenhuma objeção. Mas somos três a saber da história. Não é comigo que deve tratar do assunto, é com o Veyrenc. Afinal, ele pode se sentir

tentado à desforra. Seria compreensível.

— Seria.

— Mando ele vir aqui?

— Agora não.

— No fundo — disse Adamsberg, indo em direção à porta —, você não estava errado quando achava que ia arriscar a vida em Ordebec. Quanto a saber por que quiseram matá-lo, comandante, vai precisar refletir, juntar todos os pedacinhos. Descobrir por que assustou o assassino.

— Não — Danglard quase gritou enquanto Adamsberg abria a porta. — Eu não. O sujeito me confundiu com o senhor. A carta começava com “delegado”. É o senhor que ele queria matar. O senhor não tem cara de policial parisiense, eu tenho. Quando cheguei à casa de Glayeux, de terno cinza, ele achou que eu fosse o delegado.

— A Lina acha isso também. Não sei por quê. Vou deixá-lo, Danglard, temos que repartir os turnos de vigilância na casa de Mortembot.

— O senhor vai ver o Veyrenc?

— Se ele estiver acordado.

— Poderia dizer uma coisa para ele? De minha parte?

— É claro que não, Danglard. Cabe a você dizer.

38

As características do local de intervenção, segundo a expressão de Émeri — traduzindo, a casa de Mortembot — foram extensamente descritas aos policiais da equipe mista Ordebec-Paris, e os turnos de vigilância, repartidos. O meio-homem de que dispunha Émeri — o brigadeiro Faucheur — fora cedido em tempo integral pela gendarmaria de Saint-Venon, ciente da urgência da situação. Contavam com quatro equipes de dois homens, o que permitia estabelecer um esquema de vigilância de seis horas por vinte e quatro. Um homem atrás, do lado dos pastos, assumia os fundos e o flanco leste. Um homem na frente, responsável pela fachada da rua e o lado oeste. Não sendo a casa muito comprida, não ficava nenhum ponto sem ser vigiado. Eram 14h35 e Mortembot, o corpo gordo prostrado na cadeirinha de plástico, suava ao escutar as instruções. Trancado em casa até segunda ordem, venezianas fechadas. Ele não tinha nada contra. Se pudesse, pediria que o trancassem num caixotão de cimento. Combinaram uma senha para garantir a Mortembot que era mesmo um tira batendo na porta, para abastecer e repassar informações. A senha seria diariamente alterada. Proibição, é evidente, de abrir para o carteiro, para algum boy vindo de seus viveiros, para um amigo à cata de notícias. Os brigadeiros Blériot e Faucheur iam assumir o primeiro turno, até as vinte e uma horas. Justin e Estalère iam substituí-los até as três da manhã, Adamsberg e Veyrenc até as nove, e Danglard com Émeri fechariam o ciclo às quinze horas. Adamsberg tivera de negociar, com pretextos falaciosos, para que Danglard e Veyrenc não ficassem juntos — já que reconciliações forçadas lhe pareciam vãs e de mau gosto. O plano seria válido por três dias.

— E depois dos três dias? — perguntou Mortembot, passando e repassando a mão no cabelo molhado.

— Depois a gente vê — disse Émeri, sem delicadeza. — Não vamos ficar te protegendo semanas a fio se pegarmos o assassino.

— Mas vocês não vão pegar nunca — disse Mortembot, quase gemendo. — Ninguém pega o senhor Hellequim.

— Por que você acredita nele? Achei que você e seu primo fossem descrentes.

— O Jeannot é descrente. Já eu, sempre achei que existia uma força oculta na floresta de Alance.

— E você dizia isso para o Jeannot?

— Não, não. Ele achava que era coisa de retardado.

— Se você acredita, então sabe por que foi escolhido pelo Hellequim? Sabe por que está com medo dele?

— Não, não sei.

— Claro que não.

— Talvez por ser o companheiro de Jeannot.

— Sendo que o Jeannot matou o Tétard?

— É — disse Mortembot, esfregando os olhos.

— Você ajudou?

— Não, não, juro por Deus.

— E você não tem vergonha de dedurar seu primo nem bem ele morre?

— Hellequim exige arrependimento.

— Ah, é por isso. Para que Hellequim te poupe. Nesse caso, é do seu interesse contar o que aconteceu com a sua mãe.

— Não, não. Eu não encostei nela. Ela era a minha mãe.

— Só encostou no banquinho com uma corda. Você não vale nada, Mortembot. Levante daí, vamos trancar você em casa. E já que vai ter tempo de sobra para pensar, aproveite para ficar em dia com Hellequim, redija suas confissões.

Adamsberg passou na pousada, onde encontrou Hellebaud instalado em sua cama, na concavidade do colchão, e Veyrenc acordado, de banho tomado, de roupa limpa, sentado diante de um macarrão requentado que ele comia direto da panela.

— Vamos, os dois, pegar o turno das três às nove da manhã. Tudo bem?

— Muito bem, acho que já voltei à normalidade. Ver um trem vindo para cima da gente é algo indescritível. Por pouco não recuei, por pouco não deixei o Danglard nos trilhos para pular na plataforma.

— Você vai ganhar uma medalha — disse Adamsberg com um breve sorriso. — Medalha de honra da polícia. É toda de prata.

— Medalha nada. Ou eu teria de contar tudo e sacanear o Danglard. E acho que o velho nunca iria se recuperar. Albatroz tombado ao chão, inteligência decaída.

— Ele já está se dando mal aqui na terra, Louis. Sem saber como enfrentar a bancarrota.

— Isso é normal.

— É.

— Aceita macarrão? Não vou querer tudo — disse Veyrenc, oferecendo a panela.

Adamsberg comia o macarrão morno quando tocou seu celular. Abriu-o com uma mão só e leu a mensagem de Retancourt. Finalmente.

Segundo Red 1 ao mordomo, cabelo cortado 5ª noite, devido choque perda, 3h00 manhã. Mas segundo camareira despedida, já cortado quinta volta da festa. Mas camar. muito vingativa, testemunha suspeita. Vou embora. Cuido do carro.

Com o coração meio acelerado, Adamsberg mostrou a mensagem para Veyrenc.

— Não entendi — disse Veyrenc.

— Já te explico.

— Eu também explico — disse Veyrenc baixando os cílios muito longos. — Estão a caminho.

Veyrenc se interrompeu e desenhou o contorno da África num papel que tinha servido de lista de compras.

— *Quando soube disso?* — escreveu Adamsberg, sob as palavras *queijo, pão, isqueiro, alpiste para o pombo.*

— *Mensagem recebida há uma hora* — escreveu Veyrenc.

— *De quem?*

— *De um amigo de quem seu filho tem o número.*

— *O que houve?*

— *Toparam com um tira em Granada.*

— *Onde estão?*

— *Em Casares, a quinze quilômetros de Estapona.*

— *Onde fica isso?*

— *De frente para a África.*

— Vamos sair — disse Adamsberg, levantando. — Perdi a fome.

39

— Nada a informar — disse Justin, quando Veyrenc e Adamsberg chegaram para a troca de turno, às cinco para as três da manhã.

Adamsberg contornou a casa e foi ter com Estalère, que andava, conscienciosо, de um lado para outro, olhando alternadamente para a casa e para o pasto.

— Nada — confirmou Estalère. — Só que ele ainda não foi dormir — disse, indicando a luz que filtrava pelas venezianas.

— Ele tem mais para pensar do que para dormir.

— Deve ser isso.

— O que está comendo?

— Um torrão de açúcar. Para preservar as energias. Quer um?

— Obrigado, Estalère. Há no açúcar, atualmente, algo que me irrita.

— Alguma alergia? — preocupou-se o brigadeiro, arregalando os imensos olhos verdes.

Adamsberg tampouco tinha pregado o olho, apesar de suas tentativas para compor uma reserva de sono antes de sua noite de guarda. Zerk e Mô estavam em perigo, prestes a sumir África adentro — por que o seu Zerk se unia a esse ponto ao destino de Mô?; o assassino de Ordebec continuava a lhe escapar, como o legítimo espectro nojento que era, talvez estivessem todos certos e o senhor Hellequim dos longos cabelos ninguém podia agarrar; a família Clermont permanecia inatingível, mas havia a questão das mechas curtas. Um elemento tão frágil que se dissolvia à primeira análise. A menos que a camareira despedida estivesse certa e que Christian, Redentor 1, já tivesse chegado em casa de cabelo cortado. Saiu às oito da noite de cabelo comprido, voltou às duas da manhã de cabelo curto. Curto como o de Mô quando raspava a cabeça depois de ser lambido pelo fogo. Para ninguém notar os cachos chamuscados, as falhas, para os tiras não suspeitarem. Mas era Christophe, e não Christian, quem dera carona ao pai. E os ternos de ambos estavam impecáveis, não tinham sido mandados para a lavanderia.

Adamsberg se concentrou na vigilância. A lua iluminava razoavelmente bem os pastos e a orla do bosque, embora, como assinalara Émeri, algumas nuvens se

amontoassem a oeste. Após quinze dias de calor sem chuva, ao que parece os normandos começavam a se preocupar com essa anomalia. Essa história de nuvens a oeste já estava virando ideia fixa.

Às quatro da manhã, a luz continuava acesa nos dois cômodos do térreo, na cozinha e no toalete. O fato de Mortembot estar acordado não surpreendia, mas os insones que Adamsberg conhecia costumavam apagar a maioria das luzes, com exceção das do quarto onde se entocavam. A menos que Mortembot, gelado de medo, não se atrevesse a deixar a casa no escuro. Às cinco horas, foi ter com Veyrenc.

— Você acha isso normal? — perguntou.

— Não.

— Vamos conferir?

— Vamos.

Adamsberg deu na porta as batidas combinadas. Quatro longas, duas breves, três longas. Repetiu a senha várias vezes sem obter nenhuma resposta.

— Abra — disse ele a Veyrenc — e prepare a arma. Fique aqui fora enquanto dou uma olhada no sujeito.

Adamsberg, arma em punho e engatilhada, percorreu rente às paredes os cômodos vazios. Nenhum livro aberto, nenhum televisor ligado, nada de Mortembot. Na cozinha, restos de uma comida fria que ele não tivera energia para terminar. Roupas no banheiro, as que estivera usando mais cedo na delegacia. Mortembot só podia ter escapado pela trapeira do telhado, esperando um dos tiras se virar para pular ao chão. Não tinha confiado, tinha achado melhor sumir. Adamsberg abriu a porta do toalete e o corpo gordo se estatelou, de costas, aos seus pés. O sangue inundava o piso e Mortembot, calça ainda arriada nas coxas, tinha a garganta furada por um longo e grosso projétil de aço. Uma seta de balestra, se Adamsberg não estava enganado. Estava morto havia no mínimo três horas. A vidraça da lucarna estava estilhaçada no chão.

O delegado chamou Veyrenc.

— Atingido na garganta enquanto mijava. Veja a altura — disse Adamsberg, posicionando-se diante do vaso sanitário, afastado da janelinha. — O projétil atingiu diretamente o pescoço.

— Porra, Jean-Baptiste, há uma barra de ferro na lucarna. De um lado ou de outro, não são mais que vinte centímetros. De onde veio essa flecha? Um arqueiro atrás da janela? Estalère teria visto, cacete!

— É uma ponta de seta de balestra, superpotente.

Veyrenc assobiou entre os dentes, de raiva ou de espanto.

— É, sem dúvida nenhuma, uma arma medieval.

— Nem tanto, Louis. Pelo que sobressai da ferida, aposto que é uma ponta de seta de caça. Bem contemporânea. Leve, forte e precisa, com um munhão em forma de lâmina de barbear que causa hemorragia. Morte na certa.

— Isso se der para fazer pontaria — disse Veyrenc, contornando o corpo e encostando o rosto entre a grade e o marco da lucarna. — Veja só o espaço. Mal passa o meu braço. Mesmo com sorte, o atirador tinha de estar a menos de cinco metros para conseguir acertar sem bater na grade. Estalère teria visto. A luz da rua chega até aqui.

— Com sorte não, Louis. Com uma balestra de roldana, uma Compound, por exemplo. A quarenta metros, com boa pontaria e uma lente noturna, o cara não tinha como errar. Cinquenta metros, até, se for bom atirador. E se tem uma arma dessas, ele deve ser bom. Seja como for, o assassino estava postado rente à orla do bosque. Um tiro silencioso, teve tempo de sobra para se mandar antes de os tiras perceberem o estrago.

— Você entende de balestra?

— Eu fui, sem ter desejado, atirador de elite durante o serviço militar. Me fizeram atirar com tudo que é engenhoca que se possa imaginar.

— É curioso — disse Veyrenc, virando-se. — Ele se trocou.

Adamsberg estava teclando o número de Émeri.

— Trocou o quê? — perguntou.

— Trocou de roupa. Mortembot trocou de roupa. Camisa polo e calça cinza combinando. Para quê, se estava sozinho, enclausurado em casa?

— Para tirar a inhaca da prisão, ora. Acho normal. Émeri, estou te acordando? Corra. O Mortembot está morto.

— Não dava para esperar amanhã?

— O quê?

— Para trocar de roupa.

— Que droga, Louis, não interessa. Ele foi mijar, era o que o assassino estava esperando. Mortembot apareceu de frente, parado e em plena luz na frente da lucarna. Um alvo perfeito. Desabou em silêncio, o senhor Hellequim deu um jeito nele, e à moda antiga ainda por cima.

— Moda antiga repaginada à la milico, foi você quem falou.

— Para dar um tiro desses, só pode ser isso. Mas não deixa de ser um equipamento de mais de três quilos e quase um metro de comprimento. Mesmo sendo dobrável, não dá para esconder no casaco. O cara tinha de saber como se livrar dela depois.

— Quem tem um treco assim hoje em dia?

— Muitos caçadores têm. É uma arma típica de clandestinos que investem pesado, em prol da discrição. E ainda é definida como “arma de lazer”, classe 6, porte liberado, tida como jogo ou esporte. Jogo uma ova.

— Por que não pensou nisso antes?

Adamsberg fitou demoradamente a lucarna, o vidro quebrado, a barra de ferro.

— Pensei que, com o obstáculo do vidro, qualquer tiro, fosse de bala ou flecha, ia necessariamente desviar. O resultado era incerto demais para um assassino ousar atirar por aí. Mas repare bem nesse vidro, Louis. Isso a gente não conferiu.

Émeri estava entrando na casa, com apenas dois botões do paletó abotoados.

— Sinto muito, Émeri — disse Adamsberg. — Uma seta de balestra pela lucarna do toalete. O cara estava mijando.

— Pela lucarna? Mas tem na frente uma barra de ferro!

— A seta entrou, Émeri. E foi direto para a garganta dele.

— De balestra? Isso mal serve para ferir um cervo a dez metros de distância.

— Mas não essa, Émeri. Você alertou Lisieux?

— Estão a caminho. A responsabilidade é sua, Adamsberg. Você é o encarregado da investigação. E eram seus homens que estavam de guarda.

— Eles não tinham como enxergar a uma distância de quarenta metros no mato. E você podia ter previsto o acesso por essa janela. Você cuidou do levantamento dos riscos do local.

— E eu tinha como prever um tiro de balestra por um buraco de camundongo?

— Um buraco de rato, eu diria.

— Esse buraco de rato tinha um vidro grosso capaz de desviar qualquer tipo de projétil. O atirador não podia optar por essa via.

— Veja o vidro, Émeri. Não ficou nenhum pedaço grudado na madeira. Foi cuidadosamente pré-cortado, de modo que bastou uma simples pressão com o dedo para derrubá-lo.

— De modo que ele não desviou o tiro.

— Não. E ninguém notou o risco do diamante na esquadria.

— Isso não explica o fato de o cara ter optado por uma balestra.

— Por ser silenciosa. Some-se a isso que o atirador conhecia a casa da mãe de Mortembot. Há carpete por tudo, até no toalete. O vidro caiu sem fazer barulho algum.

Émeri ajeitou a gola da camisa, resmungando de contrariedade.

— Os homens da região em geral têm espingardas — disse ele. — Se não quisesse chamar a atenção, o assassino podia usar um silenciador e uma bala

subsônica.

— Ainda assim, o estampido é forte. Mais ou menos igual a uma calibre 22 de ar comprimido, e mais que o de uma balestra, portanto.

— Mas sempre dá para ouvir o barulho da corda.

— Mas não é um som esperado. A essa distância, dá para confundir a vibração com um forte bater de asas. Além disso, é uma arma adequada ao Hellequim, não é?

— É — disse Émeri com amargura.

— Pense nisso, Émeri. Não é só uma escolha tecnicamente perfeita, é também artística. Histórica e poética.

— Ele não atirou no Herbier poeticamente.

— Digamos que ele está evoluindo. Se refinando.

— Você acha que o assassino julga ser Hellequim?

— Não faço ideia. Só sei que é um excelente balestrista. Dá pelo menos para começar por aí. Investigar os clubes de tiro, esmiuçar o nome dos membros.

— Por que ele trocou de roupa? — perguntou Émeri, contemplando o corpo de Mortembot.

— Para tirar a inhaca da prisão — disse Veyrenc.

— A minha carceragem é muito limpa. E os cobertores também. O que acha, Adamsberg?

— Só me pergunto por que incomoda a você e ao Veyrenc o fato de ele ter trocado de roupa. Se bem que tudo é importante — disse ele, apontando, cansado, para a lucarna. — Até um buraco de rato. Principalmente um buraco de rato.

40

Adamsberg participou da busca pelo mato até as sete da manhã, junto com os outros cinco homens que foram tirados da cama. Danglard parecia estar exausto. Também ele, pensou Adamsberg, não tinha conseguido dormir, buscando em vão um lugar calmo para depositar seus pensamentos, como quem tenta se abrigar do vento. Mas não havia, naquela altura, nenhum abrigo para Danglard. Sua mente brilhante, insuspeitável de baixeza ou estupidez, jazia em pedaços a seus pés.

Aos primeiros clarões do dia, identificaram rapidamente o local em que o assassino ficara de tocaia. Faucheur foi quem chamou os demais. De um modo insólito, ficou claro que o assassino, protegido por um carvalho de sete troncos, sentara num banquinho desdobrável, cujos pés metálicos tinham afundado no tapete de folhas.

— Nunca vi nada igual — disse Émeri, quase escandalizado. — Um assassino preocupado com o próprio conforto. Um sujeito que se prepara para matar um homem e não quer cansar as pernas.

— Talvez seja um velho — disse Veyrenc. — Ou tenha dificuldade para ficar em pé muito tempo. Até Mortembot aparecer no toalete, a espera podia levar horas.

— Nem tão velho assim — disse Adamsberg. — Para armar a corda de uma balestra e aguentar o impacto do rebote, tem que ser razoavelmente forte. Sentado, ele ganhava em precisão. E fazia menos barulho que se ficasse espezinhando o chão. A que distância estamos do alvo?

— Uns quarenta e dois, quarenta e três metros, eu diria — disse Estalère que, como sempre afirmava Adamsberg, tinha ótimos olhos.

— Em Rouen — disse Danglard, bem baixinho, como se seu brilho perdido o impedisse de empostar a voz normalmente — eles conservam na catedral o coração de Ricardo Coração de Leão, morto em combate por um tiro de balestra.

— Ah, é? — disse Émeri, sempre revigorado por gloriosas questões de campos de batalha.

— É. Ele foi ferido no cerco de Châlus-Chabrol em março de 1199, e morreu onze dias depois devido à gangrena. No caso dele, pelo menos, sabe-se quem foi o assassino.

— Quem foi?

— Pierre Basile, um pequeno fidalgo da região do Limousin.

— E o que a gente tem com isso, droga? — disse Adamsberg, irritado ao ver que Danglard, em sua derrocada, persistia em ostentar erudição.

— É só por ser uma das mais famosas vítimas de balestra — disse Danglard em voz surda.

— E, depois de Ricardo, o lamentável Michel Mortembot — disse Émeri. — Decadência absoluta — concluiu, balançando a cabeça.

Os homens continuaram a vasculhar a floresta, buscando sem expectativa o rastro do assassino. O tapete de folhas, ressecado pelo verão, não guardava as pegadas. Foi Émeri quem apitou, quarenta e cinco minutos depois, agrupando-os a poucos metros da orla oposta do bosque. Abotoara todo o paletó e, novamente muito ereto, os aguardava junto a um retângulo de terra recém-revolvida, mal coberta por folhas esparsas.

— A balestra — disse Veyrenc.

— Acho que sim — disse Émeri.

O buraco não era muito fundo, uns trinta centímetros, e os brigadeiros não tardaram a encontrar um saco plástico.

— É isso — disse Blériot. — O cara não quis destruir a arma e a enterrou aqui para se livrar dela no imediato. Deve ter cavado o buraco antes.

— Assim como recortou o vidro antes.

— Como ele adivinhou que o Mortembot iria ficar enclausurado aqui?

— Não era difícil adivinhar que, depois da morte de Glayeux, Mortembot voltaria para a casa da mãe — disse Émeri. — Muito mal enterrada — acrescentou, indicando o buraco. — Como o machado, que foi muito mal escondido.

— Pode ser que ele seja meio obtuso — disse Veyrenc. — Muito eficiente de imediato, mas incapaz de pensar no longo prazo. Uma organização mental com lacunas, falhas.

— Ou então a arma, assim como o machado, pertence a alguém — disse Adamsberg, com a cabeça começando a girar de cansaço. — A um dos Vendermot, por exemplo. E o assassino queria que ela fosse encontrada.

— Você sabe da minha opinião sobre eles — disse Émeri. — Mas não creio que o Hippo possua uma balestra.

— E o Martin? Sempre enfiado no mato colhendo coisas.

— Não imagino o Martin apanhando os bichinhos dele com uma arma de milico. Mas quem certamente tinha uma era o Herbier.

— Há dois anos — confirmou Faucheur — foi encontrada uma javalina com uma seta no flanco.

— O assassino pode tranquilamente ter pegado a arma depois da morte dele, antes de a casa ser lacrada.

— Se bem que sempre se dá um jeito de tirar e repor os lacres — disse Adamsberg suavemente.

— Mas, para isso, só um profissional.

— É verdade.

A equipe de Émeri recolheu o material a ser encaminhado para Lisieux, cercou a área do buraco e do banquinho, deixando Blériot e Faucheur de guarda até a chegada da equipe técnica.

Chegaram à casa de Mortembot junto com o dr. Merlan, que havia sido chamado para fazer as primeiras constatações. A médica-legista estava retida em Livarot, onde um telheiro despencara de cima de um telhado. Nada de criminoso nisso, aparentemente, mas os policiais tinham achado melhor chamá-la devido a um comentário da esposa: tinha declarado, dando de ombros, que o marido estava “inchado de sidra feito pança de vaca”.

Merlan observou o corpo de Mortembot e balançou a cabeça.

— Não se pode mais nem mijar em paz — disse simplesmente.

Oração fúnebre um tanto tosca, pensou Adamsberg, mas não de todo inadequada. Merlan confirmou que o tiro devia ter ocorrido entre uma e duas da manhã, com certeza antes das três. Extraiu a seta sem mover o corpo, de modo a deixar as coisas em ordem para a colega.

— Que troço bárbaro — disse, agitando a seta diante de Adamsberg. — A minha colega vai verificar mas, dado o impacto, a seta atravessou a laringe até o esôfago. Acredito que ele tenha morrido sufocado antes de a hemorragia fazer sua parte. Vamos vesti-lo?

— Não pode, doutor. Primeiro tem que vir a equipe técnica.

— Puxa vida — disse Merlan, fazendo uma careta.

— É, doutor, eu sei.

— Quanto ao senhor — disse Merlan, fitando Adamsberg —, seria bom ir dormir logo. E ele também — acrescentou, apontando Danglard com o polegar. — Tem gente aqui que não descansa o suficiente. Vão desabar feito pino de boliche sem nem precisar jogar a bola.

— Pode ir — disse Émeri dando um tapinha no ombro de Adamsberg. — Eu espero o pessoal. Com o Blériot, nós dois já dormimos.

Hellebaud tinha deixado vestígios de seu passeio matinal pelo quarto, com alpiste espalhado mais ou menos por tudo. Mas voltara a ocupar o sapato esquerdo e arrulhou ao avistar Adamsberg. A história do sapato, por antinatural que fosse, tinha ao menos uma grande vantagem. O pombo não deixava mais as cacas dispersas por todo o quarto, só no sapato. Quando acordasse, ia raspar a parte interna. Com quê?, perguntou-se, enquanto se ajeitava na concavidade do colchão. Com uma faca? Uma colherinha? Uma calçadeira?

A violência da ponta de caça, do munhão cortante perfurando o sujeito em plena urinada, o deixara nauseado. Bem mais que o miolo de pão enfiado na goela da velha senhora, Lucette Tuilot, um método que, por seu aspecto inédito e rudimentar, tinha um quê de comovente. E Danglard o deixara irritado com seu comentário sobre Ricardo Coração de Leão, que não tinha a menor serventia. A mesma coisa Veyrenc, querendo saber por que Mortembot tinha trocado de roupa. Irritação ligeira e injusta, que só demonstrava o grau do seu cansaço. Mortembot tinha tirado a jaqueta azul — que, por mais que dissessem o contrário, devia estar com cheiro de cadeia, quando mais não fosse de antisséptico —, e vestira um conjunto cinza claro, a calça com detalhes cinza escuro. E daí? E se Mortembot sentira necessidade de conforto? De elegância? Émeri também o deixara irritado, com seu jeito de declarar uma vez mais que o responsabilizava pela tragédia. Um soldado covarde, o Émeri. Esse terceiro homicídio ia terminar de inflamar Ordebec, e em seguida, toda a região. Os jornais locais já estavam repletos da fúria assassina de Hellequim, algumas cartas de leitores já apontavam o dedo para os Vendermot, ainda sem dar nome aos bois, e ele na véspera tivera a impressão de que as ruas, ao entardecer, tinham ficado desertas mais cedo que de costume. E agora que o assassino estava matando de longe, com uma balestra, ninguém mais se sentia a salvo em seu ninho de rato. Muito menos ele, que alguém já tinha tentado cortar em três fatias debaixo de um trem. Se o assassino imaginasse quão ignorante e desmuniciado ele se achava, nem se daria ao trabalho de chamar um trem para derrubá-lo. O peito de Lina talvez estivesse obstruindo sua visão da culpa da família Vendermot.

41

Adamsberg abriu os olhos três horas mais tarde, atento à algazarra de uma mosca que cruzava, enlouquecida, o quarto de um lado para outro, aparentemente sem reparar, como Hellebaud, que a janela estava aberta de par em par. Nesse primeiro instante, ao despertar, não pensou em Mô e Zerk à beira do perigo, nem nos mortos do senhor Hellequim, nem na velha Léo. Perguntou-se apenas por que julgara que a jaqueta usada por Mortembot na cadeia fosse azul, quando na verdade era marrom.

Abriu a porta, espalhou um pouco de alpiste na soleira para estimular Hellebaud a se aventurar a um mero metro de distância do sapato, e foi para a cozinha fazer um café. Deparou com Danglard, calado, o rosto inclinado para um jornal que ele não lia, e Adamsberg sentiu certa compaixão pelo velho amigo incapaz de sair da fossa.

— Diz aqui no *Reportage d'Ordebec* que os policiais de Paris, resumindo, não dão uma dentro.

— Não deixa de ser verdade — disse Adamsberg, vertendo água sobre o pó de café.

— Eles lembram que, já em 1777, o Senhor Hellequim esmagou as forças da ordem debaixo da bota sem a menor dificuldade.

— O que também não é mentira.

— Mas tem uma coisa. Nada a ver com a investigação, mas fico pensando nisso.

— Se for sobre o coração do Ricardo, Danglard, pode deixar para lá.

Adamsberg saiu para o pátio deixando a água fervendo no fogão. Danglard balançou a cabeça, ergueu o corpo, que lhe pareceu dez vezes mais pesado que de costume, e terminou de passar o café. Foi até a janela e viu Adamsberg dando voltas sob as macieiras, mãos enfiadas nos bolsos das calças disformes, o olhar — assim lhe parecia — vago e ausente. Enquanto se preocupava com o café — seria melhor levá-lo lá fora? Ou tomar sozinho sem avisar? —, Danglard espiava o pátio com o rabo do olho. Adamsberg desapareceu de seu campo de visão, ressurgiu em seguida vindo da adega e retornou à casa com passos rápidos. Sentou-se pesadamente no banco, sem a habitual agilidade, pôs as mãos abertas

sobre a mesa e o encarou com firmeza sem nada dizer. Danglard, que no momento não se sentia no direito de questionar ou criticar, pôs duas xícaras na mesa e serviu o café como uma boa esposa, na falta de algo melhor a fazer.

— Danglard — disse Adamsberg —, qual a cor da jaqueta que Mortembot estava usando na gendarmaria?

— Marrom.

— Exato. E eu enxerguei azul. Ou melhor, ao pensar no assunto mais tarde, eu disse "azul".

— Sim — fez cautelosamente Danglard, que se alarmava mais com as fases de obsessão de Adamsberg do que quando a luz se acendia em seus olhos algosos.

— Por quê, Danglard?

O comandante levou a xícara à boca, calado. Estava tentado a adicionar um pingo de *calvados,* como fazia o pessoal da região para "animar o corpo", mas pressentia que seu gesto, às três horas da tarde, era capaz de despertar a ira mal aplacada de Adamsberg. Principalmente com o *Reportage d'Ordebec* escrevendo que eles não davam uma dentro, e também — isso ele omitira ao delegado — que não estavam fazendo porcaria nenhuma. Ou, pelo contrário, Adamsberg estava tão alheio que nem iria perceber. Estava prestes a levantar e coletar o pingo quando Adamsberg tirou do bolso um pacote de fotos e as espalhou à sua frente.

— Os irmãos Clermont-Brasseur — disse ele.

— Certo — disse Danglard. — São as fotos que o conde lhe passou.

— Exatamente. Fotos da tal festa. Este é Christian, de terno azul com riscas finas, e este é Christophe, com um blazer de dono de iate.

— Brega — considerou Danglard em voz baixa.

Adamsberg pegou seu celular, fez passar umas imagens e mostrou para Danglard.

— Esta é a foto enviada por Retancourt, do terno que Christian estava usando quando voltou para casa à noite. Terno este que não foi mandado para a lavanderia, como tampouco o do irmão. Ela conferiu.

— Então só nos resta acreditar — disse Danglard examinando a foto.

— O terno azul de risca do Christian. Está vendo? Não é marrom.

— Não é.

— E por que eu achei que a jaqueta do Mortembot fosse azul?

— Porque se enganou.

— Porque ele *trocou de roupa,* Danglard. Está vendo a relação?

— Francamente, não.

— Porque, no fundo, eu sabia que o Christian tinha *trocado de roupa*. Assim como Mortembot.

— E por que o Mortembot trocou de roupa?

— O Mortembot não interessa — irritou-se Adamsberg. — Você parece que insiste em não entender.

— Não esqueça que, afinal, um trem passou em cima de mim.

— Verdade — admitiu sumariamente Adamsberg. — Christian Clermont trocou de roupa, e faz dias que isso está debaixo do meu nariz. A tal ponto que quando pensei na jaqueta do Mortembot, pensei em azul. Azul como o do Christian. Compare, Danglard: o terno usado por Christian na festa, e este, fotografado por Retancourt, ou seja, o que ele estava usando ao chegar em casa naquela noite.

Adamsberg pôs diante de Danglard a foto repassada pelo conde e, em paralelo, a do celular. Nisso, pareceu reparar que havia um café na sua frente e tomou metade da xícara.

— E então, Danglard?

— Só notei porque o senhor falou. Os dois ternos de Christian são quase idênticos, têm de fato um mesmo tom de azul, mas são diferentes.

— É isso, Danglard.

— O segundo terno tem riscas menos finas, lapela mais larga, cava mais estreita.

— É isso — repetiu Adamsberg, sorrindo, e então levantou e deu uns passos largos entre a lareira e a porta. — É isso. Entre a hora em que saiu da festa, por volta de meia-noite, e quando chegou em casa, por volta das duas, Christian trocou de roupa. Muito bem-feito, mal perceptível, mas aí está. O terno que ele mandou para a lavanderia no dia seguinte realmente não era o que ele estava usando ao chegar em casa. A Retancourt não se enganou. Era o que ele estava usando na festa. Por quê, Danglard?

— Porque estava fedendo a gasolina — disse o comandante, recobrando um frágil sorriso.

— Fedendo a gasolina porque Christian tacou fogo na Mercedes, com o pai trancado lá dentro. Tem mais uma coisa — acrescentou batendo a mão na mesa —, ele cortou o cabelo antes de ir para casa. Pegue as fotos: na festa, o cabelo mais comprido, uma mecha caindo na testa. Está vendo? Mas, segundo a camareira que ele despediu, quando ele chega em casa o cabelo está mais curto. Porque, como aconteceu várias vezes com o Mô, o bafo ardente do incêndio chamuscou parte do cabelo, e dava para ver as falhas. Ele então cortou, aparou, e vestiu outro terno. E o que diz o criado dele no dia seguinte? Que ele raspou a

cabeça durante a noite, supostamente num reflexo de luto, num ato de desespero. Christian-mecha-curta.

— Não há nenhuma prova direta — disse Danglard. — A foto de Retancourt não foi tirada naquela noite, e nada prova que ela — ou a camareira que deu a informação — não tenha confundido os ternos. São muito parecidos.

— Talvez encontrem uns cabelos no carro.

— Tanto tempo depois eles já devem ter limpado tudo.

— Não necessariamente, Danglard. É dificílimo tirar todo o cabelinho cortado, principalmente no encosto de cabeça, se dermos a sorte de o revestimento interno do carro ser de tecido. Supõe-se que Christian tenha matado o serviço, mesmo porque não achava que pudesse haver algum risco. Nem que teria de enfrentar um interrogatório. A Retancourt vai examinar o carro.

— E vai conseguir autorização para ter acesso ao veículo?

— Não, não vai. Terceira prova, Danglard. O cachorro, o açúcar.

— A história da dona Léo.

— Estou falando do outro cachorro, do outro açúcar. Estamos atravessando um período infestado de açúcar, comandante. Certos anos, temos revoadas de joaninhas despencando no chão, outros anos temos açúcar.

Adamsberg procurou as mensagens de Retancourt sobre a camareira despedida de chofre e mostrou para o comandante.

— Não entendi — disse Danglard.

— É que passou um trem em cima de você. Anteontem, na estrada, o Blériot me pediu para dar um torrão de açúcar para o Folg. Explicou que tinha mexido no motor do carro e que o Folg rejeitava o açúcar quando estava com as mãos cheirando a gasolina.

— Muito bem — disse Danglard, mais animado, levantando-se para pegar o *calvados* na parte de baixo do armário.

— O que está fazendo, Danglard?

— Estou pegando só um pinguinho. Para alegrar o meu café e, consequentemente, minha fossa.

— Mas que merda, comandante, esse é o *calvados* da Léo, que ela ganha de presente do conde. Com que cara vamos ficar quando ela voltar para casa? Cara de exército de ocupação?

— Tudo bem — disse Danglard, servindo depressa o pingo enquanto Adamsberg, andando em direção à lareira, lhe dava momentaneamente as costas.

— Por isso é que a camareira foi despedida. O Christian tinha se limpado, trocado de roupa, mas as mãos dele ainda estavam com cheiro de gasolina. É um cheiro que fica horas grudado na pele. Um cheiro que é infalivelmente captado por um cão. Foi o que o Christian compreendeu quando o animal rejeitou o

açúcar. Açúcar que a camareira juntou do chão. E criticou. Ele teve então de se livrar do torrão de açúcar poluído. E da camareira, que despediu no ato.

— Ela vai ter que testemunhar.

— Sobre isso e sobre o cabelo cortado. Ela não foi a única que viu o Christian naquela noite. Os dois tiras que foram dar a notícia também viram. Depois disso, ele se trancou no quarto. Precisamos saber mais sobre esta frase de Retancourt: *Camareira critica açúcar.* Critica o quê? Mande a Retancourt verificar. Ainda hoje, no fim da tarde.

— Onde, no fim da tarde?

— Em Paris, Danglard. Você volta para lá, informa a Retancourt e viaja de novo, discreto como uma sombra.

— Para Ordebec?

— Não.

Danglard engoliu seu café-*calvados* e ponderou alguns instantes. Adamsberg mexeu nos dois celulares, tirando as baterias.

— Quer que eu vá buscar os garotos, é isso?

— É. Eles não vão ser difíceis de encontrar em Casares. Na África já seriam outros quinhentos. Se os tiras localizaram os dois em Granada, a essa altura podem perfeitamente já estar fuçando nas vilas do litoral. Precisamos chegar antes deles, Danglard. Você corre para lá e traz os garotos de volta.

— Parece ser meio cedo para isso.

— Não, acho que nossa acusação se sustenta. Temos que organizar essa volta com cuidado. O Zerk tem que parecer que está voltando da Itália, onde foi chamado por um caso amoroso, e o Mô é apanhado na casa de um amigo. O pai do amigo dá para trás e o denuncia para a polícia. É plausível.

— Como entro em contato com o senhor?

— Ligue para o Javali Azul, falando em código. Fica combinado que a partir de amanhã vou jantar lá toda noite, ou eu ou o Veyrenc.

— Javali Veloz — corrigiu Danglard automaticamente, deixando cair de repente os braços compridos e molengas. — Mas era o outro, cacete, era o Christophe que estava dirigindo a Mercedes. O Christian já tinha ido embora da festa.

— Eles agiram juntos. O Christian pegou seu próprio carro bem mais cedo, estacionou próximo à Mercedes e ficou esperando o irmão sair. Estava pronto, calçando tênis novos. Que ele amarrou, porém, como um velho ignorante. Quando Christophe se afastou da Mercedes, deixando o pai deles trancado lá dentro com a desculpa de procurar o celular que ele de fato tinha deixado cair na calçada, Christian derramou a gasolina, ateou fogo e voltou correndo para o próprio carro. De modo que, quando o fogo começou, o Christophe estava longe,

chamou a polícia e até correu perante testemunhas. O Christian concluiu a operação: deixou o tênis na casa do Mô — a porta não presta, se abre até com um lápis —, trocou de roupa, guardou o terno no porta-malas. Então notou que estava com parte do cabelo chamuscado. Raspou a cabeça. No dia seguinte, pegou o terno e mandou lavar. Só faltava detonar o Mô.

— E por que o Christian tinha um barbeador à mão?

— Esses caras estão sempre com uma mala pronta no carro. Para estarem prontos para pular num avião a qualquer momento. Ou seja, tinha um barbeador à mão.

— O juiz não vai nem querer ouvir — disse Danglard, balançando a cabeça. — É um esquema fechado este, com muros intransponíveis.

— Vamos então entrar no esquema. Não creio que o conde de Valleray aprecie o fato de os dois irmãos terem queimado seu velho amigo Antoine. Ou seja, ele vai dar um empurrãozinho.

— Eu viajo a que horas?

— Acho que agora mesmo, Danglard.

— Não me agrada deixá-lo sozinho em confronto com o senhor Hellequim.

— Acho que não foi bem o Hellequim que atacou com um trem rápido Caen-Paris. Nem com uma balestra à la milico.

— Falta de bom gosto.

— Pois é.

42

Danglard estava terminando de pôr a bagagem no porta-malas de um dos carros quando avistou Veyrenc no pátio. Ainda não tinha achado coragem, nem palavras, nem humildade decerto, para falar com o tenente. A morte de Mortembot permitira adiar a difícil tarefa. A mera ideia de estender a mão para ele e dizer “obrigado” lhe soava extremamente ridícula.

— Estou indo atrás dos garotos — disse ele de forma meio deplorável ao se acercar do tenente.

— É arriscado — disse Veyrenc.

— Adamsberg achou um jeito. Um buraco de rato para entrar na casa dos Clermont. Talvez tenhamos o suficiente para fundamentar uma acusação contra os irmãos.

O olhar de Veyrenc se iluminou, o lábio se arqueou em seu perigoso sorriso feminino. Danglard lembrou que ele gostava do sobrinho Armel, codinome Zerk, como se fosse seu filho.

— Chegando lá — disse Veyrenc —, verifique uma coisa. Se o Armel não roubou, ao passar, a pistola do avô.

— Diz Adamsberg que ele não sabe atirar.

— O Adamsberg não conhece esse garoto. Ele sabe atirar muito bem.

— Caramba, Veyrenc — disse Danglard, esquecendo-se por um instante do peso que atravancava o diálogo. — Eu tinha uma coisa para dizer para o Adamsberg, nada a ver com a investigação, mas mesmo assim. Você pode dar o recado?

— Fale.

— No hospital, eu juntei o xale que caiu dos ombros da Lina. Por mais calor que esteja fazendo, ela está sempre enrolada nesse pedaço de pano. Em seguida, ajudei o médico a carregar o conde quando este passou mal. Tiraram a camisa dele e ele se debateu o quanto pôde. Bem aqui — disse Danglard pondo o dedo médio no alto da escápula esquerda — ele tem na pele uma pinta roxa bem feia, lembra uma barata-da-praia de dois centímetros de comprimento. Pois bem, a Lina tem uma pinta igualzinha.

Os dois homens trocaram um olhar quase direto.

— Lina Vendermot é filha do Valleray — disse Danglard. — Tão certo como eu ter caído naquela fossa de estrume. E como ela e o irmão Hippo se parecem como dois pingos d'água, que os dois são loiros acinzentados como uma plantação de linho, formam um par. Já os dois morenos, Martin e Antonin, são certamente filhos do Vendermot pai.

— Cacete. E eles sabem disso?

— O conde, sem dúvida. Por isso brigou para não tirarem a camisa dele. Quanto aos filhos, não sei. Não parece.

— Então por que Lina esconde a pinta?

— Ela é mulher. E essa barata-da-praia é mesmo feiosa.

— Me pergunto no que isso altera as manobras de Hellequim.

— Estou sem tempo para pensar nisso, Veyrenc. Deixo a encrenca com você — disse, apertando-lhe a mão. — Obrigado — acrescentou.

Pronto, estava feito. Estava dito.

Como a mais comum das personagens. Como o mais comum dos homens na medíocre solução de um drama, refletiu, enxugando as mãos antes de sentar-se ao volante. Apertar a mão, dizer obrigado, era fácil decerto, batido, eventualmente corajoso, mas estava feito, e era merecido. Mais tarde diria algo mais, se conseguisse. Ao pegar a estrada, aprumou-se com uma súbita lufada de alegria raivosa à ideia de que Adamsberg pusera as mãos nos assassinos do velho Clermont. Graças à jaqueta de Mortembot, ou fosse qual fosse o método — não estava certo de que acompanhara o raciocínio. Mas o dispositivo estava armado e isso era, naquele momento, um imenso consolo para as torpezas do mundo e, moderadamente, para as suas próprias torpezas.

Às nove da noite, Danglard se encontrou com Retancourt na varanda de um pequeno restaurante que ficava no térreo do prédio dela, em Seine-Saint-Denis. Sempre que revia Violette, mesmo depois de apenas três dias, achava-a mais alta e mais gorda do que ela era em sua lembrança, e ficava impressionado. Ela estava sentada numa cadeira de plástico, cujos pés se abriam sob seu peso.

— Três coisas — recapitulou Retancourt, depois de gastar pouco tempo perguntando sobre o ânimo dos colegas atolados na lama de Ordebec, a vibração sensível não sendo sua melhor praia. — O carro de Christian, Redentor 1. Andei me informando, está estacionado na garagem privativa, junto com o do irmão e os das esposas. Para examiná-lo, vou ter que tirá-lo de lá. Ou seja, desligar o alarme e fazer ligação direta. O Noël pode fazer isso num piscar de olhos. Mas depois não me arrisco a levar de volta, eles que se virem para achar o carro, problema deles.

— Não vai dar para usar o material coletado se não seguirmos o procedimento legal.

— Mas nunca vamos conseguir uma autorização oficial. Então temos que agir de outro jeito. Coleta ilícita de indícios, montagem do processo e depois o ataque.

— Que seja — disse Danglard, que raramente questionava as manobras algo brutais da tenente.

— Segundo ponto — disse ela, pondo o dedo vigoroso na mesa —, o terno. Esse que foi discretamente parar na lavanderia. Vapor de gasolina e cabelos, principalmente os bem pequeninhos, são elementos difíceis de erradicar. Com alguma sorte, ficaram vestígios no tecido. Vamos obviamente ter que roubar o terno.

— É um problema.

— Nem tanto. Conheço a rotina da casa, sei a que horas Vincent, o mordomo, cuida de atender a porta. Chego com uma sacola, falo que esqueci uma jaqueta no andar de cima, ou qualquer coisa assim, e aí eu vejo.

Improvisação, caradura e autoconfiança, métodos que Danglard jamais utilizava.

— Que desculpa você deu para se demitir?

— Disse que meu marido estava atrás de mim, que tinha me encontrado, e que eu tinha que fugir por motivo de segurança. Vincent expressou sua compaixão, só pareceu surpreso por eu ser casada, e ainda mais por ter um marido me perseguindo com tanta obstinação. Acho que o Christian nem notou que eu fui embora. Terceiro ponto, o açúcar. Ou seja, Leila, a camareira. Ela está indignada, com certeza vai dizer caso se lembre de alguma coisa sobre o açúcar ou sobre o cabelo cortado. Como é que o Adamsberg atinou na troca dos ternos?

— Não saberia dizer exatamente, Violette. O raciocínio dele se sustentava nos fios de uma teia de aranha, incompletos, e nem todos indo na mesma direção.

— Sei como é — disse Retancourt, que já se opusera muitas vezes ao nebuloso sistema mental do delegado.

— À prisão dos Clermont-Brasseur — brindou Danglard, enchendo a taça de Retancourt com o único objetivo de poder servir outra para si. — Vai ser bonito de se ver, ético, satisfatório e saudável, mas breve. O império vai para as mãos dos sobrinhos, e aí começa tudo outra vez. Você não deve me dar notícias pelo celular. Faça seu relatório para Adamsberg à noite, no Javali Veloz. É um restaurante de Ordebec. Se ele mandar ligar para o Javali Azul, não se preocupe, o lugar é esse mesmo, ele só não consegue gravar o nome. Não sei por que ele faz tanta questão de que o javali seja azul. Vou anotar o número para você.

— Está de partida, comandante?

— Sim, parto esta noite.

— E vai ficar fora do ar? Ou seja, não vamos poder te localizar?

— Isso.

Retancourt meneou a cabeça sem demonstrar nenhuma surpresa, e Danglard temeu que ela tivesse entendido o essencial da tramoia com Mô.

— Ou seja, pretende se mandar sem ser visto?

— É.

— E como planeja fazer isso?

— Furtivamente. A pé, de táxi, ainda não sei.

— Isso não é bom — disse Retancourt, balançando a cabeça em sinal de reprovação.

— Não tenho nada melhor.

— Eu tenho. Vamos subir ao meu apartamento para tomar uma saideira. De lá, meu irmão leva você. Sabe que o Bruno é um mau sujeito? Bem conhecido de todos os tiras da área?

— Sei.

— E tão inofensivo e desajeitado que, quando param o carro dele, acenam e deixam ele ir embora. Ele não tem grandes talentos, mas sabe dirigir. Ele pode te levar esta noite para Estrasburgo, Lille, Toulouse, Lyon ou qualquer outro lugar. Que direção fica melhor para você?

— Digamos que Toulouse.

— Muito bem. De lá, você pega um trem para onde quiser.

— Parece perfeito, Violette.

— A não ser pelos seus trajes. Não servem se, aonde quer que vá, não quiser ser reconhecido como parisiense. Pegue uns dois ternos do Bruno, vai ficar meio comprido nas pernas, meio apertado na barriga, mas nada é impossível. São um tanto chamativos. Você não vai gostar. Dão um ar meio exibido, presunçoso.

— Brega?

— É, bastante.

— Vai quebrar o galho.

— Mais uma coisa. Afaste-se do Bruno assim que chegar a Toulouse. Não o envolva em suas encrencas, as dele já são suficientes.

— Não costumo fazer isso — disse Danglard, pensando no mesmo instante que por pouco não tinha causado a morte de Veyrenc.

— Como vai o pombo? — perguntou simplesmente Retancourt ao levantar.

Trinta e cinco minutos mais tarde, Danglard deixava Paris deitado no banco traseiro do carro do irmão de Retancourt, vestindo um terno de tecido barato e mangas apertadas, e munido de um celular novo. Pode dormir, disse Bruno. Danglard fechou os olhos, sentindo-se protegido, pelo menos até Toulouse, pelo braço forte e soberano da tenente Violette Retancourt.

43

— Igual a uma barata-da-praia? — repetiu Adamsberg pela segunda vez.

Só retornara da gendarmaria, e do hospital, às sete da noite. Veyrenc o aguardava na via de entrada da pousada e lhe fez um resumo do essencial da colheita. A pesquisa dos técnicos de Lisieux não dera em nada, o banquinho do assassino era do tipo comum usado por qualquer pescador, a balestra era mesmo a de Herbier e continha apenas suas digitais, Estalère e Justin tinham voltado para a Brigada e Léo recobrava parte de suas forças embora permanecesse calada.

— Uma barata-da-praia de dois centímetros. Na escápula esquerda de Valleray e de Lina.

— Algo como um inseto graúdo pintado nas costas?

— Sem querer te oprimir como faz o Danglard, barata-da-praia não é inseto, é crustáceo.

— Crustáceo? Quer dizer, que nem o camarão? Um camarão sem a água?

— É, um camarãozinho da terra. Prova disso é que ela tem catorze patas. Insetos têm seis patas. Assim você entende que as aranhas, que têm oito, também não são insetos.

— Está tirando onda com a minha cara? Está querendo dizer que as aranhas são camarões da terra?

Enquanto abria os caminhos da ciência para Adamsberg, Veyrenc se perguntava por que o delegado não reagia à notícia de que Hippolyte e Lina eram filhos naturais de Valleray.

— Não, as aranhas são aracnídeos.

— Isso muda alguma coisa — disse Adamsberg, pondo-se lentamente a andar. — Mas o quê?

— Não muda muito a visão que temos da barata-da-praia. É um crustáceo que não se come, só isso. Se bem que seria de se perguntar o que o Martin faz com elas.

— Eu estava falando no Valleray. Se um sujeito tem uma pinta dessas nas costas, e mais duas pessoas têm uma igual, são necessariamente da mesma família?

— Exato. E a descrição de Danglard foi muito precisa. Dois centímetros de tamanho, cor arroxeada, corpo oval alongado, e como que duas antenas na parte superior.

— Ou seja, um crustáceo.

— É. Levando em conta que Valleray não queria que tirassem sua camisa, deduz-se que ele decerto sabe que a pinta pode denunciá-lo. Sabe, portanto, que esses dois Vendermot são seus filhos.

— Mas eles não sabem, Louis. O Hippo me disse, e estava sendo raivosamente sincero, que a única coisa que ele lamentava nessa vida era ser filho do escroto do pai dele.

— Significa que o conde faz questão de não contar para eles. Ele cuidou deles quando crianças, confiou a educação deles à Léo, acolheu o Hippo quando viu que ele estava em perigo, mas negou-se a reconhecer os filhos. Que ele deixa vivendo no aperto com a mãe — concluiu Veyrenc secamente.

— O medo de um escândalo, a estabilidade da herança. Um tanto desprezível, no fim das contas, esse conde de Valleray.

— Você o achava simpático?

— A palavra não é essa. Achava que era franco e decidido. E generoso também.

— Mais parece ser sonso e covarde.

— Ou preso à rocha dos ancestrais, sem ousar se soltar. Feito uma anêmona. Não, por favor, não me diga o que é uma anêmona. Um molusco, suponho.

— Não, um cnidário.

— Muito bem — admitiu Adamsberg —, um cnidário. Só me confirme que Hellebaud é mesmo um pássaro e vai ficar tudo bem.

— Ele é um pássaro. Enfim, era. Desde que tem confundindo o seu sapato com o ambiente natural dele, as coisas têm mudado.

Adamsberg pegou um cigarro de Veyrenc e prosseguiu sua marcha lenta.

— Depois de se casar, ainda muito jovem, com a Léo — disse ele —, o conde cedeu à pressão dos Valleray, se divorciou e casou com uma mulher bem nascida, viúva e com um filho.

— Denis de Valleray não é filho dele?

— Isso todo mundo sabe, Louis. É filho da mãe, o conde o adotou aos três anos de idade.

— Não tem mais nenhum filho?

— Oficialmente, não. Comenta-se que o conde é estéril, sabemos agora que não é verdade. Imagine se Ordebec descobre que ele teve dois filhos com uma faxineira.

— Dona Valentine trabalhava no castelo?

— Não. Mas trabalhou cerca de quinze anos numa espécie de hotel-castelo nos arredores de Ordebec. Devia ser uma moça irresistível, se tinha os peitos da Lina. Eu já te falei sobre os peitos da Lina?

— Já. Eu vi, inclusive. Topei com ela saindo do escritório de advocacia.

— E o que você fez? — perguntou Adamsberg lançando um rápido olhar ao tenente.

— Fiz que nem você. Olhei.

— E aí?

— E aí que você tem razão. Dá meio que uma fome doida na gente.

— O conde devia se encontrar com a jovem dona Valentine no tal hotel-castelo. Resultado, dois filhos. Por parte da mãe, o conde não tinha nada a temer. Ela não ia sair espalhando por aí que o Hippo e a Lina eram filhos do conde. Porque, ao que se diz por aí do velho Vendermot, ele era capaz de matá-la, e os filhos junto, por que não?

— Ela podia ter contado depois que ele morreu.

— A história da desonra, como sempre — disse Adamsberg balançando a cabeça. — Ela tem uma reputação a zelar.

— De modo que o Valleray estava tranquilo. A não ser por essa pinta, que podia denunciá-lo. O que isso tem a ver com o senhor Hellequim?

— No fim das contas, nada. O conde tem dois filhos naturais, tudo bem. Nada que tenha a ver, de perto ou de longe, com os três assassinatos. Estou cansado de pensar, Louis. Vou sentar ali embaixo da macieira.

— É capaz de você pegar chuva.

— É, eu vi, o céu está carregado a oeste.

Adamsberg, sem saber bem por quê, resolveu passar parte da noite no caminho de Bonneval. Percorreu-o em toda a sua extensão, sem conseguir avistar uma amora sequer em meio à escuridão, e então sentou no tronco em que Folg costumava pedir açúcar. Ficou ali pensando mais de uma hora, passivo, e até receptivo a alguma visita repentina do senhor, o qual não se dignou vir ao seu encontro. Talvez porque não estivesse sentindo nada ali, na solidão da mata, nem mal-estar, nem apreensão, nem mesmo quando a ruidosa passagem de um cervo fez com que se virasse. Nem mesmo quando uma coruja suindara arfou não longe dali, produzindo aquele som singular que imita a respiração humana. Isso se a coruja fosse mesmo um pássaro, como ele supunha. Em compensação, agora tinha certeza de que Valleray era um sujeito desprezível, e essa ideia o aborrecia. Autocrata, egoísta, sem nenhum amor pelo filho adotado. Que se dobrava aos códigos de honra da família. Mas por que, então, decidir casar novamente com

Léo aos 88 anos? Por que essa provocação? Por que reatiçar um escândalo no último trecho do caminho, após uma vida inteira de submissão? Quem sabe, justamente, para sacudir uma servidão que já havia durado demais. Algumas pessoas levantam a cabeça num derradeiro momento. Acontece. Nesse caso, é claro, tudo mudava de figura.

Uma agitação mais ruidosa — um pesado tropel, resfolegares — lhe causou uma breve expectativa. Pôs-se de pé, atento, pronto para se esconder à chegada do senhor dos longos cabelos. Era apenas um bando de javalis correndo para o covil. Não, pensou Adamsberg, recomeçando a andar, Hellequim não estava interessado nele. O ancestral preferia mulheres como Lina, e nisso ele lhe dava razão.

44

— Nesse caso, tudo muda de figura — declarou Adamsberg a Veyrenc no café da manhã.

O delegado levara o café e o pão para debaixo das macieiras do pátio. Enquanto Adamsberg enchia as xícaras, Veyrenc jogava umas maçãzinhas de sidra uns quatro metros à sua frente.

— Pense bem, Louis. Minha foto foi publicada em *Le Reportage d'Ordebec* no dia seguinte à minha chegada aqui. O assassino não tinha como me confundir com o Danglard. Ou seja, foi ele mesmo que tentaram matar nos trilhos, não eu. Por quê? Porque ele tinha visto as baratas-da-praia. Não existe outra possibilidade.

— E quem sabia que ele tinha visto?

— Você tem todas as condições de saber que o Danglard disfarça muito mal. Deve ter andado por aí, falando e fazendo falar. Decerto acabou se denunciando. De modo que existe mesmo um elo entre os assassinatos e as baratas-da-praia. O assassino quer a todo custo evitar que descubram a filiação dos dois Vendermot.

— *Oculta tua descendência, os frutos de tua semente./ E eles voltarão um dia buscar sua vingança* — murmurou Veyrenc, jogando mais uma maçã.

— A menos que o conde não queira mais esconder. Faz um ano que o velho Valleray vem levantando a cabeça, amadurecendo a decisão de casar com a Léo. De refazer o que um dia desfez por fraqueza. Ele passou a vida obedecendo, sabe disso, e quer se redimir. O que permite supor que quer se redimir também com seus filhos.

— Como? — perguntou Veyrenc, jogando a sétima maçã.

— Incluindo os dois em seu testamento. Divisão por três. Tão certo como uma anêmona não é um molusco, acredito que Valleray fez um testamento em favor deles, e que o Hippolyte e a Lina serão reconhecidos após sua morte.

— Ele não tem coragem de fazer isso antes.

— Aparentemente não. O que está fazendo com essas maçãs?

— Estou mirando as tocas dos ratos do campo. Como tem tanta certeza sobre o testamento?

— Tive certeza esta noite, na floresta.

Como se, de certa forma, a floresta ditasse verdades. Veyrenc optou por ignorar a incoerência típica dessa resposta de Adamsberg.

— O que estava fazendo na floresta?

— Passei parte da noite no caminho de Bonneval. Ouvi javalis, um grito de cervo e uma coruja suindara. A qual, aliás, é mesmo uma ave, não é? Não é crustáceo, nem aranha.

— É ave. A coruja que arfa igual ao homem.

— Exatamente. Por que está mirando as tocas dos ratos do campo?

— Para jogar golfe.

— Está errando todas.

— Estou. Você quer dizer que, se o Valleray fez um testamento em favor dos três filhos, tudo muda de figura. Mas só se alguém estiver sabendo.

— Alguém está sabendo. Denis de Valleray não gosta do padrasto. Deve estar de olho há tempos. Imagino que a mãe dele já o tinha alertado, para ele não ser destituído de dois terços de sua fortuna por dois caipiras bastardos. Me espantaria que ele não estivesse sabendo do testamento do pai.

Veyrenc largou o punhado de maçãs, serviu-se uma segunda xícara de café e estendeu a mão a Adamsberg para pedir o açúcar.

— Estou farto desse açúcar todo — disse o delegado, passando-lhe um torrão.

— Essa história já acabou. O açúcar de Folg te levou ao açúcar de Christian Clermont, aqui se fecha o pote.

— Esperemos que sim — disse Adamsberg, apertando com força a tampa do pote, que não encaixava direito. — Precisamos pôr a borrachinha em volta do pote. É o que faz a Léo, temos que respeitar as manias dela. Quando ela voltar, vai ter que encontrar tudo intacto. Já basta o Danglard ter desviado o *calvados.* Enfim, dou por líquido e certo que o Denis não é um molusco e que está sabendo do testamento do pai. Faz um ano, talvez, desde que teve início a revolta do conde. Se o pai morrer, vai ser uma bancarrota financeira e social. O visconde Denis de Valleray, agente de leilão em Rouen, vira irmão de dois camponeses, irmão do destrambelhado com seis dedos, irmão da destrambelhada com visões, enteado de um conde perdido.

— A não ser que ele elimine os irmãos Vendermot. O que não é uma decisãozinha qualquer.

— Visto de certa forma, é. Para o visconde, os Vendermot decerto são insignificantes. Imagino que os despreze espontânea, instintivamente. Para ele, a morte deles pode até soar como legítima. Nada assim tão *grave,* a seu ver. Como não é grave, para você, tapar os buracos dos ratos do campo.

— Depois eu destapo tudo.

— De qualquer modo, é muitíssimo menos grave do que perder dois terços de sua herança e a totalidade de seu prestígio social. As implicações são imensas.

— Há um marimbondo no seu ombro.

— Um inseto — especificou Adamsberg, enxotando-o com um gesto.

— Certo. E se Denis está a par do testamento — se é que o testamento existe mesmo —, ele não só despreza, como odeia os Vendermot.

— De um ano para cá, ou mais. Não se sabe quando foi feito o testamento.

— Mas quem morreu não foi o Hippo nem a Lina.

— Eu sei — disse Adamsberg, pondo o pote de açúcar atrás de si, como se sua presença o incomodasse. — Não se trata de um assassino impulsivo. Ele pesa, pondera. É perigoso se livrar do Hippo e da Lina. Suponha que alguém saiba da ascendência deles. Se Danglard foi capaz de descobrir em dois dias, imagina-se que mais alguém saiba. Denis então hesita. Pois se morrerem os dois Vendermot, automaticamente irão suspeitar dele.

— A Léo, por exemplo. Ela cuidou dessas crianças e faz setenta anos que frequenta o visconde.

— Foi o Denis quem rachou a cabeça dela. E, nesse caso, o ataque não teria nada a ver com o que a Léo descobriu. O marimbondo passou para você.

Veyrenc deu um assopro no ombro e virou a xícara de cabeça para baixo para o resto do líquido açucarado deixar de atrair o inseto.

— Vire a sua xícara também — disse ele para Adamsberg.

— Eu não pus açúcar.

— Achei que você tomasse com açúcar.

— Já falei que ultimamente o açúcar tem me dado nos nervos. Se é que o açúcar é mesmo um inseto. Seja como for, anda me rondando feito um enxame de marimbondos.

— No fundo — disse Veyrenc —, o Denis anda à espreita de uma oportunidade de matar sem se expor às suspeitas. E a oportunidade perfeita aparece quando a Lina tem sua visão.

Adamsberg recostou-se no tronco, quase dando as costas para Veyrenc, que ocupava a outra metade da árvore. Às sete e meia, o sol já começava a ficar forte. O tenente acendeu um cigarro e passou outro para o delegado por cima do ombro.

— Oportunidade ideal — concordou Adamsberg. — Pois, se morrerem os três apanhados, é inevitável que o terror dos habitantes de Ordebec se volte para os Vendermot. Para Lina, responsável pela visão, que transita entre vivos e mortos. Mas também para Hippo, já que todo mundo sabe que ele tinha os seis dedos do diabo. Nesse contexto, o assassinato dos dois Vendermot não

surpreenderia ninguém, e metade da população se tornaria suspeita. Como quando os aldeões, em mil setecentos e alguma coisa, massacraram a foiçadas um tal de Benjamin que tinha descrito os apanhados. A multidão o matou para pôr fim à hecatombe.

— Mas como não estamos no século XVIII, o método será outro. Não vão estripar a Lina e o Hippo em praça pública, vão ser mais discretos.

— Denis então assassina Herbier, Glayeux e Mortembot. Com exceção de Herbier, faz isso à moda antiga, mais ou menos seguindo o ritual, a fim de reforçar o medo popular. Ele tem todo o jeito de ser membro de um clube superseleto de balestristas, não é?

— Primeira coisa a conferir — assentiu Veyrenc, jogando uma vigésima maçã.

— Não espere ter boa pontaria ficando assim sentado. E como as três vítimas são uns notórios canalhas, e provavelmente assassinos, os escrúpulos de Denis em sacrificá-los são ainda menores.

— Significa que, enquanto estamos aqui conversando, a Lina e o Hippo correm perigo imediato.

— Não antes de escurecer.

— Você está ciente de que, até agora, a história toda se baseia exclusivamente nessa barata-da-praia roxa?

— Podemos trabalhar nos álibis de Denis.

— Não vai conseguir chegar nem perto desse cara, como não conseguiu chegar aos Clermont.

Os dois homens permaneceram um bom tempo em silêncio, até que Veyrenc jogou de uma só vez sua reserva inteira de maçãs e se pôs a juntar a louça na bandeja.

— Veja — sussurrou Adamsberg, segurando seu braço. — Hellebaud está saindo.

Com efeito, o pombo tinha se afastado dois metros da soleira da porta.

— Você espalhou alpiste até ali? — perguntou Veyrenc.

— Não.

— Então ele está catando insetos por conta própria.

— Insetos, crustáceos, artrópodes.

— É.

45

O capitão Émeri escutava Adamsberg e Veyrenc com assombro. Nunca tinha visto aquela pinta, nem ouvira dizer que os dois Vendermot eram filhos de Valleray.

— Que ele pulava a cerca para tudo que é lado, isso era sabido. Como era sabido que a mulher dele o detestava e fez a cabeça do pequeno Denis contra ele.

— Como também é sabido que a mulher dele, mais tarde, também não fez nenhuma cerimônia — disse Blériot.

— Não precisa despejar tudo, brigadeiro. A situação já é bem difícil do jeito que está.

— Precisa despejar, sim, Émeri — disse Adamsberg. — O tal crustáceo existe mesmo, não é algo que dê para ignorar.

— Que crustáceo? — perguntou Émeri.

— A barata-da-praia — explicou Veyrenc. — É um crustáceo.

— E o que a gente tem com isso? — exaltou-se Émeri, levantando-se de chofre. — Blériot, não fique aí plantado, vá fazer um café para a gente. Adamsberg, escute bem, estou avisando. Eu me nego a elaborar qualquer suspeita em relação a Denis de Valleray, está me ouvindo? Me nego.

— Porque ele é visconde.

— Não me ofenda. Não se esqueça de que a nobreza de Império não estava nem aí para os aristocratas.

— Por quê, então?

— Porque essa sua história, de um sujeito matar três pessoas só para se livrar dos Vendermot, não tem pé nem cabeça.

— Faz todo o sentido.

— Não, a não ser que o Denis fosse um louco ou um sanguinário. E eu o conheço, ele não é nem uma coisa nem outra. É esperto, oportunista, ambicioso.

— Mundano, arrogante, cheio de si.

— Ele é isso tudo. Mas é também preguiçoso, cauteloso, frouxo, indeciso. Você está viajando. Denis jamais teria energia para dar um tiro bem na cara do Herbier, trucidar Glayeux com um machado, atirar uma seta em Mortembot. Adamsberg, estamos atrás de um doido temerário. E você sabe onde moram, em

Ordebec, os doidos temerários. Quem garante que não é o contrário? Quem garante que não foi o Hippo que massacrou os três homens, e agora se prepara para atacar Denis de Valleray?

Blériot pôs uma bandeja sobre a mesa, dispôs as quatro xícaras às pressas, de um jeito atabalhoado bem distinto do de Estalère. Émeri serviu-se sem sentar e fez passar o açúcar.

— Quem garante, me diga? — repetiu.

— Não tinha pensado nisso — reconheceu Adamsberg. — Pode funcionar.

— Funciona muito bem, inclusive. Suponha que o Hippo e a Lina saibam de sua filiação, saibam do testamento. É possível, não é?

— É — disse Adamsberg, recusando firmemente o açúcar que Émeri lhe oferecia.

— Nesse caso, seu raciocínio se aplica à perfeição, só que ao contrário. Eles têm todo interesse em eliminar o Denis. Mas, a partir da leitura do testamento, eles se tornariam os primeiros suspeitos. A Lina então inventa uma visão, deixando a quarta vítima incógnita.

— Certo — admitiu Adamsberg.

— Quarta vítima essa que virá a ser Denis de Valleray.

— Não, Émeri, não cola. Isso não livraria os Vendermot das suspeitas, pelo contrário.

— Por que não?

— Porque para isso é preciso acreditar que foi o Exército de Hellequim que matou os quatro homens. O que nos traz de volta aos Vendermot.

— Droga — disse Émeri, largando a xícara. — Então pense em outra alternativa.

— Primeiro, verificar se Denis de Valleray sabe atirar com balestra — disse Veyrenc, que tinha guardado uma maçãzinha verde e a fazia girar nas palmas das mãos.

— Você conferiu os clubes esportivos das redondezas?

— São muitos — disse Émeri, desanimado. — Um total de onze na região, cinco só no departamento.

— Entre os onze, existe um que seja mais elegante que os outros?

— A Companhia da Marcha, em Quitteuil-sur-Touques. É preciso ser apadrinhado por dois membros para ser aceito.

— Perfeito. Pergunte a eles se o Denis é associado.

— Mas como? Nunca que eles vão me dar essa informação. Esses clubes protegem seus membros. E eu não tenho intenção de dizer que a gendarmaria está abrindo uma investigação sobre o visconde.

— De fato, ainda é cedo para isso.

Émeri deu voltas pela sala, busto ereto, mãos às costas, semblante fechado.

— Tudo bem — disse ele depois de alguns instantes, ante o olhar insistente de Adamsberg. — Vou blefar. Saiam os três, tenho horror de mentir em público.

Dez minutos depois, o capitão abriu a porta e fez sinal para que entrassem com um gesto agressivo.

— Eu me fiz passar por um certo François de Rocheterre. Expliquei que o visconde de Valleray estava disposto a apadrinhar meu ingresso na Companhia. Perguntei se eram necessários dois padrinhos, ou se a recomendação do visconde era suficiente.

— Muito bom — avaliou Blériot.

— Esqueça, brigadeiro. Costumo trabalhar com lisura, não gosto desse tipo de artimanha.

— E o resultado? — perguntou Adamsberg.

— Sim — suspirou Émeri —, Valleray pertence mesmo ao clube. E é bom atirador. Mas nunca aceitou participar dos concursos da Liga Normanda.

— Demasiado vulgar, decerto — disse Veyrenc.

— Sem dúvida. Mas estamos com um problema. O secretário do clube estava falando demais. Não pelo prazer de me dar uma informação, mas porque queria me testar. Ele desconfiou, com toda a certeza. Ou seja, é possível que a Companhia da Marcha ligue para Denis de Valleray perguntando se ele conhece mesmo um tal de François de Rocheterre. De modo que Denis vai saber que alguém, sob um nome falso, anda fazendo perguntas sobre ele.

— E, mais especificamente, sobre suas habilidades de balestrista.

— Exatamente. O Denis não é nenhum gênio, mas vai logo perceber que é suspeito do assassinato de Mortembot. Quer pela polícia, quer por um desconhecido. E vai ficar de sobreaviso.

— Ou concluir rapidamente o serviço. Eliminar o Hippo e a Lina.

— Isso é ridículo — disse Émeri.

— O Denis tem tudo a perder — insistiu Adamsberg. — Pense seriamente nisso. O melhor seria montar vigilância na frente do castelo.

— Nem pensar. Seria me indispor com o conde e com o visconde, ou seja, com os meus superiores todos. Vigilância injustificada, suspeição difamante, falha profissional.

— É verdade — admitiu Veyrenc.

— Então vamos vigiar a casa dos Vendermot. Mas é bem menos seguro. Você pode chamar o Faucheur de novo?

— Posso.

— Não será necessário antes da noite escura. Começamos às dez horas, até as seis da manhã. Dá oito horas de vigia, podemos dar conta.

— Muito bem — concedeu Émeri, com um ar repentinamente cansado. — Onde está o Danglard?

— Está de ressaca. Voltou para Paris.

— De modo que só sobraram dois de vocês.

— Vai ser suficiente. Você fica com o turno das dez às duas, depois disso eu assumo com Veyrenc. Dá tempo de jantarmos no Javali antes disso.

— Não, vamos fazer o contrário. Eu assumo o segundo turno, das duas às seis, com Faucheur. Estou pifado, preciso dormir antes.

46

Três dias antes, Adamsberg trouxera um livro da casa de Léo para o hospital. Ele a penteava, depois se acomodava no leito, apoiado num cotovelo, e lia para ela cerca de vinte páginas. Era um livro antigo, que descrevia os meandros de uma louca paixão fadada ao desastre. O caso não parecia entusiasmar a velha senhora, mas ela sorria bastante ao longo da leitura, mexendo a cabeça e os dedos como se escutasse uma música em vez de uma história. Hoje, Adamsberg tinha trocado propositalmente de livro. Leu um capítulo técnico sobre parto equino e Léo parecia dançar da mesma maneira. Tal como a enfermeira, que não perdia as meias horas de leitura e não pareceu se incomodar com a mudança do tema. Adamsberg começava a ficar preocupado com aquele estado de serenidade, de quase beatitude. A Léo que ele conhecera era bem diferente, prolixa, direta, um tanto bruta e rabugenta. O dr. Merlan, que mantinha em relação ao colega Hellebaud uma fé inabalada, que o delegado começava a perder, lhe garantiu que o processo seguia exatamente o curso descrito pelo osteopata, o qual ele fora autorizado a contatar por telefone no dia anterior em sua "casa de Fleury". Léone era absolutamente capaz de falar e pensar, mas seu inconsciente, com a ajuda do médico, pusera essas funções em stand-by, abrigando assim a velha senhora num refúgio salutar, e ainda iria levar vários dias até que se erguesse a grade de proteção.

— Faz apenas sete dias — disse Merlan. — Dê tempo ao tempo.

— O senhor não contou para ela sobre o Mortembot, contou?

— Nem uma palavra. Estamos seguindo as instruções. O senhor leu o jornal de ontem?

— A matéria sobre os tiras de Paris que não sabem de nada?

— Mais ou menos isso.

— Eles estão certos. Houve duas mortes desde que cheguei.

— Mas houve também duas mortes evitadas. A de Léone e a do comandante.

— Evitar não é saber, doutor.

O dr. Merlan abriu os braços, compadecido.

— Um médico não pode diagnosticar sem sintomas, nem a polícia sem indícios. Esse seu assassino é uma criatura assintomática. Não deixa vestígios, é

igual a um fantasma. Isso não é normal, delegado, não é normal. Valleray é da mesma opinião.

— Valleray pai ou Valleray filho?

— Pai, é claro. O Denis não está nem aí para o que vem acontecendo.

— O senhor o conhece bem?

— Mais ou menos. Ele raramente aparece na cidade. Mas, duas vezes por ano, o conde organiza um jantar de notáveis, e eu sou convidado. Meio maçante, mas incontornável. Mas a comida é excelente. O visconde está na sua mira?

— Não.

— Faz muito bem. Ele jamais tentaria matar ninguém, sabe por quê? Porque para isso teria de tomar uma decisão, coisa de que ele é incapaz. Nem a mulher dele ele escolheu, para o senhor ter uma ideia. Enfim, é o que dizem.

— Voltamos a falar sobre isso, doutor, assim que tiver um tempinho a me ceder.

Hippolyte estendia a roupa na frente da casa, num fio azul preso entre duas macieiras. Adamsberg o observou enquanto ele sacudia um vestido da irmã para desamassá-lo antes de o pendurar com cuidado. Nem pensar, é claro, em anunciar de chofre seu novo parentesco. Isso, no momento, só desencadearia reações violentas e imprevisíveis, e o assassino em si já era bastante fugaz e volúvel sem ele ainda acrescentar novos repentes a uma situação descontrolada. Hippolyte interrompeu-se ao ver Adamsberg se aproximar e esfregou maquinalmente o flanco da mão direita.

— Mob Aid, delegado.

— Bom dia — respondeu Adamsberg. — Está doendo?

— Não é nada, é o dedo faltante. Lateja quando está para chover. O céu está se cobrindo a oeste.

— Já faz dias que o céu está se cobrindo a oeste.

— Mas agora é para valer — disse Hippo, retomando seu trabalho. — Vai chover, e não vai ser pouco. Está latejando forte.

Adamsberg passou a mão no rosto, hesitante. Émeri não deixaria de supor que aquela dor não era causada pelo dedo faltante, e sim pelo violento golpe que ele desfechara em Danglard.

— E a mão esquerda, não lateja?

— Às vezes é uma, às vezes é outra, às vezes são as duas. Não é matemático.

Inteligência fora do normal, mente aguçada, aparência maligna. Não fosse Adamsberg o responsável pela investigação, faz tempo que Émeri já teria

prendido Hippo. Hippo concretizando a visão da irmã, matando os apanhados, eliminando no embalo o herdeiro Valleray.

Hippo estava tranquilo, agora sacudindo uma camiseta florida de Lina, o que instantaneamente pôs nos olhos de Adamsberg a imagem de seu peito.

— Ela muda de roupa todo dia, dá um trabalho danado.

— Hippo, nós vamos vigiar a casa de vocês esta noite. Eu vim lhe avisar. Se vocês virem dois sujeitos aqui fora, não atirem. Eu e Veyrenc das dez às duas, depois Émeri e Faucheur até o amanhecer.

— Por quê? — perguntou Hippo, dando de ombros.

— Os três estão mortos. A sua mãe tem razão de se preocupar com vocês. Eu vi mais uma inscrição no muro do entreposto quando vinha para cá: *Morte aos V.*

— "Morte aos veados" — disse Hippo sorrindo.

— Ou "Morte aos Vendermot". Àqueles que trazem a tempestade.

— Nos matar para quê?

— Para romper a maldição.

— Balela. Já disse que ninguém se atreve a chegar perto de nós. E não acredito em vigilância. Tanto que o Mortembot foi morto. Não leve a mal, delegado, mas vocês não serviram para nada. Ficaram rondando a casa dele feito uns patetas e aconteceu bem debaixo do nariz de vocês. Não querem me ajudar?

Hippolyte ofereceu com candura a ponta de um lençol para Adamsberg e os dois homens sacudiram o pano em meio ao calor.

— O assassino estava tranquilamente sentado num banquinho — prosseguiu Hippo, enquanto passava dois prendedores ao delegado —, deve ter dado boas risadas depois. Nenhum tira nunca impediu ninguém de matar. Quando o cara está decidido, é igual a um cavalo disparado. Salta por sobre os obstáculos, e pronto. E esse cara aí está tremendamente decidido. Para jogar um homem sobre os trilhos, tem que ter um sangue-frio danado. Já sabe por que ele atacou o seu auxiliar?

— Ainda não — respondeu Adamsberg, em alerta. — Ele aparentemente o confundiu comigo.

— Balela — repetiu Hippo. — Um cara assim não erra o alvo. Tome cuidado ao montar a guarda hoje à noite.

— Matar um tira não leva a nada. Tira é igual erva daninha, sempre aparece mais um.

— Verdade, mas esse cara é um sanguinário. Machado, balestra, trem... é nojento. Um tiro de bala é muito mais enxuto, não acha?

— Nem tanto. O Herbier ficou com a cabeça estourada. Além disso, faz barulho.

— Está certo — disse Hippo, coçando a nuca. — E esse sujeito é uma assombração, ninguém viu, ninguém sabe.

— É o que diz o Merlan.

— E dessa vez ele não está errado. Fique à vontade para fazer essa vigilância, delegado. Pelo menos minha mãe vai ficar mais tranquila. Ela anda toda perturbada. E ainda tem que cuidar da Lina.

— A Lina está doente?

— Daqui — disse Hippo, apontando para a testa. — Quando a Lina vê o Exército, fica várias semanas abalada. Tendo crises.

A chamada de Danglard ressoou no Javali Veloz pouco antes das nove da noite. Adamsberg levantou-se apreensivo. Dirigiu-se lentamente para o aparelho, pensando numa forma de cifrar a conversa. Brincar com palavras era o último de seus talentos.

— Pode dizer para o expedidor que está tudo bem — disse Danglard. — Já peguei os dois pacotes no depósito de bagagens. A chave era aquela mesmo.

Certo, pensou Adamsberg, aliviado. Danglard tinha encontrado Zerk e Mô, eles estavam mesmo em Casares.

— Não foram danificados?

— O papel está meio amassado, o barbante gasto, mas ainda estão bem apresentáveis.

Certo, repetiu Adamsberg intimamente. Os rapazes estavam cansados, mas em bom estado.

— O que eu faço com eles? — perguntou Danglard. — Devolvo ao remetente?

— Se não for muito incômodo, fique com eles mais um pouco. Ainda não tive notícias do centro de triagem.

— Mas é um incômodo, delegado. O que eu faço com eles?

— Problema seu. Está jantando?

— Ainda não.

— Hora do aperitivo? Então beba um Porto à minha saúde.

— Eu nunca bebo Porto.

— Mas eu gosto de Porto. Beba um por mim.

Certo, pensou Danglard. Meio forçado, mas nada bobo. Adamsberg pedia que ele levasse os garotos até a cidade do Porto, ou seja, na direção contrária à que vinham seguindo até então. E ainda não havia nenhuma novidade sobre as investigações de Retancourt. Ou seja, ainda era cedo para eles cruzarem a fronteira.

— E em Ordebec, tudo andando?

— Estagnando. Esta noite, quem sabe.

Adamsberg voltou para a mesa que ocupava com Veyrenc e terminou de comer a carne quase fria. Súbito, um raio fez vibrar as paredes do restaurante.

— Nuvens a oeste — murmurou Adamsberg levantando o garfo.

Os dois homens deram início à vigília noturna sob uma chuva torrencial e o estrondo do trovão. Adamsberg ofereceu o rosto ao dilúvio. Nessas horas de tempestade, e apenas nessas horas, sentia-se parcialmente ligado à massa de energia que explodia lá em cima, sem motivo nem objetivo, sem outro impulso que não a demonstração de um fantástico e inútil poder. Poder que vinha singularmente lhe faltando nos últimos dias, poder deixado por inteiro nas mãos do inimigo. E que esta noite consentia por fim em se derramar sobre ele.

47

Ao amanhecer, a terra ainda estava molhada e Adamsberg, sentado sob a macieira do café da manhã, pote de açúcar escondido atrás de si, sentia sua calça se impregnando de umidade. Pés descalços, ocupava-se em agarrar grama com os dedos e puxar. A temperatura caíra em pelo menos dez graus, o céu estava nublado, mas o marimbondo da manhã, corajoso, viera ao seu encontro. Hellebaud debicava a quatro metros da soleira do quarto, o que representava um avanço notável. Em compensação, nenhum avanço em se tratando do espectro assassino, a noite transcorrera sem susto.

Blériot vinha em sua direção, mexendo o corpo gordo o mais rápido que podia.

— Caixa de mensagens lotada — disse ele, resfolegando quando chegou junto dele.

— Como?

— Sua caixa de mensagens está lotada. Não consegui contactá-lo.

Olheiras imensas nos olhos, barba por fazer.

— O que houve, brigadeiro?

— Denis de Valleray não tinha como trucidar os Vendermot na noite passada. Ele morreu, delegado. Estão esperando o senhor no castelo, rápido.

— Morreu como? — gritou Adamsberg enquanto corria descalço até o quarto.

— Ele se matou, se jogou pela janela — gritou Blériot por sua vez, o que o constrangeu, não sendo esse um tipo de coisa que se enuncia em voz alta.

Adamsberg não perdeu tempo vestindo uma calça limpa, pegou o telefone, calçou diretamente os sapatos disponíveis e correu para sacudir Veyrenc. Quatro minutos depois, entrava no carro velho do brigadeiro.

— Pode falar, Blériot, estou ouvindo. O que já sabemos?

— O conde encontrou o corpo de Denis às oito e cinco da manhã, e ligou para o Émeri. O capitão foi para lá sozinho, pois não conseguimos falar com o senhor. Ele mandou que eu viesse buscá-lo.

Adamsberg cerrou os lábios. Ao voltar da vigília noturna, ele e Veyrenc tinham desligado os celulares a fim de conversar livremente sobre os dois

garotos em fuga. E ele se esquecera de reinserir a bateria antes de dormir. De tanto encarar seu telefone como um inimigo pessoal, o que de fato era, acabara não lhe dando atenção suficiente.

— E o que diz o Émeri?

— Que Denis de Valleray se matou, não há dúvida quanto a isso. Dá para sentir de longe o cheiro forte de uísque. Diz Émeri que o visconde se entupiu o quanto pôde para criar coragem. Eu não tenho tanta certeza. Porque o visconde passou mal, ele se debruçou na janela para vomitar. O quarto dele é no segundo piso, e o pátio, embaixo, é pavimentado.

— Ele pode ter caído por acidente?

— Pode. O parapeito das janelas do castelo é bem baixo. Mas como duas caixas de calmante dele estão quase vazias, e a caixa de sonífero está aberta, o capitão acha que ele quis se matar.

— Que horas, mais ou menos?

— Meia-noite, ou uma da manhã. Dessa vez a legista está vindo logo, e os técnicos também. Eles se mexem mais rápido quando se trata do visconde.

— Ele tomava muito remédio?

— O senhor vai ver, o criado-mudo dele está cheio de comprimidos.

— Ele bebia muito?

— É o que dizem. Mas nunca a ponto de ficar bêbado ou passar mal. O chato — disse Blériot, fazendo uma careta — é que o Émeri garante que Denis não teria se matado se o senhor não tivesse começado a investigar o tal clube de balestristas.

— Então a culpa é minha?

— De certa forma. Porque ontem à noite o secretário do clube apareceu no castelo na hora do aperitivo.

— Eles não perdem tempo.

— Mas, depois disso — segundo o conde —, o Denis não se mostrou preocupado durante o jantar. Agora, nessa família, ninguém presta realmente atenção no outro. Come cada qual no seu canto numa mesa imensa sem nem trocar meia dúzia de palavras. Não há outra testemunha, a mulher dele está na Alemanha com os filhos.

— O Émeri também pode supor que, se o visconde se matou, é que era mesmo culpado.

— Ele disse isso também. O senhor já conhece um pouco o capitão. Vai logo montando num cavalo de batalha, o que aliás é muito apropriado para um tetraneto de marechal, mas apeia em seguida. Ele só acha que o senhor podia ter agido de outra maneira. Ter sido mais cauteloso, reunido as provas discretamente e detido o Denis para averiguações. Assim ele não estaria morto.

— Mas estaria em prisão perpétua, e seus crimes, expostos publicamente. Tudo que ele não queria. Como está o conde?

— Em choque, trancado na biblioteca. Mas sem sofrimento. Aqueles dois já não se suportavam.

Adamsberg atendeu Émeri no celular dois quilômetros antes de chegar ao castelo.

— Estou com o documento — disse o capitão com voz dura.

— Que documento?

— O maldito testamento, porra. Tudo bem, os dois Vendermot vão herdar um terço cada um. A única vantagem de Denis é que ele ficaria com o castelo.

— Você conversou sobre isso com o conde?

— Não há como falar com ele, ele está cortante feito uma navalha. Acho que não está sabendo lidar com a situação.

— E sobre os homicídios cometidos pelo Denis?

— Ele nega tudo. Admite que não nutria grande simpatia pelo enteado, e era recíproco. Mas garante que Denis não pode ter matado três homens, nem arrebentado a Léo, nem empurrado o comandante Danglard nos trilhos.

— Por quê?

— Diz que o conhece desde que ele tinha três anos. Vai se aferrar a essa versão. O pavor do escândalo, você entende.

— E qual é sua versão?

— Que Denis bebeu até passar mal por algum motivo pessoal desconhecido. Que, sentindo-se nauseado, correu até a janela para vomitar. Que a janela estava aberta para deixar entrar o ar fresco do temporal. Que ele estava tonto, e caiu.

— E você, o que acha?

— Parte da culpa é sua — resmungou Émeri. — A visita do secretário do clube disparou o alarme. Ele ingeriu uma mistura de remédios com álcool e acabou morrendo. Mas não foi do jeito que ele escolheu. Ele não foi perdendo os sentidos em cima da cama. Cambaleou até a janela, se debruçou para vomitar e caiu.

— Muito bem — disse Adamsberg, sem atentar para a crítica do capitão. — Como obteve o testamento do conde?

— Pressionando. Dizendo que já sabia qual era o teor. Ele se viu contra a parede. Que trabalho sujo, Adamsberg, abjeto. Sem pureza nem grandeza.

Adamsberg examinou a cabeça arrebentada do visconde, a altura da janela, o parapeito baixo, a posição do corpo, o vômito respingado no chão. O visconde

tinha de fato caído do seu quarto. No amplo cômodo, uma garrafa de uísque tinha rolado no tapete e três caixas de remédio estavam abertas do lado da cama.

— Um neuroléptico, um ansiolítico e um sonífero — disse Émeri, indicando as caixas sucessivamente. — Ele estava na cama quando tomou.

— Estou vendo — disse Adamsberg, seguindo as manchas de vômito, uma no lençol, outra no chão a vinte centímetros da janela, e a última, no parapeito. — Quando passou mal, teve o reflexo de correr para a janela. Questão de dignidade.

Adamsberg sentou-se numa poltrona à parte enquanto os dois técnicos tomavam posse do quarto. Sim, sua investigação no clube de tiro desencadeara o suicídio de Valleray. E sim, o visconde, depois de três assassinatos e duas tentativas de assassinato, tinha optado por essa saída. Adamsberg pensou em sua cabeça calva amassada no chão do pátio. Não, Denis de Valleray não tinha nem a estatura nem a expressão de um arrojado assassino. Não tinha nada de selvagem ou intimidante, e sim de um homem distante e discreto, prepotente, quando muito. Mas tinha feito aquilo. Com fuzil, machado e balestra. Foi só então que se deu conta de que o caso Ordebec havia chegado ao fim. De que os fatos esparsos e estagnados tinham se enlaçado de repente, encerrando o círculo, como uma mala se fechando num gesto brusco. Como as nuvens se despejando a oeste. De que ia visitar Léo pela última vez, de que ia ler para ela mais um episódio da história de amor ou um trecho sobre éguas prenhas. Pela última vez os Vendermot, Merlan, o conde, Folg, pela última vez Lina, a concavidade do colchão de lã, seu lugar sob a macieira torta. Pensando nas distâncias e nos esquecimentos, experimentou uma desagradável sensação de incompletude. Tão leve como o dedo de Zerk nas penas do pombo. Amanhã ele levaria Hellebaud de volta para a cidade, amanhã seguiria para Paris. O Exército Furioso se esvanecia, Hellequim retornava para as trevas. Tendo afinal, pensou com despeito, cumprido na íntegra a sua missão. Não se derrota o senhor Hellequim. Era o que todos tinham dito e predito, e era verdade. Esse ano iria se somar aos anais da sinistra lenda de Ordebec. Quatro apanhados, quatro mortos. Ele só conseguira evitar as intervenções humanas, tinha pelo menos poupado Hippo e Lina de um extermínio a foiçadas.

A legista, sem cerimônia, sacudiu seu braço para falar com ele.

— Desculpe — disse Adamsberg. — Não a vi entrar.

— Não foi acidente — disse ela. — As análises vão confirmar, mas o exame preliminar aponta para a absorção de uma dose letal de benzodiazepínicos e,

sobretudo, neurolépticos. Se não tivesse caído pela janela, teria provavelmente morrido. Suicídio.

— Está se confirmando — disse um dos técnicos, aproximando-se. — Só obtive uma sequência de digitais, e à primeira vista são dele.

— O que aconteceu? — perguntou a legista. — Sei que a mulher dele resolveu morar na Alemanha com os filhos, mas esse casamento era virtual há anos.

— Ele tinha acabado de saber que seria descoberto — disse Adamsberg em tom cansado.

— Dinheiro? Falência?

— Não, a investigação. Ele tinha matado três homens, quase matado mais um, além da velha Léone, e estava prestes a assassinar mais dois. Ou quatro. Ou cinco.

— Ele? — disse a legista, dirigindo o olhar para a janela.

— Isso a surpreende?

— Mais que isso. Era um homem que voava baixo, rasteiro.

— Como assim?

— Uma vez por mês, mais ou menos, eu tento a sorte no cassino de Deauville. Eu cruzava com ele lá. Nunca conversei realmente com ele, mas a gente aprende muito observando uma pessoa no pano verde. Ele hesitava para tomar uma decisão, pedia conselhos, atrasava a mesa inteira de maneira exasperante, e tudo isso para fazer uma aposta medíocre. Não era um audacioso, um vencedor, era um jogador pusilânime e dependente. Difícil imaginá-lo elaborando uma ideia pessoal. E muito menos uma resolução tão feroz. Ele só se sustentava pela posição social, pelo prestígio, pelo apoio de suas relações. Era essa a sua segurança, a sua rede. Dessas redes que garantem os trapezistas, sabe?

— E se a rede ameaçasse romper?

— Aí tudo é possível, claro — disse a legista enquanto se afastava. — Quando um alarme vital dispara, a resposta humana é imponderável e fulminante.

Adamsberg registrou a frase, jamais conseguiria formular as coisas desse modo. Poderia ser útil para ajudar a acalmar o conde. Assassinatos fulminantes, suicídio imponderável, jamais acuar um animal, por mais mundano e civilizado que ele seja. Todo mundo sabe disso, mas há diferentes maneiras de dizê-lo. Desceu a grande escada de carvalho sussurrando as palavras da legista, pegou o celular que vibrava em seu bolso traseiro. O que lhe fez lembrar, ao tocar na lama ressecada, que não tivera o cuidado de vestir uma calça limpa. Parou diante da porta da biblioteca para decifrar a mensagem de Retancourt. *Seis cabelos cortados encosto dianteiro esquerdo, dois no paletó do terno festa. Camareira*

confirma corte cabelo e açúcar cheiro de oficina. Adamsberg apertou os dedos no aparelho, tomado pela mesma sensação de poder pueril e perturbador que o invadira no dia anterior durante o temporal. Alegria primária, brutal, bárbara, triunfo sobre os colossos. Respirou duas vezes devagar, passou a mão no rosto para tirar o sorriso e bateu à porta. Foi só o tempo de esperar pela resposta do conde, colérica e acompanhada de uma bengalada no chão, e a frase da legista tinha sumido inteirinha, afogada nas águas turvas de seu cérebro.

48

Fez uma visita a Léo, leu um capítulo sobre casos de nascimento gemelar entre os equídeos, beijou a velha senhora no rosto dizendo “eu volto” e cumprimentou o dr. Merlan. Passou na casa dos Vendermot, interrompeu os irmãos que instalavam uma rede no pátio e expôs em poucas palavras a solução do caso, sem abordar a questão crucial da paternidade do conde de Valleray. Deixava a tarefa para Léo, ou para o próprio conde caso tivesse coragem para tanto. A exaltação de Valleray já começava a amainar mas, com o choque que sacudia o castelo, Adamsberg duvidava que ele mantivesse a bravateira decisão de se casar com Léo. A partir de amanhã, a mídia nacional descreveria em detalhes os crimes do visconde e chegaria o mais perto possível do rastro de sangue que conduzia direto ao castelo.

A coletiva de imprensa teria lugar às nove horas, e Adamsberg estava deixando os louros para o capitão Émeri, em justo reconhecimento por sua colaboração mais ou menos gentil. Émeri, que gostava de declarações e exibições algo formais, agradecera calorosamente sem desconfiar que para Adamsberg era um alívio se eximir. Émeri insistiu que comemorassem o fim da investigação, convidando-o para um aperitivo em sua sala Império, junto com Veyrenc, Blériot e Faucheur. Blériot cortou o salsichão, Faucheur preparou uns *kir* enjoativos, e Émeri ergueu a taça ao aniquilamento do inimigo, aproveitando o embalo para evocar as grandes vitórias de seu antepassado: Ulm, Austerlitz, Auerstaedt, Eckmühl e, principalmente, Eylau, sua preferida. Quando Davout, atacado no flanco direito, recebera o reforço da divisão do marechal Ney. Quando o imperador, para incitar seus homens, tinha gritado para Murat: “Vai permitir que sejamos devorados por essa gente?”. Alegre e como que satisfeito, o capitão passou e repassou a mão na barriga, livre, decerto, de suas bolas de eletricidade.

Visitou Lina no escritório de advocacia, lançou um último olhar ao objeto de sua cobiça. Com Veyrenc, pôs a casa de Léo em ordem, hesitando em acrescentar um pouco de água na garrafa de *calvados* para restabelecer o nível. Sacrilégio de adolescente ignorante, decretou Veyrenc, não dá para pôr água

num *calvados* dessa qualidade. Raspou as cacas do pombo no seu sapato esquerdo, varreu o alpiste esparso, bateu na concavidade do colchão para deixá-lo nivelado. Encheu o tanque, fechou a bagagem e subiu até o alto do antigo burgo de Ordebec. Sentado numa mureta ainda morna, exposta ao sol, examinou cada detalhe dos campos e colinas, espreitando o movimento de alguma vaca impassível. Precisava jantar no Javali Azul antes de pegar a estrada, ou seja, esperar a ligação de Danglard para pedir que ele trouxesse os rapazes de volta. O comandante teria de despachar Zerk para a Itália e deixar Mô na casa de um amigo, cujo pai faria o papel de delator. Não precisaria dar instruções em código, já estava combinado desde antes de Danglard ir embora. Bastava dar o sinal. Nenhuma vaca resolvia se mexer e, ante aquele fracasso, Adamsberg experimentou a mesma sensação de incompletude que sentira de manhã. Igualmente leve, e igualmente nítida.

No fundo, era parecido com a história que o velho Lucio, seu vizinho, vivia lhe contando — de quando, em criança, perdera um braço durante a Guerra da Espanha. O problema, explicava Lucio, não era tanto o braço como o fato de haver nele, no momento da perda, uma picada de aranha que ele não terminara de coçar. Setenta anos depois, Lucio ainda coçava o vazio. O que não é terminado sempre volta para perturbar. O que ele não tinha concluído em Ordebec? O movimento das vacas? A completa recuperação de Léo? O voo do pombo? Ou, mais provavelmente, a conquista de Lina, em quem não tinha sequer encostado? Fosse como fosse, estava sentindo uma comichão e, na ignorância da causa, concentrou-se nos bovinos paralisados nos pastos.

Veyrenc e ele se despediram ao cair da tarde. Adamsberg cuidou de fechar a casa, sem nenhuma pressa. Guardou a gaiola do pássaro no porta-malas, pegou Hellebaud junto com o sapato e o acomodou no banco dianteiro. O pombo já parecia civilizado o bastante, ou seja, desnaturado, para não ficar voejando durante a viagem. A chuva do temporal tinha se infiltrado na cabine, talvez até no motor, e o carro custou um pouco a pegar. Sinal de que os veículos da Brigada não estavam em melhores condições que o de Blériot, e distantes das Mercedes dos Clermont-Brasseur. Lançou um olhar para Hellebaud, placidamente acomodado no banco, e pensou no velho Clermont, também sentado num banco dianteiro, esperando confiante enquanto os dois filhos se preparavam para incendiá-lo.

Duas horas e meia mais tarde, cruzava o jardinzinho escuro de casa, espreitando o velho Lucio. O vizinho por certo o tinha ouvido chegar, ia fatalmente aparecer com sua cerveja, fingindo urinar debaixo da árvore antes de entabular a conversa. Adamsberg só teve tempo de pegar sua bagagem, e Hellebaud, que deixou na mesa da cozinha com seu sapato, antes de ver Lucio surgindo no escuro, duas garrafas de cerveja na mão.

— Você está melhor, *hombre* — diagnosticou Lucio.

— Acho que sim.

— Os fuxiqueiros voltaram mais duas vezes. Depois sumiram. Deu para ajeitar suas histórias?

— Quase.

— E lá no interior? Deu um jeito?

— Caso encerrado. Só que mal encerrado. Três mortos e um suicídio.

— Do culpado?

— Sim.

Lucio meneou a cabeça, parecendo avaliar o saldo macabro, depois destampou as cervejas alavancando as tampas num galho.

— Você já corrói as raízes quando mija em cima — protestou Adamsberg —, e agora ainda arranca a casca da árvore.

— De jeito nenhum — indignou-se Lucio. — A urina contém um monte de azoto, não há nada melhor para o húmus. Por que acha que eu mijo embaixo da árvore? Azoto — repetiu Lucio, degustando a palavra. — Você não sabia?

— Eu não sei de muita coisa, Lucio.

— Sente-se, *hombre* — disse o espanhol, indicando o caixote de madeira. — Fez muito calor por aqui — disse, tomando um gole no gargalo —, foi um sofrimento.

— Lá também. As nuvens se amontoavam a oeste, mas a chuva não vinha. Até que ontem explodiu tudo, o céu e a investigação. Também tinha lá uma mulher com um peito que eu queria comer cru. Você não faz ideia. Estou com a impressão de que devia ter feito isso, com a impressão de que não terminei alguma coisa.

— Está coçando?

— Está, por isso é que eu queria te contar. Não coça o braço, mas me azucrina a cabeça. Feito porta batendo, uma porta que eu não fechei.

— Então vai ter que voltar lá, *hombre*. Senão ela vai bater pelo resto da sua vida. Você conhece o esquema.

— A investigação acabou, Lucio. Não tenho mais nada que fazer lá. Vai ver que é porque não vi as vacas se mexerem. Vi nos Pireneus. Mas lá, não teve jeito.

— Você não pode ficar com a mulher? Em vez de espiar as vacas?

— Não posso, Lucio.

— Ah.

Lucio tomou metade da garrafa, deglutiu ruidosamente e depois arrotou, enquanto matutava sobre o difícil caso exposto por Adamsberg. Era extremamente sensível para coisas não terminadas de coçar. Esta era a sua praia, sua especialidade.

— Quando pensa nela, você pensa em alguma comida?

— Penso num *kouglof* de mel e amêndoas.

— O que é isso?

— Um tipo especial de brioche.

— Bem específico — disse Lucio, em tom entendido. — Mas picadas são sempre específicas. Seria melhor você ir à cata desse tal *kouglof*. Deve funcionar.

— Não se encontra um autêntico *kouglof* em Paris. É uma especialidade do Leste.

— Posso pedir para a Maria fazer um para você. Devem existir receitas, será que não?

49

A reunião de avaliação começou na Brigada no domingo 15 de agosto, às nove e meia da manhã, com catorze membros presentes. Adamsberg esperou impacientemente por Retancourt e, em sinal de gratidão e admiração, apertou seu ombro com uma efusão rude, algo militar, um gesto que Émeri teria apreciado. Uma acolada para saudar o mais brilhante de seus soldados. Retancourt, que perdia toda a sutileza assim que a puxavam para o terreno das emoções, sacudiu a cabeça igual criança esquiva e birrenta, guardando sua satisfação para mais tarde, ou seja, para si própria.

Os agentes se acomodaram em círculo ao redor da mesa grande, Mercadet e Mordent tomando notas para redigir a ata da reunião. Adamsberg pouco apreciava aquelas grandes assembleias em que tinha de resumir, explicar, comandar e concluir. Sua atenção se dispersava por um sim ou por um não, fugindo do dever do momento, e Danglard sempre sentava ao seu lado para chamá-lo de volta à realidade quando necessário. Mas Danglard, àquela hora, estava na cidade do Porto com Momô-mecha-curta, depois de ter despachado Zerk para Roma, e decerto se preparava para retornar a Paris. Adamsberg o esperava por volta do fim do dia. Depois aguardariam mais uns dias, por conta da verossimilhança, e o pseudodelator alertaria a Brigada. Mô seria entregue como um troféu nas mãos do delegado. Adamsberg repassava um pouco o seu papel enquanto a tenente Froissy expunha o desenrolar das tarefas dos últimos dias, entre as quais um sangrento enfrentamento entre dois colegas de uma empresa de seguros, um deles tendo tratado o outro de “veado lunar”. O primeiro fora salvo por um triz depois de ter o baço dilacerado por um corta-papel.

— O problema, ao que parece — esclareceu Justin, sempre meticuloso —, não era o “veado”, e sim o “lunar”.

— E o que vem a ser afinal um “veado lunar”? — quis saber Adamsberg.

— Ninguém sabe, nem o sujeito que falou. Perguntaram para ele.

— Tudo bem — disse Adamsberg, pondo-se a desenhar no bloco que tinha no colo. — E a menina do gerbo?

— O tribunal autorizou que ela ficasse com uma meia-irmã que vive na região da Vendée. O juiz ordenou um acompanhamento psiquiátrico para a

menina. A meia-irmã aceitou acolher o gerbo também. O qual, por sua vez, é uma menina, segundo disse o médico.

— Uma boa mulher — julgou Mordent, dando uma breve sacudida no pescoço longo e magro, o que ele fazia sempre que emitia um comentário, como que para pontuar sua fala. Uma vez que a aparência de Mordent lembrava a de uma velha garça depenada, aquele gesto sempre evocava para Adamsberg o cacarejo dessa ave ao ingerir um bom peixe. Se é que a garça era mesmo uma ave, e o peixe, um peixe.

— E o tio-avô?

— Está detido. Acusações acatadas pelo juiz: sequestro, violência e maus-tratos. Pelo menos não houve estupro. O problema é que o tio-avô não queria que ela ficasse com mais ninguém.

— Tudo bem — repetiu Adamsberg, desenhando a macieira torta do café da manhã.

Embora fosse incapaz de gravar as palavras da legista por mais de alguns segundos, cada galho e cada ramo da macieira permaneciam intactos e precisos em sua memória.

— Julien Tuilot — anunciou o tenente Noël.

— O assassinato com miolo de pão.

— Precisamente.

— Uma arma única no gênero — disse Adamsberg, virando a folha do bloco. — Eficaz e silenciosa como uma balestra, só que exige total proximidade.

— O que isso tem a ver? — indagou Retancourt.

Adamsberg fez um sinal indicando que explicava mais tarde e pôs-se a desenhar o rosto do dr. Merlan.

— Está em prisão preventiva — disse Noël. — Uma prima vai bancar as custas da defesa, por causa da vida sabotada pela tirania da esposa.

— Lucette Tuilot.

— Isso. A tal prima levou umas palavras cruzadas para ele na prisão. Ele está lá não faz nem bem doze dias e já organizou um torneio entre detentos voluntários, nível principiante.

— Está em ótima forma, se entendi bem.

— Nunca esteve tão bem-disposto, segundo a tal prima.

Fez-se um silêncio, e então todos se viraram para Retancourt, que sabiam ter tido um papel crucial no caso Clermont-Brasseur mas sem conhecer os detalhes. Adamsberg fez um sinal a Estalère para que trouxesse a rodada de cafés.

— Ainda estamos procurando o Momô-mecha-curta — encetou Adamsberg —, mas quem incendiou a Mercedes não foi ele.

Durante o relato um tanto extenso de Retancourt — o primeiro terno, o segundo terno, o corte de cabelo, a camareira, o labrador, o cheiro de gasolina —, Estalère distribuiu os cafés, circulou em seguida ao redor da mesa oferecendo leite e açúcar, zelosamente e com atenção redobrada. O tenente Mercadet levantou a mão em silêncio, recusando, o que mortificou Estalère, certo de que o tenente sempre adoçava o café.

— Não adoço mais — explicou Mercadet num sussurro. — Dieta — disse, levando a mão à barriga.

Mais tranquilo, Estalère concluiu seu tour, enquanto Adamsberg se imobilizava sem motivo. Ao ser surpreendido por uma pergunta de Morel, percebeu que Retancourt estava encerrando seu relatório, e que ele perdera uma parte.

— Cadê o Danglard? — repetiu Morel.

— Descansando — disse rapidamente Adamsberg. — Um trem passou por cima dele. Nenhum ferimento, mas não é tão fácil se recuperar de uma coisa assim.

— Um trem passou por cima dele? — perguntou Froissy com a mesma expressão pasma e admirativa que tivera o dr. Merlan.

— Veyrenc teve o reflexo de estendê-lo entre os trilhos.

— Vinte centímetros entre a parte de cima do corpo e a parte de baixo do trem — explicou Veyrenc. — Ele nem percebeu.

Adamsberg levantou-se desajeitadamente, deixando o bloco em cima da mesa.

— O Veyrenc assume a continuação do relatório sobre Ordebec — disse ele. — Já volto.

“Já volto” era o que ele sempre dizia, como se fosse bastante provável que algum dia ele não voltasse. Saiu da sala com um passo mais bamboleante que de costume e escapuliu para a rua. Sabia que tinha se imobilizado de repente, qual uma vaca de Ordebec, e perdera uns cinco ou seis minutos da reunião. Por quê, não saberia dizer, e era o que tentava descobrir andando pelas calçadas. Não se preocupava com essa falha brutal, já estava habituado. Desconhecia o motivo, mas sabia qual era a causa. Algo havia cruzado sua mente feito seta de balestra, tão rápido que não conseguira apreendê-lo. Mas que bastara para petrificá-lo. Como quando avistara aquele brilho na água do porto de Marselha, como quando vira aquele cartaz nos muros de Paris, como naquela insônia no trem Paris-Veneza. E essa imagem invisível tinha drenado ao atravessar o campo aquoso de seu cérebro, arrastando em seu rastro outras figuras imperceptíveis

que se agarravam uma à outra feito ímãs em cadeia. Não percebia de onde ela vinha e para onde ia, mas revia a imagem de Ordebec, mais precisamente uma porta, aberta, a porta do velho carro de Blériot, à qual não tinha prestado nenhuma atenção especial. Como dissera a Lucio no dia anterior, uma porta que não estava bem fechada, uma porta que ainda batia, uma picada que não parava de coçar.

Caminhou muito tempo pelas ruas, com cautela, afastando-se do Sena, para onde seus passos sempre o conduziam em momentos de tormenta. Nesses momentos Adamsberg, quase inacessível à ansiedade ou a qualquer emoção forte, se esticava feito uma corda, cerrando os punhos, esforçando-se por captar o que tinha visto sem ver, ou pensado sem pensar. Não existia método algum para localizar essa pérola em meio ao amontoado disforme oferecido por seus pensamentos. Sabia apenas que precisava ser rápido, já que a conformação de sua mente era tal que, nela, tudo soçobrava. Ele às vezes conseguia apanhá-la ficando absolutamente imóvel, esperando que a esguia imagem voltasse, vacilante, à superfície, outras vezes andando, revolvendo a desordem de suas recordações, e outras, dormindo, deixando agir as leis da gravidade — e temia deixar escapar a presa se escolhesse de antemão uma estratégia teórica.

Depois de andar por mais de uma hora, sentou-se num banco à sombra, com o queixo entre as mãos. Tinha perdido o fio da conversa durante a explanação de Retancourt. O que havia acontecido? Nada. Os agentes todos permaneciam no lugar, atentos ao relato da tenente. Mercadet lutava contra o sono e penava para fazer suas anotações. Todos, exceto um. Estalère havia se movimentado. Tinha servido café, claro, com seu perfeccionismo habitual nesse tipo de operação. Ficara magoado porque Mercadet recusara o açúcar que normalmente aceitava, e o tenente passara a mão na barriga. Adamsberg tirou as mãos do rosto e apertou os joelhos. Mercadet fizera também outro gesto, erguera a mão em sinal de recusa. Nesse momento é que o tiro de balestra tinha cruzado sua cabeça. O açúcar. Havia, desde o começo, alguma coisa com esse maldito açúcar. O delegado ergueu a mão, imitando o gesto de Mercadet. Repetiu o gesto uma dúzia de vezes, reviu a porta aberta, e Blériot na frente do carro avariado. Blériot. Blériot também havia recusado açúcar no café quando Émeri oferecera. Tinha erguido a mão em silêncio, exatamente como fizera Mercadet. Na gendarmaria, no dia em que falavam sobre Denis de Valleray. Blériot, com os bolsos da camisa inchados de torrões de açúcar, mas que não tomava açúcar no café. Blériot.

Adamsberg imobilizou seus gestos. Ali estava a pérola, brilhante, na concavidade da rocha. A porta que ele deixara sem fechar. Levantou-se quinze minutos depois, devagar para não espantar suas sensações ainda

incompreendidas e mal formuladas, e voltou para casa a pé. Pegou a bagagem do dia anterior, que não desfizera, enfiou Hellebaud dentro do sapato e, no maior silêncio possível, pôs tudo dentro do carro. Não queria fazer barulho, temendo que falar em voz alta perturbasse as partículas de seus pensamentos que estavam desajeitadamente se juntando. De modo que enviou uma simples mensagem a Danglard, para o celular fornecido por Retancourt: *Estou voltando para lá. Se necessário, mesmo local, mesma hora.* Deu consigo incapaz de escrever corretamente "necessário", e mudou para "preciso". *Se preciso, mesmo local, mesma hora.* Em seguida endereçou uma mensagem ao tenente Veyrenc: *Vá 20h30 pousada Léo. Leve Retancourt todo jeito. Não chamem atenção, cheguem pela trilha da floresta. Traga corda e comida.*

50

Adamsberg se fez discreto ao entrar novamente em Ordebec às duas da tarde, hora favorável em que, num domingo, as ruas estavam desertas. Pegou a estrada florestal para ir à casa de Léo, abriu a porta do quarto que considerava seu. Afundar na concavidade do colchão de lã lhe pareceu uma prioridade evidente. Depositou o dócil Hellebaud na borda da janela e se enroscou em cima da cama. Sem dormir, escutando o arrulhar do pombo que parecia satisfeito de reencontrar seu espaço. Deixando seus pensamentos se mesclarem sem mais tentar fazer uma triagem. Tinha visto recentemente uma fotografia que o impressionara, por ser uma clara ilustração da imagem que tinha de seu próprio cérebro. Mostrava, despejado no convés de um barco grande, o conteúdo de redes de pesca, o qual compunha um volume heteróclito, mais alto que os marinheiros, e desafiava toda identificação mesclando inextricavelmente o prateado dos peixes, o marrom das algas, o cinza dos crustáceos — do mar, não da terra como a maldita barata-da-praia —, o azul dos lavagantes, o branco das conchas, tornando impossível distinguir os limites dos vários elementos. Era sempre com isso que ele lutava, com um aglomerado confuso, ondulante e proteiforme, sempre prestes a se alterar ou desmoronar, ou mesmo voltar para o mar. Os marinheiros faziam triagem do amontoado, devolvendo para a água os animais muito pequenos, os anéis de algas, as matérias impróprias, e conservando as formas úteis e conhecidas. Adamsberg, assim lhe parecia, agia ao contrário, rejeitando os elementos razoáveis para então perscrutar os ineptos fragmentos de sua coleção pessoal.

Retomou do ponto inicial, da mão de Blériot se erguendo à frente do café, e deu livre curso às imagens e sons de Ordebec — o belo semblante carcomido do senhor Hellequim, Léo esperando por ele na floresta, a bomboneira Império na mesa de Émeri, Hippo sacudindo o vestido molhado da irmã, a égua de que afagara as ventas, Mô e seus lápis de cor, o unguento nas partes argilosas de Antonin, o sangue na madona de Glayeux, Veyrenc caído na plataforma da estação, as vacas e a barata-da-praia, as bolas de eletricidade, a batalha de Eylau que Émeri dera um jeito de lhe contar três vezes, a bengala do conde batendo no

assoalho antigo, o ruído dos grilos na casa dos Vendermot, o bando de javalis no caminho de Bonneval. Virou-se de barriga para cima e pôs as mãos sob a nuca, fitando as vigas do teto. O açúcar. Esse açúcar o vinha assombrando ao longo dos dias, causando-lhe uma irritação fora do normal, a ponto de ele o ter suprimido em seu café.

Passadas duas horas, Adamsberg se levantou, as bochechas em brasa. Só precisava ver uma pessoa, Hippolyte. Ia esperar até as sete, hora em que os moradores de Ordebec estão todos reunidos para o aperitivo nos cafés e nas cozinhas. Contornando o burgo, podia chegar à casa dos Vendermot sem risco de cruzar com ninguém. Iriam também tomar um aperitivo, talvez terminassem o terrível vinho do Porto que eles tinham comprado para recebê-lo. Explicar delicadamente a Hippo seu ponto de vista, convencê-lo a ir ao exato local que ele queria, conduzi-lo sem desvios. *Nós somos bonzinhos.* Uma definição algo apressada de um menino amputado dos dedos que tinha, durante anos, aterrorizando seus colegas de escola. *Nós somos bonzinhos.* Consultou seus relógios. Precisava dar três telefonemas de confirmação. Um para o conde de Valleray, outro para Danglard e o último para o dr. Merlan. E então se poria a caminho, dentro de duas horas e meia.

Esgueirou-se fora do quarto até a adega. Lá, subindo num barril, conseguia alcançar a janelinha empoeirada, única abertura que dava para uma porção de pasto com vacas. Estava com tempo, podia esperar.

Quando se dirigiu cautelosamente para a casa dos Vendermot, à hora em que os sinos tocavam a ave-maria, estava satisfeito. Três vacas, nada menos, tinham se mexido. E ainda por cima ao longo de vários metros, sem desgrudar as ventas da grama. O que lhe parecia ser um excelente sinal quanto ao futuro de Ordebec.

51

— Não consegui comprar nada, as lojas estavam todas fechadas — disse Veyrenc, esvaziando uma sacola de mantimentos sobre a mesa. — Tive de assaltar o armário da Froissy, vamos ter de repor tudo rapidamente.

Retancourt estava encostada na lareira apagada, sua cabeça loira ultrapassando amplamente a altura da borda de pedra. Adamsberg se perguntou onde ela iria dormir naquela casa em que todas as camas eram antigas, ou seja, curtas demais para suas dimensões corporais. Com uma expressão bastante jovial, ela observava Veyrenc e Adamsberg prepararem os sanduíches de patê de lebre com agaricáceas. Ninguém nunca sabia por que Retancourt adotava, conforme o dia, um ar azedo ou amável, e ninguém perguntava. Mesmo sorridente, o jeito da mulherzona sempre tinha um quê áspero e levemente impressionante que desestimulava confidências ou perguntas ligeiras. Da mesma forma como a ninguém ocorreria dar um tapinha amigável — desrespeitoso, no fundo — no tronco de uma sequoia milenar. Qualquer que fosse sua expressão, Retancourt impunha deferência, e às vezes, devoção.

Depois da refeição sumária — embora o patê de Froissy fosse indiscutivelmente delicioso —, Adamsberg desenhou para eles um mapa do local. Saindo da pousada de Léo, tomar a trilha rumo ao sudeste, e então cortar pelo campo, pegar a estradinha de terra da Bessonnière até chegar ao antigo poço.

— Uma corridinha de seis quilômetros. Não achei opção melhor que o antigo poço. O poço do Oison. Tinha reparado nele ao caminhar ao longo do Touques.

— O que é isto, Touques? — indagou Retancourt, sempre precisa.

— É o rio daqui. O poço fica na comuna vizinha. Abandonado há uns quarenta anos, uns doze metros de profundidade. É fácil e tentador jogar um homem lá dentro.

— Isso se o homem se debruçar no parapeito — disse Veyrenc.

— Estou contando com isso. Pois o assassino já efetuou essa manobra quando jogou o corpo de Denis pela janela. Ele sabe o que fazer.

— Com que então o Denis não se suicidou — constatou Veyrenc.

— Ele foi morto. Foi a quarta vítima.

— Mas não a última.

— Exato.

Adamsberg largou o lápis e expôs seus mais recentes raciocínios — se é que a palavra era essa. Retancourt franziu o nariz em várias oportunidades, incomodada, como sempre, pela forma como o delegado se dirigia ao objetivo. Mas que ele atingira o objetivo, isso ela precisava admitir.

— Isso explica, evidentemente, ele não ter deixado vestígios — disse Veyrenc, que esses novos elementos deixavam pensativo.

Retancourt insistia nos elementos pragmáticos da ação.

— O parapeito é largo?

— Não, tem mais ou menos trinta centímetros. É principalmente muito baixo.

— Pode dar certo — aprovou Retancourt. — E o diâmetro do poço?

— É suficiente.

— Como vamos fazer?

— A uns vinte e cinco metros dali, há uma construção abandonada. Um galpão fechado por duas portas grandes de madeira em mau estado. Vamos ficar ali, não há onde se esconder mais perto. Atenção, o Hippo é um cara forte. Vai ser um tanto arriscado.

— É perigoso — disse Veyrenc. — Estamos pondo uma vida em jogo.

— Não temos escolha: não existe nenhuma prova, só uns míseros papéis de embalagem de açúcar fora de contexto.

— Você guardou esses papéis?

— Num dos barris da adega.

— Talvez contenham digitais. Não choveu durante várias semanas.

— Mas isso não é prova. Não é nenhum crime comer açúcar sentado num tronco de árvore.

— Temos as palavras da Léo.

— Palavras de uma idosa em estado de choque. E que fui o único a ouvir.

— Junto com Danglard.

— Que não estava atento.

— Não vai colar — confirmou Retancourt. — A única solução é o flagrante.

— É perigoso — repetiu Veyrenc.

— Por isso a presença da Retancourt, Louis. Ela se joga mais rápida e seguramente. Pode resgatar o cara se ele começar a afundar. A corda vai ficar com ela, para o caso de haver necessidade.

Veyrenc acendeu um cigarro, balançando a cabeça sem nenhum despeito. O fato de a força de Retancourt ser superior à sua era uma obviedade que não se

questionava. Ela, sem dúvida, teria sido capaz de içar Danglard para a plataforma.

— Se der errado — disse ele —, o homem morre, e nós também.

— Não pode dar errado — objetou Retancourt com calma. — Se é que vai mesmo acontecer.

— Vai acontecer — garantiu Adamsberg. — O cara não tem opção. E vai adorar a ideia de matar esse homem.

— Que seja — disse Retancourt, estendendo o copo para que um deles o enchesse.

— Com este é o terceiro, Violette — disse suavemente Adamsberg enquanto obedecia. — E precisamos de todas as nossas forças.

Retancourt deu de ombros, como se o delegado acabasse de proferir uma asneira indigna de qualquer comentário.

52

Retancourt estava posicionada atrás do batente esquerdo da porta do galpão, e os dois homens à direita. Nada podia atravancar a corrida da tenente até o poço.

Erguendo as mãos no escuro, Adamsberg mostrou os dez dedos estendidos aos seus auxiliares. Mais dez minutos. Veyrenc amassou o cigarro no chão e grudou o ouvido numa larga fresta da parede de madeira. O encorpado tenente se preparava tensionando os músculos, ao passo que Retancourt, encostada no marco, e apesar dos quinze metros de corda enrolados no seu tronco, dava a impressão de total descontração. O que, considerando-se as três taças de vinho, preocupava Adamsberg.

Hippolyte foi o primeiro a chegar, e sentou-se na borda do poço com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Fortão, seguro de si — murmurou Veyrenc.

— Vigie o lado do pombal. É por ali que o Émeri deve chegar.

Três minutos depois, o capitão apareceu por sua vez, muito ereto, uniforme bem abotoado, embora com passos um pouco hesitantes.

— Este é que é o problema — sussurrou Adamsberg. — Ele é mais medroso.

— Pode ser uma vantagem para ele.

Os dois homens entabularam a conversa, inaudível do galpão. Desafiadores, ofensivos, estavam a menos de um metro um do outro. Hippolyte falava mais que Émeri, rapidamente, com entonações agressivas. Adamsberg lançou um olhar preocupado a Retancourt, que continuava encostada no marco da porta, sem alterar nem um milímetro sua plácida posição. O que não era nenhuma garantia, já que Retancourt era capaz de dormir em pé sem vacilar, como um cavalo.

A risada de Hippolyte rebentou dura, ruim, na escuridão. Ele deu um tapinha nas costas de Émeri, num gesto que nada tinha de amigável. Então se debruçou no parapeito, estendendo o braço como querendo mostrar alguma coisa. Émeri alçou a voz, gritou qualquer coisa como “desgraçado” e se debruçou por sua vez.

— Atenção — sussurrou Adamsberg.

O gesto foi mais hábil e rápido do que ele previa — o braço do homem passando por baixo das pernas e erguendo as duas de uma vez —, e sua reação, mais lenta do que teria esperado. Arrancou com um largo segundo de atraso, ligeiramente atrás de Veyrenc que disparava com tudo. Retancourt já alcançara o poço e ele ainda tinha três metros a percorrer. Segundo uma técnica que só a ela pertencia, jogou Émeri no chão e se escanchou em cima dele, grudando seus braços no chão, bloqueando implacavelmente a caixa torácica do homem, que gemia sob seu peso. Hippolyte se levantou, ofegante, as falanges esfoladas pelas pedras.

— Foi por pouco — disse ele.

— Você não corria perigo algum — disse Adamsberg, apontando para Retancourt.

Segurou os pulsos do capitão, fechou-lhe as algemas nas costas enquanto Veyrenc amarrava as pernas.

— Nem tente um gesto sequer, Émeri. Violette é capaz de esmagá-lo feito uma barata-da-praia, entenda bem isso. Feito um verme do mar.

Adamsberg, suando, o coração martelando, digitou o número de Blériot enquanto Retancourt se levantava, sentava mais confortavelmente na beira do poço e acendia um cigarro com a tranquilidade de quem vinha da feira. Veyrenc andava para lá e para cá balançando os braços, soltando a tensão. De longe, seu contorno se esfumava e só se enxergava o brilho de suas mechas ruivas.

— Blériot, encontre com a gente no antigo poço do Oison — disse Adamsberg. — Pegamos o homem.

— Que homem? — disse Blériot, que só tinha atendido depois de o telefone tocar umas dez vezes e falava com voz de sono.

— O assassino de Ordebec.

— E o Valleray?

— Não era o Valleray. Venha logo, brigadeiro.

— Para onde? Paris?

— Não existe nenhum poço do Oison em Paris, Blériot. Mexa-se.

— Que homem? — repetiu Blériot, clareando a voz.

— Émeri. Lamento, brigadeiro.

E Adamsberg de fato lamentava. Tinha trabalhado com esse homem, juntos tinham caminhado, bebido e comido, brindado à vitória na casa dele. Nesse dia — ontem, aliás, lembrou-se Adamsberg —, Émeri estava aberto, falante, simpático. Tinha matado quatro homens, jogado Danglard na via férrea, amassado a cabeça de Léo no chão. Da velha Léo que o tinha tirado, quando menino, de dentro do açude gelado. Ele ontem tinha erguido sua taça de *kir* à memória de seu antepassado. Sentia-se confiante. Havia um culpado, embora

não fosse quem ele previa. O trabalho não estava concluído, ainda faltavam duas mortes para terminar, ou três, se Léo recobrasse a fala. Mas as perspectivas não podiam ser melhores. Quatro assassinatos cumpridos, duas tentativas abortadas, mais três em vista — ele tinha um plano. Total, sete mortos, belo saldo para um bravo soldado. Adamsberg retornaria à sua Brigada com seu culpado, Denis de Valleray, o caso seria arquivado e o campo de batalha estaria livre.

Adamsberg, pernas cruzadas, sentou-se ao seu lado na grama. Olhos fitos no céu, Émeri compunha o semblante de um combatente que não pisca perante o inimigo.

— Eylau — disse Adamsberg —, uma das vitórias de seu antepassado, e uma de suas preferidas. Você conhece de cor sua estratégia, fala a respeito a quem quiser ouvir e a quem não quiser. Pois o que a Léo disse foi “Eylau”,[17] claro, e não “*Hello*”. “Eylau, Folg, açúcar.” Era você que ela apontava.

— Está cometendo o maior erro de sua vida, Adamsberg — disse Émeri com voz carregada.

— Somos três testemunhas. Você tentou jogar o Hippo dentro do poço.

— Porque ele é um assassino, um diabo. Eu sempre disse isso. Ele me ameaçou, eu me defendi.

— Ele não te ameaçou, só disse que sabia que você era o culpado.

— Não.

— Sim, Émeri. Fui eu que ditei para ele este roteiro: avisar você que tinha visto um corpo dentro do poço, pedir que você viesse conferir. Você ficou inquieto. Um encontro à noite, para quê? Que história era essa do Hippo, um corpo dentro do poço? E você veio.

— E daí? Se havia um cadáver, era meu dever. Qualquer que fosse a hora.

— Mas não havia cadáver nenhum. Só o Hippo te acusando.

— Não há prova disso — disse Émeri.

— Aí é que está. Não há prova nenhuma desde o começo, pista nenhuma. Herbier, Glayeux, Léo, Mortembot, Danglard, Valleray. Seis vítimas, quatro mortos e nenhum vestígio. É raro um assassino passar assim feito um fantasma. Ou feito um tira. Pois quem melhor que um tira para dissolver indícios? Era você quem cuidava da parte técnica, você quem me dava os resultados. Resultado: não havia nada, nenhuma digital, nenhuma pista.

— Não havia pistas, Adamsberg.

— É claro que você apagou todas. Mas ficou o açúcar.

Blériot estacionou o carro próximo ao pombal, acorreu balançando o barrigão e segurando uma lanterna. Contemplou o corpo de seu capitão amarrado

no chão, lançou um olhar assustado e colérico a Adamsberg, e então se conteve. Não sabia se devia intervir, falar, já não sabia quem eram os amigos e inimigos.

— Livre-me desses idiotas, brigadeiro — ordenou Émeri. — Hippo me chamou aqui pretextando um cadáver dentro do poço, aí então me ameaçou e eu me defendi.

— Tentando me jogar lá dentro — disse Hippo.

— Eu não estava armado — disse Émeri. — Eu teria em seguida lançado o alerta para tirar você de lá. Embora demônios da sua espécie devam mesmo empacotar dessa maneira. Para retornar às profundezas da terra.

Blériot fitava ora Émeri, ora Adamsberg, ainda incapaz de escolher um lado.

— Brigadeiro — disse Adamsberg erguendo a cabeça —, você não toma café com açúcar. De modo que sua reserva de açúcar era para o capitão, e não para você?

— Sempre tenho açúcar comigo — disse Blériot com uma vozinha seca.

— Para o caso de ele ter uma crise? Quando as pernas dele fraquejam, quando ele começa a suar e tremer?

— Não estou autorizado a falar sobre isso.

— Por que é você quem carrega a reserva? Porque deforma os bolsos? Porque ele tem vergonha?

— As duas coisas, delegado. Não estou autorizado a falar sobre isso.

— Esses torrões de açúcar têm que ter embalagem?

— Questão de higiene, delegado. Eles podem ficar semanas no meu bolso sem ele usar.

— As embalagens do seu açúcar, Blériot, são iguais às que eu juntei no caminho de Bonneval, perto do tronco caído. Foi lá que Émeri teve uma crise. Foi lá que ele sentou e comeu seis torrões, foi lá que ele jogou os papéis de embalagem, foi lá que Léo os encontrou. Depois do assassinato de Herbier. Porque dez dias antes eles não estavam lá. Léo sabe de tudo, Léo associa os detalhes, as asas de borboleta, Léo sabe que Émeri às vezes precisa ingerir vários torrões seguidos para se recompor. Que diacho Émeri estava fazendo no caminho de Bonneval? Foi o que ela se perguntou. E ele foi até lá dar a resposta, ou seja, ele a atacou.

— Não é possível. O capitão nunca leva açúcar consigo. Ele pede para mim.

— Mas naquele dia, Blériot, ele foi sozinho até a capela e levou açúcar. Ele sabe o problema que tem. Uma emoção mais forte, um gasto brutal de energia podem desencadear uma crise de hipoglicemia. Ele não podia se arriscar a desmaiar depois do assassinato de Herbier. Como é que ele rasga a embalagem? Pelos lados? No meio? E depois? Faz uma bola com o papel? Amassa? Deixa

assim? Dobra? Todos temos nossa mania com papel. Você faz uma bolinha bem apertada e guarda no bolso dianteiro.

— Para não sujar o chão.

— E ele?

— Começa pelo meio e abre quase por inteiro.

— E depois?

— Deixa assim.

— Exatamente, Blériot. E Léo com certeza sabia disso. Não vou lhe pedir para prender seu capitão. Eu e o Veyrenc o levamos para o banco de trás do carro. Você vem na frente. Só quero de você que nos leve para a gendarmaria.

53

Adamsberg tirou a corda e as algemas de Émeri ao chegar à sala de interrogatório. Avisou o comandante Bourlant, em Lisieux. Blériot foi despachado à adega de Léo para resgatar as embalagens de açúcar.

— Não é prudente deixá-lo com as mãos soltas — observou Retancourt com o tom mais neutro de que era capaz. — Lembre-se do que aconteceu com o Mô. Acusados vão embora a todo momento.

Adamsberg cruzou o olhar de Retancourt e nele vislumbrou, com absoluta certeza, o indício de uma ironia provocante. Retancourt, tal como Danglard, tinha entendido a fuga de Mô, e não tocara no assunto. Nada, porém, podia desgostá-la mais do que aquele método de resultados incertos.

— Mas dessa vez você está presente, Retancourt — respondeu Adamsberg sorrindo. — De modo que não há o menor perigo. Estamos aguardando o Bourlant — disse ele, voltando-se para Émeri. — Não estou autorizado a interrogá-lo nessa gendarmaria, de que você ainda é um oficial. Esse posto não tem mais chefe, Bourlant vai indiciá-lo em Lisieux.

— Melhor assim, Adamsberg. O Bourlant pelo menos respeita os princípios baseados em fatos. Já você, todo mundo sabe e afirma que fica sonhando acordado, e sua opinião não tem nenhuma credibilidade entre as forças da ordem, sejam tiras ou gendarmes. Espero que saiba disso.

— E foi por isso que insistiu que eu viesse para Ordebec? Ou porque achou que eu seria mais conciliador que seu colega, que nunca deixaria você encostar um dedo na investigação?

— Foi porque você é um nada, Adamsberg. É vento, é nuvem, é um ectoplasma analfabeto incapaz de sequer começar um raciocínio.

— Você está bem informado.

— Naturalmente. Era a minha investigação, eu não tinha a menor intenção de deixar que um tira eficiente viesse tirá-la de mim. Assim que te vi, percebi que tudo que diziam a seu respeito era verdade. Que eu poderia agir à vontade enquanto você se embrenhava em suas névoas. Você, aliás, não chegou a lugar nenhum, Adamsberg, não fez porcaria nenhuma, e isso todo mundo pode testemunhar. Inclusive a imprensa. Só o que você fez foi me impedir de prender

aquele traste do Hippo. E por que você o protege? Será que ao menos sabe por quê? Para que ninguém mexa com a irmã dele. Você é um inepto, um obcecado. A única coisa que fez em Ordebec foi olhar para o peito dela, além de cuidar do seu maldito pombo. Sem falar na polícia das polícias, que deu uma incerta para vasculhar o setor. Acha que eu não soube? O que você estava maquinando por aqui, Adamsberg?

— Estava juntando papel de embalagem de açúcar.

Émeri abriu a boca, então inspirou profundamente e se calou. Adamsberg julgou saber o que ele se abstivera de dizer: “Pobre imbecil, esses papéis não vão servir de nada”.

Ou seja, não ia encontrar nenhuma digital. Papéis virgens, nada mais.

— Você pretende convencer o júri com esses seus papeluchos?

— Está se esquecendo de uma coisa, Émeri. Quem tentou matar o Danglard foi a mesma pessoa que assassinou os outros todos.

— Evidentemente.

— Um homem forte, que revelou ser um bom corredor. Você disse, como eu disse, que Denis de Valleray era o assassino e era também quem tinha marcado um encontro com Danglard em Cérenay. Está no seu primeiro relatório.

— Evidentemente.

— E que ele se matou quando soube, pelo secretário do clube, que havia um começo de investigação sobre ele.

— Clube não. Companhia da Marcha.

— Como queira, isso não me impressiona. O meu ancestral, caso lhe interesse, fez o serviço militar durante essas suas guerras napoleônicas e morreu aos vinte anos. Em Eylau, caso queira saber por que esse nome ficou gravado em minha memória. Com as duas pernas na lama enquanto o seu antepassado fazia o desfile da vitória.

— Fatalidade familiar — disse Émeri sorrindo, as costas mais eretas que nunca, um braço apoiado com desenvoltura no encosto da cadeira. — Sua sorte não será melhor que a do seu antepassado, Adamsberg. Você já está na lama até as coxas.

— O Denis se matou ao saber que seria acusado: foi o que você escreveu. Acusado dos assassinatos de Herbier, Glayeux, Mortembot, e das tentativas de assassinato contra Léo e Danglard.

— Exatamente. Você não foi informado do relatório final do laboratório. Uma dose cavalar de ansiolíticos, neurolépticos, e quase cinco gramas de álcool no sangue.

— E por que não? É fácil enfiar isso tudo na goela de um homem atordoado. É só erguer a cabeça dele para acionar o reflexo de deglutição. Mas me diga,

Émeri: por que Denis iria querer matar o Danglard?

— Você mesmo explicou, sonhador. Porque Danglard sabia a verdade sobre os filhos Vendermot. Por causa da pinta em forma de inseto.

— Crustáceo.

— Não me interessa — exaltou-se Émeri.

— Foi o que eu disse, mas estava errado. Pois, me diga, como Denis de Valleray teria sabido tão depressa que Danglard tinha visto o crustáceo? E percebido o que isso significava? Se eu próprio só fiquei sabendo na noite em que o Danglard foi embora?

— Pelos boatos.

— Foi o que eu pensei. Mas eu liguei para o Danglard perguntando, e ele não comentou com ninguém além do Veyrenc. O homem que enfiou o bilhete no bolso dele fez isso logo depois que o conde passou mal no hospital. Os únicos que podem ter visto Danglard repor o xale nos ombros de Lina, reparar nas costas nuas do conde, fitar a mancha roxa e ficar surpreso foram, portanto, Valleray pai, o doutor Merlan, os enfermeiros, os guardas penitenciários, o doutor Hellebaud, Lina e você. Descarte os guardas e Hellebaud, que não têm nada a ver com a história. Descarte os enfermeiros, que nunca viram a pinta dos filhos Vendermot. Descarte Lina, que nunca viu as costas do conde.

— Naquele dia ela viu.

— Não viu, ela estava afastada, no corredor, o Danglard confirmou. De modo que Denis de Valleray não sabia que o comandante tinha descoberto a existência de seus irmãos. Não tinha, portanto, nenhum motivo para jogá-lo debaixo do Caen-Paris. Mas você tinha. Quem mais?

— O Merlan. Ele operou os dedos do Hippo quando ele era pequeno.

— O Merlan não estava naquele ajuntamento na frente da casa de Glayeux. Além de não ter nada a ver com os descendentes de Valleray.

— A Lina pode ter visto, apesar do que diz o comandante.

— Ela não estava na frente da casa de Glayeux.

— Mas aquele irmão argiloso dela, o Antonin, estava. Quem garante que ela não o avisou?

— O Merlan. A Lina saiu do hospital bem depois dos demais, ficou na recepção conversando com uma amiga. Pode descartá-la.

— Resta o conde, Adamsberg — afirmou Émeri com altivez. — Que não queria que ninguém soubesse que eram seus filhos. Pelo menos não enquanto estivesse vivo.

— Ele também não estava na frente da casa de Glayeux, estava em observação no hospital. Só você viu, compreendeu, e só você pode ter enfiado o

bilhete no bolso do Danglard. Provavelmente quando ele entrou na casa de Glayeux.

— E por que me importaria o fato de o conde ter gerado esses filhos do demônio? Não sou um Valleray. Quer ver as minhas costas? Aponte no mínimo um elo entre mim e a morte desses coitados.

— Muito simples, Émeri. O pavor. A necessária erradicação da causa do pavor. Você sempre foi um medroso, e se mortificava por não possuir a soberba de seu ancestral. Por azar, ainda lhe deram o nome dele.

— Pavor? — disse Émeri afastando as mãos. — E de quê, meu Deus? Do infeliz do Mortembot, morto com as calças arriadas?

— De Hippolyte Vendermot. O culpado, a seu ver, de todas as suas fragilidades. Há trinta e dois anos te atormenta a perspectiva de terminar igual ao Regis, você precisava destruir aquele que te amaldiçoou quando criança. Esta "maldição" é para você uma certeza. Pois depois disso você levou um tombo quase mortal de bicicleta. Mas isso você não me contou. Estou errado?

— E por que eu deveria lhe contar toda a minha infância? Todo menino cai da bicicleta. Você nunca caiu?

— Caí. Mas não logo depois de ser "amaldiçoado" por Hippo, o menino satânico. Não depois de saber do trágico acidente do Regis. A partir daí, tudo para você andou de mal a pior. Os fracassos escolares, os desgostos profissionais em Valence e em Lyon, sua esterilidade, sua mulher que se foi. Seu medo, sua pusilanimidade, suas tonturas. Você não é o marechal que seu pai queria, não é nem sequer um soldado. E para você esse vasto fiasco é um drama, um drama que só vai piorando. Mas esse drama não é culpa sua, Émeri, foi provocado pelo Hippo quando ele te "amaldiçoou". Quando te vetou uma descendência, te proibiu uma vida feliz, ou gloriosa, o que para você dá na mesma. O Hippo é a causa do seu mal, da sua má sorte, e ele ainda te apavora.

— Seja razoável, Adamsberg. Quem iria temer esse degenerado que fala ao contrário?

— E precisa ser degenerado para saber inverter as letras? É claro que não. Precisa ter uma inteligência especial. Diabólica. Você sabe disso, assim como sabe que, para você se sentir seguro, o Hippo deve ser destruído. Você tem apenas quarenta e dois anos, pode refazer sua vida. Desde que sua mulher foi embora, e desde o suicídio de Regis, há três anos, que levou seu medo ao extremo, essa é sua ideia fixa. Pois você é um homem de ideias fixas. Sua sala Império, entre outras.

— Simples questão de respeito, você não é capaz de entender.

— Não, mania megalômana. Seu uniforme impecável, que nenhum açúcar deve deformar. Sua postura de bravo soldado. Só existe um responsável por

aquilo que você vê como uma derrocada injusta, insuportável, vergonhosa e, mais que nada, ameaçadora: Hippolyte Vendermot. Mas a praga que ele lhe jogou só será anulada com a morte dele. Um caso de legítima defesa neurótica, de certa forma, se você não tivesse matado outros quatro.

— Nesse caso — disse Émeri, tornando a recostar-se no espaldar da cadeira —, por que simplesmente não matar o Hippo?

— Porque você teme, acima de tudo, ser acusado da morte dele. Dá para entender. Pois todo mundo aqui sabe da infância de vocês, do seu acidente de bicicleta aos dez anos, logo após a maldição, do ódio que você nutre pelos Vendermot. Você precisa de um álibi para se sentir totalmente a salvo. De um álibi e de um culpado. De uma estratégia ampla e engenhosa, como a de Eylau. A estratégia bem pensada, única forma de vencer, como venceu o imperador, um exército duas vezes mais forte. Mas, que diabos, você descende de um marechal, pode esmagar esse exército. "Vai se deixar devorar por essa gente?", como diria o imperador. Não, é claro que não. Só precisa aplainar as irregularidades do terreno. Precisa de um marechal Ney que venha dar uma mão quando Davout for ameaçado em seu flanco direito. Por isso foi procurar o Denis.

— Fui?

— Há um ano, você jantou no castelo com os notáveis — entre outros, o doutor Merlan e, obviamente, o visconde Denis, pregoeiro de Évreux. O conde sentiu um mal-estar, você o levou para o quarto com a ajuda do médico. O Merlan me contou. Acho que foi naquela noite que você soube do testamento.

Émeri riu breve, naturalmente.

— Você estava lá, Adamsberg?

— De certa forma. Pedi ao conde que confirmasse. Ele julgou estar morrendo e, na emergência, deu-lhe a chave do cofre e pediu que pegasse seu testamento. Ele queria, antes de morrer, incluir seus dois filhos Vendermot. De modo que acrescentou umas poucas linhas ao documento, e pediu que você assinasse. Confiava na sua discrição, sendo você um capitão, um homem honrado. Mas você obviamente leu essas linhas. E não se surpreendeu com o fato de o conde ter gerado uns demônios feito o Hippo e a Lina. Tinha visto a pinta nas costas dele enquanto Merlan o auscultava. E já conhecia a pinta de Lina, o xale dela está sempre caindo. Para você, não é uma barata-da-praia com as antenas, e sim uma cara de diabo vermelha e cornuda. Isso tudo só vem reforçar sua opinião de que aquela descendência é bastarda e maldita. E, naquela noite, após tanto tempo buscando uma oportunidade de sumir com a raça Vendermot — pois, a seu ver, a Lina também é suja —, a oportunidade finalmente aparece. Quase. Você pensa longamente no assunto, medroso como é,

pesa com cuidado todos os elementos e, tempos depois, vai conversar com Valleray filho.

— Eu nunca tive nenhuma relação com o visconde, todo mundo sabe disso.

— Mas podia lhe fazer uma visita, Émeri, você é o chefe da gendarmaria. Você contou para o Denis o que o pai dele tinha acrescentado ao testamento. Mostrou para ele o tamanho do abismo. Ele era um fraco, e você sabia. Mas um homem como o visconde não decide nada de uma vez. Você deixou que ele refletisse, matutasse. Voltou a procurá-lo para pressionar, convencer, e fazer uma proposta: você podia livrá-lo dos herdeiros bastardos desde que ele lhe fornecesse um álibi. Denis ficou desnorteado, decerto precisou refletir mais um tempo. Mas, como você imaginava, acabou aceitando. Se quem ia matar era você, se ele não tinha de fazer nada além de jurar que estava com você, no fundo não era nada caro. Vocês fecharam o acordo. E você esperou uma oportunidade.

— Você ainda não respondeu minha pergunta. Por que me importaria o fato de o conde ter gerado essas criaturas? Ou Danglard estar sabendo?

— Por nada. Eram as criaturas em si que o interessavam. Mas, se a filiação delas se tornasse conhecida, você perdia o apoio de seu cúmplice, Denis, que não teria mais vantagem alguma em lhe dar cobertura. E você ficava sem seu álibi. Daí você ter jogado Danglard sobre os trilhos.

Nisso, o comandante Bourlant entrou na sala, cumprimentando secamente o delegado Adamsberg, pelo qual não nutria a menor simpatia.

— Quais são as acusações? — perguntou.

— Quatro homicídios, duas tentativas de homicídio, duas intenções de homicídio.

— Intenções não contam. Você tem como provar?

— Vai receber meu relatório amanhã, às dez horas. Cabe a você decidir se vai impressionar o juiz ou não.

— Parece razoável. Venha, capitão Émeri. Sem se aborrecer comigo, pois não sei de absolutamente nada sobre o caso. Mas Adamsberg é o chefe da investigação, sou obrigado a obedecer.

— Vamos passar apenas algumas horas juntos, comandante Bourlant — disse Émeri, levantando com solenidade. — Não há nenhuma prova, ele está delirando.

— Veio sozinho, comandante? — perguntou Adamsberg.

— Afirmativo, delegado. Hoje é 15 de agosto.[18]

— Veyrenc, Retancourt, acompanhem o comandante. Vou começar o relatório enquanto espero.

— Todo mundo sabe que você não redige nem três linhas — disse Émeri com uma risada de escárnio.

— Não se preocupe com isso. Só mais uma coisa, Émeri: foi Lina que, sem querer, lhe ofereceu a oportunidade perfeita. Quando viu o Exército Furioso e Ordebec inteira ficou sabendo. Ela própria apontou um caminho — sinal do destino. Só restava realizar a profecia, matar os três apanhados, fazendo a população se insurgir contra os Vendermot. “Morte aos V”. E, depois, assassinar a Lina e o maldito do irmão dela. Fatalmente haveria na cidade algum louco apavorado com o Exército e decidido a erradicar os “passadores”. Como em 1775, quando apareceram dezenas de pessoas para foiçar François-Benjamin. Suspeitos não teriam faltado.

— Mil setecentos e setenta e sete — corrigiu Veyrenc, na ausência de Danglard.

— Talvez não fossem tantos, mas uns duzentos pelo menos.

— Não é o número de suspeitos, é da data da execução de François-Benjamin. Mil setecentos e setenta e sete.

— Ah, certo — disse Adamsberg sem se ofender.

— Idiota — disse Émeri entre os dentes.

— O Denis é quase tão culpado quanto você — prosseguiu calmamente Adamsberg —, já que deu seu consentimento de covarde, sua absolvição de mesquinho. Mas quando viu que a Companhia da Mancha...

— Da Marcha — interrompeu Émeri.

— Como queira. Que a Companhia ia contar sobre a investigação ao visconde, percebeu que ele logo ia amarelar. Que ele ia dar com a língua nos dentes, te acusar. Pois sabia que você tinha eliminado os apanhados para preparar a morte dos Vendermot. Você o procurou, conversou com ele para acalmar seu medo, deixou-o meio nocauteado — golpe de profissional, na carótida —, fez com que ele ingerisse álcool e remédios. De repente, imprevisivelmente, Denis levantou para vomitar, correu até a janela aberta. Foi durante o temporal, lembra? Hora de todos os poderes. Bastou erguer as pernas dele, e ele caiu. Denis seria acusado dos assassinatos, motivo de seu suicídio. Perfeito. Atrapalhava seus planos, mas nem tanto afinal. Depois dessas quatro mortes, e mesmo havendo agora uma explicação racional, metade de Ordebec continuaria achando que seu objetivo real ainda era o Exército. Que, em essência, Hellequim viera destruir os quatro apanhados. Que o visconde não passava de seu braço armado, seu instrumento. Que o Hippo e a Lina, de novo e sempre, tinham parte com o surgimento da Estantiga. Nada impedia, portanto, de alegar depois que algum maluco havia liquidado os dois enviados de Hellequim. Um maluco que, com a anuência da população, nunca seria encontrado.

— Uma hecatombe e tanto para derrubar um único sujeito — disse Émeri, alisando o paletó.

— Sem dúvida, Émeri. Some-se a isso, porém, que essa hecatombe lhe agradava muitíssimo. Tanto Glayeux como Mortembot haviam te escarnecido, humilhado, e tinham se safado. Você os odiava. E também do Herbier, que nunca conseguiu prender. Eram todos maus, e você estaria eliminando os maus, arrematando com o Hippo. Mas, Émeri, antes de mais nada você acredita profundamente no Exército. O senhor Hellequim, seus servos Hippo e Lina, sua vítima Régis, isso tudo faz sentido para você. Eliminando os apanhados, você obtinha, ao mesmo tempo, as boas graças de Hellequim. O que não é pouco. Pois você tinha medo de ser a quarta vítima. Não gostava de falar sobre o quarto homem, o inominado. Imagino que, como Glayeux, como Mortembot, você muito tempo atrás já tenha matado alguém. Mas isso você vai levar para o túmulo.

— Basta, delegado — interveio Bourlant. — Nada do que está sendo dito aqui pode ser levado em conta.

— Eu sei, comandante — disse Adamsberg com um breve sorriso, empurrando Veyrenc e Retancourt atrás do áspero oficial de Lisieux.

— *Da Águia*[19] — murmurou Veyrenc —, *cai ao chão o altivo rebento,/ O insensato que sonhara alcançar o Panteão.*

Adamsberg lançou um olhar para Veyrenc, avisando que não era hora para isso, tal como fizera com Danglard no episódio Ricardo Coração de Leão.

54

Lina não saíra para trabalhar, a rotina da família Vendermot fora transtornada pela notícia da prisão do capitão Émeri, representante das forças da ordem. Mais ou menos como se a igreja de Ordebec tivesse virado de telhado para baixo. Após a leitura do relatório de Adamsberg — em boa parte redigido por Veyrenc —, o comandante Bourlant decidira alertar o juiz, o qual tinha decretado a prisão preventiva. Ninguém ignorava em Ordebec que Louis Nicolas Émeri estava detido em Lisieux.

Mas, sobretudo, o conde mandara entregar à família Vendermot uma carta solene comunicando a verdadeira ascendência de Lina e Hippolyte. Parecia-lhe menos degradante, conforme explicou a Adamsberg, que os meninos ficassem sabendo por ele antes, e não depois, pelo mexerico que seria, como sempre, rápido e maldoso.

Vindo do castelo, já perto do meio-dia, Adamsberg os encontrou zanzando na sala de jantar, andando desordenadamente para lá e para cá feito bolas de bilhar se embatendo num tapete irregular, discutindo em pé, dando voltas na mesa grande ainda coberta de louça suja.

A chegada de Adamsberg pareceu passar despercebida. Martin batia levemente com o pilão num morteiro quase vazio, enquanto Hippo, que era em geral o chefe da casa, circulava pela sala passando o dedo nas paredes, como se desenhasse alguma linha invisível. Brincadeira de menino, pensou Adamsberg. Hippo estava reconstruindo sua existência, e isso ainda ia demorar algum tempo. Antonin espiava com ansiedade o andar ligeiro do irmão mais velho, deslocando-se sem cessar para evitar que esbarrasse nele ao passar. Lina raspava teimosamente com a unha as lascas de tinta de uma cadeira, com uma intensidade que dava a impressão de que dessa tarefa dependia toda uma vida. Só a mãe não se mexia, encolhida em sua poltrona. Toda a sua atitude, cabisbaixa, magras pernas apertadas, braços em volta do corpo, proclamava a vergonha que a esmagava e da qual não sabia como se arrancar. Todos agora estavam informados de que ela havia dormido com o conde, que tinha traído o pai, e Ordebec inteira ia comentar o fato a perder de vista.

Sem cumprimentar ninguém, pois não achava que estivessem capazes de ouvir, Adamsberg se dirigiu primeiro à mãe e depositou um buquê de flores no seu colo. O que, pareceu-lhe, só fez agravar seu mal-estar. Não merecia que alguém lhe desse flores. Adamsberg insistiu, pegou suas mãos, uma depois da outra, e colocou-as sobre as hastes. Então se virou para Martin:

— Você não faria um café para a gente?

Essa intervenção, e a súbita familiaridade, aparentemente deram um foco para a atenção da família. Martin largou o morteiro e, coçando a cabeça, dirigiu-se para o fogão. O próprio Adamsberg tirou as xícaras do armário e, empurrando a louça para um canto, colocou-as na mesa suja. Um a um, pediu que se sentassem. Lina foi a última a obedecer e, uma vez instalada, investiu com a unha nas lascas do pé da cadeira. Adamsberg não se sentia com o menor talento para psicólogo e foi tomado por um breve desejo de fuga. Pegou a cafeteira das mãos de Martin e encheu todas as xícaras, levou uma para a mãe, que recusou, suas mãos ainda crispadas no buquê. Ele tinha a impressão de nunca ter tomado tanto café. Hippo, por sua vez, rejeitou a xícara e abriu uma cerveja.

— Sua mãe estava temerosa por vocês — começou Adamsberg — e estava coberta de razão.

Todos baixaram o olhar. Inclinavam a cabeça para o chão, como se recolhendo na missa.

— Se nenhum de vocês for capaz de defendê-la, quem mais vai fazer isso?

Martin estendeu a mão para o morteiro, mas se conteve.

— O conde salvou sua mãe da loucura — arriscou Adamsberg. — Nenhum de vocês pode imaginar o inferno que era a vida dela. Valleray protegeu vocês todos, e vocês devem isso a ele. Evitou que o Hippo levasse um tiro de espingarda, como o cachorro levou. Isso também vocês devem a ele. Com ele, ela pôs vocês todos a salvo. Não podia fazer isso sozinha. Cumpriu seu papel de mãe, só isso.

Adamsberg não tinha bem certeza do que estava afirmando, se a mãe teria enlouquecido ou não, se o pai teria atirado em Hippolyte, mas não era hora de uma explicação mais detalhada.

— Foi o conde quem matou nosso pai? — perguntou Hippo.

Silêncio rompido pelo chefe da família, bom sinal. Adamsberg aliviado, lamentando não ter à mão um cigarro de Zerk ou Veyrenc.

— Não. Nunca saberemos quem matou seu pai. O Herbier, talvez.

— Sim — interveio Lina rapidamente —, é bem possível. Tinha havido uma discussão violenta na semana anterior. O Herbier pediu dinheiro para o pai. Houve uma gritaria.

— É claro — disse Antonin, enfim abrindo bem os olhos. — O Herbier devia saber sobre o Hippo e a Lina, devia estar chantageando o velho Vendermot. O pai não ia suportar que a cidade inteira ficasse sabendo.

— Nesse caso — objetou Hippo —, o pai é que teria matado o Herbier.

— É — disse Lina —, o que explica o machado. Vai ver o pai de fato tentou matar o Herbier, mas o outro levou a melhor.

— Seja como for — confirmou Martin —, se a Lina viu o Herbier com o Exército Furioso, é porque ele cometeu algum crime. Do Mortembot e do Glayeux a gente já sabia, mas do Herbier não.

— Foi isso — concluiu Hippo. — O Herbier rachou a cabeça do pai.

— Foi isso, sem dúvida — concordou Adamsberg. — Tudo se encaixa e, principalmente, tudo se encerra.

— Por que disse que minha mãe estava certa em se preocupar? — perguntou Antonin. — O Émeri não matou a gente.

— Mas era vocês que ele ia matar. Era o objetivo final dele: assassinar o Hippo e a Lina, e fazer com que a culpa recaísse num morador qualquer de Ordebec, enlouquecido de medo pelas mortes do Exército Furioso.

— Como em 1777.

— Exatamente. Mas a morte do visconde adiou o plano. Ele também foi empurrado da janela pelo Émeri. Mas acabou — disse ele, voltando-se para a mãe, cuja fisionomia parecia se aprumar, como se, tendo seus atos sido enunciados, e até defendidos, pudesse sair um pouco de seu estupor. — Acabou o tempo do medo — insistiu ele. — Também acabou a maldição sobre o clã Vendermot. A matança terá ao menos servido para isto: vai ficar claro que nenhum de vocês era o autor, e sim, as vítimas.

— E assim não vamos impressionar mais ninguém — disse Hippo, com um sorriso decepcionado.

— Talvez seja uma pena — disse Adamsberg. — Você agora passa a ser um homem de cinco dedos.

— Ainda bem que nossa mãe guardou os pedaços — suspirou Antonin.

Adamsberg ainda demorou mais uma hora até se despedir, lançando a Lina um derradeiro olhar. Ao sair, segurou no ombro da mãe e pediu que ela o acompanhasse até a estrada. Intimidada, a mulherzinha largou as flores e pegou uma bacia, dizendo que ia aproveitar para recolher a roupa.

Na corda estendida entre as macieiras, Adamsberg ajudou a mãe a apanhar a roupa e dobrá-la na bacia. Não achava uma forma delicada de tocar no assunto.

— O Herbier é que teria matado seu marido — disse ele baixinho. — O que acha disso?

— Está bem — sussurrou a mulherzinha.

— Mas não é verdade. A senhora o matou.

A mãe largou o prendedor e segurou a corda com as mãos.

— Só nós dois sabemos disso, dona Valentine. O crime prescreveu e ninguém mais vai tocar nesse assunto. A senhora não teve escolha. Era a senhora ou eles dois. Quero dizer, os dois filhos de Valleray. Ele ia matá-los. A senhora os salvou da única maneira possível.

— Como descobriu?

— É que, na verdade, somos três pessoas a saber. A senhora, eu e o conde. Se o caso foi abafado, foi porque ele interveio. Ele me confirmou isso hoje de manhã.

— O Vendermot sabia. E queria matar os meninos.

— Quem contou para ele?

— Ninguém. Ele foi entregar uns madeiramentos no castelo e o Valleray ajudou a descarregar. O conde se enganchou numa garra da pá mecânica e a camisa dele rasgou de cima a baixo. O Vendermot viu as costas dele. Viu a marca.

— Mas tem outra pessoa sabendo, só em parte.

A mulher olhou assustada para Adamsberg.

— A Lina — prosseguiu ele. — Ela viu, criança, quando a senhora o matou. Foi por isso que ela enxugou o cabo do machado. Depois, tentou apagar, jogar no esquecimento. Por isso teve aquela primeira crise, logo em seguida.

— Que crise?

— A primeira visão do Exército Furioso. Ela viu o Vendermot sendo apanhado. Assim, o senhor Hellequim virava o responsável do crime, e não mais a senhora. Ela continuou alimentando essa ideia maluca.

— De propósito?

— Não, para se proteger. Mas seria bom livrá-la desse pesadelo.

— Não dá. Essas coisas têm mais força que a gente.

— A senhora talvez consiga, contando a verdade para ela.

— Isso nunca — disse a mulherzinha, se agarrando novamente na corda do varal.

— De alguma forma, lá no fundo, Lina já desconfia. E, se desconfia, os irmãos também desconfiam. Seria bom para eles saber o que a senhora fez e por quê.

— Isso nunca.

— A senhora pode escolher, dona Valentine. Imaginar. A argila do Antonin se endurecendo. O Martin parando de comer bichinhos, a Lina se libertando. Pense nisso, a senhora é mãe.

— O problema maior é essa argila — disse ela com uma voz frágil.

Tão frágil que Adamsberg não teve dúvida de que, naquele momento, poderia se desmanchar num sopro de vento, como os paraquedas penugentos dos dentes-de-leão. Uma mulherzinha frágil, desamparada, que tinha rachado o marido ao meio a machadas. O dente-de-leão é uma flor humilde e muito resistente.

— Duas coisas, porém, vão permanecer — retomou Adamsberg. — O Hippo vai continuar falando ao contrário. E o Exército de Hellequim continuará passando por Ordebec.

— Com toda a certeza — retrucou a mãe com mais firmeza. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

55

Veyrenc e Danglard, sem nenhuma delicadeza, conduziram Mô algemado até a sala de Adamsberg e o sentaram à força na cadeira. Adamsberg sentiu uma genuína alegria ao revê-lo, uma satisfação algo orgulhosa de pensar que tinha conseguido tirá-lo da fogueira.

Em pé de um lado e de outro de Mô, Veyrenc e Danglard, o semblante duro e vigilante, cumpriam à perfeição seu papel. Adamsberg dirigiu a Mô uma piscadela imperceptível.

— Está vendo como acaba uma fuga, Mô?

— Como é que o senhor me achou? — perguntou o rapaz em tom bastante agressivo.

— Você ia cair mais dia menos dia. Nós tínhamos o seu caderninho de endereços.

— Não estou nem aí — disse Mô. — Eu tinha o direito, a obrigação de fugir. Não pus fogo naquele carro.

— Eu sei — disse Adamsberg.

Mô teve uma expressão medianamente surpresa.

— Foram os dois filhos do Clermont-Brasseur. A essa hora, já foram indiciados por homicídio premeditado.

Antes de deixar Ordebec, três dias antes, Adamsberg obtivera do conde a promessa de intervir junto ao magistrado encarregado do caso. Promessa concedida sem nenhuma dificuldade, estando o conde chocadíssimo com a selvageria dos dois irmãos. Já tivera o seu quinhão de atrocidade em Ordebec e não estava disposto à indulgência, inclusive em relação a si mesmo.

— Os filhos dele? — indignou-se Mô fingidamente. — Os próprios filhos tacaram fogo nele?

— Dando um jeito para você ser acusado. Seu tênis, seu *modus operandi.* Só que Christian Clermont não soube amarrar os cadarços. E o bafo do braseiro sapecou o cabelo dele.

— Quase sempre acontece.

Mô balançou a cabeça para um lado e para o outro, como quem toma repentinamente consciência de um novo estado de coisas.

— Quer dizer que eu posso ir embora?

— Você acha? — disse Adamsberg com dureza. — Já esqueceu o jeito como saiu daqui? Ameaça à mão armada contra um oficial de polícia, violência e delito de fuga.

— Mas eu fui obrigado — repetiu Mô.

— Pode ser, meu chapa, mas é a lei. Você vai para a prisão preventiva, será julgado dentro de um mês, mais ou menos.

— Mas eu nem machuquei o senhor — protestou Mô. — Só um soquinho de nada.

— Soquinho este que vai te levar para a frente do juiz. Você já está acostumado. Ele é quem vai decidir.

— Eu posso pegar quanto?

— Dois anos — avaliou Adamsberg —, tendo em vista as circunstâncias excepcionais e o dano sofrido. Podendo ser solto depois de oito meses por bom comportamento.

— Oito meses, porra — disse Mô, dessa vez quase sincero.

— Você devia é me agradecer por ter achado os incendiários. E olhe que eu não tinha nenhum motivo para querer o seu bem. Sabe o que acontece com um delegado que deixa escapar um suspeito?

— Estou me lixando.

— Imagino — disse Adamsberg, levantando. — Podem levá-lo.

Adamsberg fez para Mô um gesto que significava: *Eu tinha avisado. Oito meses. Não tem jeito.*

— É mesmo, delegado — disse Mô de repente, estendendo seus pulsos atados. — Devia lhe agradecer.

Ao apertar as mãos de Adamsberg, Mô lhe passou uma bolinha de papel. Bolinha maior que a de uma embalagem de açúcar. Adamsberg fechou a porta depois que ele saiu, se encostou no batente para evitar qualquer intrusão e abriu a mensagem. Mô descrevia, em letras bem miúdas, seu raciocínio acerca do cordão amarrado nas patas de Hellebaud, o pombo. No fim do bilhete, anotara o nome e endereço do filho da mãe que tinha feito aquilo. Adamsberg sorriu e guardou cuidadosamente o papel no fundo do bolso.

56

Repetindo o procedimento anterior, o conde de Valleray fez com que o osteopata voltasse para ver Léo na data combinada. Fazia vinte minutos que estava no quarto, acompanhado apenas do dr. Merlan, que não queria perder nem uma migalha, e do guarda René. No corredor, reproduzia-se praticamente a cena da espera, os passos para lá e para cá de Adamsberg, Lina, a enfermeira, o conde sentado batendo com a bengala no linóleo do piso, os guardas da Fleury em frente à porta. Mesmo silêncio, mesma tensão. Para Adamsberg, porém, a ansiedade era de outra natureza. Já não se tratava de salvar a vida de Léo, mas de ver se o médico lhe devolveria o uso da palavra. Palavra que diria, ou não, o nome do assassino de Ordebec. Sem esse testemunho, Adamsberg duvidava que o juiz levasse adiante a denúncia contra o capitão Émeri. O magistrado não arriscaria tal jogada com base em seis embalagens de açúcar, que de fato se revelaram virgens de toda impressão digital. Ou no atentado a Hippolyte no poço, que em nada provava os demais homicídios.

Para o conde, tratava-se de ver se sua velha Léo ia recuperar o entusiasmo perdido ou continuar travada em seu beato silêncio. Quanto ao casamento, não tocava mais no assunto. Depois dos golpes, sustos e escândalos que tinham sacudido Ordebec, o próprio burgo parecia estar exausto, suas macieiras, mais vergadas, suas vacas, petrificadas.

Uma onda de chuva e frio devolvia a Normandia ao seu estado habitual. De modo que Lina, em vez de aparecer com uma de suas camisetas floridas bem decotadas, vestira um pulôver que a cobria até o pescoço. Adamsberg se concentrava nesse problema quando o dr. Hellebaud saiu finalmente do quarto, satisfeito e saltitante. Como na vez anterior, uma mesa posta esperava por ele na sala dos enfermeiros. Todos o acompanharam em silêncio, e o médico esfregou demoradamente as mãos antes de assegurar que, já no dia seguinte, Léo estaria falando normalmente. Tinha recobrado forças psíquicas suficientes para enfrentar a situação, de modo que ele pudera soltar as travas do bloqueio. Merlan o observava comer com o rosto apoiado numa das mãos, numa pose que lembrava um pouco a de um velho apaixonado.

— Só queria esclarecer mais uma coisa — disse o osteopata entre duas garfadas. — Um homem se jogar em cima da gente para nos matar é algo chocante para qualquer pessoa. Um amigo fazer isso agravaria, e muito, o trauma. Mas algo muito mais intenso se desencadeou dentro de Léo, a ponto de ela absolutamente se negar a encarar esse fato. Esse fenômeno seria observado se ela, por exemplo, fosse atacada pelo próprio filho. Sem dúvida. De modo que não compreendo. Mas insisto que ela não foi agredida por um simples conhecido. Há algo mais aí.

— De fato — disse Adamsberg, pensativo. — Trata-se de um homem que ela já não via com frequência. Mas que conheceu muito bem no passado, em circunstâncias singulares.

— E então? — fez o médico, com um brilho muito atento no olhar.

— Quando esse homem tinha três anos de idade, Léo se jogou num açude gelado onde ele estava se afogando. E salvou a vida dele.

O médico meneou demoradamente a cabeça.

— Para mim, é suficiente — disse ele.

— Quando posso vê-la?

— Agora mesmo. Mas interrogá-la, só amanhã de manhã. Quem trouxe esses livros intragáveis? Uma história de amor ridícula e um manual de hipiatria. Onde já se viu.

— Gostei da história de amor — disse a enfermeira.

Adamsberg refez o caminho de Bonneval, com uma volta na capela Santo Antônio, a estrada do antigo poço do Oison, e apareceu algo exausto para jantar no Javali, fosse ele Azul ou Veloz. De volta da viagem sentimental à Itália, Zerk lhe telefonou de Paris durante o jantar para comunicar que Hellebaud tinha batido asas e ido embora de vez. Uma excelente notícia, mas Adamsberg percebeu certa aflição na voz do filho.

Às sete horas da manhã, já tinha disposto seu último café da manhã embaixo da macieira. Não queria perder a hora do início das visitas, não queria que o comandante Bourlant se antecipasse junto de Léo. Com a cumplicidade do dr. Merlan e da enfermeira, conseguira que lhe abrissem a porta meia hora antes do horário regulamentar. Reconciliado com o açúcar, jogou dois torrões no café e em seguida fechou com cuidado o pote com a borrachinha em volta.

Às oito e meia, a enfermeira abriu discretamente para ele a porta do hospital. Léo o esperava, vestida e sentada numa poltrona. O dr. Merlan havia autorizado sua alta já para aquele dia. Estava combinado que o brigadeiro Blériot, junto com Folg, vinha buscá-la ao meio-dia.

— Não veio até aqui só pelo prazer de me ver, não é, delegado? Maldade minha — emendou-se em seguida. — Foi o senhor que me trouxe para o hospital, que ficou do meu lado, mandou chamar esse médico. Onde é que ele atende?

— Em Fleury.

— Diz o Merlan que até me penteou. O senhor é muito bonzinho.

Nós somos bonzinhos, lembrou Adamsberg, revendo o rosto dos filhos Vendermot, dois loiros e dois morenos, o que era quase verdade. Adamsberg dera ordem ao dr. Merlan para não contar de jeito nenhum a Léone sobre a prisão de Émeri. Queria colher seu depoimento sem nenhuma influência.

— É verdade, Léo. Eu quero saber.

— Louis — murmurou Léo. — Foi o meu pequeno Louis.

— Émeri?

— Sim.

— Está tudo bem, Léo?

— Sim.

— O que aconteceu? Com o açúcar? Pois foi o que você falou, Léo: Eylau — o nome da batalha —, Folg, e açúcar.

— Não lembro. Quando foi isso?

— Dois dias depois de ter sido agredida.

— Não, isso não me diz nada. Ah, sim, esse problema do açúcar. Dez dias antes, eu tinha ido à capela Santo Antônio e não tinha visto nada.

— Ou seja, antes do sumiço de Herbier.

— É. E, no dia em que encontrei com o senhor, vi aquele monte de papeizinhos brancos espalhados no chão, perto do tronco, enquanto esperava o Folg. Escondi tudo debaixo das folhas, porque ficava feio. Contei uns seis papéis no mínimo. Tornei a pensar nisso na manhã seguinte. O senhor sabe, nunca aparece ninguém no caminho de Bonneval. Achei estranho alguém andar por ali justo na época do assassinato de Herbier. E eu só conheço um homem que come seis torrões de açúcar de uma vez. E não amassa os papéis. É o Louis. Ele às vezes tem esses surtos de carência, sabe, e precisa reabastecer. No dia seguinte, me perguntei se o Louis tinha andado por ali, se havia procurado o corpo no mato e, nesse caso, por que não tinha comentado, e principalmente, por que não havia achado o corpo. Fiquei curiosa, liguei para ele. O senhor não teria um charuto, delegado? Faz dias que eu não fumo.

— Tenho um cigarro amassado.

— Serve.

Adamsberg abriu a janela de par em par e ofereceu cigarro e fogo a Léo.

— Obrigada — disse Léo, soprando a fumaça. — Louis respondeu que já vinha. Assim que chegou, se jogou em cima de mim. Não sei, não entendo.

— Ele é o assassino de Ordebec, Léo.

— Do Herbier?

— Do Herbier e de outros mais.

Léo deu uma longa tragada do cigarro, que tremeu ligeiramente.

— O Louis? O meu pequeno Louis?

— É. Vamos ter tempo para conversar sobre isso hoje à noite, se me convidar para jantar. Eu faço a comida.

— Seria bom comer uma sopa, com muita pimenta. Aqui não servem pimenta.

— Eu cuido disso. Mas me diga: por que o chamou de “Eylau”, e não Louis?

— Era o apelido dele quando moleque — disse Léo, com o olhar cambiante que acompanha as irrupções do passado. — De uma brincadeira do pai, quando deu para ele um tambor de presente, uma brincadeira que visava decerto motivá-lo para o exército. O apelido ficou até os cinco anos: o pequeno tambor de Eylau, o pequeno Eylau. Eu o chamei assim?

Naquele mesmo momento, o caso Clermont-Brasseur explodia na mídia, causando séria agitação. A imprensa perguntava avidamente se os dois irmãos tinham sido protegidos após o crime, mas sem se estender sobre a pergunta. Sem tampouco se estender sobre a detenção do jovem Mohamed. Aquele alvoroço não iria durar muito. Dali a alguns dias o caso seria minimizado, e em seguida jogado no poço do esquecimento, como Hippo por pouco não caiu no poço do Oison.

Adamsberg, ao mesmo tempo chocado, desiludido e distraído, escutava o noticiário no radinho empoeirado de Léo. Ele tinha feito as compras, batido no liquidificador uma sopa de legumes, preparado uma refeição leve, adequada para alguém recém-saído do hospital. Embora imaginando que Léo preferiria algo muito mais consistente, ou gorduroso. Salvo engano seu, o serão se encerraria com um *calvados* e um charuto. Adamsberg afastou-se do rádio e acendeu a lareira para esperar sua chegada. A onda de calor terminara junto com a trajetória do assassino, a castigada Ordebec voltava às suas arrepiantes temperaturas habituais.

57

Mais de um mês depois, numa quarta-feira, Danglard recebeu na Brigada uma caixa reforçada, provida de duas alças, fechada com muito cuidado, entregue por portador especial. Passou-a pelo detector, que revelava um objeto retangular inserido entre duas tábuas e envolto em serragem. Ergueu-a com cautela e a pôs delicadamente sobre a mesa de Adamsberg. Ele, Danglard, não tinha esquecido. Contemplou o objeto com avidez, afagou a superfície rugosa da caixa, hesitou em levantar a tampa. A ideia de estar a poucos centímetros de uma tela da Escola de Clouet o punha num estado de imensa agitação. Abordou Adamsberg assim que este chegou.

— Há um pacote para o senhor na sua sala.

— Certo.

— Acho que é o Clouet.

— O quê?

— O quadro do conde. A Escola de Clouet. A joia, a preciosidade, o consolo de um homem.

— Certo, Danglard — repetiu Adamsberg, percebendo que um suor singular umedecia o rosto repentinamente corado do comandante.

Era óbvio que Danglard o esperava no maior alvoroço havia um bocado de tempo. Quanto a ele, nunca mais tinha pensado naquele quadro desde o episódio da biblioteca.

— Quando chegou?

— Faz quase duas horas.

— Eu estava visitando o Julien Tuilot. O concurso de palavras cruzadas já está indo para o nível dois.

Adamsberg abriu a caixa com certa brusquidão e começou a tirar a serragem com as mãos, diante do olhar angustiado de Danglard.

— Cuidado, porra. O senhor não tem noção.

Era, de fato, o quadro prometido. Adamsberg o depositou nas mãos instintivamente estendidas de Danglard e sorriu, por mimetismo, ao ver a

genuína alegria que animava as feições do comandante. A primeira alegria desde que o tinha envolvido no combate ao Exército Furioso.

— Fique com ele, Danglard.

— Não — quase gritou Danglard, apavorado.

— Sim. Eu sou um grosso, um montanhês, um sonhador, e até ignorante, segundo o Émeri. E é verdade. Cuide dele por mim, ele vai ser muito mais feliz e bem tratado na sua casa. O lugar dele é com você, e olhe só, ele já pulou para os seus braços.

Danglard baixou o rosto para a tela, incapaz de responder, e Adamsberg imaginou que estivesse prestes a chorar. Assim era a emotividade de Danglard, que o alçava a grandezas desconhecidas de Adamsberg, e também era capaz de puxá-lo para a indignidade da estação de Cérenay.

Além do quadro — um presente inestimável, disso Adamsberg estava ciente —, o conde de Valleray o convidava para o seu casamento com a srta. Léone Marie Pommereau, dali a cinco semanas na igreja de Ordebec. No calendário do mural, Adamsberg circulou a data do casamento com uma grossa caneta hidrocor azul, enviando em pensamentos um beijo para a velha Léo. Não deixaria de avisar o médico da “casa de Fleury” mas, mesmo com o poder do conde de Valleray, era impensável que o autorizassem a assistir à festa de sua ressuscitada. Tal poder absoluto só se via em fortalezas do tipo Clermont, onde o buraco de rato que ele praticara já ia se fechando irreversivelmente dia após dia, com a ajuda das milhares de mãos dedicadas que apagavam as infâmias, as cumplicidades e os rastilhos de pólvora.

Passaram-se mais três semanas e cinco dias até Hellebaud, o pombo, reaparecer uma bela manhã na borda da janela da cozinha. Um caloroso bom-dia, uma visita muito animada. O pássaro beliscou as mãos de Zerk e Adamsberg, deu várias vezes a volta na mesa, contou da sua vida em múltiplos arrulhos. Uma hora depois, levantou voo outra vez, seguido pelo olhar vago e pensativo de Adamsberg e seu filho.

NOTA

A história do encontro de Gauchelin, vigário de Bonneval, com o Exército Furioso, narrada no século XII pelo historiador Ordéric Vital, é conhecida o bastante para que se encontrem na internet inúmeras referências. Os textos antigos citados neste romance foram extraídos de LECOUTEUX, Claude. *Fantômes et revenants au Moyen Âge.* Paris: Image, 1986.

FRED VARGAS Nasceu em 1957 em Paris, é historiadora e arqueóloga medievalista. Seus romances policiais venderam mais de 1 milhão de exemplares na França. Dela, a Companhia das Letras publicou *Fuja logo e demore para voltar*, *O homem do avesso*, *O homem dos círculos azuis*, *Um lugar incerto* e *Relíquias sagradas*.

Copyright © 2011 by Fred Vargas e Éditions Viviane Hamy

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
L'Armée furieuse

Capa:
Elisa von Randow

Foto de capa:
Ana Ottoni

Preparação:
Leny Cordeiro

Revisão:
Thaís Totino Richter
Adriana Cristina Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vargas, Fred
O exército furioso / Fred Vargas ; tradução Dorothée de Bruchard. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: L'Armée furieuse.
ISBN 978-85-359-2205-9

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

12-13667 CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

[1] Ver, da mesma autora, *Um lugar incerto* (Companhia das Letras, 2011).

[2] Militares pertencentes a uma corporação específica, encarregada de zelar pela ordem pública e colaborar com a polícia judiciária. (N. T.)

[3] Ver, da mesma autora, *Relíquias sagradas* (Companhia das Letras, 2009).

[4] Região da França situada na Baixa Normandia e onde se produz a aguardente de cidra de mesmo nome. (N. T.)

[5] Ver, da mesma autora, *Um lugar incerto* (Companhia das Letras, 2011).

[6] Ver, da mesma autora, *Relíquias sagradas* (Companhia das Letras, 2009).

[7] O boleto é uma espécie de cogumelo, sendo que uma de suas variedades, o boleto satã, é venenoso. (N. T.)

[8] Referência à guerra da Argélia (1954-62). (N. T.)

[9] Espécie de cogumelo. (N. T.)

[10] Pescada. (N. T.)

[11] Linguado. (N. T.)

[12] Qualidade de brioche tipicamente alsaciana, recheada com passas. (N. T.)

[13] Doce de claras batidas em neve com açúcar e canela. (N. T.)

[14] Ver, da mesma autora, *Um lugar incerto* (Companhia das Letras, 2011).

[15] Ver, da mesma autora, *Um lugar incerto* (Companhia das Letras, 2011).

[16] Luís IX, rei da França entre 1226 e 1270, canonizado em 1297. (N. T.)

[17] Pronuncia-se “eilô”. (N. T.)

[18] Dia da Assunção, feriado nacional na França. (N. T.)

[19] Referência a Napoleão Bonaparte. (N. T.)